

(1)

OBRAS
DE
FILINTO ELÍSIO

TOMO IX

(2)

ELOGIO
DO DOUTOR
ANTÓNIO NUNES RIBEIRO SANCHES,
COMPOSTO EM FRANCÊS
Por M. VICQ-D'AZYR,
VERTIDO EM PORTUGUÊS,
E Dedicado à Pátria, e aos Portugueses,
que tem em preço os que a honram;
Por FILINTO ELÍSIO

ODE

AO DOUTOR

ANTÓNIO NUNES RIBEIRO SANCHES

Ne forte credas interitura, quæ

.....

.....

Verba loquor socianda chordis.

HORAT. Lib. 4. Od. 9.

QUE importa, oh Sanches, que hajas escrutado
Do Númen de Epidauro altos segredos,
Se hás-de tocar (um pouco mais tardio)
A meta inevitável?

Em vão, co'a luz do Hipócrates moderno,
No Santuário entraste da Natura;
A segadoura fouce não se embota
Com morredouras ervas.

Em vão, com altos dons, o Céu gracioso
Te enriqueceu o coração, o ingenho;
E foste útil aos Tártaros gelados,
E à muito ingrata Elísia.

Apenas morará teu claro nome
No peito dos amigos saudosos;
Até que venha o Olvido mergulhá-lo
Nas esquecidas ondas:

Onde nadando escuro, e desvalido,
Entre cardumes de vulgares nomes,
Jazerias, se a mão da branda Musa
Te não retira às margens,

Mas não morrerás todo. A melhor parte
De ti, nos versos meus, será eterna;
Tens de ser celebrado, enquanto as letras
Tiverem amadores. ⁽¹⁾

Nem Tu por acanhada glória tenhas
Ser assunto dum Vate. ⁽²⁾ Olha em Horácio
Mecenas imortal; e então despreza
As Camenas, se o podes. ⁽³⁾

Firmando os pés, nos bem assinalados
Vestígios Venusinos, provo as forças,
E me abalanço a lhe seguir a esteira,
Com insólitas penas.

Co'a vista, no áureo morrião, cravada
Da reluzente Palas, que o caminho
Lhe mostra de ganhar ilustre fama,
Por descorados p'rigos.

(1) Neque enim quisquam est tam adversus a Musis, qui non mandari versibus æternum suorum laborum facile præconium patiat. — CIC. *pro Archia*.

(2) Sit igitur... sanctum apud vos humanissimos homines, hoc Poetæ nomen, quod nusquam ulla barbaria violavit. Saxa, et solitudines voci respondent, bestię sæpe immanes cantu flectuntur atque consistunt. Nos instituti rebus optimis non poetarum voce moveamur? — ID. *ibi*.

(3) *Qui n'aime pas les vers a l'esprit sec et lourd.* — VOLT.[AIRE]

Assim corria os ares não sulcados
O hardido Filho ⁽¹⁾ do ouri-chuvo Jove,
No bi-plume ginete, a pôr em salvo
A ansiada formosura. ⁽²⁾

Canoro eu voo, ali-potente Cisne;
Já do declive Ocaso, ao róseo berço
Do omni-parente Apolo, me saúdam
Os arrojados Vates.

As Belas, os mimosos da Fortuna
Já requestam meu Canto, e têm inveja
Às Marfisas, às Márcias, aos Amigos,
Que eu retraí do Letes.

(1) Perseu.

(2) Andrómeda.

ELOGIO

Non sibi, sed toti genitum se credere nundo.

UM homem fraco de compleição, de melindrosa saúde, de índole não só branda, mas acanhada, ardente no estudar, sem desejo algum de que o pregoe a Fama, com despego das riquezas, e maior despego ainda de enredos, e de negócios; enceta uma carreira, cujas fadigas, cujos perigos lhe eram occultos; corre os gelados climas do Norte, presença as mais sanguíneas guerras, e com distinto préstimo acode nas mais desastrosas epidemias: bem sucedido assoma às mais brilhantes Cortes da Europa, onde o cumulam de honras; até que comprometido em querela de Reis, tudo perde nas vagas da tormenta, e o que é mais — até chega a desconfiar na vida: a Fortuna porém, que antes quis doutriná-lo, que afligi-lo, lhe restitui o repouso, porque melhor os quilates lhe avalie, passados os reveses. Nem caíram em vão, por esta vez, as lições da Experiência, e as da Disgraça. Abrigado das refregas, estimável pessoa, descansado vive; recorda o que observara, e o põe por escrito, ou dá-o à luz; e então morre, quando tinha longamente dado em si o modelo da beneficência, e o da virtude.

Tal é o resumo histórico, que hoje hei-de traçar.

António Nunes Ribeiro Sanches, Doutor em Medicina pela Universidade de Salamanca, Conselheiro de Estado da Corte, primeiro antigo Médico da Imperatriz de todas as Rússias, primeiro antigo Médico de seus exércitos, e do Corpo dos Cadetes, Correspondente antigo da Academia Real das Ciências de Paris, Sócio honorário da Academia de S. Petersburgo, Membro da de Lisboa, Sócio estrangeiro da Sociedade Real de Medicina, nasceu em Penamacor, em Portugal, aos 7 de Março de 1699, de Simão Nunes, e de Ana Nunes Ribeiro. Descende a sua família da nobre Casa dos Nunes, que no século passado viviam em Roma. ⁽¹⁾

(1) O Marquês Nunes fez em Roma algumas fundações pias. Também foi parente seu António Ribeiro celebrado Médico, e Teólogo, que vivia em Roma; dele

Seu Pai, que dado principalmente ao comércio, assistia numa comarca das fronteiras de Portugal, tomava por recreio o estudo das letras, familiarizando-se com os melhores livros: e com ânimo agradecido se lembrava o Doutor Sanches, não do quanto forcejou seu Pai, em lhe deixar grandes riquezas, mas sim do quanto lhe ensinara a não necessitar delas. As obras de Plutarco, e as de Montaigne foram as que ele lhe encomendou mais que meditasse. Máximas de moral num, moral prático no outro, axiomas reforçados com exemplos, se entranharam tão profundos em sua memória, que apenas desejava consolação em seus infortúnios, recorria logo a algum dos ilustres Varões, cujos pesares, na relação de Plutarco, sobrepujavam os seus. Com Montaigne se habituou a olhar antes a adversidade como um manancial de virtudes, que como raiz de desprazeres, dizendo a seu Pai mil bens, por lhe ter dado a conhecer quanto mais valem os tesouros da Filosofia, que os da Fortuna.

Várias infirmitades padeceu na infância, e na adolescência: e vendo, numas quartãs porfiadas, que lhe erravam os remédios, sentiu com extremo, não ter notícia suficiente de medicina para se curar a si mesmo, e desde logo resolveu aprendê-la. ⁽¹⁾ Desse projecto intentou desviá-lo um Tio seu, Jurisconsulto, que morava em Penamacor, oferecendo-lhe a sobrevivência do seu lugar, e dando-lhe esperanças de o casar com sua filha. Tinha então A. R. Sanches 18 anos, e tanto a contemplou amável, que na companhia de seu Tio, ou antes de sua Prima se deslembrou do seu primeiro desígnio. Distracção curta, que têm de lha perdoar ainda os mais severos; ao mesmo passo que os mais sensíveis pasmaram, de que não durasse ela mais dilatados tempos. Já se imaginava inteiramente consagrado à magistratura; já na

Baccio que era um amigo seu, e que ambos eram da Sociedade do Cardeal Colona. Também era parente do Doutor Sanches, Francisco Sanches, filho dum Médico de Bordéus, e que foi Lente em Tolosa; e diz ele, que se ufanava muito de ter sido o primeiro Médico, que introduziu na Aquitânia, e no Languedoque sangrias de onze onças de sangue, que até então eram de seis somente.

(1) Sendo muito moço se curou a si mesmo Boërhaave duma chaga, com remédios mui simples; circunstância bem análoga ao que referimos do Dr. Sanches, e que determinou como ele a Boërhaave a estudar Medicina. Vid. SCHULTENS, *Orat. in memor. Herm. Boerhaave.*

de Penamacor, designava o seu lugar, quando lhe caíram nas mãos os Aforismos de Hipócrates; e lhe rememoraram a sua pristina resolução. Quão ávido pasto não tomou nesta admirável súpula, onde cerradas umas com outras as verdades, expostas com valentia, granjeiam, pela sua ancianidade mais religioso respeito! *A vida é curta, quando a Arte é longa.* ⁽¹⁾ Quanto lhe não calou no ânimo este primeiro Aforismo! Aplicando-o súbito a si, se lançou em rosto quantos instantes dispendera em ócio brando; e que para os ressarcir, relevava cortar dum golpe os laços, que o represavam; o que fez, despedindo-se furtivamente da Casa de seu Tio.

Sacrifício foi este, que só o podia bem avaliar um Médico; por esse motivo, o couro que só buscou para seu refúgio, foram os braços do Dr. Diogo Nunes Ribeiro, Tio seu materno, e em Lisboa Médico de illustre nome: escorado em cujo crédito, estudou a Medicina em Coimbra; e lá seguiu a prática do Doutor Bernardo Lopes de Pinho, Famoso Médico, a quem ele acompanhava nas visitas dos enfermos. Que é uso em Portugal, e em toda a parte o devera ser, encostarem-se os novos Médicos a um de seus Lentes, ou Médicos experimentados, antes de exercitarem, por si sós, a arte que professaram.

Tomado o grau de Doutor na Universidade de Salamanca em 1722, ⁽²⁾ não contava ainda 25 ⁽³⁾ de idade, quando o nomearam Médico dos Pobres em Benavente, Vila de Portugal, ⁽⁴⁾ onde empregava no exame do enfermo, e na devida instrução própria, todo o tempo competente. O mais agradável salário, que dali lucrava, eram os agradecimentos do doente; porquanto o pobre agradece ao Médico todos os momentos, que lhe passa junto da cabeceira; e quanto mais vê

 (1) *Ars longa, vita brevis.*

(2) Lá tinha estudado Filosofia em 1717 e 1718.

(3) O Dr. Fonseca Henriques célebre Médico de Lisboa cedo conheceu todo o merecimento do Dr. Sanches, e dele fala com muita honra no Tratado das Águas minerais de Pena Garcia.

(4) Em Portugal cada Câmara paga um Médico que cure os pobres; e attribúa o Dr. Sanches às águas do Tejo de mistura com as do mar estagnadas, e apodrecidas nos lagos, as febres podres que lavram a miúdo em Salvaterra, e Benavente.

que ele medita, mais o contempla como seu Anjo consolador: não assim acerca dos ricos; que se o Médico delibera, o tomam por indeciso, e se gasta o tempo com o doente, o dão por desafreguesado.

O Doutor Sanches compreendeu quanto antes, que nem em Coimbra, nem em Salamanca depararia luzes, que não fossem incompletas: nem lá havia aquelas doutrinas, que satisfizessem ânimos ajustados. Mui descuidadas andavam por lá as Ciências acessórias da Medicina, como a Química, a Anatomia, a História Natural; dado que mui conhecido fosse quanto os Gregos, os Latinos, e os Árabes, deixaram escrito. Certo era que se a Natureza ali fosse tão consultada, como os Livros, nunca o Doutor Sanches iria procurar além os princípios, que lhe faleciam. Como é possível, que ignore alguém serem as mais profundas indagações meros meios de instrução, que só granjeiam mérito, quando bem se aplicam? E que o homem, que se dá tratos para ser erudito, se outro talento não possui, se outro fito se não propõe, é comparado a quem passa a vida a afiar um alfanje, de que nunca há-de servir-se? A mor quantia dos Colégios, e Universidades antigas são pródigos de louvores acerca das eras, que as antecederam, e vão com custo, e como de rojo trás a sua: bem assemelhadas com os homens velhos, que contam com entusiasmo quanto presenciaram quando moços, e rejeitam inteirar-se de quanto têm os modernos descoberto. Será pois impossível empresa pôr um atalho a essa decadência (produção do Tempo, tão lenta, quão segura!) cujo germe disseras, que os homens o comunicam a tudo o que das mãos lhes sai? Observemos a Natureza, que sempre moça, pelas produções que sempre renova, parece que nos está dizendo: «Renovai as vossas, se quereis que com a existência conservem a sua glória.» Assaz motivo tiveram os fundadores de certas Repúblicas para requererem, que passados determinados tempos, dessem revista ao Código das Leis, e nelas fizessem as mudanças, que as circunstâncias lhes prescrevessem. Tal se devera obrar em pontos da Ciência: mas vemos, nada obstante, que dum termo da Europa ao outro, nos governam a infância encanecidos usos, e cediças leis, que para outro século, e para outros homens ordenadas foram.

Reflexões foram estas, que oferecendo-se então ao Doutor Sanches, lhe deram a pressentir a utilidade duma Obra, que ele,

passados longos tempos deu ao público, acerca do modo com que se devia aperfeiçoar o ensino da Medicina; e desde esse prazo se resolveu a deixar Benavente, e peregrinar pelas Cidades da Europa, em que mais a ponto se cultivavam as Ciências. Eis que inda o Doutor Sanches se despega do repouso e branduras da vida! Passa a Génova, ⁽¹⁾ e dela a Londres, ⁽²⁾ onde fica dous anos, e de lá a França, onde visita as Escolas de Paris, e de Montpelher. ^[1]

Ainda nas nossas Províncias meridionais ⁽³⁾ duravam os sustos, e as lembranças da peste, que devastando Marselha com Toulon, ameaçara a França inteira. Cenas funestas, cujo teatro ele quis ver com atenção! *Aqui* (lhe diziam) *começou o estrago*; e ele ia com os olhos seguindo-lhe a exundação. ^[II] *Nesta Casa, a quem taparam as avenidas, e a quem o contágio respeitou, tomados do geral pavor, faziam os Magistrados ao Povo, a Justiça, como nunca o fora, tão pronta, e tão inteira. Nesta Praça* (diziam mais) *derramavam pestíferos vapores os insepultos cadáveres amontoados, quando pela sua coragem um generoso Cidadão acorçoou a fervorosa mocidade, e destruíram esse manancial de mortandade.* Ouvia o Dr. Sanches relatar tão grandes acontecimentos com silêncio, e visitava os Hospícios, e os Lazaretos. Apertado ainda o coração, com o quadro de tais infortúnios, o levaram a casa dum morador de Marselha, que depois do desastre nela sucedido, continuava, nada menos, a ser o assunto da pública veneração; não porque tal o ostentasse a opulência, nem a linhagem o enobrecesse. Que valia têm os Títulos, que dimanam do nascimento, ou da Fortuna, quando jazem empeçonhadas as fontes das riquezas, e por todos os lados ameaçada a vida? O homem merecedor de estima tanta era o Médico Bertrand. A sua beneficência corajosa (de que ele só não se admirava) lhe dava preço entre os seus compatriotas, que a uma voz lhe

(1) Não poude ir a Roma, porque havia então ordem d'El-Rei de Portugal, que nenhum vassallo seu ali morasse, e que quanto antes de lá saíssem os que lá habitassem.

(2) Ouviu em Londres as lições de Douglas.

(3) Veio a Montpelher em 1728.

[I] *Sic.*

[II] Inundação.

honravam as virtudes. Enquanto afligia a Cidade esse contágio, atento observador, experimentado Médico, piedoso Conselheiro arrostando os perigos ele cada dia, cursava os Hospitais, e as Cadeias; todos suspiravam por ele, e ele a todos visitava. Três vezes o acometeu o flagelo, que ele demonstrava desafiar, e três vezes essa moléstia foi calamidade acrescida à calamidade do Povo. Ora lhe provava em seus discursos, com exemplos, que lhe apontava, quão necessárias eram as cautelas que outrora lhe indicara: ora, mostrando em si as cicatrizes, lhe inculcava seguridade. Quando cessou a peste os seus destroços, e começou a bonança, apareceu ele então entre as ruínas maior do que era; porquanto, como em sinal de agradecimento, o designavam aos Viandantes os moradores de Marselha: nem por ali passava estrangeiro algum, que não concorresse a um homem, mais engrandecido que os outros, porque em socorrê-los tinha posto toda a sua ventura. ⁽¹⁾

(1) Vejamo-se as Observações de M. Bertrand acerca das doenças contagiosas de Marselha. — *Tratado da peste*, por Chicoyneau.

(2) Com tanta mais ânsia de o ouvir, como quem vira os estragos, que em Lisboa fez no ano de 1723 mortífera epidemia, diferente da de Marselha, e que como tal a achou M. Bertrand, consultado por ordem d'El-Rei de Portugal. Vómitos pretos eram de mor susto na epidemia de Lisboa; e a transudação sanguínea pelo nariz era o mais temeroso acidente da de Marselha, segundo a narrativa, que de lá ao Dr. Sanches fez M. Bertrand. Já sobre a de Lisboa tinha o Dr. Sanches feito um curioso reparo. A epidemia, que aí lavrava, acometia pouco as mulheres, e nada os negros dum ou doutro sexo; o que já tinha sucedido na Baía, e também na Carolina. Segundo M. Bertrand, a pestilente febre de Marselha, não foi produto de contágio trazido do Levante, mas sim enfermidade local, que se devolveu no território de Marselha, e cujo fermento comunicado dum indivíduo a outro, lhe corrompia os humores, e com sua acrimónia os inficionava. Foi falso (dizia ele) que os Guardas da Alfândega morressem ao abrir dos fardos entranhados de miasmas contagiosos; e a mor parte das quarentenas a que obrigaram os Navios, que vinham de portos suspeitos, lhe parecia padecerem o dobrado inconveniente de serem inúteis, e de serem mal administradas. Já em 1755 M. Ingram anunciara essa opinião, e o Dr. Sanches a publicou em 1774. Mas quem sabe quanto tempo é necessário para dissipar, ou desnaturar as moléculas contagiosas, cuja existência unanimemente se conhece? Que experiência há hi que o prove com evidente precisão? Suponhamo-los indecisos nessa questão, quem se atreverá a correr os riscos de expor (por culpada omissão) uma Cidade, uma Província, um Reino ao mais espantoso flagelo? E quem não vê que em circunstâncias tais, esse da prudência é único excesso, que se não deve estranhar.

Quanta foi a alegria do Dr. Sanches, quando se viu perto dum Médico tão recomendável por suas virtudes, e pelo seu saber! Com que respeito o visitou, e recolheu em seu ânimo as respostas, que ele dava às perguntas, que acerca da natureza, e causas de pestífera febre lhe fazia. (2)

Nem se limitaram nessas notícias os serviços do Dr. Bertrand; porquanto deu ainda a conhecer ao Dr. Sanches os Aforismos de Boërhaave, cujas Obras não tinham dado mostra ainda de si em Coimbra, nem em Salamanca. (1) Imaginava o Dr. Sanches, quando as lia, que lia um desses autores da remota antiguidade, que se avistam na distância de muitas Eras. Desimaginado porém pelo Dr. Bertrand, exclamava assim: «Vive Boërhaave, e não lhe tomo as lições!»

Voa a Leyde depara com quem deseja, rodeado de alunos, de enfermos, que de todas as partes do mundo acorriam a lhe pedir lições, a lhe pedir conselhos: e Boërhaave, desfrutando na sua Pátria os réditos da sua nomeada, foi para o Dr. Sanches tão enternecido espectáculo, quão sublime. Ora é certo que os Povos da Holanda ajuizados em seus interesses, sabem o que parece que as mais Nações ignoram; sabem que de todas as produções da Natureza a mais rara é um homem grande; produção que mais disvelos pede na cultura, e mais honrosa, e ao mesmo passo mais útil é para a terra que a deu à luz.

Três anos com Boërhaave se demorou o Dr. Sanches (2) téque instado por seu Mestre por que tomasse os graus, lhe confessou este, que já em Salamanca os tinha recebido, e em Benavente praticado a Medicina. Atónito o Lente com a modéstia do Discípulo, que em confundir-se na turba dos ouvintes, o tomava ele pelo mais avultado encómio; quis confrontar-lho também com outra prova da sua generosidade, obrigando-o ao reembolso do que como estudante lhe

(1) O Dr. Álvares, sábio Médico português, e amigo do Dr. Sanches nos escreve, que essas obras não eram ainda conhecidas em Portugal nem em Espanha, quando o Dr. Sanches entrou nas Províncias Meridionais de França.

(2) Prodigiosa foi a memória que tinha o Dr. Sanches, e tal, que sendo o único Aluno, que não escrevia as lições de Boërhaave, nada lhe esqueceu das doutrinas desse grande Lente.

pagara. Dous homens, que tão dignos de recíproca estimação, pareciam nestes lances quererem vencer-se um ao outro à força de virtudes!

Enquanto com igual abundância Boërhaave ensinava todas as partes da Medicina, Sgravesande, Albino, Gaubio, van Swieten, Osterdick, van Royen, Burman, disparziam pela Escola de Leyde um brilho, que dava invejas a toda a Europa Literária. Tantos homens grandes ali presentes, tanta mocidade ansiosa de aprender e de ilustrar-se, ali junta, inflamaram tanto o ânimo do Dr. Sanches, que na conversação de todos eles bebeu esse entusiasmo do Bem, esse amor da Verdade, que nunca nele se afrouxaram, e que foram as duas únicas paixões, que lhe regeram a vida.

Tocámos na época da sua fortuna, e na da sua desgraça, modificações da vida humana, que quasi sempre lhe andam ao lado. Ana Ivanowna Imperatriz de todas as Rússias pediu a Boërhaave, que entre os seus alunos lhe extremasse três Médicos para três honrosos empregos, que lhes ela queria dar em seus domínios. O primeiro nomeado foi o Dr. Sanches; e partiu logo. ⁽¹⁾

O primeiro posto que lhe deram foi o de Medico de Moscow, ⁽²⁾ onde praticou 2 anos, passados os quais foi chamado a Petersburgo. ⁽³⁾ O Dr. Rieger, que então era primeiro Médico, fez que o nomeassem Membro ⁽⁴⁾ da Chancelaria de Medicina, e Médico dos Exércitos Imperiais. ⁽⁵⁾ Como tal lustrou parte da Polónia, onde as armas Russas faziam tão rápidos progressos, que apenas lhe davam espaço de escrever o que mor atenção lhe merecia. Em 1735, 1736, 1737 sob o General Munich seu amigo, andou em todas as campanhas contra os Tártaros, e contra os Turcos; atravessou a Ucrânia, e costeou as ribanceiras do Don até ao mar de Zabache; os desertos de Crimeia e de

(1) Que ele preferiu à de Guadalupe, ou da Martinica, que também lhe tinham proposto.

(2) Com a autoridade de examinar os Médicos, e Cirurgiões que viessem praticar na Cidade.

(3) Em 1733.

(4) Dessa Chancelaria era Presidente o Doutor Rieger.

(5) Em 1735.

Bachmut, e quanto país corre desde Cuban até aos plainos de Azof, compreendeu em suas peregrinações. Deu vista dos Calmouks, disformes mais que os homens todos; que caracterizados são pelo apartamento de um olho ao outro: viu os Tártaros de Nogai, conservadores da Liberdade, porque erradios sempre, não assentam morada, em que possa prender o grilhão da Dependência; as Nações baças que habitam no Cuban, e por fim os Tártaros de Kergissi, de tão largos rostos, que metem espanto. Comparou umas com outras essas relés, cujos órgãos apertados por tempéries frias, privados, sob ingrato Céu, de alimentos, que fáceis se digiram, não se disferem por inteiro, nem com toda a proporção. Bem parecença têm com esses vegetais, a quem gelados sopros endurecem a casca, espessam os sucos, entorpecem, deterioram no centro mesmo de suas folhinhas, os gomos, que tinham de lhes perpetuar a espécie.

Com pasmo viu o Dr. Sanches no interior desses Tártaros, homens e mulheres, que não tinham com eles similhaça. ⁽¹⁾ O sangue da Circássia, e da Geórgia aliado com os dos nativos do país, nos serralhos, produz degradações, que manifestam quantos visos, quantos contrastes há entre a elegância e disproporção das formas, entre a lindeza e a fealdade. ⁽²⁾ Observou finalmente o Dr. Sanches como os Tártaros mesclando-se com os Russos Orientais, e com os Chins, têm influído em ambos esses Povos, e que bem poucas, e bem simples modificações dão ao último algumas dissimilhaças.

Proveitosas resultas, que o Dr. Sanches comunicou a M. de Bufon, e que este consignou no 3.º volume da sua História Natural, acompanhado-as com o merecido elogio, que lhe ali tributa. No uso a que as applicou, nos deu o Dr. Sanches abonado testemunho da sua modéstia, como quem mostrava, que só por gosto seu, e não por ostentação observava, e reflectia. Ninguém mais pronto em discorrer pelo Universo, ninguém mais acanhado em fazer de si alarde, como

(1) São tão alvos esses habitadores, como os Russos, dentre os quais roubam os Tártaros algumas Escravas.

(2) Em algum desses Climas (*v.g.* em Kabarda) se encontra c'um Povo inteiro composto de alta statura, de nobre e agradável semblante; povo, que o Dr. Sanches imagina, que da Ucrânia ali fora há 150 anos transplantado.

homem, que abalizava a sua dita em ver, e em não ser visto. Fora curiosíssima a narração de suas peregrinações; e por certo aqueles a quem deu delas parte o Dr. Sanches, lastimaram sempre, que as não houvesse ele publicado. Tinha de costume calar-se, ainda quando mais tinha que dizer; e antes dar madurez aos pensamentos, que correr a assoalhá-los; mais mercidamente arguido pelo contrário do que são arguidos os (por desgraça nossa) sobejos viandantes, que não podem atravessar uma Província, que nos não avultem um volume c'ó estirado, e enjooso quadro de quanto com os olhos depararam: quadro, que tal qual eles no-lo mostram, nenhuma ânsia nos provoca, nenhuma doutrina nos dá.

Notável foi o assédio de Azof pela quantia de moléstias, que afligiram sitiadores, e sitiados. Lá é que o Dr. Sanches observou a febre (dita) de prisão, e de hospital, muitos anos antes que seus afamados condiscípulos Huxham, e Pringle dessem dela notícia em suas Obras; lá provou, por numerosos acontecimentos, quanto útil era multiplicar, e entreter nos hospitais a correnteza do ar. ⁽¹⁾ Combinando o andamento das doenças, e suas crises, nos climas frios com o que as suas observações lhe ensinaram em Portugal, a diferença que entre elas achou, não foi notável. Constância da Natureza em seu modo de obrar, que já tinham alcançado raros Médicos, que em países setentrionais tinham feito os mesmos reparos, que fizera Hipócrates na Grécia.

Assentava todos os dias num diário o Doutor Sanches as suas observações; mas em detrimento da nossa Arte, nos privou desse Diário desastrada circunstância, quando no assédio de Azof lho descar-taram (achando-se ele eivado da epidemia, que ali corria) duma mala, em que cerrara os seus papéis. Perda foi esta que o afligiu sobre

(1) Como no assédio de Azof havia grande quantia de feridos viram-se obrigados a remeter 80 do Quartel General, a um sítio bem arejado, dali duas léguas, onde sararam, circunstância esta, que lhes abriu os olhos enquanto à infecção dos Hospitais, e à natureza da febre das prisões. Também fez outro reparo; que se viram em 1735, 1736, salteadas as tropas Russas no Outono de mui mortífera disenteria, na marcha que levavam pela orla do Nieper, e do Niester até ao Mar Negro, sem terem comido fruta; e daí tirou, há muito tempo, a consequência, que não são os frutos quem dá a disenteria nos exércitos.

modo; tanto mais, que de pouca conta deviam parecer ao ladrão Russo, que dela se apossou. A nós é que bem cabe o lastimá-la, que somos nós os que por esses papéis teríamos conhecido as relações, que militam entre as moléstias observadas nos nossos acampamentos, e essas poucas que acometem a soldados, a quem frios e fadigas robusteceram; cujo estômago digere, sem trabalho, os mais grosseiros alimentos; que empregando mais cuidado nos combates em obedecer, que em triunfar, não descorçoando, não murmurando, compõem tão formidáveis exércitos; sendo o motivo que não há clima, onde não possam ir nem quadra de ano, que não arrostem.

Voltou o Dr. Sanches a Petersburgo com toda a estimação, que soem granjear os talentos, e os serviços; e a Imperatriz, que o quis remunerar, o nomeou Médico do nobre Corpo dos Cadetes, e pelo tempo adiante Médico da Pessoa. [III] Nem foi efeito de entusiasmo a confiança que nele punha a Imperatriz com toda a sua Corte. Verificado está, que se assemelham com esses brilhantes edifícios à pressa levantados, as reputações precoces, que falham em solidez. Tinham posto o Dr. Sanches no caso de dar prova de si; portanto não podia ter a sua celebridade decadência, como fundamentada em felizes sucessos, e bem estabelecida pelo tempo.

Viu-se assaltada a Imperatriz por uma enfermidade, que lhe durou 8 anos, e cuja causa era desconhecida. Anunciou o Dr. Sanches, que havia pedra nos rins; e quando, depois de morta, se lhe abriu o corpo, achou-se justificado o seu prognóstico.

Declarado ficara por herdeiro da Coroa o Príncipe Ivan; mas Biren, que à fraqueza da Imperatriz defunta devia o ser Duque de Curlândia, e ainda a regência do reino, ousara sentar-se no trono ao lado desse desventuroso Infante. O Duque de Curlândia, que como todos os usurpadores, affectava resguardos acerca das pessoas, a quem a estima do público amparava, testificava ao Dr. Sanches certo comprazimento: como porém não tardou esse Duque em ser

(1) Que tomou o título de Grande Duquesa.

[III] A Imperatriz Catarina II.

despenhado do fastígio das grandezas, deu regozijo a toda a Europa o seu despenho. Apoderou-se a Princesa de Brunswick ⁽¹⁾ da regência do Império, e da guarda de seu filho; nomeando logo para primeiro Médico deste, e também seu ao Dr. Sanches, à conservação do qual deu ele juramento. Digam os que ao Dr. Sanches conheceram, quão sagrado era para com ele um juramento; e os que têm familiaridade com a história da Rússia nos inquiram o quanto era arriscado, nesses difíceis tempos ostentar-se fiel a juramentos tais.

Que penoso que é, a quem tem de escrever a vida dum homem virtuoso, falar na perfídia das Cortes, e nos horrores das proscricções! Podia o repouso durar em país, onde pela Lei de Pedro 1.^o ⁽¹⁾ ficava incerta a sucessão à Coroa? Coaduna-se uma nova facção, e consente a Princesa Isabel pôr-se na frente da revolução. Afortunados os Reis que desfrutaram a infância arredados do tumulto das Cortes! E lastimemos Ivan, que por berço teve um trono. O ceptro, que sempre em mãos infantis anda mal seguro, eis que lho arrancam, e a Regente a arguem de Ré de alta traição. O Dr. Sanches, a quem ela honrava com sua íntima confidência, e com sua amizade o General Munich, ei-lo acusado de liga com Madama Gloxin, a qual a certos aparentes agravos acerca da Princesa Isabel, acrescentava outro mais grave, que era o de ser mais celebrada pela sua formosura. Quantas razões não tinha o D. Sanches para se considerar no número dos proscritos! Desde esse instante despediu-se dele o descanso, despediu-se o sono: a cada hora imaginava que se despia o cutelo do suplício. Naturalmente era frouxo, não dessa frouxeza, que cede aos embates do vício, e se deslembra da virtude; mas sim da frouxeza, que acurva co'a desgraça, e se acha sem forças no lance da desventura. Medrava em sustos o Dr. Sanches, reparando no carácter dessorsegado, e cioso dum certo Cirurgião Lestocq, que

(1) Ela introduziu o uso, que adoptaram Augusto, e Tibério. Devem-se ao Czar Pedro 1.^o os alvorotos, que tanto inquietaram o seu Império.

fora um dos instrumentos da revolução. A esse Lestocq desamparou o Dr. Sanches os postos que occupava; e como quer que Lestocq pela eversão ^[IV] geral, subisse a primeiro Médico da Imperatriz, tal foi a embriaguez dessa tão curta, quão mal merecida ventura, que lhe escapou o honrado Varão, de quem nada tinha que reccar. Que muito inteirado estava, que não era o Dr. Sanches homem capaz de fomentar sedições, e que apenas lhes era importuno testemunha. Recluso na mais encolhida solidão, mui raro se mostrava em público. Findaram em não cuidarem nele, e esse descuido, único alvo de todos os seus desejos, o preferia ele mil vezes a quantas distinções tinha logrado, e das quais só compreendeu quão inconstantes, quão perigosas eram.

Podia a Corte descuidar-se do Dr. Sanches, mas não podia este deslembrar-se da Corte; porquanto, para sossego seu, lhe era relevante afastar-se dum país, que tão funesto lhe fora. Ainda porém não estavam bem aplacados os distúrbios, que enfermou mui gravemente o Duque de Holstein, e foi forçoso recorrer ao Dr. Sanches, que o curou, e a quem remuneraram com o lugar de Conselheiro de Estado, quando o que ele desejava, era o retirar-se dali. Com efeito assim o requereu, e lhe foi permitido vir de jornada a França. O prazer, que cala na alma dum Lavrador, quando vê dissipar-se a tempestade, que lhe vinha alagar os campos, e destruir as searas; o prazer que se entranha num Convalescente, que resgatado dos arrancos da morte, desfruta a primeira vez o espectáculo, e formosura da Natureza, são prazeres, são venturas, que não ombreiam com a alegria, que se embebeu no ânimo do Dr. Sanches, quando lhe apontou essa agradável nova. ⁽¹⁾

Enquanto assistiu na Rússia nenhuma ocasião perdeu que contribuir pudesse aos progressos da Medicina, nem das Ciências, que lhe são accessórias. Quando soube que Mr. Cook primeiro Cirurgião

(1) Nem partiu, sem que obtivesse, por sua valia, lugares vantajosos para dous sobrinhos de Boërhaave, a ele recomendados pela família desse grande Lente; demora, que só teve por motivo (e nenhum outro a conseguira) o respeito, que conservara a seu Mestre. Então é que partiu resoluta a morar toda a sua vida em Paris, no seio das boas Artes, e das Letras, tão necessárias para a sua consolação.

(2) O que se consegue, evaporando a água de poço, em que se ele dissolveu.

dos Exércitos Russos tinha de viandar até às fronteiras da Pérsia, pediu-lhe o Dr. Sanches, que de lá lhe mandasse as produções desse país, que mais relevassem para o adiantamento da ciência. De lá recebeu o maná, que Mr. Gmelin achou diferente do que corre no comércio; e um sal, que passava pelo bórax nascediço, ⁽²⁾ cujo sal na opinião de Baron é o bórax mesclado com base de sal marinho.

Tomou por veículo de útil correspondência com os Missionários, que assistem na Corte do Imperador da China, a Caravana que parte da Rússia para Pequim: com eles cambiava, e deles recebia tratos preciosos, que depois ofertava aos sábios; sem que para essa oferta necessitassem mais pedreira, que o saber bem empregá-los. Obrigar a si os homens, prendendo-lhes a vontade, foi para o Dr. Sanches prazer mui de seu peito, e para todos assim o fora, se todos como ele conhecessem quantos atractivos em tal prazer se encontram.

Foi por tempos dilatados um dos Sócios mais assíduos da Sociedade Imperial de S. Petersburgo. Como amigo do grande Euler, contribuiu com ele a ilustrar esse Congresso de Sábios, que encarregado de fazer com que florescessem as ciências em quadras de torvação, relevava que alguns dos membros seus, por elas mesmas as cultivassem, sem que em seus trabalhos se deixassem distrair.

Já acerca de diversos assuntos, que lhe propusera a Academia Real das Ciências de Paris tinha respondido satisfatoriamente o Dr. Sanches; e Mr. Mairan, que então a presidia, o propôs para Correspondente, e conseguiu que esse título lhe fosse dado. Título, que procurado por quantos Povos dão honra às letras, pareceu tanto mais recomendável na Rússia, onde não esquecerá nunca, que o Restaurador desse Império se ufanou de ocupar na lista dessa Academia um posto ao pé de Newton, e de alardear assim, que, não contente de representar entre os Soberanos, foi Pedro o Czar, e primeiro Russo, que assentou seu nome na pauta dos grandes homens.

Aqui fenece a vida pública do Dr. Sanches, que para seu retiro, não depararia com Cidade mais cómoda que Paris, ou já quisesse dar-se, ou já encobrir-se, aos olhos da multidão. Ali chegou em 1747, e nela viveu até ao ano de 1783, não ignorado (que o não podia ser) mas arredado de toda a ruidosa sociedade, no estreito círculo de amigos seus, dado às inclinações do ânimo, gozando de si, entretido em

relevantes memórias, como cabe a todos aqueles, que presenciaram grandes acontecimentos.

O ano de 1747, que foi ano de revolução para a vida do Dr. Sanches, lhe dividiu esta em duas quasi iguais partidas, de empregos bem diferentes uma, e outra; a primeira gasta em trabalhos, e em forcejos, e que lhe adquiriu honras, e venturosos lances. Quanto com prazer estimula a primeira, pela sua variedade, tanto é uniforme a segunda, e tanto é branda; sem que catástrofe alguma, algum acontecimento lhe intercalassem a corrente. Cada ano lhe retrazia tão constantes, como as estações, os mesmos contentamentos; cada prazo do dia passava em cheio, com agradável lavor, com divertidas indagações; e, não nos esqueça apontá-lo, com acções de beneficência, e humanidade. Fácil é debuxar um lance de alheamento da alma; não porém dar cores a particularidades duma vida constantemente venturosa: que corre ela mui por cima das expressões, essa dita inseparável da Virtude, e que morre, apenas esta se lhe ausenta. Oh! que sobrepuja ainda em difficuldade querê-la dar a conhecer a quem não é digno de experimentá-la!

M. Falconet tão acreditado pela sua erudição, quanto recomendável por seu boníssimo coração, foi o primeiro Sábio, com quem o Dr. Sanches tomou conhecimento em Paris, e na sua biblioteca deparou com os socorros de que precisava, até ao tempo em que se ladeou duma formosa colecção de livros seus. ⁽¹⁾ Como quem entendia tantas línguas, e conhecia tantos Sábios da Europa, podia a passo igual ler-lhes as obras, e lograr o prazer de comparar as obras com o Autor; paralelo que muito acrescenta no atractivo da leitura. De lá lhe procedeu ser ele o primeiro que soube em França o uso, e propriedades das flores de

(1) Circunstâncias particulares, e a grande distância foram estorvo de que transportasse a França, os livros, que com tanto custo, e de toda a parte juntara em Rússia.

(2) Conhecida em Edimburgo com o nome de *Tintura antispasmódica*.

(3) Emprega-se nas diarreias, e nos casos que requerem amargos, e astringentes. Acha-se em Portugal nas fendas dum mármore preto, e é gabada como tópico na cura dos Cancros. Em Paris porém não fez efeito.

zinco, e como delas se serviu Gáubio; a tintura de Cantáridas, recomendada em Escócia ⁽²⁾ por meio de fricções; a raiz de Columbo, a de João Lopes, a de Pinheiro, e a terra ⁽³⁾ de Mafra. M. Payen, mui nomeado Médico da Faculdade de Paris, e outros membros mais da mesma Faculdade, amigos do Dr. Sanches, se encarregavam de fazer as tentativas dos novos métodos, de que lhes davam notícia os seus Correspondentes; porquanto ele renunciado tinha a exercer publicamente a Medicina. «*Já morri*» (respondia ele agastado a quem o empenhava a ver algum enfermo). Houve porém casos extraordinários, em que não rejeitou dar o seu parecer; e em lembrança estão ainda afoutezas suas em Medicina, que lhe granjearam mui luzidos sucessos; e a certeza cavada em longas experiências, junta ao tino da observação, que tanto acerto lhe inculcavam no juízo das moléstias.

No canto do seu gabinete dava uso a essa liberdade que recuperara, e que ele a tudo preferia: ali mudava de trabalho, logo que o objecto dele começava a desprazer-lhe; donde proveio, que começou infindas obras, e poucas acabou. Ali debatia na mudez do retiro, e livre de ânimo, as questões mais melindrosas; bem resolutos em nunca publicar a resulta de suas meditações; e delas escritas com o desleixo, e fiel verdade de quem para si só escreve, se compõe a soma de 27 volumes. Como não era estranho em História, em Física, em Medicina, em Controvérsia, em Moral e em Razões de Estado nenhum desses assuntos deixou de profundar, e acerca deles deixar Tratados.

Neles é que se contempla quanto interesse lhe devia o seu Portugal, e a Rússia; quanto ao primeiro incumbe conservar as suas Colónias; e os meios lhos descobriu o Doutor Sanches. ⁽¹⁾ Imensa em

(1) Quando residiu em Holanda se ocupou disso com D. Luís da Cunha Embaixador então de Portugal na Haia.

(2) Assenta o Dr. Sanches, que o único meio de preencher essa intenção era conceder certos foros às Províncias conquistadas, e prendê-las ao Império pelo modo, que já em Roma o fizera Augusto César.

[v] *Sic.*

[vi] *Sic.* Esta grafia alterna com a que é usada actualmente.

seus domínios vastos, tem necessidade a Rússia de enlaçar entre si moradores de Províncias tão distantes do centro, a quem muito releva multiplicar referências com todas elas. (2) A bem que essa operação todavia surta efeito, era seu parecer, que se cerceassem os encargos, que na Rússia acurvam os Cultivadores; e que se estabeleça naquele Império legislação tal, que destrua a servidão, e dê como uma nova criação àquele Povo: que se não chama nunca Povo, uma congérie de homens, sempre dispostos a despedaçar, ou a prender-se nos grilhões, que se aligeiram repartidos mas que coligidos na única mão de quem governa lhe pesam de sobejo, lhe caem de pesados, e uma vez caídos dão abertura a sedições, até que os toma a si mais forte, ou mais astuto braço.

Num desses manuscritos dá notícia da origem da perseguição contra os Judeus, e da maneira, com que se pode atalhar de todo. Ele, a quem muitas vezes arguiram de Judaísmo (fosse qual fosse a sua crença) razão tinha em querer, que a ninguém se perseguisse.

(1) Deixou um Plano de Agricultura, e outro dum Curso de Moral, que tinha vontade se introduzissem na educação pública.

(2) Os Manuscritos que ele remeteu a M. Andry têm os títulos seguintes.

1.º Pensamentos acerca da inoculação do *virus* variólico em diferentes moléstias, particularmente na venérea.

2.º Reparos à Obra: *Paralelo dos diversos métodos de curar o mal venéreo*.

3.º Reflexões acerca das doenças venéreas.

4.º *De cura variolarum vaporarii ope apud Ruthenos omni memoriâ antiquiori usu recepti*.

5.º Da origem dos Hospitais.

6.º *De matrimonio Cleri*.

7.º Dissertação acerca das paixões da alma, impressa em 1755.

8.º Dissertação acerca das boas Artes, suas utilidades, inconvenientes, etc.

9.º Carta à Universidade de Moscow, acerca do Método de aprender, e de ensinar a Medicina.

10.º Instrução para o Lente, que ensinar Cirurgia nos Hospitais de S. Petersburgo.

11.º Plano para a educação dum Fidalgo moço.

12.º Carta, que dá meios para que na educação pública entre um Curso de Moral.

13.º Origem do apelido de *Cristãos velhos*, e *Cristãos novos* em Portugal, e causas porque inda continua, e também a perseguição dos Judeus, com os meios juntamente de fazer com que cesse em pouco tempo essa distinção, entre vassallos dum mesmo

Seu enlevo maior foram sempre as Artes, que têm nome de liberais, cujas ventagens ^[v] demonstrou ^[vi] numa dissertação, em que lhe

14.^o Dissertação acerca dos meios de conservar as Conquistas, e Colónias Portuguesas.

15.^o Plano para criar, e educar os enjeitados no Hospital de Moscow. 1764.

16.^o Tratado acerca do Comércio, no Império da Rússia.

17.^o Meios de conservar o Comércio já estabelecido na Rússia, e fazer com que prospere, e se perpetue. 1776.

18.^o Meios, para que de mais em mais se unam, e prendam ao Império da Rússia as Províncias conquistadas, assim como Augusto o fizera relativamente às Províncias de seu Império. 1776.

19.^o Tratado acerca da relação que devem ter as Ciências com o estado civil, e político, aplicado ao presente estado da Rússia. 1765.

20.^o Reflexões acerca da economia política dos Estados, applicadas particularmente ao Império da Rússia. 1767.

21.^o Reflexões acerca do desvalioso estado dos Lavradores da Rússia, dos Servos dos Domínios, e dos Senhores, que sofrem os maiores encargos do Estado, por modo, que de dia em dia minguam em número, e desmedram a Agricultura, e as Artes de primeira necessidade; e acerca dos meios acomodados de recrutar para os exércitos de terra, e mar, sem se servir dos Lavradores: e também dos meios de remunerar os Officiais, e Soldados, que tiverem vinte anos de serviço.

22.^o Projecto para o estabelecimento duma escola de Agricultura.

23.^o Tratado acerca dos meios aptos a aumentar o Comércio da Rússia.

24.^o Tratado, em que se prova, que introduzir melhor administração de Justiça é contribuir ao melhoramento da Sociedade.

25.^o Dissertação, em que se averigua, se a Cidade que os Romanos chamaram *Pax Augusta*, é Beja ou se é Badajoz.

26.^o Ramal de Observações sobre todas as partes de Medicina, e principalmente, sobre a prática; muitas das quais Observações são peculiares ao Dr. Sanches.

27.^o Meios acertados para estabelecimento dum Tribunal, dum Colégio de Medicina, a fim que essa ciência seja sempre útil ao Reino de Portugal e às Províncias que dele dependem.

28.^o Pensamentos acerca do Governo da Universidade de Medicina, e dos Médicos. 1754.

Tinha-o consultado a Faculdade de Estrasburgo em 1752, acerca dum Curso de Cirurgia Patológica que ela queria introduzir em suas Escolas: ao que respondeu o Dr. Sanches com uma Memória cujo plano foi adoptado e mandou a Faculdade a M. Schoepflin, que lhe escrevesse que M. Boecler corresponderia com ele directamente; pedindo-lhe ao mesmo tempo, que aceitasse em sinal de estima, e deferência, as estampas anatómicas dum útero dobre, que a Faculdade (pouco havia) mandara abrir.

Mandou o Dr. Sanches em 1761 muitas Memórias aos principais Médicos de Espanha, e de Portugal, para reforma das Universidades de Salamanca, e de Coimbra.

foi fácil apontar a utilidades, que elas produzem nos Povos, que começam a civilizar-se; elas os habituam a perceber nos objectos certos visos, de que até então não davam fé; elas disferem nos órgãos, que são os instrumentos das ideias, a amplidão, que é necessária para os progressos do entendimento humano. ⁽¹⁾

Conservou sempre o Dr. Sanches rancor profundo contra certo tribunal de que vítimas foram alguns dos seus amigos. *Ideias, para uso meu, acerca da Inq.* é o título dum manuscrito seu; e dessas ideias nasceu não voltar ele a Portugal, e vir antes morar em Paris, que por certo se ufana de ter sido muitas vezes o asilo dos que perseguia esse tribunal.

Lê-se no frontispício das reflexões, que ele escreveu acerca das torvações, que puseram o ceptro nas mãos da Imperatriz Isabel, a divisa de que usava Walsingham, secretário da Rainha Isabel d'Inglaterra: *Video et taceo*; palavras que o Doutor Sanches nunca recordou, sem ressentir em parte o susto, que elas inspiraram.

Esses manuscritos ⁽²⁾ parto duma alma activa, e grande, e o íntimo conhecimento do humano coração; esse quadro de seus pensamentos a quem os entregará o Dr. Sanches? a M. Andry, consócio nosso, à pessoa que ele mais estimou, e ao melhor amigo seu; uma parte de si mesmo lhe legava nesse mimo. E M. Andry entrado de respeitosa gratidão, lhe consagrou um Elogio, ⁽¹⁾ que o coração lhe estava ditando; e que a cada frase sua me deixa o pesar, de que tecendo este elogio depois do seu, me não posso exprimir tão bem como ele.

Parte dos manuscritos, de que falo, contém reflexões, e observações acerca da Medicina; que nunca ele na prática, nem no seu
t e o r
de filosofar seguiu as trilhadas veredas: por que sempre foi daquela pequena porção de homens, que antes de obrar, de si sós tomam

(1) Compêndio Histórico da Vida do Dr. Sanches por M. Andry anteposto ao Catálogo dos seus livros.

(2) Na opinião do Dr. Sanches os banhos Russos são médios entre os banhos dos Turcos, e os dos Romanos: também expõe em que moléstias são úteis os banhos Russos ou já sós, ou já combinados com outros remédios.

conselho. Por isso, poucas obras suas há, em que não revejam algumas ideias originais ou novas, que inclinam para o adiantamento das ciências, e nos afastam de encanecidos hábitos.

Desse género é a Dissertação acerca dos banhos Russos, que ele ofereceu a esta Sociedade, como tributo do título de Associado estrangeiro, que lhe ela conferiu. E ninguém se capacite, que ele se limitou a descrever a forma desses banhos, e o uso, que deles fazem os Russos: mas sim acompanhou essa notícia, com a história dos Ginásios, e banhos públicos, que com tanta magnificência edificaram os Gregos, e depois os adoptaram os Romanos, e a que Augusto pôs o remate da perfeição; que descuidados, quando Roma sob Constantino se cristianizou, foram, depois de muitos séculos de olvido, ⁽²⁾ imperfeitamente restabelecidos em Constantinopla, e em alguns sítios de Alemanha, e até na Rússia. Depois que o Dr. Sanches aí refere o teor, com que desprendem o vapor da água, lançando-a em seixos abrasados, e também os efeitos desse vapor no corpo humano, demonstra quão útil é, para sarar de certas moléstias, o costume, ao sair desses banhos, de se mergulhar em neve, ou em água fria, para abater com esse sobressalto as disposições a espasmos, a obstruções, e acostumar o corpo a contrárias temperaturas. Vem, depois destas particularidades, o lastimar-se o Autor, que entre tantos estabelecimentos, que estas eras alumniadas têm consagrado ao ensino e agrado humano, nenhum tome por alvo disferir-lhe as forças, aumentar-lhe o vigor; pontos, que como tão principais os tinham os antigos, e cuja conexão com os costumes e com a glória dos Estados, nos é tão manifesta pela História. Porquanto, Povo, que não for vigoroso, não pode conceber desígnios avultados, nem desempenhá-los com a constância e com os brios necessários.

(1) Tinha o D. Sanches feito diversas tentativas infrutuosas com o remédio antivenéreo do Dr. Barry, e o Dr. Álvares, Português, e Médico de nome, nos deu acerca da história desse Médico, as mais exactas e mais seguras particularidades.

M. Sthelin, distinto sábio, residente em Petersburgo, e amigo do Dr. Sanches, que também nos remeteu preciosas individuações tocantes à vida desse illustre Médico.

Tendo-lhe referido certo Cirurgião, que receiptavam na Sibéria o sublimado corrosivo, em grandes doses, no curativo do mal venéreo, fez (muitos anos antes que acerca dele van Swieten apparecesse com as suas reflexões ⁽¹⁾) tentativas com ele o Dr. Sanches; até fez a importante observação, que esse remédio surtia mais seguro efeito, e nenhum mal dele resultava, quando assujeitavam o enfermo à acção do banho de vapor, que amolentando a nérvea techedura da pele, embrandecia o efeito do sublimado corrosivo; e que se devolve ao mesmo tempo com mais completa, e mais estendida eficácia.

Mostra o Dr. Sanches, indagando a origem do mal venéreo, quão longe estava de adoptar facilmente ideias alheias, e quanto apego tinha às suas. Sendo o descobrimento da América, e a primeira aparição do mal venéreo, na Europa, dous mui notáveis acontecimentos, cujas épocas coincidem mui perto uma da outra, não fora de admirar, que lhes achassem entre elas (em certo modo) dependência, ainda no caso de não haver entre elas conexão alguma. Tal era a opinião que o Dr. Sanches abraçou, e susteve contra o parecer do sábio Astruc e do seu defensor van Swieten. Contentemo-nos com expor as autoridades, e os motivos, em que o Doutor Sanches fundou as dúvidas, que ninguém antes dele suscitara.

(1) Em 25 desse mês.

(2) Em 8.

(3) Enganou-se M. Astruc, quando disse, que findara a viagem de Colombo em 1494. Para mais segurança consultem-se os Originais.

(4) Voltava da Ilha Espanhola, hoje S. Domingos.

(5) Possível fora, em rigor, que Pedro Marguerit, ou António Torres, que partiram da Ilha Espanhola, antes que Colombo, trouxessem de lá o mal venéreo, em 1495; as épocas porém que Pinto, e que Delphini assinalaram à sua origem são anteriores; nem os marinheiros de Marguerit, nem os de Torres se podiam mesclar com o exército de Córdoba, que ia já de marcha nesse mesmo ano de 1495.

(6) Unguento cuja composição relata o Doutor Sanches.

(7) Baptista Fulgoso, e Gaspard Torella dão fixo em 1464 o aparecimento do mal venéreo em Itália, e em Alvéria.

[vii] No original vem a data de 1476 que, evidentemente, é uma gralha.

Três viagens fez à América Cristóvão Colombo; e convindo está duma, e doutra parte, que a primeira viagem, que ele fez, nenhum acontecimento desastroso consigo trouxe: não assim a segunda, desde Setembro ⁽¹⁾ de 1493, até Junho ⁽²⁾ de 1496, ^[vii] que (se damos crédito a Oviedo) voltou ⁽³⁾ a tripulação eivada de mal venéreo; e muitos Espanhóis, que passaram à Itália, no exército, que levava Córdova ⁽⁴⁾ a socorrer El-Rei de Nápoles, o espalharam por esse Reino, onde os Franceses depois o contraíram. ⁽⁵⁾ Assim o refere Oviedo, que escreveu em 1555; quando já Pedro Pinto, Espanhol, como Oviedo, e Médico do Papa Alexandre, tinha publicado as suas obras em 1499, e 1500, em que afirma ter aparecido em Roma, desde o ano de 1493, a doença apelidada *morbo gálico*, e os grandes estragos, que ela fizera até o ano de 1494, como também o tópico mercurial ⁽⁶⁾ receitado com ventura no curativo dela. Pedro Delphini, que escrevia em 1494, e Pedro Mártir, contemporâneo dele, são do mesmo parecer do Médico Pedro Pinto; ⁽⁷⁾ e testemunhos são estes, que se podem muito bem opor ao de Oviedo. Nem Carlos VIII chegou a Roma, antes do fim de Dezembro de 1494, nem a armada de Córdova surgiu no porto de Messina antes de Maio de 1495: pelo que, é impossível que o exército Espanhol comunicasse o mal venéreo à Itália, quando lavrava ele já por lá, antes da segunda viagem de Colombo. Com razão pois insiste o Dr. Sanches em que Fernando Colombo, na história de seu pai Cristóvão Colombo, e António Gali, que então era membro do Conselho das Índias, e que escreveu depois as memórias mesmas desse famoso Almirante, guardaram o mais profundo silêncio acerca de que existisse mal venéreo, na Ilha de S. Domingos, ⁽¹⁾ nesses indicados tempos; nem

(1) Chamavam-na nesse tempo Ilha Espanhola.

(2) Manifestava-se então, segundo os Autores mencionados, por erupções no rosto, e na mais pele e por bubões como qualquer outra pestífera moléstia.

(3) *Vid.* 1.º Dissertação acerca da doença venérea, em que se prova, que não veio da América, mas antes, que por uma epidemia começou na Europa; obra essa que o Dr. Castro, Médico de Londres traduziu em Inglês.

2.º Exame histórico acerca da aparição do mal venéreo na Europa, e natureza dessa moléstia. Essas duas dissertações juntas num só volume as publicou em 1777, em Leyden M. Gaubio, ajuntando-lhe um Prefácio, em que parece inclinar-se à opinião do seu amigo.

doutras doenças deram conta, além das que procederam da fome, e da miséria.

Assentava o Dr. Sanches, como antes dele o Fracastor, que o vício venéreo fora em seu princípio, como uma espécie de epidemia na Itália, no ano de 1493, ⁽²⁾ que foi depois afrouxando com o correr dos anos, e com o seu derramamento. Não é possível coacervar mais factos, mais notícias, a favor duma opinião, que o que se encontra nesta Obra do Dr. Sanches: ⁽³⁾ Lá é que se depara com erudição; não essa, que chamamos parasita, porque somente se ceva em passagens citadas, e publicadas por outros; mas sim a erudição cavada em seu próprio saber, tão fecunda em provas, quão alumiada na escolha.

De si mesma se nos oferece a seguinte reflexão. Não tropeça em dúvida, que não fosse mui espalhada na Ilha de S. Domingos a doença venérea em 1498, época da terceira viagem de Colombo, e que dessa doença faz em suas memórias menção expressa; ora aí se funda o Dr. Sanches, que foram os Espanhóis quem levaram essa doença à América, onde até então não era conhecida; quanto mais ter lá tomado o nascimento. Se este asserto é verdadeiro, com quanto desastre não têm os Europeus afligido os habitantes do Novo Mundo! Bexigas, Sarampo, Hidrofobia, mal venéreo, e o que a tudo sobrepuja, a escravidão, e a cobiça de ouro são os flagelos, de que tanto interposto

(1) O Dr. Sanches considerava a bÍlis quando assim espessa, e muitas das enfermidades dela, como efeito muitas vezes produzido pelo vício venéreo.

(2) Parece que tem sempre sido condão da Pátria ter sido mais prezada pelos grandes homens, que dela foram desterrados, e perseguidos, que amada pelos que ela honrou, e muitas vezes, sem mais merecimento, que a escolha da cega Fortuna.

(3) As duas obras de maior vastidão, que publicou, saíram à luz com os títulos seguintes.

1.º Tratado da conservação da saúde dos Povos, etc., com um apêndice de considerações sobre os terremotos, e notícia dos mais notáveis, de que faz menção a História, e dos últimos, que se sentiram na Europa, desde o 1.º de Novembro de 1755.

2.º Método para aprender a estudar a Medicina, ilustrado com os apontamentos para estabelecer-se uma Universidade Real, na qual deviam aprender-se as Ciências humanas, de que necessita o Estado civil, e político, in-8º, 1763.

Essas Considerações sobre os terremotos foram vertidas de Português em Italiano, por Marcelo Sanches, Irmão do Autor. Foi também reparo do D. Sanches, que o clima de Lisboa ficou mais sadio, depois do tremor de terra de 1755.

Oceano os não pode resguardar. Atrevamo-nos a esperar, que mais venturosas navegações lhes levarão as luzes, com que só resplandecem as Ciências, e boas Letras, um raio das quais alumia já o Norte desse novo Continente. Sim; que raios de tal luz não ensinam nunca os homens a conhecer-se, pelo que eles são, sem que a-la-par lhes inspirem o maior afastamento de tudo o que pode degradá-los, e envilecê-los.

Faz espanto o que no Dicionário Enciclopédico diz o Dr. Sanches do mal venéreo, que ele dá por crónico. Quasi todas as erupções cutâneas, dores vagas, entupimento de glândulas, ⁽¹⁾ e a raquitis as tinha por efeitos lentos e desastrosos desse vício já frouxo, e já degenerado: de maneira, que numa grande Cidade como é Paris, ninguém (a seu dizer) se devia lisonjear de ser em tudo, e por tudo isento dele. Com esse intuito curava as doenças mais rebeldes aos remédios ordinários; não confiando porém a ninguém, em casos tais, o seu segredo. Escondido na fórmula o Mercúrio, operava disfarçado a cura do mal desconhecido; evitando assim não só as dificuldades, que as suspeitas ofensivas pudessem acarear-lhe, mas ainda as objecções desses grandes arrazoadores, a quem é mais árduo persuadir, que estão eivados dessa moléstia, que conseguir curá-los da moléstia mesma.

A Corte de Portugal, que conhecia com quanto afeito o Dr. Sanches amara sempre a sua Pátria, ⁽²⁾ o consultou acerca do modo com que nela floresceriam as Ciências, e das cautelas necessárias à saúde pública.

A que ele respondeu com dous tratados em língua Portuguesa; ⁽³⁾ num dos quais expunha os meios adequados para conservar a saúde dos Povos, fazendo que falem as Leis a língua da boa Física; noutro delineava o plano duma Universidade Régia, em que todas as modernas Ciências se ensinassem; e onde queria, que se lhe anexasse um hospital, em que os Alunos, guiados por um Lente de Medicina experimental, ali fossem instruídos. A esse Corpo devia unir-se a Cirurgia, e propunha mais, que se fundasse uma correspondência de Medicina, moldada quasi pela que se encarregou de entreter esta nossa Real Sociedade. Projecto este, a quem devemos o empenho, com que ele aplaudiu os nossos primeiros esforços, e o zelo, com que os ele favoreou.

Longo tempo se viu o Dr. Sanches limitado em acanhamentos de fortuna; que o desamparara 16 anos sem socorro, e sem remuneração tão justamente merecida, a Corte da Rússia. Disgraçado efeito das revoluções, e alvoroços, que deixando subsistir somente os direitos da força, até as raízes destroem do benefício, e da gratidão! Reservado estava para a Imperatriz que actualmente reina, reparar os agravos de seus predecessores; e que lembrada do Médico Português, que em seus anos infantis a curara duma gravíssima enfermidade, lhe fez donativo duma tença anual de 1000 rubles. Sinal de lembrança foi este, que
raiou
de
alegria o ânimo do Dr. Sanches, que apesar de tantos infortúnios seus, conservou sempre à Rússia extremo affecto.

Cumpria em Paris com as funções de Correspondente da Academia Imperial de S. Petersburgo, que o tinha encarregado de dar notícia dos descobrimentos, com que as Artes, e as Ciências cada dia se enriquecem; e tal zelo, e tal empenho metia nessa comissão, que vinha ela por isso a ser importante. Homem apto, que distinguindo as que eram invenções úteis, extremava das que o caprichos ou a moda acreditavam, as invenções, que menos gabadas, fundavam em conhecidas ventagens a existência. Que nunca se expôs ele a que o arguissem
de
que
dera
a conhecer em Petersburgo futilidades científicas, a quem o Público sucessivamente mostra tanta indulgência, e depois tanto desprezo; e cujo entusiasmo, por maior que seja, comparar-se pode a essas epidemias de pouca monta, que causando na cabeça transitória torvação, não deixam todavia vestígio algum do assalto, nos sítios, que desampararam. Lastimemos unicamente o Dr. Sanches, de que não viveu bastante por que fosse testemunha das belas experiências, por meio das quais, tão rápidos dilataram os homens a esfera de sua actividade; ele que, nada menos, viu na derradeira quadra da sua vida, as ridículas pretensões do Empirismo, tão bem acolhidas nesta

(1) Digeria já custosamente, e tinha o fígado estragado. Foi-lhe muito feliz o uso, que longamente continuou do ruibarbo, tomado em diferentes formas.

Capital, que foi necessário para descontar ante os olhos das Nações, émulas dos nossos talentos e nossa glória, os agravos que o Empirismo fez, toda a sublime invenção de Messieurs Montgolfier.

Sempre a saúde do Dr. Sanches padeceu intercadências; enfermidades de diferentes géneros a tinham enfraquecido por tal modo que se viu 20 anos obrigado a viver de regimento, usando do seu saber (coisa bem difícil a um Médico) na aplicação, que dele fazia em conservar-se a vida. ⁽¹⁾

Já sentia gastas as forças, quando o Grão Duque das Rússias, sob nome de Conde do Norte veio a Paris; e como soube que tinha esse Príncipe de honrá-lo com uma visita sua, adiantou-se a preveni-lo. Estava à mesa o Duque, quando lhe foi o Dr. Sanches nomeado: com distinto agrado o recebeu, e lhe deu assento ao lado de si. Aquele Velho, a quem tão bem, e tão mal tratara a Rússia, recordou naquele instante todas as suas ditas; e todas os seus reveses; e olhando enternecido para o Herdeiro dum trono, que tão rodeado vira de tormentas, tão profusas lágrimas derramou, que exprimiram elas ao Príncipe, tudo quanto a boca não podia proferir. Voltando a casa, nunca mais saiu, e bem diríamos com Mr. Andry, que na pessoa do Conde do Norte recebeu a Rússia os seus últimos adeus.

Foram-se-lhe abatendo de dia em dia as forças; já desemparou ^[viii] a leitura; já sentia, que até a cogitação o fatigava; fraqueou por fim de todo, com 84 anos de idade, em 14 de Outubro de 1783, aos abalos duma febre intermitente.

Apesar do sumo disvelo com que o Doutor Sanches escondia a sua beneficência, não a poudo encobrir de todo às pessoas de seu lado; e devem sair à pública luz os dous seguintes casos.

Vindo uma pobríssima mulher consultá-lo, trazia consigo uma filhinha sua. O Dr. Sanches, a quem sempre as singelezas infantis penhoraram sobre modo, fez, sem dúvida, à menina affectuosas carícias, pois que apesar do desagrado da velhice, e das doenças, a menina se lhe arremessou ao colo, e lançou agudos brados quando

(1) Numa Carta, que em Novembro de 1783, dirigiu a M. Andry.

coube separar-se dele. Então é que o Dr. Sanches enternecido de seus prantos, e ansioso de fazer uma boa acção, pediu, como por favor, que lha dessem para companhia sua. Venturoso no cuidado que tomava dela, em divertir-se nos brincos dessa Menina, deparava com a mais meiga desfadiga de suas occupações. Em testamento lhe deixou uma avultada quantia.

Tinha um Irmão, Médico também como ele, e que se achava empregado nos exércitos de El-Rei de Nápoles, e cujos bens foram

ZADIG
OU
O DESTINO,
HISTÓRIA ORIENTAL
VERTIDA EM VULGAR

Il y a telle traduction qui demande plus de talent que tel original. — BITAUBÉ.

longos tempos bem limitados. Quando lhe eu pedi, que me desse algumas notícias acerca da vida privada do Dr. Sanches, tive em resposta ⁽¹⁾ o que se segue. «Muitos anos há, que tive a desgraça de viver separado de meu Irmão, que nunca nas suas cartas me falou em mais, que no quanto inquieto ficava acerca da minha sorte, quando mesmo me acudia com os mais abundantes socorros. Até no centro da mesma Sicília me ia alcançar a sua generosidade; muitas vezes descobriu ele maneira de me remeter munificências suas, em sítios, onde eu não avistava caminho, por onde lhe testificasse a minha gratidão».

Quem assim inventa meios de fazer bem, conhecido está, que o teve de praticar toda a sua vida. — *Para o dar o recebemos* — era o seu ditado. Por certo, que para conservar à posteridade a lembrança das suas raras virtudes, longo tempo admiradas na Corte da Rússia, é que a Imperatriz ordenou, que as armas do Dr. Sanches fossem decoradas, com a lenda:

Non sibi, sed toti genitum se credere mundo.

lenda tão honorífica para a sua memória, quanto adaptada a designar um homem, que se esquecia de si, para se empregar na felicidade alheia.

O lugar de Associado estrangeiro, vago pela morte do Dr. Sanches, ocupa-o presentemente o Dr. Black, Lente de Química em Edimburgo.

APROVAÇÃO

Eu abaixo assinado, que me dou por douto, e até por homem de talento, li este Manuscrito, que (bem a meu pesar) achei curioso, divertido, moral, e filosófico, digno de agradar ainda mesmo aos que aborrecem Novelas. Portanto, o difamei, e certifiquei ao Senhor Cadilesquier, ser obra detestável esta.

(1) Alexandre Magno.

 À SULTANA SHERAA,

SADI

*18 do mês Scheawal
ano 837 da Hégira.*

FEITIÇO dos olhos, tormento dos corações, luzeiro do espírito, não beijo a poeira de teus pés, porque ou não andas, ou andas por alcatifas de Irão, ou por cima de rosas. Ofereço-te a tradução dum livro composto por um Sábio antigo; que avaliando-se ditoso em não ter nada que fazer, o foi também em tomar por desenfado escrever a história de Zadig, obra que diz mais do que parece. Peço-te que a leias, e dêes sobre ela o teu parecer: que bem que te vejas na Primavera de teus dias, buscada dos prazeres, formosa, e a formosura realçada pelas prendas: e bem que noite e dia te louvem; motivos esses, porque te falhe o raciocínio, tens contudo agudíssimo ingenho, delicado gosto; e já te ouvi discorrer com mais tino, que os Velhos Dervises de compridas barbas, e de pontuda gorra. És sisuda, sem seres desconfiada; meiga, sem dar ousadias; amas quem te tem amizade, sem granjear inimigos. Nunca, para luzir, se vale o teu ingenho das lançadas da maledicência; nem dizes mal, nem o fazes; e mais fora-te pasmosamente fácil. A tua alma enfim se mostrou sempre tão cândida, como a tua formosura; sobre teres teu pecúlio de filosofia, com que me dás a crer, que melhor que outrem, farás caso desta obra, que é dum Sábio.

Foi ela de primeiro composta em Caldeu antigo; língua, que nem eu, nem tu entendes; e traduzida em Árabeto, para entretenimento do célebre Sultão Olugbeb, no tempo, em que os Arábios, e os Parseus começavam a escrever *Mil e uma Noites*, *Mil e um Dias*, etc., etc. Olug gostava mais da leitura do Zadig; mas as Sultanas das Mil, etc. «Como

podem vocês (lhes dizia Olug) preferir Contos despropositados, e que nada significam?» — «Por isso mesmo (respondiam as Sultanas) gostamos deles.»

Lisonjeio-me de que te não parecerás com elas, e que hás-de ser um verdadeiro Olug; e até confio, que quando te vires cansada das conversações triviais, que se assemelham bem co'as Mil e uma, etc., poderei eu achar um minuto em que te fale com juízo. Se tu foras Talestris nas eras de Scander ⁽¹⁾ filho de Filipe; se tu foras Rainha de Sabá nos dias de Soleimão, as peregrinações, que elas fizeram, haviam de estes Reis fazê-las.

Rogo às Virtudes Celestes, que sejam sem desconto os teus prazeres, duradoura a tua formosura, e sem fim a tua Dita.

ZADIG

O TORTO

NO tempo do Rei Moabdar havia em Babilónia um Mancebo Zadig, de boa índole, fundamentada em boa criação, que ainda que moço e rico sabia comeder as suas paixões; que nada affectava; que não pertendia que sempre lhe dessem razão; e que sabia respeitar a fraqueza dos homens: Pasmavam todos que de mui vivo, nunca insultasse com donaires as falácias tão vagas, tão desatadas, tão tumultuosas, as néscias decisões, as grosseiras chufas, e o motim de palavras oucas, que em Babilónia chamavam conversação; mas ele tinha aprendido, no primeiro livro do Zardust, que o amor próprio é um *Odre* inchado de vento, que a qualquer furo despede tempestades; e sobre tudo não blasonava de ter as mulheres em pouco, e de subjugá-las. Era generoso, sem receio de fazer bem a ingratos; porque se lembrava do grande preceito do Zardust: «*Quando comeres, dá de comer aos Cães, inda que depois te mordam*». Sabia... o que se pode saber; porque fazia por tratar com Sábios; lido nas ciências dos Caldeus, não deixava de saber os princípios físicos da Natureza, quais então se sabiam; e de Metafísica, o que em todo o tempo se alcançou (*scilicet*), pouca cousa. Era altamente persuadido que o ano tinha 365 dias e um quarto (apesar da nova filosofia do seu tempo), e que o Sol tomava o centro do mundo; e quando os principais Magos lhe diziam, com insultuosa altivez, que ele sentia mal da Religião, e que era inimigo do Estado, porque cria que o Sol rodava sobre si mesmo, e que o ano tinha doze meses, ele sem ira, e sem desprezo, se calava.

Zadig, com grandes cabedais, e (por consequente) com muitos amigos, sadio, bem apessoado, bom juízo, alma nobre e sincera, assentou que podia ser feliz. Estava para casar com Semira, que por formosa, fidalga, e bem dotada, era um dos melhores acertos de

Babilónia. Amava-a ele com virtuosa, e sólida afeição; e ela extremadamente o amava. Já quasi encetavam o afortunado prazo, que os havia de unir; quando, passeiando um dia, junto das portas de Babilónia, à sombra das palmeiras, que aformoseavam as margens do Eufrates, lhes vêm ao encontro homens armados de flechas, e de alfanges, satélites do mancebo Orcan, sobrinho dum Ministro de Estado, e a quem os cortesãos de seu Tio tinham, inculcado, que tudo lhe era permitido. Não tinha nenhuma das prendas, nem das virtudes de Zadig; mas presumido de que valia mais que ele, desesperava-se de que lho preferissem; e esse ciúme, que era filho da sua vaidade, lhe insinuou que ele amava desmedidamente a Semira, e assim queria-lha tirar. Os roubadores travaram dela, e de violentos a feriram, fazendo-lhe verter um sangue, que amansaria os tigres do monte Imao. Trespasava o Céu com lástimas: «Meu querido Esposo, que me arrancam de quem adoro.» Não tratava do seu perigo, cuidava no amado Esposo; e Zadig a defendia então com toda a força, que o Amor dá, e a valentia; e socorrido de dous únicos escravos, pôs em fugida os roubadores, e trouxe a casa Semira, que ao abrir os olhos deparou c'ó seu libertador. «Meu Zadig (lhe diz então) amava-te eu téqui como a Esposo, agora te amo, como quem te deve honra, e vida.» Coração mais sensitivo que o de Semira nunca o houve; nem mais engraçada boca expressou mais meigas afeições, em ardentes frases, inspiradas pela sensação do maior dos benefícios, e pelo delírio mais mimoso do mais legítimo amor. Era leve a sua ferida, e sarou logo mas a de Zadig era perigosa, por ser uma frechada profunda num dos olhos.

Nada pedia Semira aos Céus mais, que a saúde do seu Amante; noite e dia nunca as lágrimas se lhe enxugavam, esperando que os olhos do seu Zadig se pudessem regozijar de vê-la: mas um tumor, que sobreveio ao olho referido, a pôs no extremo susto. Mandou-se dali a Mênfis buscar o famigerado Médico Hermes, que veio com numerosa comitiva, e visitado o enfermo, declarou, que perdia o olho; e até prognosticou o dia, e a hora em que havia de perdê-lo: «*Se fora (disse) o olho direito, sarava-lho: mas feridas no olho esquerdo não têm cura.*» Doía-se toda Babilónia do desastre de Zadig, e admirava-se da profundeza do saber de Hermes. Dous dias passados, rebentou por si mesmo o tumor, e Zadig sarou perfeitamente: então Hermes compôs

um livro, em que provou, que não devia sarar; cujo livro não leu Zadig, antes, mal pode sair, foi logo de visita àquela em quem esperançava a ventura da vida, e para quem só prezava ter nos olhos claridade. Estava então Semira numa quinta; e no caminho informaram Zadig, que essa linda Senhora, depois de declarar a insuperável aversão, que tinha a gente torta, nessa mesma noite se desposara com Orcan. Caiu sem sentidos, quando ouviu tal nova, e pô-lo a dor às portas da sepultura: tardio convalesceu: a Razão porém vencendo a Mágoa, da mesma atrocidade do feito soube tirar alívio.

«Já que numa Menina, criada no Paço, experimentei tão cru capricho, esposar quero uma burguesa»: e escolheu Azora, a mais sisuda, e bem nascida dentre as da Cidade, com quem viveu um mês, nas delícias do mais terno vínculo: somente lhe estranhava uma certa leveza, e propensão a dar por mais ajuizados, e mais virtuosos, os mancebos mais bem parecidos.

(1) Havia então um Babilónio, que c'uma bolsinha pendurada ao pescoço, sarava (nas gazetas), e prevenia todas e quaisquer apoplexias.

[ix] *Sic.*

O NARIZ

TORNAVA um dia Azora mui agastada do passeio, e grandes exclamações fazia.

— «Que tens, minha amada Esposa? (lhe diz Zadig) Quem te traz tão fora de ti mesma?»

— «Ah (diz-lhe ela) que te agastarias como eu, se viras o que eu presenciei. Fui consolar a viuvinha Cosru, que dous dias há, que ergueu um sepulcro ao seu jovem Esposo, junto do ribeiro que orla estes amenos prados; e que de sentida prometeu aos Deuses ficar ao pé do moimento, enquanto as águas do ribeiro lhe banhassem os alicerces...»

— «Estimável mulher (interrompeu Zadig) que a seu marido amou com veras».

— «Ah que se tu souberas (acudiu Azora) em que se ela ocupava, quando agora a visitei!»

— «Em quê? formosa Azora.»

— «Em desviar o leito do regato.» E dali continuou a disferir tão longas invectivas, arguindo com tão desentoada violência a triste Viúva, que esse alarde de virtude desagradou a Zadig.

Ora este era amigo de Cador, um dos moços em que Azora distinguia mais probidade, e méritos, que nos outros; com ele pois se abriu Zadig, afiançando-se de poder muito com ele, por meio dum grandioso presente. Dous dias fora passar no Campo Azora, em casa duma amiga sua, donde no terceiro voltando, alcançou dos lastimados domésticos, que naquela mesma noite falecera repentinamente seu marido, de cuja ruim notícia nenhum deles quisera ser Correio; e que agora o acabavam de enterrar nas extremidades do jardim, jazigo de seus Maiores. Chorou, arrepelou as madeixas, e jurou dar fim à vida. Eis que à noite lhe pede Cador licença de falar-lhe: falaram, carpiram juntos. Então lhe contou Cador, que o seu Amigo Zadig lhe testara a maior parte de seus cabedais; e também lhe deu a entender que librava toda a sua dita em desfrutar com ela todas essas riquezas. Ela chorou, lastimou-se; mas foi abrandando — e já a ceia durou mais do que o jantar — falou-se com mais confiança — deu Azora elogios ao defunto

— somente lhe achava alguns defeitos, de que Cador lhe parecia isento.

Já a Ceia ia em meio, quando Cador entra a queixar-se de agudas dores do ventre. A Dama dessorregada, e pesarosa chama quem traga quantas essências usava em seus perfumes, por tentar que alguma o aliviasse daquele mal. Então é que lamentou não se achar ainda Hermes em Babilónia: até se dignou anafiar com a sua mão a parte dolorida.

— «És sujeito a essa cruel moléstia», lhe dizia maviosa.

— «Põe-me às vezes nos umbrais da morte. Um único remédio me alivia; que é o nariz de um homem, morto na véspera, eplicado na parte» (lhe respondeu).

— «Esquisito remédio!», lhe diz Azora.

— «Não é mais esquisito do que as *bolsinhas do Senhor Arnou* ⁽¹⁾ contra as Apoplexias. »

Essa razão, junta com os grandes méritos do mancebo determinaram enfim a Senhora.

— «Embora (dizia consigo) quando meu marido atravessar do mundo de hoje para o mundo de amanhã, pela ponte Tchinar, recusar-lhe-á passagem o Anjo Asrael, ^[x] porque ele leva para a segunda vida o nariz menos comprido, que na primeira?»

Lança a mão a uma navalha, vai-se à campá do marido, orvalha-a com suas lágrimas, e dispõe-se a cortar o nariz do que achou estirado no jazigo. Mas eis que Zadig se ergue, e amparando com uma mão o seu nariz, e com a outra a navalha desviando.

— «Senhora (lhe diz então) não clames contra a viúva Cosrou; que o intento de cortar o nariz, bem vale o de arredar o ribeiro.»

O CÃO E O CAVALO

EXPERIMENTOU Zadig, que (como está escrito no livro do Zend) o primeiro mês do casamento é Lua de mel, mas o segundo é Lua de fel;

e viu-se, pouco tempo depois, obrigado a repudiar Azora, que se fez ruim de aturar; e buscou no estudo da Natureza a sua felicidade. «Nada há mais afortunado (dizia ele) que um Filósofo, que lê pelo grande livro, que Deus abriu ante os nossos olhos: são, como suas, as verdades que descobre, com que alimenta, com que engrandece a alma; repousado vive; nada receia dos humanos, nem lhe vem a enternecida Esposa decotar o nariz.»

Embelezado nessas ideias se retirou às ribanceiras do Eufrates, onde tinha uma Quinta, e lá se entretinha, não em calcular quantas polegadas de água corriam dentro dum segundo, por baixo dos arcos duma ponte; nem se caía mais no mês do Rato, que no mês do Capado uma linha cúbica de chuva; não cismava em de teias de aranha tirar seda; nem de garrafas quebradas compor louça da Índia. Estudava sim, e mormente, as propriedades dos animais, e das plantas, em que adquiriu uma agudeza, com que atinava em mil miúdas diferenças, de que não davam fé os outros homens.

Passeiando um dia junto dum bosque, viu que corria a ele um Eunuco da Rainha; seguiam-no muitos Oficiais de Palácio, que demonstravam em si sumo desassossego; corriam aqui, além, como gente atroada, que busca perdido o seu mais precioso.

— «Mancebo, (lhe diz o Primeiro Eunuco) viste acaso o Cãozinho da Rainha?»

— « Não era Cão (respondeu modestamente Zadig) mas sim uma Cadelinha.»

— «Tens razão», acudiu o Primeiro Eunuco.

— «E é Espanhola, e mui pequena (acrescentou Zadig), é parida de pouco, e coxeia da mão esquerda, e tem as orelhas muito descaídas.»

— «Então, viste-a» (disse muito esbaforido o Primeiro Eunuco).

— «Não (respondeu Zadig) nunca a vi, nem sei se a Rainha tem Cadela.»

Naquele mesmo, e assinado momento fugiu (caprichos extraordinários da Fortuna!) das mãos do palafreheiro, nos plainos de Babilónia, o mais formoso Cavallo da Real Cavalharia. Corriam com tanta ânsia, trás ele o Monteiro mor, e demais Oficiais, quanto o Primeiro Eunuco em pós da Cadelinha. Veio ter com Zadig o Monteiro mor, e indagou dele se vira por ali passar o Cavallo de El-Rei. — Nem

há Cavalos, que melhor galope: tem cinco pés de altura, cascos pequenos, cabo de três pés e meio de comprido; os cubos do freio são de ouro de vinte e quatro quilates, e as ferraduras de prata de onze dinheiros.

- «Por onde tomou? Onde é que está?» perguntou o Monteiro mor.
- «Nem o vi (disse Zadig) nem nunca ouvi nele falar.»

Não duvidou o Monteiro mor, nem o Primeiro Eunuco ser Zadig o roubador da Cadelinha, e do Cavalos; portanto foi levado à Junta do *Desterham*, onde o condenaram ao Knout, e passar na Sibéria o resto de seus dias. Eis que apenas se proferira a Sentença, acharam a Cadelinha, e o Palafrem: e então se viram os Juizes na lastimosa *n e c e s s i d a d e* de reformar a Sentença. Condenaram porém Zadig em quatrocentas onças de ouro por dizer que não vira o que na verdade não viu; nem houve mais remédio que pagá-las; salvo o direito de pleitear no Grande Desterham a sua causa, onde orou assim:

«Estrelas da Justiça, abismos das Ciências, espelhos da Verdade, que do chumbo tendes o peso, do ferro tendes a dureza, do diamante o brilho, e com o ouro mui chegado parentesco; pois que me é dado falar ante este augusto Consistório, por Orosmaes vos juro, que nunca vi a veneranda Cadela da Rainha, nem o sacro Cavalos do Rei dos Reis. Eu vos descifro o que realmente me aconteceu. Passeiando num bosque, onde depois me encontrei com o respeitável Eunuco, e o muito ilustre Monteiro mor, vi pela areia rastos dum animal, de que facilmente colhi serem de Cadelinha; leves e compridos regos impressos pelas empo-linhas da areia, entre o trilho das patas, me verificaram serem das tetinhas pendentes de cadela, pouco há, parida; outros sinais, e por diferente jeito, que seguidamente varriam a flor da areia das mãos, me persuadiram que as orelhas lhe beijavam o chão; e como eu reparasse, que a areia estava mais ao de leve calcada sempre por aquela, que pelas outras três patas, assentei que a Cadela da nossa augusta Rainha manquejava (se me é lícito dizê-lo) da mão esquerda.

«Tocante ao Cavalos do Rei dos Reis, tendes de saber, que passeiando eu pelas veredas deste bosque, dei sinal de ferraduras de Cavalos, e todas em distâncias iguais; de que presumi que era de perfeitíssimo galope, por uma senda estreita, que não tem mais que

pés de largo, vi um pouco levantada à direita e à esquerda a poeira pelo arvoredo, altura de três pés e meio pelo trilho da vereda; e logo conjecturei, que três pés e meio tinha de comprido o cabo do Cavallo; vista a altura do pó que co'as espanadelas sacudiu. Vi por baixo das árvores, (que cinco pés de alto se abobadavam) folhas caídas de fresco, e conclui, que pois o Cavallo roçou pela rama, devia de ter cinco pés de alto. Quanto ao freio ser de ouro de vinte e quatro quilates, adverti-o eu do roçamento, que os cubos deixaram numa pedra, que averigui ser de toque, e na qual fiz a experiência. Pelos sinais enfim, que as ferraduras pratearam noutros diferentes seixos, julguei que eram de prata de onze dinheiros.»

Admiraram-se os juizes todos do subtil ingenho de Zadig, e chegaram as notícias dele a El-Rei, e à Rainha; nem pelas antecâmaras, salas, e camarins se falava em mais do que em Zadig; e dado que muitos Magos fossem de parecer, que se queimasse Zadig por feiticeiro, mandou contudo El-Rei, que lhe restituíssem a multa das 400 onças de ouro, em que o tinham condenado. O Escrivão, os Meirinhos e os Procuradores vieram com grande aparato trazer-lhe a Casa as 400 onças de que desfalcaram-no somente 398 para as despesas da Justiça; e os Criados pediram as propinas.

Viu Zadig quão perigosas eram às vezes demasias no saber; fez consigo termo de mais nada dizer dali em diante. Logo se lhe ofereceu lance de pôr o termo em praxe; porquanto fugira um preso de Estado, e passou-lhe por baixo das janelas. Perguntado Zadig, nada respondeu: e como lhe provassem, que ele o vira da janela, foi condenado por esse delicto, em 500 onças de ouro; de que ele (segundo os usos de Babilónia) rendeu graças aos Juizes. «Poderoso Deus (dizia ele entre si) quanto é para lastimar quem passeia por bosques, em que passam Cavallo d'El-Rei, ou Cadela da Rainha! E que arriscado que é pôr-se à janela! E quão difícil nesta vida é ser feliz!»

(1) Vid. Encyclopedia, verbo *Teurgiste*.

(2) Vid. GOUVEIA. Vida do Arcebispo D. F. Aleixo de Menezes.

O INVEJOSO

QUIS Zadig consolar-se com a Filosofia, e com a Amizade, dos encontrões, que a Fortuna lhe tinha dado; e como num subúrbio de Babilónia tinha Casa adereçada com primor, aberta a todas as Artes, e a todos os prazeres dignos dum homem honesto, de manhã franqueava a sua Livraria aos Sábios, de tarde a sua mesa a toda a boa Companhia: mas depressa escarmentou quanto ocasionados são os Sábios; porque erguendo-se uma disputa renhida acerca duma lei de Zoroastro, que proibia comer Grifos...

— «Para que proíbe comer Grifos se tal animal não há?» (diziam uns).

— «Há-de havê-lo (diziam outros) pois que Zoroastro manda que o não comam.»

Quis Zadig concordá-los, com dizer-lhes:

— «Se há Grifos não os comamos, e se os não há, ainda menos os comeremos; fica bem obedecido de todos Zoroastro.»

Um Sábio porém, que tinha composto 15 volumes acerca das propriedades dos Grifos, (acresce, que era ele grande Teurgista) ⁽¹⁾ foi de carreira acusar Zadig a Yebor, o mais asno de todos os Arquimagos, e por tal o mais fanático, que para maior glória de Mitras, mandaria pôr Zadig no caloete, ⁽²⁾ e lhe rezaria para sua consolação, mui folgadas Completas, bem satisfeitos de si. Cador (vale mais um amigo, que cem Bonzos!) vai ter c'ó velho Yebor, e lhe diz:

— «Viva Mitras, e os Grifos vivam. Queres punir Zadig? Zadig, que cria Grifos no seu pátio, e nunca deles come! Zadig é um santo: o seu acusador, é que é um herege, o que se atreve a afirmar que os Coelhoos têm unha fendida, e que não são imundos.»

— «Está bem (disse Yebor, meneando a cabeça avelada) ponham Zadig no caloete, porque pensou mal dos Grifos; e mais o outro, porque falou mal dos Coelhoos.»

Cador acomodou o negócio, metendo de permeio uma moçoila de quem já tivera um filho, a qual privava muito no Colégio dos Magos. Ninguém puseram no caloete, de que muitos Doutores murmuraram,

e dali pressagiaram a ruína de Babilónia. Exclamou então Zadig: «Em quão pouco prende a Dita! Tudo me persegue: até os Entes que não existem!» Amaldiçoou os Sábios, e não quis viver, senão com gente de boa feição.

Assistia defronte de sua morada Arimazo, cuja alma ruim se lhe assoalhava no grosseiro rosto: definhava-se (de mau que ele era) e rebentava de soberbo; prendas que ele coroava com discretear enojosamente. Como no mundo nunca a Fortuna lhe soprou, vingava-se em dizer mal; e dado que rico fosse, custava-lhe a ajuntar em Casa adutores; o motim das carruagens, que paravam a noite à porta de Zadig, o angustiava; angústia que subia de ponto co' brado dos louvores, que davam a Zadig. Às vezes ia a Casa deste, e se lhe sentava à mesa, sem ser rogado, aguando com sua presença toda a alegria da sociedade, como dizem das Hárpias, que empestavam os manjares, que enxovalhavam. Sucedeu-lhe, que convidando ele para um banquete, certa fidalga, esta não só não lho aceitou, mas foi ceiar essa mesma noite com Zadig; e no dia seguinte, conversando o tal, e mais Zadig no Paço com um Ministro, este convidou Zadig a ceiar, e a Arimazo não. Não têm mais fundo alicerce, muitas vezes, os ódios mais figadais. Esse homem, dito em Babilónia, por antonomásia — o *Invejoso* — de ouvir pregoar Zadig por afortunado, quis deitá-lo a perder. Depara um só dia em ocasiões de fazer mal, e um ano não abre às vezes uma de fazer bem, segundo diz Zoroastro.

Foi o Invejoso a Casa de Zadig, que em seus jardins passeiava então com dous amigos, e uma Dama a quem dizia cousas discretas, sem outra intenção mais, que a de lhas dizer; e a conversação versava acerca da guerra, que há pouco tão felizmente concluía El-Rei contra o Príncipe da Hircânia, seu vassalo. Zadig, que nessa curta guerra assinalara a sua valentia, louvava muito a El-Rei, mas muito mais louvava a Senhora. Nisto, pega num lápis, e lança quatro versos improvisos num papel, que lhe deu a ler a ela: e posto que muito lhe rogassem os dous amigos, que lhos mostrasse, ele por modéstia, ou antes por amor próprio bem entendido, lhos recusou: porquanto estava firme em que versos de repente só têm valia no conceito da pessoa, a quem são feitos. Pelo que, rasgou o papel escrito, em dous pedaços, e os arrojou a uma mata de roseiras, aonde inutilmente os andaram buscando. Eis que sobrevém uma chuvinha miúda, e eles

que se recolhem ao abrigo da telha; e o Invejoso, que ficou no jardim, tanto esquadrinhou, que acertou c'um dos pedaços. Foi acaso rasgar-se o papel de modo, que o pedaço com que o Invejoso deparou, continha quatro versos, de arte menor sim, mas tão inteiros no sentido, e que por acaso ainda mais raro, diziam contra El-Rei, as mais insolentes injúrias.

Pelos feitos mais maus
 Seguro El-Rei no trono,
 Só na pública paz
 É o único inimigo.

Pela primeira vez em sua vida se deu por feliz o Invejoso, que lhe veio às mãos com que arruinar um virtuoso, e amável Cidadão; e entranhado em sua cruel alegria, fez que passasse ante os olhos de El-Rei essa Sátira, escrita por Zadig, a quem encarceraram, e com ele aos dous amigos, e mais a Dama; e incontinente lhes foi feito sumário, sem que, ao menos, fosse ele ouvido. Quando o trouxeram a ouvir a Sentença, o estava esperando na passagem o Invejoso, que lhe disse em voz alta, que os seus versos não prestavam. Ora Zadig não blasonava de Poeta; indignava-se porém, que o condenassem por crime de Lesa-Majestade, e que ficassem na prisão, por um crime, que ele não cometeu, uma Senhora, e dous amigos dele. Nem ainda, que falasse lhe foi consentido; dizendo-lhe, que o papel por si falava. Tal era a Lei de Babilónia! Caminhou pois para o suplício, rompendo por um tropel de gente curiosa, que nem ao menos o lastimava, e se amontoavam ansiosos de lhe ver a cara, e ver se morria airoso. Sim estavam aflitos os Parentes, em razão somente de que o não herdavam; visto que os três quartos de seus cabedais iam para o fisco de El-Rei, e a quarta parte para o Invejoso.

Quando se ele estava dispondo para morrer... Eis que foge da gaiola o Papagaio de El-Rei, e vai pousar num rosal do jardim de Zadig... Eis que ergue no bico um pêssigo, que acaso derribara o vento da árvore... Eis que pegado ao pêssigo vinha o resto do papel dos versos. Levanta o Papagaio o voo em busca dos joelhos do Monarca; este que viu o papel, curioso o lê, e não lhe achando sentido, como fins de versos que eram, e aliás gostando de Poesia (sempre há regresso

com Príncipes que folgam de ouvir versos!) deu-lhe que cuidar a aventura do Papagaio. A Rainha, que se lembrava do que estava escrito na outra metade do papel rasgado, mandou que lho trouxessem, e combinados os dous pedaços, que ao justo inteiravam um com outro, leram neles os versos, quais Zadig os escrevera:

Pelos feitos mais maus turbou-se a Terra;
Firme o Rei no seu trono domou tudo.
Só, na pública paz, Amor guerreira,
É o único inimigo, que tememos.

Mandou logo El-Rei, que perante ele trouxessem a Zadig, e que soltassem os seus dous amigos, e mais a Dama. Zadig chega; e prostrado aos pés de El-Rei, e da Rainha, lhes pede humildissimamente perdão dos versos, que tão mal fizera. E ora com tão bom termo, agudeza, e acerto falou ele, que El-Rei, e a Rainha quiseram, que inda viesse vê--los. Tornou; e como ainda agradou mais, todos os bens do Invejoso lhe foram decretados; mas Zadig lhos remeteu: o prazer porém de não perder o que tinha, foi o que unicamente deu movimento na alma do Invejoso, que tão injusto o havia criminado. Medrava de dia em dia a estimação, que de Zadig El-Rei fazia; para todos os divertimentos o convidava; em todos os negócios lhe ouvia o voto; e desde ali começava a Rainha a olhá-lo com certa complacência, que lhe poderia ser perigosa, como também a seu Esposo, e ainda a Zadig, e a todo o Reino. Inclina-se no entanto a crer Zadig, que não era difícil o ser ditoso.

OS GENEROSOS

CHEGOU o prazo de celebrar-se uma grande festa, que caía de 5 em 5 anos, e era uso em Babilónia declarar com solenidade, quem no trato daqueles 5 anos, obrara a mais generosa acção; e dela eram Juizes os Sátrapas, e os Magos. Expunha o primeiro Sátrapa, Velador do sossego da Cidade, as acções mais bizarras, que no seu governo, foram disferidas, e depois ia a votos; e a Sentença El-Rei é quem a proferia. Corria, desde os confins do Mundo, a gente a esta solenidade, em que das mãos Reais, recebia o Vencedor uma taça de ouro, montada de pedraria, e com ela as razões seguintes: «Aceita o galardão da generosidade, e praza a Deus, que me dê ele muitos Vassalos, que se te assemelhem.»

Vindo que foi o memorável dia, appareceu El-Rei no trono, acompanhado dos Grandes, dos Magos, e dos Deputados de todas as Nações, que vinham a estas festas; onde, não pela ligeireza dos Cavalos, não pelo vigor do corpo, mas sim pela virtude se conseguia o prémio. Relatou, em voz alta o primeiro Sátrapa as acções, que podiam a seus autores granjear essa inestimável gratificação, sem nomear a generosidade com que Zadig entregou ao Invejoso todo o seu cabedal; acção que desdenharia entrar com outras em pleito, para o galardão.

Nomeou o Sátrapa em cabeça de lista um Juiz, que foi causa (dado que inculpável) que um Cidadão perdesse uma demanda de alto preço; mas que reparou todavia o seu descuido, com dar-lhe quanto ele Juiz possuía, o que orçava pela quantia, que a parte perdera.

Falou depois num Mancebo, que amando extremadamente uma Menina, com quem estava bem próximo a casar, a cedeu contudo a um amigo seu, porque o viu a pique de morrer dessa paixão; e de sobra, com ceder-lhe a Esposa, lhe deu de mimo o dote.

Apontou mais um Soldado, que na guerra da Hircânia, dera maior abono que esses, e fora tão generoso, que levando-lhe os inimigos a sua Dama prisioneira, quando ele mais bravo a defendia, vêm dizer-lhe, que a alguns passos dali, outros Hircânios lhe

roubavam a Mãe; corre a salvá-la, entre prantos de não poder salvar a sua Dama. Tendo salvado a Mãe, quer salvar súbito a Dama; ... eis que depara com ela, que expirava. Cuida em matar-se; mas põe-se-lhe diante a Mãe, e afigura-lhe o desamparo em que ela fica se ele morre... Pois teve coragem o Soldado de dilatar a vida.

Já os Juizes propendiam para o Soldado, quando acode El-Rei, dizendo: «Grandiosas foram as suas acções, e também as dos outros; não me admiram: porém sim a que ontem fez Zadig. Essa assombrou-me. Havia dias, que eu tinha desvalido Coreb, Ministro meu, e meu Privado; e até dele mui veemente eu mesmo me queixava: já todos os Cortesãos me abonavam de clemente, e porfiavam a qual me d i r i a mais mal de Coreb. Perguntei a Zadig qual era o seu parecer: ousou dizer-me bem de Coreb. Confesso que tenho lido em nossos Anais, que houve homens, que com dinheiro sanearam descuidos, que cederam Damas, que antepuseram Mães aos empregos de suas afeições; mas Cortesão, que falasse com elogio em Ministro disgraciado, quando agastado o Soberano diz mal dele, nunca tal encontrei nos Livros. Assim dou a cada um desses generosos, que nomeastes, 2000 dobras de ouro, mas a Zadig a taça.»

«Senhor (lhe diz Zadig) a taça, V. Majestade é quem único a merece; que uma acção fez, nunca agora ouvida: era Rei, e não se agravou de que lhe contradissem a paixão um Servo seu.» Espantou a todos a acção de El-Rei, e a de Zadig. O Juiz, que deu o seu cabedal, o Soldado, que casou a sua Dama com o seu amigo, e o outro Soldado, que antepôs salvar a Mãe ao salvar a Dama, todos receberam donativos do Monarca, e viram seus nomes escritos no Livro dos Generosos. Houve Zadig a taça, e El-Rei obteve o renome de Príncipe excelente, que não lhe durou muito. Dia foi este consagrado a mais dilatados festejos, que os encomendados pela Lei; e ainda hoje na Ásia, a memória dele se conserva. «*Sou feliz*» (dizia Zadig) — e se enganava.

O MINISTRO

ACHANDO-SE El-Rei sem primeiro Ministro, encheu o posto com Zadig; escolha, a que todas as formosas Senhoras de Babilónia aplausos deram; porquanto desde que o Império tinha sido Império, nunca Ministro houvera tão mancebo. Todos os Cortesãos se agoniaram; escarrou sangue o Invejoso, e lhe inchou descompassadamente o nariz. Zadig, tendo agradecido a El-Rei e à Rainha a nomeação, foi também dar graças ao Papagaio: «Ave gentil (lhe disse) tu me salvaste a vida, tu me fizeste primeiro Ministro; mais bem recebi de ti, do que recebi dano da cadela, e do Cavalo de suas Majestades.» De que lanços dependem os humanos Fados! Quem sabe quão cedo se desvanecerá tão estranha ventura? — «Sim.» (respondeu o Papagaio). *Sim* foi este que estupefez Zadig; mas como era Físico de grande polpa, e como não tinha por exímios Profetas os Papagaios, tornou logo em si, e cuidou em desempenhar (segundo suas posses) o seu emprego.

Inteirou a todos do quanto é sagrado o poder das Leis; não molestou ninguém com o peso da sua dignidade; não assoberbou os votos no Divan, onde cada Vizir, podia, sem disgustá-lo, ser de encontrado sentimento. Se julgava um litígio, não era ele quem dava a Sentença; mas sim a Lei; se a Lei era severa, ele a adoçava; se faltava Lei terminante para o caso, combinava logo a sua Equidade uma, que disseras, que a ditara Zoroastro.

Dele é que herdaram as Nações a prestante máxima, *Mais vale salvar um criminoso, que condenar um inocente*. Também estava, em que tanto são as Leis para socorrer os Cidadãos, quanto o são para intimidá-los. Desde os primeiros dias do seu Ministério abriu a porta franca a esse talento seu. Morrera na Índia um afamado negociante de Babilónia, que deixava dous filhos seus, por herdeiros, em quinhões iguais, logo que houvessem dado estado a sua Irmã; e mais 30000 dobras de ouro, de mimo ao filho, que constasse que mais o amava. O mais velho edificou-lhe um mausoléu; o segundo agigantou o dote à

Irmã, com uma parte da sua legítima. — *O mais velho* (diziam todos) *quer mais ao Pai, o segundo à Irmã.* Ao mais velho tocam as 30000 dobras.

Soube-o Zadig, e chamou-os um após outro. Disse ao mais velho: «Teu Pai melhorou da última doença, e cedo chega a Babilónia.» — «Bendito seja Deus (responde o mais velho); todavia, caro preço me custou o seu jazigo.» Veio o segundo, e repetiu-lhe Zadig o mesmo dito. «Louvado seja Deus (respondeu o segundo): darei a meu Pai quanto possuo. Quisera porém, que não tirasse meu Pai a minha Irmã, o

que já lhe dei.» «Tens de ficar com tudo (lhe tornou Zadig) e com as 30000 dobras de mimo; porque mais que teu Irmão, a teu Pai amas.»

Tinha a dous Magos prometido casamento uma riquíssima Donzela; e tendo por alguns meses recebido doutrinas dum, e doutro, se achou pejada: ambos a pediam por Esposa; porém ela porfiava em não aceitar por marido, senão a quem fez, que ela desse ao Império um Cidadão — «*Essa boa obra* (diz um) *eu a fiz.*» Outro dizia — «*Eu é que tenho esse mérito.*» «*Por tronco desse fruto* (respondia ela) *aclamarei aquele, que melhor educação lhe der.*» Pariu um filho, que um, e outro Mago pretenderam educar. Subiu o pleito a Zadig; e este a ambos mandou chamar; ao primeiro perguntou: «*E que hás tu de ensinar ao Pupilo?*» — «*As oito partes da Oração* (disse o Doutor) *a Dialéctica, a Astrologia, a Demonomania; o que é substância, e o que é acidente, o que é Abstracto, e o que é Concreto, as Mónadas, e a Prostituta Harmonia.*» — «*Eu* (diz o segundo) *empenhar-me-ei em fazer que seja ele justo, e digno de ter amigos.*» — «*Sejas seu Pai, ou não* (sentenciou Zadig) *tu a desposarás.*»

A cada passo à Corte vinham queixas contra Irax Itimadulet de Média, que era um grande Magnata, cuja índole não era em si má, mas que a vaidade e os deleites lha tinham estragado. Mui raro consentia que os outros lhe falassem; e que se afoitassem a contradizê-lo, nunca. Mais voluptuosas que ele não são as pombas, nem mais vaidosos os pavões; quanto às Tartarugas essas menos perguença têm do que ele; falsos prazeres, falsa glória eram o ar que ele respirava. Tomou a peito Zadig pôr-lhe emenda.

De mandado d'El-Rei lhe remeteu um Mestre de Música acompanhado de doze vozes, e vinte e quatro rebecas, um Mordomo com seis Cozinheiros, e quatro Camaristas, que o não tivessem de

largar de si. Rezava a ordem d'El-Rei que se observasse ponto por ponto a etiqueta seguinte.

Desde que acordou o voluptuoso Irax entrou o Mestre de Música no primeiro dia, e na sua cola as vozes e os violinos: cantaram-lhe uma Cantata, que durou duas horas; e de três em três minutos repetiam-lhe o estribilho:

Que extremo que é seu mérito!
Quanta graça e grandeza!
E Monsenhor, oh quanto
De si deve estar contente!

Depois de finda a Cantata lhe fez um Camarista uma fala, que durou três quartos de hora, em que sem que uma só falhe, o panegiricou acerca de quantas boas qualidades ele não tinha. Após ela, e ao som dos instrumentos o puseram à mesa. Durou o jantar três horas; e mal que falar quis, acudiu o primeiro Camarista: «Terá razão em quanto disser.» Teria dito quatro palavras, que eis exclama o segundo Camarista: «Foi razão quanto falou.» Os outros dois Camaristas romperam em grandes gargalhadas acerca da agudeza que Irax metera, ou devera meter no que disse. Depois de jantar repetiram-lhe a Cantata, com o porfiado estribilho.

Que delicioso lhe pareceu este primeiro dia assentando que eram honras, que a seus méritos fazia o Rei dos Reis! Menos agradável lhe pareceu o segundo dia; e já o terceiro o molestava: pois o quarto quebrou-lhe a paciência, e suplício lhe foi o quinto. Por fim, apurado de ouvir sempre cantar: *E Monsenhor, ó quanto de si deve estar contente*, de sempre ouvir que sempre tinha razão, e panegiricado ser todos os dias à mesma hora, fez petição a El-Rei que o dispensasse de Camaristas, de Músicos, e Mordomo; com promessa que de ora em diante se applicaria mais, e seria menos vaidoso. Consentiu menos incenso, menos festas, e mais ditoso foi. Que com o diz Sadder: prazer sem fim não é já prazer.

AS DISPUTAS, E AS AUDIÊNCIAS

ASSIM demonstrava Zadig, de dia em dia, a agudeza de seu ingenho, e a bondade da sua índole. Admirava a todos; e o que é mais, todos o amavam; e o tinham pelo homem mais ditoso. Seu nome ressoava em todo o Império; e as mulheres todas o olhavam pelo canto do olho. Sua justiça todos os Cidadãos a celebravam; como a Oráculo seu o contemplavam os Sábios; e por mais sábio, que o Arquimago Yebor o tinham os mesmos Sacerdotes. Quanto estavam então eles arredados de lhe formarem processo à conta dos Grifos! Tempo era esse em que cada um cria o que lhe parecia crível.

E ora durava em Babilónia, além de 1500 anos certa disputa, que dividia o Império em duas porfiadas seitas, uma das quais pugnava que no Templo de Mitra, com o pé esquerdo se devia encetar a entrada; a outra seita, detestando tal costume, entrava sempre com o pé direito; e para a solenidade do *Fogo sacro* apontavam as esperanças, e ali verem com que pé Zadig entrasse, e julgar daí, qual das Seitas seria a sua mimosa. Nos dous pés de Zadig tinha todo o Universo os olhos postos; toda a Cidade estava alvoroçada, e suspensa. Que faz Zadig? Salta a pés juntos o lumiar do Templo, e num eloquente arrazoado, lhes prova que não faz aceitação de pessoas o Deus dos Céus, e da Terra; nem mais caso faz da perna direita, do que da esquerda. A cujo arrazoado achacaram o Invejoso, e sua Mulher certa mesquinhez de Hipotipósis, e Metonímias, e não haver nele danças de montes, nem ainda ao menos de outeiros. — *Não vimos* (diziam) *fuga de mares, quedas de astros, sóis derretidos, etc. Não é fecundo; é seco; falta-lhe a figura do estilo Oriental.* E Zadig? Zadig contentava-se com ter o estilo da razão; e do seu voto eram todos: não porque ele seguia o melhor trilho, não pelo seu acerto, nem pelo muito que se dava a querer; mas porque era primeiro Vizir.

Pelo mesmo teor cortou rente a grande demanda, que corria entre os Magos pretos, e os Magos brancos. Asseveravam os Brancos que era impiedade no inverno orarmos a Deus, com a cara voltada para o

Oriente; e os Pretos afirmavam, que se horrorizava Deus de quem voltado para o Poente lhe fazia orações, no estio. Mandou Zadig que se voltassem, como quisessem.

Atinou também com o segredo de despachar de manhã os negócios, assim gerais, como particulares; e entreter-se no mais resto da dia, em aformosear Babilónia. Mandava representar Tragédias, que fizessem chorar, e Comédias, que fizessem rir, que (muito havia) não andavam em moda. Fez com que elas ressurgissem; que o entendia ele assim: não já que se desse por melhor entendedor, que os dessa Arte; mas sim porque os remunerava bem, e bem os distinguia, não sendo homem, que cobrasse ciúmes dos talentos de ninguém. Às noites, divertia muito a El-Rei, e à Rainha.—*Grande Ministro!* (dizia El-Rei). E a Rainha dizia: — *Amável Ministro*. E logo ambos: «Que pena fora a de o haverem enforcado!!!»

Nenhum Vizir, em semelhante posto, se viu obrigado a dar tantas audiências a Senhoras, muitas das quais lhe vinham falar em dependências que não tinham; para a terem unicamente com ele. E dessas foi a primeira a Mulher do Invejoso, que lhe jurou por Mitra, por Zenda Vesta, e pelo Fogo sacro, que sempre abominara o termo de seu Marido, para com ele; e lhe disse em segredo, que seu Marido era um Cioso, um Brutal; dando-lhe, a entender, que bem castigado andava dos Numes, que lhe negavam os preciosos efeitos do sagrado fogo, que põe nos homens assomos de divinos; e rematou, com deixar cair no chão uma liga sua, que Zadig, com a sua costumada cortesia, ergueu, mas teve o descuido de não a atar na perna desligada. Erro foi esse, que lhe ela nunca perdoou; e que foi depois a nascente de seus mais lastimosos infortúnios. Caiu da lembrança esse caso a Zadig; mas não a ela, que mais que muito o memorou.

Todos os dias vinham Senhoras à audiência; e conta-se (às encobertas) em Babilónia, que uma vez caíra com uma: e que muito estranho ficara de que se tivesse gozado dela, sem apetite, e de que distraído a abraçara. Ora essa, a quem, sem quasi dar tento, demonstrou abonos de protecção, era uma Aia da Rainha Astarte, que para consolação sua, dizia entre si: «Mui sobejos devem de ser os negócios, que lhe pejam o juízo, que nem dá tino de si, quando acaricia as Damas!» Nos lances, em que muitos nem palavra dizem, ou se as dizem são sagradas, escapou por desatento a Zadig, exclamar: «A

Rainha!» Do que a Aia creu, que dando, naquele feliz instante, acordo de si, dissera: «*Minha Rainha!*» Mas Zadig, distraidíssimo (como sempre) soltou o nome de Astarte. Ainda a Aia o interpretou a seu favor, como se lhe ouvira dizer: «*És mais linda, que a Rainha Astarte*»; e saiu do Serralho de Zadig custosamente brindada, e logo foi contar a sua Dita à Mulher do Invejoso, que picada, de que lhe fosse aquela preferida: «*E a mim (rompeu ainda) que nem se dignou somente de me apertar uma liga! Vai-te liga; que nunca mais me servirei de ti.*» —«*Ai (diz a Afortunada à Invejosa) Ai! que tens umas ligas, como as da Rainha! Compraste-as na mesma loge?*» Não respondeu: e depois de muito imaginar, foi-se ter consulta com seu Marido.

Deu fé Zadig, que lhe vinham sempre distrações, quando dava audiências, sem atinar donde elas lhe procediam; e dissaboreava-se. Veio-lhe um sonho; em que de primeiro se julgava em cama de ervas secas, e entre elas algumas que o picavam, que o molestavam; depois repousava numa cama de rosas, da qual saía uma Serpente, que com a trissulca, e empeçonhentada língua, o mordia no coração. «*Ai triste! (dizia consigo) Sobre ervas, e picantes já eu jazi bem tempo; agora durmo sobre rosas. Mas a Serpente...*»

O CIÚME

DE seio mesmo da felicidade, e mais ainda do mesmo merecimento seu abrolihou a Zadig a sua desventura. Tinha todos os dias conversação com El-Rei, com Astarte sua augusta Esposa; e como os primores da sua prática dobravam de preço, inspirados pelo desejo de agradar (que valem, acerca do ingenho, o que valem os atavios acerca da formosura), o viço dos anos de Zadig, e as muitas prendas suas foram calando no animo de Astarte, sem que ela o percebesse. No seio da inocência medrava a amorosa paixão; e sem escrúpulo, e sem receio se entregava a Rainha ao prazer de ver, e de escutar um homem querido do seu Esposo, e de todo o Reino. Não se cansava de o gabar a El-Rei; a cada instante falava nele às suas Criadas, que requintavam então em seus louvores. O que servia a lhe encravar mais no peito a flecha, de que ela inda não sentia a dor. Presenteava a Zadig com mimos, que encerravam mais galanteio, que neles ela imaginava. Cuidava ela falar-lhe, como Rainha contente dos serviços seus; mas os termos, às vezes, eram de mulher já afeiçoada.

Era Astarte mais formosa que Semira, que tanto aborrecia tortos; mais formosa que Azora, que quis cortar o nariz ao seu Esposo: e ora da familiaridade, e conversações com Astarte, que já delas começava a corar, da ternura também dos olhos dela, dado que ela forcejava em arredá-los de Zadig, e que sempre encaravam com os dele, se lhe ateou incêndio tal, que ele mesmo de si pasmou. Combateu, clamou à Filosofia que o socorresse; e dessa mesma Filosofia, que sempre lhe valera, tirou clarezas, não tirou alívio. Quais justiceiras Divindades lhe reluziam ante os olhos, o seu Dever, a Gratidão, a Soberana Majestade ofendida; e posto que combatia, e triunfava, a vitória. que cumpria que

de si ganhasse, lágrimas, e gemidos lhe custava. Nem já se atrevia a falar à Rainha com amena confiança, que tanto encanto para ambos tinha; os olhos se lhes toldavam de nuvens, as falas se lhes soltavam com forcejo, e desmanchadas; baixavam a vista; e quando os olhos de Zadig acertavam com os de Astarte, os viam húmidos de pranto; e disparar-lhe farpões acesos. Davam ideia de uns a outros se dizerem: «*Amamo-nos, e receamos de nos amar; e em chamas, que reprovamos, ardemos ambos*».

Perdido de ânimo, e como fora de si, se despediu Zadig: levava no coração um peso, que o assoberbava; tão violento, e tão ansiado, que ao seu amigo Cador lhe reveu o segredo. Viu nele um homem, que havia muito tempo, que em si mordía as lancetadas de acerba dor, e q u e malsinam a mágoa, que dentro do peito anda laborando, com um ai, arrancado pelo insofrimento, com as frias bagas, que pela face lhe assinalam regos.

Então lhe diz Cador: «Agora é que penetro em ti o âmago dos pensamentos, que tu até de ti mesmo encobrir quiseras; mas trazem as paixões divisas tais, que não consentem azos ao engano. Pesa bem no teu ânimo, se eu li ao claro as letras de teu coração. Pesa o que será de ti, se El-Rei chega a descobrir a ofensa, que lhe balanceias na alma. El-Rei, que outro desar não tem, senão o dos Ciúmes, em que a todos sobrepuja. Assim é, o que com mais força, do que a Rainha, porque és filósofo, e porque és Zadig, resistes à tua paixão. Astarte é mulher, e nela falam tanto mais imprudentes os olhos, quanto ela se não considera ainda por culpada, é que afiançada ainda na sua inocência, se descuida do que requerem os exteriores. Se tu, se a Rainha estivésseis já de acordo, traçaríeis modo de iludir os alheios olhos; mas paixões noviças, e pelejadas rebentam, ao passo que o amor sabe ocultar-se, quando se considera satisfeito.» Estremeceu Zadig ante o conceito de ser aleivososo ao seu Rei, ao seu Benfeitor; sendo-lhe então mais que nunca leal, quando o ofendia c'um delicto involuntário. A Rainha tão a miúdo proferia o nome de Zadig, de tal rubor se lhe tingia o semblante, ao profe-ri-lo; tal viveza, e ora tal enleio se apoderava dela, quando em presença de El-Rei falava a Zadig, e em tal meditação se profundava, quando Zadig saía dali, que El-Rei se desassossejou; principalmente quando reparou, que as chinelas da

Rainha eram azuis, e também as de Zadig; amarelo o turbante de Zadig, e amarelas também as fitas da Rainha. Aí foi o dar por certo o que via, e imaginar o que não via. Com indícios tão perniciosos, voltaram-se, no ânimo desabrido dum Monarca melindroso, em realidades as suspeitas.

Como são espias dos corações dos Reis, e dos corações das Rainhas, os Escravos que os servem, atinaram estes (e quanto antes!) que era amante a Rainha, e El-Rei cioso. Acresce, que empenhou o I n v e - joso a sua Esposa, a que enviasse a El-Rei a liga da sua perna, que por coroa da desgraça sucedeu ser azul e parecida com as da Rainha. Ei-lo o Monarca rematado em tirar vingança! Já quer envenenar a Rainha, nessa mesma noite, e dar garrote a Zadig, apenas que o dia aponte; ordens, que logo deu a certo Eunuco, desalmado verdugo de suas tiranias. Acaso se encontrou então no quarto um Anão, que era mudo, mas surdo não; e como fosse animal doméstico, de quem se não resguardavam, espreitava ainda os mais recônditos segredos. Ora, esse mudo era muito da devoção da Rainha; e como tal, ouviu com tanto espanto como horror, a ordem de sua morte. Mas como prevenir o transe, que dali a poucas horas tinha de realizar-se? Não sabia escrever, mas sabia debuxar; e um retrato seu era a pessoa ao vivo. Debuxou pois a El-Rei abrasado em furores, num canto do quadro, passando as ordens ao Eunuco; e em cima duma mesa, um cordel azul, e uma taça; ao pé dela ligas azuis, e fitas amarelas; no meio do quadro, a Rainha quasi expirando nos braços das Criadas, e a seus pés Zadig garroteado. Vinha assomando o Sol pelo horizonte, em sinal de que aos primeiros raios de Aurora se havia de perpetrar o feito. Acabada a pintura, vai de corrida ao aposento de uma Aia de Astarte, acorda-a, e faz com que súbito leve à Rainha o quadro.

Batem (quando iria a noite em meio) à porta de Zadig, despertam-no, e lhe entregam um bilhete da Rainha. Duvida Zadig se é sonho; e com trementes mãos descerra a Carta. E qual foi o espanto dele, e quem poderá exprimir qual foi a sua consternação, o seu desatino, quando tais palavras leu: «Foge — e já; que te arrancam a vida. Foge, Zadig; o meu amor to ordena, e as minhas fitas amarelas. Eu não me sinto culpada; e morrer criminoso me aflige.»

Faltaram-lhe a Zadig para falar as forças. Mandou chamar Cador, deu-lhe o bilhete; sem lhe soltar uma só palavra. E Cador lhe disse: «Obedece, e parte já, via de Mênfis.» «Se vás [✕] ter com a Rainha (diz mais Cador) a morte lhe aceleras; e a perdes, se com El-Rei falas. Segue os fados teus, que eu os dela sobre mim os tomo. Deitarei boato, que te encaminhaste para a Índia: eu irei ter contigo, e te darei conta do que tiver passado em Babilónia.»

Mandou-lhe pôr logo à porta falsa do Palácio de Zadig dous caminhantíssimos dromedários; e foi preciso, porque Zadig montasse, segurá-lo; que se via nas últimas da morte: no outro montou um Criado; nem tardou muito que não perdesse de vista o seu amigo, o estupefacto, e saudoso Cador.

Depois que transpôs o ilustre fugitivo um outeiro, donde se avistava ainda Babilónia, voltaram-se-lhe os olhos para o Palácio da Rainha, e caiu num delíquio, donde apenas vindo a seu acordo, se debulhou em lágrimas, chamou pela morte; e entranhado o pensamento no deplorável destino da mais amável das mulheres, da primeira Rainha do mundo, recolhido em seu conceito, exclamou assim: «Que é vida? E de que, oh Virtude, me hás tu servido? Duas mulheres indignamente me enganaram, e a terceira, que a todas as formosas vencia em formosura, muito inocente morre. Manancial de maldições me tem sido atéqui todo esse bem, que fiz. Se subi ao cimo das grandezas, foi para me despenharem na maior profundeza do infortúnio. Fora eu ruim, como tantos outros, e ver-me-ia feliz como eles.» Acurvado com reflexões tais, e toldados com véus de mágoa os olhos, infiado, e quasi mortal o rosto, a alma afogada no pego de taciturna desesperação, continuava Zadig a estrada para o Egipto.

A MULHER ZURZIDA

PELAS estrelas ia guiando o seu caminho. Aqui o Sírrio, astro brilhante, ali a Constelação de Orion o governavam para o pólo de Canopo: e ia admirando esses vastos globos de luz, que à nossa vista, assemelham apenas mínimas faíscas; ao passo que à nossa cobiça nos parece cousa tão nobre, e tão grande a Terra, que apenas é um ponto imperceptível na vastidão da Natureza. Então é que considerava os homens, quais eles com efeito são — insectos, que por uma migalha de lodo, se engolem uns a outros. Esse quadro, que é deles a vera efígie, lhe ia aniquilando os seus desastres, com lhe representar o *nada* que ele era, e o *nada* que era a afamada Babilónia: e ia-se-lhe a alma alando ao Infinito, quando, desprendida dos sentidos, contemplava a imutável ordem deste Universo. Quando porém voltando a si, entrava nos recônditos seios do coração, via ali neles morta, por amor dele, a Rainha Astarte. Dos olhos lhe desaparecia então todo o Universo; nem outra cousa via, senão a Astarte morta, e a Zadig desventuroso.

Neste fluxo, e refluxo de sublime filosofia, e de mágoas incomportáveis embebido, apontava já as fronteiras do Egipto, e já o fiel Criado lhe andava, por aqueles primeiros contornos, buscando cómoda pousada. Passeava Zadig em tanto pelos hortos, que orlavam a povoação; — eis que ouve, e não longe da estrada real, miserar-se-se uma mulher, e clamar socorro ao Céu, e à Terra; e em seguimento seu um homem todo iras, que alcançando-a e (apesar de ela o abraçar pelos joelhos) amiudava nela mui mau tratamento de palavras, e de mãos. Logo assentou Zadig, visto o violento teor do Egípcio, e os repetidos perdões, que a Moça lhe pedia, ser ele algum cioso, ela alguma desleal; mas reparando também no quanto ela sobrelevava a muitas em beleza, e os muitos ares, que dava da desfortunosa Astarte, grande foi o condoimento que teve dela, e grande o horror que concebeu da acção do Egípcio. «Acode-me (gritava a mulher, entre soluços, a Zadig) tira-me das mãos do mais bárbaro de quantos homens há; salva-me a vida.» Zadig, que da língua Egípcia tinha alguma inteligência, disse ao

Egípcio: «Se acaso há em ti porção de humanidade, respeita-lhe a celeste formosura, respeita-lhe a fraqueza feminil. Ultrajares assim um esmero da Natureza, que tens de joelhos, a teus pés e que outras armas não tem com que se defenda, senão lágrimas!...» — «Ah, ah! (lhe torna o despropositado Egípcio) também tu és dos seus desperdiçados? Em ti me vingarei.»

E nisto solta das mãos a madeixa, traça uma lança, arremete ao Estrangeiro; mas este, que se achava mui de sangue frio, evitou fácil a lançada dum furioso; antes lhe travou da lança, pelo cabo em que o ferro a esponta, e forcejando ambos, um pela desempachar, e o outro pela tirar das mãos, a partiram em duas. Aqui foi arrancar da espada o Egípcio, e Zadig também da sua; ei-los que investem. O Egípcio amiúda desatinados golpes, que Zadig rebate com destreza... E no entanto, sentada num altozinho, compunha a Dolorida o penteado, e via os dous brigarem. Era o Egípcio mais robusto, mas Zadig mais destro; e assim combatia como homem, cuja cabeça regia o braço; o outro como um cego enfurecido, e arremessado. Zadig entra por ele, desarma-o; e ao tempo que o Egípcio se atira a ele, Zadig o toma pela cintura, o derriba em terra, e co'a espada afincada ao peito, lhe promete quartel. Então o Egípcio desacordado leva dum punhal, e o fere, quando este lhe estava perdoando. Indignado Zadig lhe encrava então a espada nas entranhas; e o Egípcio arranca um grito horrendo, e barafustando morre. Vai logo Zadig ter com a Dama, e com submissa voz lhe diz: «Forçou-me ele a que o matasse, e também vinguei-vos. Livre estais do mais violento homem, que hei jamais visto. Quereis de mim outro algum serviço?»

— «Que morras (gritou ela) malvado, morras! que me mates o meu amante! Ah quem te despedaçara o coração!» — «Tínheis um amante bem destampado (lhe tornou Zadig) que vos derreava, e que me queria despedir da vida. Porque me pedísteis que vos valesse?» — «Oxalá (replicou ela, com ainda maior grito) que ele me maltratasse ainda; que bem lho merecia eu pelos ciúmes que lhe dei. E oxalá que ainda ele me desancasse, e que tu estivesses como ele está.» Zadig mais enleado, e mais colérico do que nunca o fora em sua vida, lhe responde: — «Bem mereceríeis, dado que formosa sejais, que eu também provasse em vós as mãos, já que tão disparatada sois; mas é trabalho, que eu não tomarei.» E com isto montou no Camelo, e pôs

rosto no lugarejo, onde havia de pousar. Poucos passos teria andado, eis que se volta ao ruído que faziam quatro postilhões de Babilónia, que vinham à desfilada. Um deles, mal que viu a mulher, gritou logo: *É ela! Ela é toda inteira, qual no-la delinearam.* E sem se empachar do que ali ficava morto, pegam súbito na Dama, que chamava por Zadig a altos brados: — «Acode-me, Zadig, e toda a minha vida serei tua.» Mas Zadig tinha-se descartado já da vontade de brigar por ela. «Vai lograr quem te não conheça, que eu já tenho de sobejo» (lhe tornou Zadig). E ora ele sentia-se ferido, e queria atalhar o sangue, que via estar vertendo; e de mais que lhe davam muito sobressalto os quatro Postilhões, mandados por El-Rei Moabdar: pelo que vai, mais que de passo, buscar aposento, sem pensar por que razão quatro Correios de Babilónia arrebataram a formosa Egípcia, cujo carácter lhe dava assaz em que imaginar.

(1) Pau bicudo, que espetam pelo traseiro aos padecentes. — GOUVEIA. *Histor. do Arcebispo D. Aleixo.*

A ESCRAVIDÃO

ELE que entrava pelo Egípcio lugarejo, e já se vê cingido da turba do Povo, e cada um a vozear: — *Roubou a bela Missuf; matou Cletofis; é ele.* «Senhores, (clamava Zadig) livre-me Deus de roubar Missuf, e de seus extravagantes caprichos. Cletofis foi morto em própria defesa; que me quis matar, por lhe pedir eu, que perdoasse à formosa Missuf, que ele despidosamente maltratava. Estrangeiro, busco entre vós asilo; e não é de crer, que vindo implorar o vosso amparo, entrasse a desmerecê-lo, roubando uma Dama, e homicidiando um Egípcio.»

Eram então os Egípcios varões justos, e humanos; e como tais levaram Zadig à Câmara da Cidade, cuidaram-lhe na ferida; e para atinarem com a verdade entraram a fazer-lhe separadamente perguntas, e ao Criado. Ficou averiguado, que Zadig não fora voluntário homicida; mais como tirou a vida a um homem, a Lei o condenava a ser escravo; e como a tal lhe venderam logo, a proveito do Povo, os dous Camelos; e todo o dinheiro, que Zadig trazia consigo, foi repartido pelo habitadores da tal aldeia; e foi posto em leilão, sem falta, na Praça pública Zadig, com o seu Companheiro de jornada. Arrematou-os Setoc, mercador Árabe, que vendo no Criado mais fornimento de membros para o trabalho, o comprou mais caro, do que ao Amo; trocando assim, por outra nova, a desigualdade antiga; ficando Zadig subordinado ao que antes fora servo seu. Passam-lhes a ambos boa braga, com sua corrente, e seguiram assim seu Dono até à pousada em que vivia lá na Arábia: pelo caminho ia Zadig consolando o Criado, porque sobrelevasse com sofrimento os reveses da Fortuna; e por uso usado reflectindo nestas vezes da humana vida. «Eu vejo que também te alcança a minha sina desastrosa; e que d'avesso me acontece tudo. Condenam-me em multa, porque vi passar uma Cadela; quasi que me punham no Caloete ⁽¹⁾ por causa dum Grifo; ia ao suplício, por versos em louvor de El-Rei; estive a ponto de me darem garrote, porque a Rainha usou fitas amarelas; e eis-me ora escravo, e tu comigo, porque um brutal zurzia a sua Dama. Não descorçoemos; que talvez tenha isto cabo. Necessitam de escravos os

Arábios Mercadores: porque não serei escravo, como os outros, eu que homem como eles, sou? Será porventura tão desalmado este Árabe, que não trate brandamente os servos, se quiser que bem o sirvam?» Assim o diziam as vozes; mas no coração profundavam as mágoas acerca da calamidade de Rainha.

Dali a dous dias partiu para a Arábia deserta Setoc com os seus escravos, e Camelos; que lá, para os descampados de Oreb, demorava a sua Tribo. Foi o caminho comprido, e afadigoso; e em todo ele fazia Setoc mais apreço do servo, do que do amo, porque sabia o servo, melhor que o amo, os Camelos carregar; assim para o servo todas as benevolências descambavam. Duas jornadas aquém de Oreb morreu um dos Camelos, cuja carga se distribuiu pelos escravos, e dela coube seu quinhão a Zadig. De os ver a todos ajoujados com a carga soltou Setoc marés de riso; mas desse acaso mesmo tomou Zadig licença para explicar-lhe a causa, e dar-lhe conta das leis do movimento; que tanto admiraram a Setoc, que dali avante o olhou com outros olhos. Como Zadig atinasse com o que lhe despertava a curiosidade, lha duplicou ainda com inteirá-lo de muitas notícias mui valedoras no seu comércio; como dos específicos pesos dos metais, das mercadorias em iguais tamanhos do préstimo de muitos animais de que nos servimos, e da maneira de conseguir que outros, de que não usamos, nos sirvam. Já, no conceito de Setoc era tido Zadig por um Sábio; e tanto assim, que o preferiu ao Camarada, que tanto estimava de primeiro; já o tratava tão bem, que nenhuma razão de se arrepender lhe dava.

Chegado Setoc à sua Tribo cuidou em arrecadar certas 500 onças de prata, que em presença de testemunhas emprestara a um Judeu; mas o Judeu sabendo que eram elas mortas, e que não havia por onde

o convencessem, apropriou a si o dinheiro do Mercador, dando graças a Deus, que lhe deparou traça de lograr um Árabe. Como de sua aflição Setoc desse a Zadig notícia, pois que já em tudo, conselho tomava dele, Zadig lhe perguntou: «Em que sítio deste a esse falso Judeu

as 500 onças?» — «Sobre uma pedra larga, que fica encostada à raiz do Monte Oreb» (respondeu Setoc). «E de que índole é o teu devedor?» (lhe diz Zadig) — «Da índole dum manhoso velhaco» (lhe tornou Setoc) — «O que te pergunto (replicou Zadig) é se pecca em assomado,

ou pachorrento, se é sonso, ou desbocado?» — «De todos os devedores (acudiu Setoc) é o mais matreiro, que eu conheço.» — «Bem está, (continuou Zadig) consente, que eu, perante o Juiz, arrazoe a tua causa.» Foi citado o Judeu ante o Tribunal, e orou Zadig assim: «Cabeceira do trono da Equidade, em nome do meu Patrão, requeiro deste homem 500 onças de prata, que ele não quer restituir.» — «Tens testemunhas?» (disse o Juiz) — «Não; que são mortas (respondeu Zadig) mas aí está uma pedra, sobre a qual foi contado o dinheiro; e no caso que haja por bem V. Grandeza mandá-la vir a juízo, ela dará fé do feito. E em tanto que, à custa de Setoc meu Senhor, não comparece aqui a pedra, aqui ficaremos nós; e mais esse Hebreu.» — «Com bem seja.» (disse o Juiz) e foi julgando os outros pleitos.

No fim da audiência perguntou a Zadig: — «Chegou já essa pedra?» Riu-se o Judeu, e motejando disse: — «Não falta que esperar: saiba V. Grandeza, que há mais de seis milhas daqui onde ela é; e que mal a podem 15 homens remover. Dou-lhe até amanhã.» — «Bem dizia eu (exclamou Zadig) que a pedra faria fé. Ele que sabe onde a pedra jaz, o confessa, que sobre ela se contou o dinheiro.» Titubeou-se o Judeu; e obrigaram-no a confessar a dívida; mandou mais o Juiz, que o amarrassem à tal pedra, e que lhe não dessem de comer, nem de beber, enquanto não pagasse as 500 onças; as quais ele logo repôs.

Ficaram em grande nomeada na Arábia o escravo Zadig, e a pedra.

(1) Povos que habitavam às abas do rio Ganges; Stuckio quer que sejam os Povos que hoje chamamos de Bengala. Vejam as notas de Frenshemio a Quinto Curcio, edição de Strasbourg em 4^o de 1670.

A FOGUEIRA

SETOC se encantava com Zadig, e de escravo que este era o passou ao grau de íntimo amigo; nem já (como outrora Moabdar) podia passar sem ele; e grande ventura foi para Zadig não ter mulher Setoc. Foi, com o correr do tempo descobrindo Zadig em seu amo, rectidão, juízo, e certa índole inclinada ao bem; somente se desgostava, quando o via adorar o exército Celeste (quero dizer) o Sol, a Lua, e as Estrelas, segundo a antiga usança dos Árabes; e com muita prudência lhe tocou nesse ponto algumas vezes, até que enfim lhe disse, que esses astros eram corpos inanimados; e que assim não mereciam maior acatamento, que qualquer rochedo, ou qualquer árvore. — «Mas (dizia Setoc) são eternos os astros, e deles nos procede todo o nosso bem; eles animam a Natureza; e mais que tudo, estão eles tão longe de nós, que requerem a nossa veneração.» — «Majores bens recebes tu (acudia Zadig) das águas do mar Roxo, que te levam à Índia as tuas mercancias: e quem lhes veda de tão eternas serem, como os astros. E se, porque estão longe é que as adoras, adora os Gangáridas ⁽¹⁾ que lá no cabo do mundo moram.» — «Não, (replicou Setoc) mas os astros, por mui resplandecentes, merecem que os adorem.» Veio a noite, e Zadig acendeu na barraca, onde haviam de cear, grande quantia de tochas; e apenas pisou Setoc o lumiar da porta, que Zadig se arroja de joelhos, ante as ceras acesas, e lhes ora assim: «Eternos, e rutilantes Luzeiros, sede-me sempre propícios.» Proferida essa oração, senta-se à mesa, sem olhar para Setoc. — «Que fazes?» (lhe diz Setoc com admiração). — «Faço o que tu fazes. Adoro essas luzes, e nenhum caso faço do Dono delas, nem do meu.» Bem compreendeu Setoc o profundo sentido desse Apólogo, e na alma lhe calou a sabedoria do seu Escravo; nem dali avante desperdiçou com os astros o seu incenso; mas adorou somente o Deus eterno, que os criou.

Lavrava então na Arábia um uso péssimo, de origem Scita, estabelecido já nas Índias; e que, pelo crédito dos Brâmenes, ameaçava invadir o Oriente inteiro. Se um marido morria, e queria a mulher ser

havida por santa, sobre o corpo do marido se tinha de queimar viva. Festa era mui solene, e se chama a *Fogueira da viuvez*; e por mais assinalada se julgava a Tribo, que contava mais mulheres assim queimadas. Morto um Árábio da Tribo de Setoc a mui devota Almona viúva sua, aprazou dia, e hora, em que ao som de atabales, e trombetas, se havia de arremessar ao fogo. Inculcou Zadig a Setoc o quão contrário ao bem do género humano era esse hórrido costume, se deixavam cada dia assim queimar-se viúvas de pouca idade, que ao Estado podiam produzir filhos, ou quando menos, dar criação aos já havidos; e fez tanto, que conveio Setoc que uso tão bárbaro bom fora (a ser possível) destruí-lo. — «Mas as mulheres (disse mais Setoc) há mais de mil anos estão na posse de se queimarem; quem há aí que se atreva a desluzir uma Lei, que o Tempo há consagrado? Conheces cousa, que mais respeitável seja, que um abuso envelhecido?» — «Mais velha ainda que ele (diz Zadig) é a Razão. Vai falar aos maioraes das Tribos, que eu me encarrego da Viúva.»

Foi apresentado a Almona, a quem, depois de lhe captar a benevolência com elogios da sua formosura, e de lhe encarecer quanta perdição era lançar ao fogo tão lindas prendas, lhe fez altos louvores de seu ânimo, e sua constância. — «Por certo lhe disse) que tinhas amor extremo a teu marido.» — «Eu! (respondeu a Dama) por certo que não. Que era ele um brutal, um cioso, um homem insuportável: e nada obstante, resoluta, e firme estou, em me queimar na sua fogueira.» — «Far--me-eis acreditar (disse então Zadig) que mui regalado é o prazer, que sente quem se deixa queimar em vida.» — «Ai! (responde a Dama) que só de ouvi-lo dizer estremece a Natureza. Mas há-de ser: não tem remédio; que estou em opinião de Beata, e perdê-la-ia, se me não queimasse.» Depois que Zadig a fez concordar que só pelo *que dirão*, e por mera vaidade se queimava, por tal teor lhe foi falando, certo prazo de tempo, que fez com que lhe viessem appetites de viver, e até conseguiu, que ela cobrasse afeição àquele que lhe assim falava. «E que farias tu (lhe disse Zadig) no caso que essa vaidade de te queimar se te despedisse do ânimo?» — «Ai! ai! (respondeu ela) pedir-te que fosses meu Esposo.» Zadig, que mui embebido estava nas lembranças de Astarte, iludiu essa declaração de amor, e foi súbito tratar com os maioraes das Tribos, e contar-lhes o que era passado: e também aconselhar-lhes, que instituíssem uma lei: que

nenhuma viúva se queimasse, que não tivesse antes passado, só por só, uma hora inteira com um mancebo. Ora, é de saber, que desde essa lei até agora, nenhuma viúva se queimou na Arábia; que se deveu unicamente a Zadig, destruir num dia uma crueldade, que tantos séculos durara.

Foi o Benfeitor da Arábia.

(1) *Li*, termo Chin que, em sentido próprio, quer dizer «*Luz natural*». *Tien* que significa *Céu* e também *Deus*.

A CEIA

SETOC não podendo separar-se dum homem em quem estava de morada a Sapiência, levou Zadig consigo à grande feira de Bassorá, à qual concorriam os maiores Negociantes de toda a redondeza: e foi grande a consolação de Zadig, quando viu juntos num sítio, tantos homens, e de terras tão longínquas. Parecia-lhe compor-se todo este Universo de uma só família, que se vinha juntar em Bassorá. Logo no segundo dia, se encontrou à mesa com um Egípcio, com um Índio de ao pé do Ganges, com um Cataio, um Grego, um Celta, e muitos outros estrangeiros, que das Viagens, que faziam ao Golfo Arábico, tinham tomado suficiente língua, com que se dessem a entender. Demostrava o Egípcio grandíssimo agastamento. «Que abominável terra! (dizia) enjeitarem em Bassorá, por mil onças de ouro a melhor mercadoria, que nunca se vendeu!» — «Como assim? (lhe perguntou Setoc). E que mercadoria é essa?» — «É o cadáver de minha Tia (respondeu o Egípcio) que campou no Egipto pela mais machucha mulher; e que sempre andou em minha companhia. Como me morreu em caminho, fiz dela uma Múmia a mais preciosa, que pode haver. Se eu a quisesse empenhar na minha Pátria dar-me-iam por ela quanto eu pedisse. É cousa espantosa, que nem sequer mil onças de ouro me queiram aqui dar por tão abonada mercancia.» Bem enfadado como o viam, lançava (nada menos) mão a uma excelente galinha cozida... Eis que um Índio lhe trava do braço, e magoado lhe exclama: — «Que fazes, homem?»

(1) Planta parasita, que nasce nos ramos de árvores, como Pereiras, Carvalhos, etc. Enquanto à veneração, e uso que dela faziam os Druidas, seria muito longo pô-lo aqui em nota; apontarei somente aos curiosos a Enciclopédia, como um Oceano de erudição de Gui, onde podem nadar a braços largos.

(2) Que acima chamou o A. homem de Cambalú, cidade do Catai, e Catai região onde nascera Angélica famosa Heroína, que tanto fez andar a cabeça à roda a Roldão, e a Reinaldos, como se pode ver em Ariosto, no seu *Orlando furioso*.

— «Como esta galinha.» (disse o homem da Múmia). — «Vê o que fazes! (diz-lhe o do Ganges) Quem te afirma, que para o corpo dessa galinha não passou a alma de tua Tia, e te vêes no lance de comeres a defunta? Cozer galinhas é ultrajar manifestamente a Natureza.» — «Que me vens cá tu co'a Natureza, nem co'as galinhas? (lhe replicou o colérico Egípcio) A nós? que adoramos um Boi? e comemos Boi!» — «E vocês adoram Boi?» (disse o Gangético). — «E que tem isso? (diz o da Múmia) 135000 anos há que assim o usamos, e ninguém achou ainda que retrincar.» — «Ui! (torna-lhe o Índio) 135000 anos! Encarecida é a soma! Há (quando muito) 48000 anos, que se povoou a Índia e vocês forçosamente tem de descender de nós. E ora Bramá proibiu que comêssemos Boi. E vocês põem Boi no altar, e no espeto?» — «Donoso diche é o vosso Bramá (acudiu o Egípcio). Que val aí Bramá à vista de nosso Ápis? Que aventesmas tem ele feito o tal Bramá?» — «Bramá (retrucou o Brâmene) ensinou os homens a ler, e escrever: a ele deve o mundo todo o jogo de Enxadrez.» — «Enganaste: (interrompeu-os um Caldeu, que perto deles se achou) ao peixe Oanez são devidos tamanhos benefícios; a ele compete só lhe sejam os cultos dados. Todo o Universo vos dirá que Oanez era um Ente Divino, que tinha o rabo dourado, tinha face de homem muito gentil, e saía fora de água três horas cada dia a pregar ao Povo. Teve muitos filhos, que todos foram Reis, como bem sabido é. Comigo trago o seu retrato, que como devo, reverencio. Comer Boi, a bel-prazer, é permitido: mas cozer peixe... isso é que é grandíssima impiedade. Além de que, vocês ambos são de origem pouco fidalga, e mui moderna, para poderem alterar comigo. Porquanto, se os Índios contam 48000, e os Egípcios 135000, nós temos Folhinhas de 4000 séculos. Creiam no que eu creio; desterrem de seus ânimos tais dislates; que a cada um de vocês darei um resisto muito guapo de Oanez.»

Entrou aqui a falar certo homem de Cambalú, e disse: — «Respeito muito Egípcios, Caldeus, Celtas, Gregos; respeito Bramá, Ápis Boi, e Oanez formoso Peixe: mas pode ser que *Li*, ⁽¹⁾ ou *Tien* (como lhe quiserem chamar) valha Bois, e valha Peixes. Do meu País não falo; que ele só, vence em grandeza Índia, Caldeia, e Egipto juntos, nem também pleiteio antiguidades: que ser feliz é tudo, ser antigo pouco: e se Folhinhas valem, Folhinhas são as nossas, que as compra toda essa Ásia; e já as tínhamos, e bem condicionadas, quando a Caldeia nem aritmética sabia.»

«Ignorantíssimos são vocês todos (saiu o Grego a campo) que não sabeis que o Caos de tudo é Pai, e que o Mundo, qual vós o vedes, o conformaram assim a Matéria, e mais a Forma.» E foi assim galrando a fio, até que lhe cortou a fala o Celta, que bebendo à larga, enquanto os outros estiveram disputando, julgou ter mais saber em si, que todos os mais, *com voto a mares*: — «Falem-me aí em Teutates, falem-me em Gui de Enzinha;⁽¹⁾ que eles sós merecem que se neles falem. Eu sempre na minha algibeira trago Gui. Os Scitas meus avoengos foram os únicos homens de porte, que o Mundo conheceu. Verdade é que comiam gente, às vezes: mas não tira serem eles nação, que muito venerada mereça ser. E haja quem abocanje em Teutates; que tem de me provar as mãos.» O debate se foi esquentando de sorte, que Setoc viu o caso em termos de vir a sangue. Zadig que sem falar ouvira tudo, por fim se ergueu, e endereçando-se primeiro ao Celta, que parecia o mais assomado, disse-lhe que tinha razão, e pediu-lhe Gui. Ao Grego louvou-o de bem falante, e foi assim abonçando os mais tempestuosos: poucas palavras gastou com o Cataio,⁽²⁾ que de todos fora o de mais siso, e findou dizendo: «Sois todos da mesma opinião, e quereis brigar?» Maravilhando-se todos deste seu dizer, volta-se ele para o Celta, e diz-lhe: — «Não é verdade, que não é o Gui, a quem tu adoras, mas sim o Deus, que criou o Gui, e criou a Enzinha?» — «Seguramente.» (respondeu o Celta). — «E tu, Senhor Egípcio não adoras tu no Boi o Deus, que criou os Bois?» — «Sim.» (disse o Egípcio). — «O Peixe Oanez cede a quem fez os Peixes, e fez os grandes mares?» — «Por certo.» (acudiu o Caldeu). — «O Índio, e o Cataio reconhecem, como tu, um primeiro princípio; e dado que eu não compreendi bem as admiráveis cousas, que o Grego disse, seguro estou, que também ele admite um Ente Superior, de quem dependem a Forma, e a Matéria.» Muito assombrado do que ouvia, disse o Grego a Zadig, que bem acertado tinha com o seu conceito. — «Pois que todos convindes numa Superior Divindade, para que há hi ferros arrancados?» Logo todos se abraçaram; e Setoc vendidas a alto preço as suas mercancias, se recolheu à sua Tribo com seu amigo Zadig; e este apenas chegado,

(1) Tão antigo é o teor das Inquisições!

achou a notícia, que em sua ausência lhe fizeram sumário, e que o

queimavam a fogo lento.

A HORA APRAZADA

ENQUANTO peregrinava Zadig por Bassorá, tinham resolvido os Sacerdotes das Estrelas de lhe darem castigo; porquanto herdavam eles das Viúvas, que se queimavam, as jóias, e mais ornatos; e assim, o menos que lhe intentavam fazer era remetê-lo à fogueira, pelo desfalque dessa parcela. Acusaram pois Zadig de que sentia mal do Exército Celeste, depondo e jurando, que lhe ouviram dizer, que as *Estrelas se não punham no mar*; blasfémia horríssonas, com que os Juizes estremeceram; e quando tais palavras ouviram, estiveram para rasgar os vestidos... E faziam-no, se achassem bem que cardar no Escravo Zadig. Contentaram-se somente, no impulso de sua aflição, com mandá-lo queimar a fogo lento. Em vão, para salvar o seu amigo, empregou Setoc quanto valia: obrigaram-no a que se calasse, porque lhe não sucedesse peor. ⁽¹⁾ A Viúva Almona, que tinha tomado grande gosto à vida, que Zadig lhe resgatara da fogueira, despersuadindo-a desse abuso, determinou salvá-lo de outra, e sem o declarar a alguém, traçou o projecto, e o levou a cabo. Nem tinha mais, para o livrar, que o prazo duma noite; que no outro dia levavam Zadig ao suplício. Este foi pois o modo, com que ela prudente, e caridosa se houve acerca dele.

Perfumou-se; realçou c'os mais guapos, e mais custosos vestidos a sua formosura; e foi pedir ao Maioral dos Sacerdotes das Estrelas uma audiência em particular. Logo que ela se viu perante esse venerável ancião, falou nesta substância: — «Filho morgado da Grande Ursa, Irmão de Tauro, Primo da Canícula (são Títulos do tal Pontífice), venho desabafar contigo os meus escrúpulos. Estou com grande susto de que cometi pecado enorme, em não queimar-me na fogueira de meu querido Esposo: e com efeito, que presta este corpo, que assim conservei? uma carne perecedora, que já verás toda engelhada.» E nisto desenvolve das longas mangas de seda uns braços de neve, que cegavam de alvura, torneados com primor. — «Vê o pouco que isto vale!» Não assim o Pontífice, que achou que braços tais

valiam muito; e assim lho disse com os olhos, e lho confirmou com a boca, jurando-lhe que tão donosos braços nunca os ele vira. — «Ai (disse a Viúva) é que os braços pode bem ser, que menos danificados estejam, que o demais; mas tens de confessar, que este seio não era digno que eu fizesse apreço dele...» E ei-la que descobre os mais feiticeiros peitos, que nunca a Natureza modelou. À vista deles um botão de rosa em cima dum pomo de marfim, pareceria grança em cima de buxo, pareceriam amarelentos os Cordeiros ao sair do rio. Graciosa a garganta, pretos, e bem rasgados olhos, entre rútilos, e lânguidos, com incendida ternura; as faces abrasadas no mais vivo nárar; amassado na alvura do mais puro leite; o nariz, que não era como a Torre do Líbano; os lábios, dous debruns de coral, serviam de guarda às mais lindas pérolas do mar da Arábia. Todas essas perfeições (como digo) insinuaram ao Velho, que se achava nos seus vinte, pelo que em si sentia; de sorte que, titubeando, se lhe declarou por amante; e ela que o viu abraçado, pediu-lhe por Zadig. — «Ai mísero de mim! (lhe diz ele) que inda que eu, formosa Senhora, lhe quisera perdoar, de nada lhe valera o meu perdão, se lhe faltar a assinatura de mais três Consócios meus.» — «Assina tu» (lhe pede Almona). — «Com muito gosto (acudiu o sumo Padre) com condição porém, que desta indulgência minha sejam teus favores a recompensa.» — «Mui grande é a honra (lhe tornou a Dama) que me disse fazes; há somente por bem ires ao meu quarto, logo que o Sol se ponha, e que caia no horizonte a brilhante Estrela *Sheat*; e achar-me-ás num Sofá cor de rosa, e lá usarás da tua serva, a teu contento.» Despediu-se então com a assinatura do Velho, que ficou ardendo em brasas de amor; desconfiando porém um tanto do requisito vigor, empregou o remanescente do dia em se banhar, e em beber certo licor de Canela de Ceilão, e preciosas especiarias de Tidor, e de Ternate, e a espreitar com impaciência a rutilante *Sheat*.

Em tanto ia a bela Senhora ter c'ò segundo Pontífice, o qual afirmou que em comparação de seus atractivos, eram fogos selváticos o Sol, e a Lua, e quantos Luzeiros rodam no Firmamento. Pediu-lhe ela a mesma graça; e ele por ela o mesmo preço, que lhe foi logo concedido, dando-lhe o prazo, para o nascer da Estrela *Algenib*. Dali partiu para o terceiro, e quarto Pontífices, de quem foi recebendo assinaturas, e apontando-lhe hora, de Estrela a Estrela. Também

mandou recado aos Juizes, que tinha negocio importante, em que lhes falar: e vindos que eles foram lhes mostrou assinados os quatro, e lhes contou a que preço lhe venderam os Sacerdotes o perdão de Zadig. Ora, cada um deles vindo, e aparecendo à sua hora limitada, ficava estúpido, quando via lá outro Camarada, e muito mais quando via os Juizes, perante quem se achava manifesto o seu desabono. Zadig saiu solto; e tanto se penhorou Setoc da esperteza de Almona, que a recebeu por Esposa. Zadig prostrou-se aos pés da sua redentora, e cuidou na partida: nem o despedimento entre Setoc, e Zadig se fez sem muitas lágrimas, e sem jurarem ambos amizade eterna, e prometerem, que o primeiro dentre ambos, que subisse a grandes cabedais, os participaria ao outro.

Tomou Zadig sua derrota para a Síria, continuamente meditando na sua desditosa Astarte, contemplando em seu Destino, que aporfiava sempre em zombar dele, e em persegui-lo. 400 onças de ouro (dizia consigo) porque vi passar uma Cadela! Condenado à degolação, por quatro versos maus, que fiz em louvor de El-Rei! Quasi enforcado, porque as alparcatas da Rainha eram da cor do meu barrete! Escravo, porque acudi a uma mulher que bem zurziam! E a ponto de me queimarem, porque resgatei a vida a todas as Viúvas da Arábia!

O SALTEADOR

CHEGADO às fronteiras, que extremam da Síria a Arábia Pétreia, e indo a passar perto dum Castelo muito forte, rompem deste, homens armados; que o cercam, que lhe gritam: — «Nosso é quanto contigo trazes; e tu és já ganância de quem aqui nos manda.» A resposta que Zadig lhes deu foi arrancar da espada, e o Criado, que era destemido, fazer o mesmo, e irem estirando os primeiros que lhe puseram mão. Mas dobram em número os Arábios; e os dous, sem se assustarem, resolvem ali morrerem pelejando. Viras dous homens sós defender-se contra um burburinho deles... Combate que não tinha de durar muito. Arbogad, Senhor do Castelo, que da janela via os prodígios de valor, que Zadig obrava, lhe cobrou afeição; eis que apressado desce; manda afastar os seus, e desafronta os dous passantes. — «Tudo o que passa por terras minhas é meu (lhe disse) e ainda o que pelas alheias se me depara; mas pareces-me tu homem tão de tua pessoa, que te isento da Lei comum.» Fez com que entrasse no Castelo, e deu ordens à sua gente, porque o tratassem bem, e quis à noite cear com Zadig.

Era o Senhor do Castelo um daqueles Arábios, que se chamam ladrões; mas que às vezes, entre contos de acções ruins, fazia algumas boas: roubava com furiosa sofreguidão, mas dava com largueza; intrépido na refrega, mas brando no trato, comilão à mesa, divertido na devassidão, e sobretudo chão, e singelo de ânimo. Agradou-se muito de Zadig; e como a conversação se foi avivando, também a Ceia se foi estendendo, e no fim dela lhe disse Arbogad: — «Alista-te comigo, que o ofício não é despiciendo. Quem te diz, que não virás a ser o que eu hoje sou?» — «Dás-me licença (lhe respondeu Zadig) que te pergunte, há quanto tempo exercitas essa nobre ocupação?» — «Desde a minha mais tenra mocidade; porquanto me desesperava de ver, que pertencendo toda a terra a todos os homens igualmente, não me tinha o meu Destino posto em reserva o meu quinhão; pelo que, confiei as minhas penas a um idoso Arábio, que me falou assim: — *Não desesperes, meu filho; sabe, que houve outrora um certo grão de areia, que se lamentava de se ver desvalido nos desertos, como um miserável átomo:*

correram anos, e veio a ser diamante, e hoje é o mais reluzente adorno do diadema do Monarca. Não me caiu no chão este dizer do Velho. Imaginei-me ser eu o grão de areia; resolvi-me a ser o diamante. Comecei pelo furto de dous Cavalos; fui ajuntando Sócios, achei-me em termos de saltar pequenas Caravanas; e pouco a pouco fiz encurtar a disproporção, que havia dantes entre mim, e os outros homens. Já entrei a ter meu quinhão no mundo, e com usura me hei ressarcido já. Já fazem caso de mim. Sou já Senhor Salteador; e a força descoberta adquiri este Castelo. Dele me quis desapossar o Sátrapa da Síria; mas eu, que me achava já com cabedais, o peitei com um presente, e não só me fiquei com o Castelo, mas ainda me engrandeci tanto em domínios, que me nomearam Tesoureiro dos tributos, que a Arábia Pétreia pagava a El-Rei. Enquanto ao cargo de Recebedor, pontualmente o desempenhei, mas o de Entregador, esse nunca.

Enviou o grande Desterham de Babilónia, em nome de El-Rei Moabdar, um Sátrapa que me viesse dar garrote: mas avisado eu de tudo, lhe mandei à vista dele garrotear os quatro, que me haviam de arrochar o cordel; e depois perguntei-lhe quanto lhe rendia a Comissão de me estrangular? Respondeu-me, que iria a ajuda de custo a 500 dobras. Mostrei-lhe o muito, que podia ganhar comigo; fi-lo meu Sota-Salteador mor; e hoje em dia é um dos meus melhores Oficiais, e dos mais ricos. Se tu estás neste meu sentir, medrarás como ele; que nunca a monção de roubar foi mais lucrativa de que ela é agora, depois que mataram El-Rei Moabdar, e que tudo anda revoltado em Babilónia.»

— «Mataram a Moabdar! (exclamou Zadig) E que veio a ser da Rainha Astarte?» — «Dela nada sei (respondeu Arbogad). Aí me disseram, que Moabdar enlouquecera, e que o mataram, que é hoje um degoladouro Babilónia, e uma desolação o Império todo: que bons lanços há ainda, que deitar por lá, e que foram maravilhosos os que eu por lá deitei.» — «Mas a Rainha? (reperguntou Zadig) E de veras que me não dizes dela nada?» — «Aí me falaram num Príncipe da Hircânia, provável é (se a não mataram no tumulto) que seja ela hoje uma de suas Concubinas. Cá por mim, sempre fui mais curioso de despojos, que de notícias. Muitas mulheres apanhado tenho em minhas correrias, e nunca nenhuma me ficou: sem me informar de quem são, as vendo caras, se são bonitas; que não é a graduação delas

que lhes sobe o preço, Rainhas que elas fossem, se não lhes acode Comprador. Quem sabe se não vendi eu já essa Rainha Astarte, ou se ela é morta? E que importa? Faze como eu; não cuides mais nela.» Dizendo, e bebendo afouto, baralhava as ideias de tal modo, que não poude Zadig tirar maior clareza.

Embaçado, pesaroso, e imóvel ficara Zadig, enquanto Arbogad aturava a beber, a contar histórias, e a repetir incessante, que ele era de todos os homens o mais feliz, e a pregar a Zadig, que se fizesse feliz como ele; até que brandamente amodornado pelos vapores do vinho, foi dormir um sono repousado, enquanto Zadig passava bem trabalhosa noite. — «Como assim! (discorria Zadig) enlouqueceu Moabdar? Mataram-no? Não me posso conter, que o não lamente. Dilacerado o Império, e feliz este Salteador de caminhos! Oh Fados! oh Fortuna! Feliz este facinoroso, e morta (quem o sabe?) talvez horridamente, a que a Natureza formou mais para amar-se! Oh Astarte! e qual da tua formosura terá sido a sorte?»

Esclarecia o dia apenas, e já perguntava Zadig por ela a quantos encontrou pelo Castelo, mas achou-os tão entretidos todos na repartição do esbulho de várias preias, que essa noite fizeram, que ninguém lhe respondia a propósito. Tudo o que desta gente levantada, e revolta conseguir poude, foi a faculdade de partir, que ele súbito aproveitou, entranhado mais que nunca, em doloridas reflexões.

Caminhava inquieto, assustado, revolvendo no ânimo a desventura de Astarte, o Rei de Babilónia morto, o seu fiel Cador, a Dita do Ladrão Arbogad, a Mulher de tão destampada condição, que nas raias do Egipto roubaram os Babilónios, e enfim todos os contratemplos, e todos os infortúnios, que experimentado tinha.

(1) *Solatium est miseris socios habere saramagorum* dizia (não sei quem foi) numa Ópera, ou Comédia, que me não lembra. — Dirão que meto ridicularias nas notas. Digam embora. Se soubessem que gostinho dá um anexim, quando ele lembra, a quem vive, há mais de 28 anos em terra estranha, não mo estranhariam. Peçam a Deus que os conserve descansados, e queridos na sua Pátria.

O PESCADOR

LÉGUAS arredado do Castelo de Arbogad, carpindo sempre o seu ruim fado, e tendo-se pela vera efígie da Desdita, achou-se nas ribanceiras dum riacho: eis que viu estirado na praia um Pescador, que mal com a desfalecida mão, sustentava as redes; e que antes parecia, com os olhos cravados no Céu, abrir mão delas.

— «Por certo que sou eu (dizia o Pescador) o mais desgraçado de quantos homens há. Fui já o mais decantado negociante de Queijos cremes (ao dizer de toda Babilónia) que aí houve; eis-me de todo arruinado. Possuí a mais linda Esposa, que homem da minha plana possuiu, e foi-me infiel; inda me restava uma pobre pousada, e saquearam-ma, destruíram-ma. Tomei por abrigo esta choupana, sem mais regresso que a minha pescaria, e não colho um único pescado. Nunca mais vos lançarei na água, oh redes minhas, mas sim a mim.» Ei-lo que se ergue, e que vai como homem que quer dar, de mergulho, cabo à vida.

— «E pois? (diz Zadig) pois há inda homens tão desgraçados, como eu?» Tão pronto foi no reflectir, quão pronto em salvar a vida ao Pescador. Corre a atalhá-lo, e com gesto consolador, e compassivo, lhe faz perguntas, Dizem, que menos desgraçado é, quem o é de companhia; ⁽¹⁾ não que a Ruindade lho requeira, mas sim uma certa precisão. Inclina-se um a outro um desgraçado, como a um semelhante seu. Viera-lhe ali, como um insulto, a alegria de um homem afortunado. Dous infelizes são como dous arbustos, ambos fracos, mas que encostando-se um ao outro se enrijam contra a borrasca.

— «Porque fraquejas assim ao peso dos infortúnios?» (disse Zadig ao Pescador). — «Porque lhe não vejo refrigério (respondeu o Pescador). Fui o mais graúdo da vila de Derlbak, que é nas abas de Babilónia; e ajudado de minha mulher, compunha os melhores Queijos cremes, que corriam no Império. Muito gostavam deles a Rainha Astarte, e o famoso Ministro Zadig. 600 Queijos, para essas duas casas, remeti da minha loge. Ora, um dia que fui à cobrança, não me vêm da Cidade dizer que a Rainha, e que Zadig haviam

desaparecido? Corro a casa do Senhor Zadig... E que vejo lá? Os Officiais de justiça do Grande Desterham escorados num decreto d'El-Rei lhe esbulhavam regrada, e francamente a casa. Fui-me às cozinhas da Rainha; e uns Senhores me diziam que ela era morta, outros que fora presa, outros fugida: mas todos a flux asseguravam que me não pagariam os Queijos. Levo minha mulher comigo a casa do Senhor Orcan, que era também freguês meu, e lhe pedimos que no nosso desastre nos valesse; e ele sim o concedeu a minha mulher, mas a mim não; a ela, porque era mais branca, que os mesmos Queijos cremes, que estream os meus infortúnios; nem o lustro da púrpura de Tiro reluzia mais que o nácar, que lhe avivava essa alvura. E isso fez que Orcan ficasse com ela, e me espancasse de sua casa. Que faria eu? Escrevi à minha querida Esposa uma carta desesperada, à qual ela respondeu dizendo ao portador: — “Sim, sim; bem conheço quem te deu a carta; tenho ouvido falar nele, e gabá-lo de que faz Queijos cremes de primor: que mos traga, e pagar-se-lhe-ão”.

Quis que a Justiça me despicasse de tais agravos; e de seis onças de ouro, que ainda tinha de meu, dei logo duas ao Letrado que consultei, duas ao Procurador, que me havia de solicitar a causa, e duas ao Secretário do Primeiro Juiz. Ainda a minha causa nem começada estava, que já eu tinha despendido mais dinheiro do que os Queijos, do que minha mulher valiam. Volto para a minha Vila, na intenção de vender a morada de casas, para haver a mulher.

Valiam bem as casas 60 onças de ouro, mas como me viram pobre, e no aperto de as vender, prometeu-me o primeiro a quem recorri, 30 onças, o segundo 20, e o terceiro 10, e já lhas eu dava pelo preço (tão cego estava!). Quando entra em Babilónia um Príncipe da Hircânia, que assolou quanto encontrou, que me saqueou as outras e que depois mas queimou.

Perdidos dinheiro, mulher, e casas, para o sítio em que me vês, abalo; e c'ó mister de Pescador trato de sustentar a vida; mas, como já fizeram os homens, zombam de mim os Peixes; um só não colho, morro de fome; e a não seres tu, oh meu augusto Libertador, afogado estava eu já.»

Esta narrativa não a fez o Pescador a fio toda; porque a cada instante lha interpolava Zadig abalado, e como alheio de si, dizendo-lhe: — «E nada sabes do destino da Rainha?» — «Não: (lhe respondeu

o Pescador) somente sei, que nem a Rainha, nem Zadig me pagaram os Queijos cremes; que me tiraram a mulher; e que estou desesper

— «Eu persuado-me (lhe diz Zadig) que enquanto ao dinheiro, o não perderás todo, porquanto ouvi falar desse Zadig, como de um homem de honra, e se (como espero) ele voltar a Babilónia, te pagará com acréscimo o que te deve. E tua mulher, em quem não considero tanta honra, não faças pela haver. Toma este meu conselho: vai-te a Babilónia, onde eu estarei já, pois que vou a Cavallo, e tu a pé; fala com o illustre Cador, e dize-lhe que reencontraste um seu amigo, e lá em casa dele me espera; que talvez que não sejas sempre mal afortunado».

«Oh poderoso Orosnades, que para consolação deste, de mim te serves, de quem tens tu de servir-te para me consolar a mim?» E com este seu dizer acompanhava a metade do dinheiro, que da Arábia trouxera, e a dava ao Pescador, que atónito e cheio de alegria beija os pés do amigo de Cador, e lhe dizia: — «Foste um Anjo, que me salvaste.»

Continuava sempre Zadig a perguntar-lhe notícias, e a verter lágrimas. — «Como assim (lhe bradava o Pescador) também serás tu dos infelizes? tu, que tanto bem fazes aos outros?» — «Mais infeliz que tu, mil vezes» (lhe respondeu Zadig). — «Como é possível (disse o Pescador) que quem dá seja mais infeliz, que quem recebe?» A este reparo acudiu Zadig, dizendo: — «Porquanto a tua infelicidade consistia na indigência; e a minha nas penas da alma.» — «Tomou-te acaso Orcan a Esposa?» (lhe perguntou o Pescador). Palavras foram estas, que revolveram no peito de Zadig todas as suas desditas, e que lhe recordaram todas as suas aventuras, desde a Cadela da Rainha, até topar com Arbogad: — «Ah (disse então ao Pescador) que bem castigado ser merece Orcan; mas de ordinário esses tais são os mimosos do Destino. Mas, por fim, vai-te a casa do Senhor Cador, e lá me espera.» Separaram-se, o Pescador dando graças ao seu bom Fado, e Zadig ao seu ruim, mil maldições.

O BASILISCO

ENTRANDO por um vistoso prado, viu muitas mulheres mui aplicadas em busca de algo, e tomou a liberdade de inquirir duma delas, se poderia ele ter a honra de as ajudar no que indagavam? — «Não queiras tal (lhe respondeu a mulher da Síria) que o que nós buscamos, só mãos de mulher podem tocar-lhe.» — «Que esquipação! (diz

Zadig)

E ser-me-á dado saber que cousa é essa, em que só mulheres podem tocar? — «Um Basilisco» (lhe respondeu). — «Um Basilisco! (tornou Zadig). E para que, Menina, buscando andais um Basilisco?» — «Para nosso Amo (disse ainda a mulher da Síria) o Senhor Ogul, cujo Palácio vês à margem do Rio, lá no fim desse prado. Esse Senhor Ogul, de quem somos humildíssimas Escravas, se acha enfermo; e receitou-lhe o Médico que comesse um Basilisco, cozido em água rosada: e como o Basilisco é um animal muito raro, e que só de mulheres se deixa apanhar, prometeu-nos o Senhor Ogul, que escolheria para sua mais prezada mulher, aquela dentre nós, que lhe trouxesse o Basilisco. Ora deixa-me buscá-lo; que bem vês quanto nisso perderia, se com ele, antes que eu, alguma deparasse.»

Nessa indagação a deixou Zadig, com as outras, e foi atravessando o prado, e como foi chegando às abas dum regato; deu co'a vista numa Senhora recostada sobre a relva, que nada investigava. Majestosa em seu talhe, com um cendal cobria o rosto, e debruçada como estava sobre o regato, despedia da alma profundos suspiros; e com uma vergasta, que nas mãos tinha, na fina areia, que mediava entre a relva e o regato, traçava letras. Tomou-se de curiosidade Zadig, e quis ver o que a formosa Senhora debuxava. Chegou-se, e viu a letra Z; viu depois um A; aqui foi o pasmo mais adiante um D; estremeceu: nem houve assombro igual ao seu, quando viu as últimas letras do seu nome. Ei-lo que fica imóvel, mas quebrado por fim o silêncio, com intercadente voz, lhe diz assim: — «Desculpa, oh generosa Dama, num Estrangeiro, num infeliz, a confiança de perguntar-te por que

admiranda ventura acerto aqui com o meu nome, delineado por tua divina mão?» A esta voz, a estas razões, ergueu com trémulas mãos a Senhora o véu; e cravando os olhos em Zadig, exala um clamor de ternura, de admiração, e de prazer: mas fraqueando a tantos movimentos, que de tropel lhe investiam a alma, desmaiada descaiu nos braços de Zadig. Era Astarte, era a Rainha de Babilónia; era a que tanto lastimara, e cujos Fados recebera tanto. Por um certo prazo se lhe alhearam os sentidos, e quando fitou os olhos nos de Astarte, que com lânguido pudor se tornavam a abrir: — «Oh Poderes imortais, (exclamou) que presidis aos destinos dos fracos humanos, vós me restituís Astarte: mas em que tempo, em que lugar, em que estado eu torno a vê-la?» Arrojou-se de joelhos aos pés de Astarte, unindo o rosto seu com a poeira deles. Dali o ergueu a Rainha de Babilónia, para o sentar junto de si, na borda do ribeiro, e lhe enxugar as lágrimas, que novamente a fio lhe recresciam nos olhos. Vinte vezes atava o discurso, que os gemidos lhe quebravam; perguntava-lhe por que acaso se achava ali com ela; e logo com súbitas, e novas perguntas, lhe atalhava as respostas; encetara a narrativa de seus trabalhos, e queria no mesmo ponto ouvir os de Zadig... Enfim, aplacado em ambos o tumulto dos ânimos, em curtas palavras lhe contou Zadig, qual fora o acaso, que o trouxera àquele prado. — «Mas, oh triste e respeitável Rainha, quem te me deparou neste desvio; com trajés de escrava, acompanhada doutras escravas, que andam buscando um Basilisco, para o cozerem em água rosada receitado por um Médico?»

— «Enquanto elas buscam esse Basilisco, (disse a formosa Astarte) te darei relação do quanto padecido tenho; que tudo ao Céu perdoe, pois me concede tornar a ver-te. Bem sabes, que meu marido levou a mal seres tu o mais amável dos homens; razão porque uma noite resolveu, que te dessem garrote, e a mim veneno. Sabes, como quis o Céu, que o meu Mudozinho me inteirasse da ordem de sua sublime Majestade; e que apenas o leal Cador te obrigou a me obedeceres, por uma porta falsa me entrou, alta noite, no quarto; e tirando-me dali me levou ao Templo de Orosmaes, onde o Mago seu Irmão me encarcerou no ouco duma Estátua Colossal, cuja base assenta nos alicerces. do Templo, e cuja Cabeça roça pela abóbada; onde estive como emparedada num jazigo, sem que todavia me faltasse cousa alguma. Quando o dia assomou, entra na minha alcova o Boticário de sua

Majestade, c'uma beberagem de cicuta, de ópio, e doutras drogas; e na tua um Oficial c'um garrote de seda azul; a ninguém acharam. Para melhor corar o caso, foi Cadór acusar-nos ambos a El-Rei, e dizer-lhe que fugíramos, tu para as Índias, e eu para Mênfis. E já após de nós desfilam Corredores. Mas como eles me não conheciam (porque a ninguém mostrei, se não a ti, e ainda por ordem de Moabdar, o meu semblante) partindo em meu alcance, com o retrato somente vocal, que de mim lhe fizeram, acertaram, nos confins do Egipto, c'uma mulher da minha estatura, mais formosa talvez do que eu, essa mui lastimada, e foragida; logo assentaram ser ela a Rainha de Babilónia, e como tal a trouxeram a El-Rei, que se encolerizou muito do altíssimo engano deles: olhando-a porém mais de perto, e achando-a formosa, se consolou. O seu nome era Missuf, que (ao que me disseram) significa em língua Egípcia, a *Bela caprichosa*. E com efeito ela o era; mas tanto tinha de astuta, quanto de caprichosa. Ela agradou a Moabdar, e de tal sorte o subjogou, que a nomeou Esposa sua; e então é que ela disferiu a índole que tinha, e se entregou a todos os desatinos da sua imaginação. Quis que o Maioral dos Magos, assim gotoso, e derrengado dançasse diante dela; e porque o Mago, não quis dançar, o perseguiu de morte. Mandou que lhe fizesse uma torta de doces o seu Estribeiro-mor; e por mais que lhe este alegou, que nunca aprendera pastelaria, não houve remédio, senão fazer a torta; e porque ela saiu mais que tostada, o puseram fora, e o cargo de Estribeiro-mor, deu-o ela ao seu Anão, e o de Chanceler a um Pagem: que assim governava ela Babilónia! Todos choravam por mim. Ora El-Rei que até ao prazo de me querer dar veneno, e a ti garrote, tinha sido homem de bem, parece que desde então quantas virtudes tinha, as afogou no desmesurado amor da Bela Caprichosa. Vindo ao Templo no grande dia do Sacro Fogo, o vi eu aos pés da Estátua, em que eu estava encerrada, e lhe ouvi as súplicas, que fazia pela conservação de Missuf. Então soltei voz, e lhe bradei: *Rejeitam os Numes votos dum Rei, que se fez tirano; que mandou matar sua mulher, para casar c'uma despropositada*. Tão torvado com estas vozes ficou Moabdar, que se lhe desengonçou o miolo: que para ele perder o juízo bastava, além do Oráculo, que eu proferi, a tirania de Missuf! Dali a poucos dias enlouqueceu; e a sua loucura, que pareceu castigo de Deus, arvorou a bandeira da rebelião; levantou-se o Povo, e pôs-se em armas.

Engolfada, havia tantos anos, Babilónia em ocioso regalo, ei-la trocada em teatro de guerra civil; e eu (a quem saíram do vão da Estátua) posta à testa duma facção. Cador tinha corrido a Mênfis, para trazer-te a Babilónia. O Príncipe da Hircânia, inteirado destas ruínas novas, voltou com o seu exército, e fez terceira facção, na Caldeia. Acometeu a Moabdar, que com a sua extravagante Egípcia, lhe fora ao encontro, e que ali morreu crivado de feridas, e caído nas mãos do Vencedor. Quis a minha desgraça, que um partido do Príncipe da Hircânia me preasse, e me levasse ante ele, no prazo mesmo, que lhe apresentavam Missuf. Folgarás de saber, que me achou o Príncipe mais formosa, que a Egípcia; mas também tens de agoniar-te de que ele me remetesse ao seu Serralho, e de me dizer muito resolutamente, que seria comigo, tanto que desse cabo a uma expedição militar, a que ia de caminho. Imagina qual seria a minha angústia, quando quebrados os nós que me prendiam a Moabdar, e livre para ser de Zadig, me vi no cativo dum Bárbaro! Com toda a altivez, que cabe nas da minha esfera, e no meu amor, lhe respondi. “Sempre eu ouvi dizer que às pessoas da minha qualidade as sorteava o Céu com um termo tão Senhoril, que c’uma palavra, c’um mover de olhos, metíamos no abatimento mais profundo os temerários, que dele se afastavam”. Falei como Rainha, mas fui tratada como serva: porquanto o Hircano, sem se dignar ao menos de me falar, disse ao seu Eunuco negro, que eu era uma desarrazoada, mas que como eu era bonita, cuidasse de mim, e me pusesse no regímen das Validas, a fim de me refrescar o carão, e merecer mais dignamente os seus favores, para o dia em que com eles quisesse honrar-me. Disse-lhe eu: *Que antes me mataria*. Riu-se, e me respondeu, que ninguém, por cousa tão pouca, se matava; e que eram invenções feminis, a que ele estava acostumado. Daí deixou-me como quem deixa um Papagaio na gaiola. Que aflição para a primeira Rainha do Universo! Ainda digo mais; para um coração, que era todo de Zadig!»

(1) Vessie enflée d’air, et recouverte de cuir, avec laquelle on joue en la frappant avec le poing ou le pied.

Ao ouvir-lhe estas últimas vozes, se lançou Zadig a seus pés, e lhos rociou de lágrimas; Astarte o ergueu com carinho, e continuou assim: — «Via-me em poder dum Bárbaro, e rival duma Louca, e no mesmo encerro com ela, onde me contou depois a sua aventura de Egipto; e dela assentei, pelas feições, que te deu, pelo tempo, pelo Dromedário, em que ias montado, e outras circunstâncias mais, que foras tu quem combateras por ela; nem duvidei, que te achasses em Mênfis; assim, determinada a retirar-me lá: *Bela Missuf* (lhe disse) *tu és mais engraçada que eu; tens com que mais divirtas o Príncipe da Hircânia; facilita-me os meios de sair daqui; e reinarás só, e sem o empacho duma opositora: e eu me darei por afortunada.* Concordados entre mim, e Missuf, os meios da minha fuga, parti a furto com uma Escrava Egípcia.

Já eu me avizinhava à Arábia, quando um famoso Salteador chamado Arbogad, fez preza em mim, e me vendeu a uns Mercadores, que me trouxeram a este Castelo, em que vive o Senhor Ogul, o qual me comprou, sem saber quem eu era. É um regalão, que só cuida em bons comerres, e assenta, que para estar à mesa, o deitou Deus unicamente ao Mundo: de mui gordo que é, abafa, e se sufoca. O Médico, que quando ele digere bem, tem com ele minguido crédito, despótico o governa, quando se sente empachado de iguarias: ora lhe persuadiu, que lhe daria saúde perfeita, c'um Basilisco, cozido em água rosada; e fiado nisso prometeu o Senhor Ogul desposar-se co'a Escrava, que lhe deparasse um Basilisco. Honra é essa, que (como tu vês) me não afadigo pela merecer; nem nunca menos ânsia tive de achar o Basilisco, que depois que o Céu quis, que eu te tornasse a ver.»

Astarte, e Zadig reciprocaram em palavras quantos nobres movimentos d'alma tinha refreados a longa ausência, tudo quanto os seus infortúnios, e os seus amores inspirar podiam nos peitos mais fidalgos, e mais amantes; e os Génios, que presidem ao Bem-querer, remontaram à esfera de Vénus, o que se ambos ali disseram.

Sem que achassem o tal Basilisco, tornaram a casa de Ogul as mulheres, e após elas entrou Zadig, que lhe falou assim: — «Desça dos Céus a imortal Saúde, e tome por disvelo os dias teus. Como Médico que sou, pela notícia que me deram da tua moléstia, me determinei a visitar-te; e escusando casar contigo, como prometes a quem te trouxer um Basilisco, aqui te trago um, cozido em água rosada; nem mor paga

pretendo, que a liberdade duma Escrava Babilónia (que pouco há compraste; e transpassa em mim seu cativo, se não tenho a dita de dar saúde ao magnífico Senhor Ogul.»

Foi aceita a proposta; e partiu para Babilónia Astarte, em companhia do Servo de Zadig, com promessa, que lhe expedia logo um Postilhão a inteirá-lo do que lá passasse. Foi a despedida tão saudosa, quanto fora o reconhecimento enternecido; que o prazo do encontro, e o prazo da separação (como dito é no grande Livro do Zend) são as duas mais assinaladas Épocas da vida. Zadig amava tanto a Rainha, quanto ele a ela lho jurava; e a Rainha, amava Zadig ainda mais do que ela lho dizia.

Ora Zadig disse depois a Ogul: — «O meu Basilisco não se come; toda a sua virtude consiste em que ele entre pelos poros, para cujo efeito o meti numa grande péla entufada de vento; e a tal péla tens tu de arremessa-me com quanta força tenhas, e eu a ti por muitas vezes; e c'uma dieta de poucos dias, verás onde chega a minha Arte». Co'a receita ficou arquejando, neste primeiro dia, Ogul; teve para si que morria; mas já no segundo dia não cansou tanto, e dormiu melhor; dentro de outros dias cobrou forças, cobrou saúde, agilidade, e alegria, como nos seus vinte e quatro. — «Jogaste ao *Ballon* ⁽¹⁾ (lhe disse Zadig) e foste sóbrio: convém que agora saibas, que não há Basiliscos no Mundo; que quem faz exercício, e é regrado no comer, passa sempre bem; e que a arte de concordar a saúde com a intemperança é tão quimérica, como a Pedra Filosofal, como a Astrologia Judiciária, e a Teologia dos Magos.»

Concebeu o Físico-mor de Ogul quão pernicioso à Medicina era um homem tal; pelo que, fez conluio com o Boticário, para mandar apanhar Basiliscos ao outro Mundo a Zadig, que por ter curado um Comilão, se viu a pique de o matarem, num excelente jantar de convite, onde o haviam de envenenar na segunda coberta; mas tendo, na primeira, recebido um Correio de Astarte, ergue-se da mesa, e parte. Quem duma linda dama se vê querido, sempre em tudo sai bem (diz Zoroastro).

[xi] Sic.

OS COMBATES

FOI a Rainha recebida em Babilónia com tanto arrebatamento de todos, quanto competia a uma formosa Princesa, que tinha padecido tantos trabalhos. Morto, numa peleja, o Príncipe de Hircânia, correram ares de sossego em Babilónia; e os Babilónios, vendo-se vencedores, resolveram que receberia Astarte por Esposo, quem eles escolhessem por soberano: e como não quisessem que o mais alto posto do Universo, como era o de ser Marido de Astarte, e igualmente o de ser Monarca de Babilónia, dependesse de enredos, nem conluios, juraram entre si, que esse seria Rei, que por mais valente e mais sábio eleito fosse. Levantaram, a algumas léguas da Cidade, um estacado, com vastos palanques magnificamente adereçados, onde haviam de entrar armados de ponto em branco, os contendores; cada um dos quais tinha, por detrás dos palanques, um Camarote separado, a fim de não ser visto, nem conhecido de ninguém. Deviam correr quatro lanças; e os que tão bem sucedidos fossem, que levassem quatro Cavaleiros de vencida, combateriam depois uns contra outros, até que um ficasse Senhor do Campo, e esse seria aclamado Vencedor dos jogos. Devia, dali a quatro dias, tornar vestido das mesmas armas, para descifrar os enigmas propostos pelos Magos; e o que não os descifrasse, não seria Rei. Começar-se-ia de novo o jogo das lanças, até que deparassem os Fados um, que vencesse as duas lides. Queriam absolutamente para Rei, quem mais valente, e mais sábio fosse. Ora, em todo esse tempo tinha a Rainha de estar encerrada, com aperto de Guardas; e só lhe era permitido assistir às justas, coberta com um véu, sem falar a nenhum dos Pertendentes; a fim que na eleição não lavrasse favor, nem injustiça.

Astarte escrevia todas essas cousas ao seu Amante, bem esperançada em que ele, pelo amor que lhe devia, se desempenharia nelas com mais valor, e com mais siso, que ninguém. Zadig partiu logo, pedindo a Vénus, que lhe roborasse o esforço, e lhe alumiasse o ingenho; e como chegasse, na véspera do famoso dia, às margens do

Eufrates, mandou alistar a sua divisa entre as dos outros Combatentes; e ocultando seu nome, e seu rosto (segundo o que determinava a Lei) se foi repousar no Camarote, que lhe caiu em sorte. Depois que inutilmente o tinha buscado em todo o Egipto, Cador tornado já a Babilónia, lhe enviou à sua pousada, uma armadura completa; mimo que a Rainha lhe mandava; e um Cavallo também, o melhor que em Pérsia se criara. Conheceu bem, em semelhantes mimos Zadig, a mão de Astarte: e dali recresceram no seu amor, e na sua valentia, novas esperanças, alentos novos.

Sentada no seguinte dia Astarte sob um dossel de custosa pedraria, cheio o anfiteatro de todas as Damas, e de todas as Ordens de Estado Babilónio, apareceram na lice ^[x] os Contendores; e veio, aos pés dos Magos, cada qual apresentar a sua divisa; que, tiradas, veio por última a de Zadig. O primeiro que saiu a campo, Itobad, Senhor riquíssimo, presuntuosíssimo, pouco valente, e ainda menos destro, fraco de ingenho, mas mui persuadido do que lhe tinham dito os de sua casa, que a um homem como ele cabia-lhe ser Rei, e aos quais ele respondia: *«Por certo, que a um homem como eu deve-se-lhe um Reino.»* Vinha armado da cabeça até aos pés com armas de ouro, esmaltadas de verde, cocar de plumas verdes, e verdes fitas na lança. Logo se devisou pelo desjeito com que mandava o Cavallo, que não guardava para ele o Céu o ceptro de Babilónia. O primeiro Cavaleiro, que contra ele correu a lança, o desairou na sela; o segundo o derreou sobre as ancas do Cavallo, com os pés para o ar e os braços estendidos. Tornou a endireitar-se na sela, mas com tal desestramento, que em todo o terreno rebentavam as risadas: nem já quis o terceiro Contendor servir-se de lança. Salva-se-lhe na passada, lança-lhe a mão à perna direita, dá-lhe meia volta pela anca do Cavallo, e o baqueia ao comprido no corro. Remetido acima da sela, pelos Escudeiros da Liça, que dele faziam mofa, vem o quarto Cavaleiro, que lhe trava da perna esquerda, e o vaza pela direita. Entre apupadas o levaram ao seu Camarote, onde (segundo a Lei) havia de passar a noite; e ia ele dizendo pelo caminho: *«Para homem, como eu, fera aventura!»*

Melhor cumpriram com seu dever os outros Cavaleiros; e alguns houve, que venceram dous a fio; outros que venceram três; só o Príncipe Otame foi quem venceu quatro. Então chegou Zadig, desmontou de conseguinte quatro Cavaleiros, com o mais airoso primor

da Arte. Faltava unicamente saber quem ficava de ganho, se Otame, ou se Zadig. Vinha Otame armado de azul e ouro, e azul também era também o seu penacho. As armas de Zadig eram brancas. Entre o Cavaleiro azul, e o Cavaleiro branco se repartiam os votos da Praça: só à Rainha lhe palpitava o coração, e mandava jogos ao Céu pela cor branca.

Tais passadas, e tais rodeios e com tanta destreza os dous Campeões fizeram; tais botes de lanças se arrojaram, e tão cravados se tinham nas selas, que todo o Povo (menos a Rainha) desejava, que houvesse dous Reis em Babilónia. Cansados enfim os Cavalos, e as lanças rotas, pôs em prática Zadig a seguinte astúcia. Passa por detrás do Príncipe azul, salta-lhe na garupa do Cavallo, traça-o pela cintura, e o despede ao chão, passa da garupa à sela, e anda torneando Otame, que está estirado na areia do estacado. Todo o anfiteatro rompe em gritos: «*Viva o Cavaleiro branco.*» Então encolerizado Otame arranca da espada; Zadig salta abaixo com o alfange nu. Ei-los em novo conflito, em que revezadamente ora a força triunfa, ora a agilidade. Plumas do elmo, pregadura das braçadeiras, malhas da armadura, a golpes atropelados, saltam longe; ferem-se de talho e de estoque, à direita, à esquerda, no peito, na cabeça; avançam, medem-se, travam-se, torcem-se como Serpes, investem-se como Leões; dos golpes, que se descarregam, ressurte a cada instante fogo; até que Zadig cobrando por um instante alento, falseia um passo a Otame, o derriba, e o desarma. Então se ouviu bradar Otame: «*Oh Cavaleiro branco, a ti só compete reinar em Babilónia.*» E a Rainha se via então no auge da alegria. Foram conduzidos os Cavaleiros azul, e branco, como também os outros, em cumprimento da lei, cada um ao seu aposento onde Mudos os vieram servir; e de julgar é, que a Rainha, para servir Zadig, mandasse o seu Mudo. Deixaram que cada um, e sós, dormissem aquela noite, até o dia seguinte em que o Vencedor havia de manhã levar ao Grande Mago a sua divisa, para a confrontar, e ser por ela reconhecido.

Tão fatigado se achou Zadig, que apesar de que era amante, toda a noite dormiu. Não assim Itobad vizinho seu, que se ergueu às escuras, lhe entrou no quarto, lhe tomou as armas e a divisa, deixando-lhe, em troco delas, as suas verdes. Dia claro, foi ufano declarar ao Arquimago, que um homem como ele saía sempre Vencedor: e dado

que ninguém tal esperasse dele, foi todavia aclamado enquanto Zadig dormia ainda. Atónita, e em seu coração desesperada, voltou Astarte a Babilónia. Já (quando Zadig acordou) estava, quasi sem gente, a Praça: quis vestir as suas armas, e deu co'as verdes; e como outros trajes ali não tinha, indignado e enfurecido as veste, e entra assim com elas no Terreiro, onde esses que ainda ali se achavam, e pela demais Praça, o acolheram com apupadas.

Fazem-lhe roda; e nas suas mesmas barbas o insultam; e vão as algazarras e os baldões crescendo em forma, que apurando-se-lhe já a paciência, vai com o alfange feito sobre esse vulgacho, que se afoitava a ultrajá-lo, e o põe em fugida. Ei-lo que não sabe em que se resolva. Impossível lhe era ir falar à Rainha; como também reclamar a sua armadura branca; reclamação, que a malsinaria de lha ter mandado: assim, enquanto Astarte se amargurava aflita, bramava Zadig de desossego e fúria. Vai dando passos pelas margens do Eufrates, persuadido de que o destinava a sua Estrela a ser, sem algum regresso, desventurado; repassava em seu ânimo quantas desgraças experimentara, desde a mulher, que aborrecia os Tortos, até esta última das armas desvalijadas. — «Que me não procedeu (dizia Zadig) de acordar tarde! Se eu tivera dormido menos, vira-me Rei de Babilónia, e possuidor de Astarte. Para desastre meu me valeram as Ciências, o Valor, e os bons Costumes!». Já por fim lhe iam escapando murmúrios contra a Providência, e se lhe ia insinuando, que quem tudo governava, era algum Destino cruel, que oprimia os Bons, e prosperava os Cavaleiros verdes. Uma de suas mágoas era sentir-se dentro da armadura, que tantos apupos lhe granjeava. Vê passar um Mercante, e por baixo preço lha vende logo, e lhe toma uma túnica, e uma comprida gorra, com cujo traje vai costeando o Eufrates, como homem desesperado, maldizendo entre si a Providência, que assim o perseguia.

O ERMITÃO

ENCONTROU-SE no caminho c'um Ermitão de brancas, e venerandas barbas até à cinta, lendo mui atentamente num livro, que em suas mãos levava. Parou Zadig, e profundamente se lhe inclinou; a que respondeu o Ermitão, saudando-o com modo tão majestoso e meigo, que deu a Zadig vontade de conversá-lo, e de lhe perguntar que livro estava lendo. — «O Livro dos Destinos (lhe respondeu). Queres lê-lo?» E o deu a Zadig, que ainda que muitas línguas entendia, nem um só character do livro soletrar soube, motivo este, que lhe redobrou desejos de compreendê-lo. — «Pareces-me aflito» (lhe disse o Reverendo). — «Ai! (lhe respondeu Zadig) e quão sobejos motivos tenho de o estar.» — «Se me facultas acompanhar-te (acudiu o ancião) talvez que te aproveite que tenho eu orvalhado de consolação bastantes almas sem ventura.» Sentiu Zadig lhe infundia respeito o vulto, a barba, e o Livro do Ermitão; e lhe devisou na prática, que com ele teve, superiores lumes. O Ermitão lhe foi falando no Destino, na Justiça, na Moral, no sumo Bem, na Fragilidade humana, nas Virtudes, e nos Vícios, com tão valente, e persuasiva Eloquência, que insensível, e como encantadamente se lhe afeiçoou, e com instâncias lhe pediu, que o não deixasse, até virem de volta a Babilónia. — «Essa graça te peço eu também (lhe disse o Velho) e jureme por Orosmaes, que, por mais que fazer me vejas, me não largarás por uns certos dias.» Zadig o jurou, e partiram ambos.

Chegaram à noite os dous Viandantes a um soberbo Castelo, onde o Ermitão pediu hospedagem para si, e para o Mancebo que o acompanhava. O porteiro, que dava ares dum grande fidalgo, com desdenhosa afabilidade os introduziu, e os apresentou ao Maioral Criado, que lhes andou mostrando as magníficas Salas de seu Amo; a cuja mesa admitidos foram, no topo inferior, sem que se dignasse o Senhor do tal Castelo pôr neles uma vez os olhos; foram porém servidos como os mais, profusa, e delicadamente. Deram-lhes água às mãos numa bacia de ouro engastada de rubis, e de esmeraldas; e levaram-nos a repousar num soberbo aposento, e pela manhã veio um

Criado trazer-lhes
 uma dobra de ouro a cada um, e despedi-los. — «Sim me parece (dizia Zadig pelo caminho) generoso, mas desabrido o Dono deste Palácio.» E quando assim falava, reparou, que numa sacola, que trazia o Ermitão, via no bolso dela a bacia de Ouro, guarnecida de pedraria, que vinha ali furtada. Não lho deu a conhecer; mas bem atónito ficou.

Era meio-dia: pede o Ermitão pousada, por algumas horas, numas casinhas acanhadas, em que assistia um avarento; um Criado velho mal enroupado, desabrido os recebeu, e os fez entrar numa Cavalharice, onde lhes deu azeitonas com bafio, pão ruim, e manteiga de ranço. Com tão boa sombra, como na véspera, comeu, e bebeu o Ermitão; e voltando-se para o velho Servidor, que ali ficou, na espera que precisassem ainda dalguma cousa, e que lhes instava que se despedissem da pousada, deu-lhe as duas dobras de ouro, nessa mesma manhã já aceitas; e ainda mais lhe agradeceu a atenção, com que os tratara. — «Peço-te (lhe disse ainda) que faças com que eu fale a teu Amo. Introduzidos a ele pelo Criado, disse-o Ermitão: — «Não posso, magnífico Senhor, deixar de vos render muito humildes graças, pelo nobre tratamento, com que nos agasalhaste; pelo que, digna-te de aceitar esta bacia de ouro, por fraco penhor de meu agradecimento.» Quasi que ia cair por terra estupefacto o Avarento, e o Ermitão, sem esperar que ele em si tornasse, partiu com o mancebo seu Companheiro de jornada. — «Tudo o que te vejo fazer, me pasma (disse Zadig). Tu, meu Pai, obras em revés dos mais homens. Furtas urna bacia de ouro cravejada de pedras preciosas, a um Senhor, que tão magnificamente nos tratou, para a ires dar a um avarento, que nos agasalhou tão mal!» — «Filho (lhe respondeu o Velho) esse homem magnífico, que hospeda com tanta vaidade os Estrangeiros; que quer que lhe admirem as riquezas, necessitava escarmentar em si próprio para ter juízo; e o avarento aprender a dar melhor gasalhado. Não te espantes de nada: segue-me.» Tal ficou Zadig, que não sabia se o havia com o mais louco de todos os homens, se com o mais ajuizado. Mas tão superior era o Ermitão no que falava, que Zadig, além do liame do juramento, como de força o ia seguindo.

Era noite, quando apontaram a certa pousada, agradavelmente construída, simples, sem ressaibos de mesquinhez, nem desperdício, cujo Dono era um Filósofo retirado do Mundo, sossegado cultor da

Sapiência, e das Virtudes; e que desse seu viver não tomava enojo. Aprouve-lhe edificar essas casas de retiro, onde hospedava os Estrangeiros com bizarria, e sem vanglória. Veio ele mesmo ao encontro dos dous Viandantes, e nuns quartos cómodos lhes deu repouso; e algum tempo depois os veio convidar para a mesa, que bem disposta viram, e bem assejada; e durante a comida mui discretamente lhes falou das últimas revoluções de Babilónia, demonstrando-se muito do partido da Rainha, e mui desejoso de que fosse Zadig um dos Competidores à Coroa. Dizia contudo, que não mereciam os homens terem um Rei como Zadig: a este lhe subiram cores às faces, e lhe recresceram mágoas. Convieram na conversação, em que as cousas deste Mundo não iam sempre a gosto dos Sábios; e o Ermitão susteve sempre, que incógnitas eram as vias da Providência, e que os homens desacertavam em querer julgar dum Todo, de que mal conheciam parte.

Falou-se acerca das paixões do ânimo. — «Que funestas, que elas são!» (dizia Zadig) — «São rajadas, que enfunam as velas do Navio (acudiu o Ermitão) e dado que algumas vezes o soçobram, sem vento não há hi navegar. Encoleriza, e faz adoecer a Bília, mas sem Bília não se vive. Em tudo há perigo; mas tudo é necessário.»

Falou-se em prazeres, e o Ermitão provou que eram mimos da Divindade: — «Porquanto (dizia ele) não há homem que se dê a si próprio as sensações, nem as ideias; de fora dele lhe vêm todas; d'outrem lhe vêm as penas, e os prazeres.»

Espantava-se Zadig de que pudesse discorrer com tanto acerto um homem, que tinha obrado cousas de tanto disparate. Finalmente, depois duma conversação tão amena, quanto doutrinal, acomodou o Filósofo os dous peregrinos numa alcova; e foi dando graças a Deus, que lhe enviara dous homens de tanto siso, e de tanta virtude. Ofereceu-lhes dinheiro, com tão lhanos e tão bizarros termos, que a ninguém podiam descontentar; mas o Ermitão não o aceitou, e dali se deu por despedido; porque tinha de partir para Babilónia, mui de madrugada. Foi saudoso o despedimento, principalmente a Zadig, que a tão amável pessoa tinha cobrado grande afeição, e estima.

Quando se viram sós no quarto, ele, e o Ermitão, por longo tempo se desfizeram em elogios de tal hóspede. Pela manhã o Velho acordou o Camarada, e lhe disse: — «Ponhamo-nos a caminho; mas quero antes

deixar a este homem um abono da minha estimação, e do meu affecto.» E dizendo, e fazendo, trava duma vela acesa, e deita fogo às Casas; acção horrenda! que arrancou clamores a Zadig, e lhe quis atalhar, que a cometesse. Mas o Ermitão com forças superiores o tirou à estrada; e indo já bastante longe com o Companheiro, se pôs mui descansado a ver como a Casa ardia. — «Graças a Deus (dizia então) que já a Casa do nosso amigo inteira se abrasou. Oh homem afortunado!» Tentado se viu ali Zadig a desfechar com riso, e ao mesmo passo de dizer injúrias ao Reverendo: mas não o fez, porque sempre o poderio do Ermitão o sopeava; o foi (nada menos) seguindo até à última pousada, que foi em casa duma Viúva caritativa e virtuosa, que tinha em casa um Sobrinho de 14 anos, de muito boas prendas, e única esperança dela; que os agasalhou o melhor que lhe foi possível, é que no dia seguinte mandou, com os dous hóspedes, o Sobrinho encaminhá-los até uma ponte, que por quebrada de fresco, era perigosa de passar. Diante deles ia o açodado Mancebo, e eles apenas tinham subida a ponte, que lhe diz o Ermitão. — «Vem cá, oh Moço, que em ti quero a tua Tia mostrar quanto agradecido lhe sou.» E eis lhe trava dos cabelos, e o arremessa ao Rio: donde ele inda uma vez surgiu acima da água, logo se mergulha, para nunca mais surgir. — «Oh monstro! oh requinte dos desalmados!» (bradou Zadig). — «Mais paciência, que essa havias p r o m e t t i d o (o interrompe o Ermitão). Ora sabe, que debaixo das ruínas do incêndio, achou o Filósofo um tesouro imenso; que lho deparava lá a Providência. Sabe que esse Mancebo, que a Providência despachou do Mundo, tinha, dentro dum ano, de matar a Tia, e dentro de dous anos, a Zadig.» — «Oh bárbaro! e quem é que to disse? (exclamou Zadig). Quando tu mesmo, nesse teu Livro dos Destinos, tiveras lido esse successo, era-te consentido que afogasses um Mancebo, que nenhum mal te havia feito?»

Enquanto estas razões dizia, fez reparo em que já o Velho não tinha barbas; que o rosto lhe ia aceitando feições juvenis; tornavam-se-lhe as roupas em quatro graciosas asas, que lhe sombreavam os majestosos, e resplandecentes membros. — «Oh Enviado Celeste! oh Anjo Divino! (exclamou Zadig, prostrando-se por terra) Desceres tu do Empíreo, para ensinar um vil mortal a submeter-se às ordens de

Deus Eterno!» — «Os homens (diz o Anjo Iesrad) de tudo ajuízam, sem nada conhecerem; tu eras quem, de todos eles, ser mais alumiado merecias.» Zadig lhe pediu então licença para falar, dizendo: — «Desconfio de mim; nem sei se afoutar-me devo a pedir-te que me esclareças uma dúvida. Não fora melhor corrigir aquele Mancebo, e lhe dar virtudes, que afogá-lo?» Iesrad lhe respondeu assim: — «Se virtuoso fosse, e tal vivesse, tinha de sina assassinar-me, e a Mulher com quem casasse, e aos filhos que dela houvesse.» — «Pois é forçoso (replicou Zadig) que haja crimes, e desgraças, e que nos bons é que estas caiam?» — «Os maus (respondeu Iesrad) já por si são desgraçados; e também servem a acrisolar a virtude dessa pequena quantia de justos, que neste mundo andam; que não há hi mal donde não proceda um bem.» «E se não houvesse (replicou Zadig) senão bem, sem haver mal?» — «Então (lhe tornou Iesrad) este mundo seria outro mundo; ao encadeamento dos sucessos daria a Sabedoria Divina diferente ordem, cuja seria forçosamente perfeita; e essa só a pode haver na eterna morada do Ente Supremo, onde o mal não tem acesso. De milhões de Mundos, que Deus criou, nenhum semelha a outro: variedade essa que é um dos atributos de seu imenso poder; nem cá na Terra há hi duas folhas de árvore, nem nas infinitas campinas dos Céus, dous Globos, que sejam parecidos entre si: e tudo o que tu vês neste pequeno átomo, em que nasceste, tinha de ocupar o seu competente sítio, em tempo fixo, segundo as imutáveis ordens de quem abrange tudo o que é criado. Imaginam os homens, que esse Moço, que caiu no Rio, que essa casa, que se queimou, caíra, se queimara por acaso; não há acaso: tudo é crisol ou castigo, recompensa ou precaução. Lembra-te do Pescador, que se tinha pelo homem mais mal afortunado, a cujo te enviou Orosmaes, para lhe quebrares a sina. Cessa, mortal mesquinho de alterar acerca do que somente adorar releva.» — «Mas... (dizia Zadig) E enquanto dizia *Mas*, já o Anjo arrancava o voo para a décima Esfera. Ajoelhado ali Zadig, adorando a Providência, se submetia a ela. *Toma o caminho em direitura de Babilónia.* (Ihe exclamou dos altos ares o Anjo).

OS ENIGMAS

ARREBATADO de si, e como homem a quem lhe caiu raio aos pés, caminhava Zadig sem tino, até que entrou em Babilónia, onde os que haviam combatido na liça, eram juntos já no largo vestíbulo do Palácio, para explicarem os enigmas, e responderem às perguntas do Arquimago; e menos o da armadura verde, todos os mais Cavaleiros ali se achavam. Em torno de Zadig, mal que o viram, se apinhou o Povo todo; nem se lhes fartavam os olhos de o ver, riem as línguas de o abençoarem; todas as vontades lhe apeteciam o Império. O Invejoso, que o viu passar, bramiu, dele se arredou, quando ao sítio do Congresso o conduzia o Povo. A Rainha, a quem deram nova da sua vinda, ficou sobressaltada, entre temores, e esperanças; desassossegos a gastavam, que não podia compreender por que motivo vinha Itobad com a armadura branca, e Zadig sem armas. Apareceu Zadig, e súbito se ergueu um enleado murmurinho entre os que se alegravam de o ver, e os que se admiravam de que entrasse no Congresso; o que só era lícito aos Cavaleiros, que tinham combatido na Praça.

— «Eu combati como os mais (falou Zadig) mas outrem usa aqui das minhas armas, e bem que não alcanço a honra de vo-lo provar, faculdade peço de ser admitido a resolver os Enigmas.» Foram a votos: tão arraigada estava ainda nos ânimos a sua reputação de probidade, que não vacilaram em o admitir.

Por primeira questão propôs o Arquimago: — «Qual é no mundo a mais comprida, e a mais curta cousa? a mais expedita, e a mais ronceira? a mais divisível, e a mais extensa? a mais desperdiçada, e a mais sentida? Nada se pode concluir sem ela; consome quanto é pequeno, e vivifica tudo o que é grande?»

Cabia a Itobad falar; mas ele respondeu, que um homem como ele, se não empachava com enigmas; que assaz lhe sobrava ter vencido a grandes botes de lança. Responderam alguns, que o Enigma denotava a Fortuna, outros que a Terra, e outros que a Luz. Zadig disse, que era o Tempo; porquanto (dizia ele) nada mais comprido, pois que ele é a medida da Eternidade; nada é mais curto, visto que a

todos os nossos projectos falta; nada mais detençoso para quem espera, nem mais rápido para quem goza; estende-se em grandeza até ao infinito, e até ao infinito se divide em mínimas porções; todos o desprezam, e todos o choram quando perdido; sem ele nada se obra; ele é quem põe em esquecimento tudo o que é indigno da posteridade;

VERDADEIRA HISTÓRIA
DOS SUCESSOS
DE ARMINDO E FLORISA
ESCRITA EM FRANÇA,
POR UM PARENTE DE AMBOS,
NO ANO DO SENHOR DE 1588

e ele é quem immortaliza as acções excelentes. Conveio todo o Congresso, que tinha acertado Zadig.

Perguntou-se depois: — «Qual é a cousa, que sem se agradecer se aceita, se desfruta sem saber como; se dá a outros sem saber onde ela está; e sem se perceber se perde?»

Cada qual disse a seu modo. Zadig adivinhou que era a vida, e com facilidade igual desatou os nós dos outros Enigmas. Itobad dizia (quando lhe ouvia a solução) que nada era mais fácil, e que a querer ele tomar esse trabalho, os adivinharia todos. Foram depois propostas algumas questões acerca da Justiça, do sumo Bem, e da Arte de Reinar; e todos deram por mais sólidas em tudo as respostas de Zadig. *É pena* (diziam por ali) *que um Moço de tão bom juízo seja tão mau Cavaleiro.*

— «Ilustres Senhores (disse então Zadig), eu tive a honra de combater nesta Praça, e minha foi a armadura branca, de que se apoderou o Senhor Itobad, enquanto eu dormia; por entender (segundo eu creio) que lhe ficaria mais airosa do que a verde. Pronto estou, sem mais armas que estes vestidos, e esta espada, lhe provar, perante vós, contra

toda aquela armadura branca, que me ele tomou, que eu fui que tive a honra de vencer o valente Otame».

Com igual confiança que despejo aceitou Itobad o desafio; porque não duvidava com tal elmo, tais braçais, e tal couraça dar cabo dum Campeão de barrete, e chambre. Tirou Zadig pela espada e fez a salva à Rainha, que, entranhada de prazer e susto, o estava contemplando: Itobad tirou a sua, sem cortejar ninguém, e logo arremeteu a Zadig, como a quem lhe não dava algum receio; e levava o golpe feito a lhe escachar a cabeça em duas. Mas soube Zadig atravessar o golpe, aparando no *forte* da sua espada o *fraco* da espada alheia; de modo que esta se lhe quebrou; e Zadig abrangendo pela cintura a Itobad, o derribou na areia do circo, e apontando-lhe a espada aonde falha a couraça: «*Deixa-te desarmar* (lhe diz) *ou morre.*» Itobad, sempre atônito de que semelhantes desastres succedessem a um homem como ele, consentiu que dele fizesse Zadig o que bem lhe contentasse. Zadig lhe tirou com muita paz o magnífico morrião, as formosas braçadeiras, a s o b e r b a couraça, e a brilhante loriga; e vestido nessas armas, se foi lançar aos pés de Astarte. Fácil foi a Cador dar as provas de como a armadura pertencia a Zadig, a quem logo ali unânimes reconheceram todos por seu Rei; principalmente o reconheceu por tal Astarte, que depois de tantos contratempos, desfrutava agora o júbilo de ver o seu Amante, digno aos olhos do Mundo inteiro, de ser Esposo seu. Itobad foi para casa dar ordens que o tratassem por Excelência; e Zadig se viu Rei, e se viu ditoso: tinha ante os olhos do entendimento o que lhe dissera o Anjo Iesrad; lembrava-lhe o grão de areia tornado em diamante. Ele com a Rainha adoraram a Providência; à bela caprichosa Missuf enviaram-na correr pelo Mundo; ao Salteador Arbogad chamaram-no à Corte, onde Zadig lhe deu no exército honrado posto, com promessa de adiantamento aos mais sublimes, se procedesse com honra, ou de enforcá-lo, se tornasse a ser Ladrão.

A Setoc e à bela Almona também os mandou vir lá do rincão da Arábia, para que presidissem ao comércio de Babilónia. Cador foi galardoado, e querido, como os seus bons serviços o reclamavam. Foi o amigo do Rei, e o Rei foi o único Soberano então, que tivesse um amigo; nem passaram por alto ao Mudo da Rainha; ao Pescador fizeram dom duma linda morada de casas, além de condenarem

Orcan a que lhe pagasse uma grossa quantia, e lhe restituísse a Mulher; mas o Pescador, com mais juízo, que outrora, pegou só no dinheiro.

Lastimada Semira de ter imaginado, que Zadig ficaria torto; e chorosa Axora, por lhe ter querido cortar o nariz, as adoçou Zadig com

AO IL.^{MO} E EX.^{MO} SENHOR

D. DOMINGOS ANTÓNIO
DE SOUZA COUTINHO

MINISTRO PLENIPOTENCIÁRIO,
E ENVIADO EXTRAORDINÁRIO DE PORTUGAL
NA CORTE DE LONDRES,

OFERECE

A PRESENTE HISTÓRIA
DE
ARMINDO E FLORISA,
SEU OBRIGADO VENERADOR
FRANCISCO MANUEL

presentes. O Invejoso estalou de raiva, e de vergonha. O Império obteve paz, fartura e renome; e este foi do Mundo o século mais feliz, porque era governado pelo Amor, e pela Justiça: todos bendiziam a Zadig, e Zadig bendizia ao Céu.



Esta Tradução feita em Lisboa, para comprazer a uma Menina, que ma pedira, em tempos que eu ainda sabia menos francês que agora, precisava ser conferida com o Original, mas não o tenho. Custam mui caras as Obras desse Autor; e eu aqui não compro livros, que passem de quatro vinténs de custo. Quem nela achar faltas, emende-as; que eu presentemente não tenho modo de o fazer.



(1) Rodrigo Marques nasceu em Coimbra de família ilustre; na mesma cidade aprendeu humanidades: serviu depois em África, donde veio com créditos de valoroso soldado; e El-Rei o mandou à Índia com honradas patentes. Achava-se já de volta a Portugal, quando El-Rei D. Sebastião o convidou para a infeliz facção, em que pereceu a flor da fidalguia Portuguesa. Entre os que desse estrago se salvaram, foi ele um dos Cavalheiros, que vieram a França com Cristóvão de Moura, com o Neto do Vasconcelos - e i D. João de Castro, e outros que vêm nomeados nos requerimentos feitos a Henrique IV, impressos em Paris, na rua Judá, por Martin Vérac. Ficou nesta Capital, quando Cristóvão de Moura partiu para Lisboa; e então o recolheu em sua Casa Simão de Vasconcelos, que aí casara; e cuja filha, ou sobrinha, Mademoiselle de Saintonge,

PREFEÇÃO

TENDO gasto meia parte da minha vida no serviço dos Reis, e com armas na mão em África, e na Ásia, em peregrinações também pela Europa a favor da Pátria, com certidões e requerimentos em seguimento de Secretários e de Validos; tanto que vi o pouco galardão de um, e o pouco valor de outros, determinei-me a abraçar vida que fosse mais descansada para o corpo, e mais proveitosa para o espírito, entregando-me nos braços da Fortuna, ou (darei melhor) da Providência; metendo só da minha parte o cabedal de bons desejos de frutificar nas letras pacíficas o resto dos anos, que de mão de Deus me estejam talhados. E, por evitar a Ociosidade, a quem sempre dei de rosto, emprego nos Gerais da Sorbonna, ou pelas livrarias, o tempo, que das obrigações de Cristão me fica devoluto. Instigado da saudade dum parente, que muito merecia, e só recebeu dos homens desagrado, e de seus brios apressada morte, para desaforo do meu sentimento, e exemplo de famílias, escrevo a narrativa de seus infortúnios; com disfarçados nomes porém, por respeitos pessoais; mas com verdade singela, e que podem ainda certificar muitos, que alguns casos dela presenciaram, ou de abonadas testemunhas os ouviram.

VERDADEIRA HISTÓRIA
DOS SUCESSOS
DE ARMINDO E FLORISA

LIVRO PRIMEIRO

NO tempo, em que governava a valorosa Lusitânia, o mui poderoso, e afortunado rei D. Manuel, e que o seu mando e senhorio se estendia pela Ásia e pela América, e que na África se ouvia o seu nome com respeito, e com temor; quando pela foz do Tejo entravam as riquezas de todo o Mundo, acompanhadas das vassalagens e tributos dos grandes reis, e potentados; quando a nobre e ufana Lisboa era o Empório, e ao mesmo passo, a pedra do anel do universo, viviam nela ARMINDO E FLORISA, ambos de nobres e esclarecidos Pais, acrescentados em honras, e tão ilustres pelos Reais Avós, quanto pelas virtudes e feitos de armas; que os faziam agradáveis ao rei, e beneméritos da Pátria, sem que dela requeresses outro prémio mais que servi-la, nem do rei outro adiantamento, que a nomeação a mais assinalados perigos.

Longo tempo cursaram a Corte aceitos e respeitados, até que vindo os anos, e com eles o desengano das vaidades que o Mundo estima, um depois outro, partiram para os seus solares, a desfrutar as meiguices da paz interior, que só nas singelezas do Campo têm abrigo.

O Pai de Armindo, que por este tempo dobrava além dos doze lustros de sua idade, e habitava uma Casa de Campo, não longe da metrópole, não esperou mais que o fim dos estudos de letras humanas, que seu filho aprendia então nas Escolas Gerais (assentadas em Lisboa, antes que em Coimbra se fundasse a Universidade, e em cujas aulas como em perene fonte, está a Sabedoria manando) para passar Casa e Estado a Coimbra, onde tinha um soberbo Palácio, e lá o adestrar em todos os exercícios dum Fidalgo completo.

Já depois de três anos, se tinha por passatempo entregue à caça, que é mui abundante e divertida pelos arredores daquela Cidade, o Pai de Florisa; que lá fora tomar posse de muitas rendas e formosas quintas, que dum Tio seu muito rico e solteiro herdara; a cuja herança, em grande parte, o pai de Armindo tinha, nada menos, justas e bem fundadas pertensões. O interesse natural, e o desejo de prosperar os filhos em fazenda, foram a causa dos pleitos, que desuniram as duas famílias.

Já Armindo, que com a amizade contraída nos estudos com os Irmãos de Florisa, tinha mui familiar, e quasi como de filho, entrada em Casa, se retraía nas visitas, e crescendo os ódios entre os Pais, com os espinhos do litígio, lavrou nos filhos o despego e pesadume de sorte, que rebentou em inimizade declarada.

Pernicioso (como todas as mais paixões levadas ao galarim) é o interesse; mas mais pernicioso é o desejo num ânimo violento, quando se lhe fecham as portas da esperança. Amava Armindo: que não era compatível ter brando coração, e não amar Florisa depois de vê-la: e esta nuvem carregada, que lhe empecia ver os olhos, que lhe davam vida, ainda quando mais medonha com os ameaços, facilmente a destroçara Armindo, se lhe não atravessara os ímpetos o receio de desagradar à sua amada, ou dar contra ela suspeitas rigorosas. Que têm grande poder nas almas nobres, quando a boa educação as molda para a virtude, o pundonor de não obrar acção de que outrem possa desgostar-se; e sobreleva ainda, quando tem referência ao centro da afeição mais extremosa.

Um dia que magoado de saudades, e vagueando em pensamentos de poder atar o fio deleitoso, que paternais discórdias quebrantado tinham, saía sobre as margens do Mondego, sem destino certo em seu passeio, (tão enlevado vinha em seus cuidados amorosos!) tomaram largas seus passos imprudentes, devassando incógnitos pomares, em parte desvalados, e (como por descuido de seu dono) abertos e franqueados. Dentro deles, mais cansado de ânimo, que de corpo, se foi assentar à beira dum regato, que em costeadas voltas, rasgava um dourado laranjal, que ao Pai de Florisa viera por herança.

O perfume natural, que em torno recendia, o requebrado sussurro do ribeiro, e mais que tudo o cansado pensamento, que pedia repouso, o inclinaram a um aprazível sono, em que sem dar tino se encontrou

enredado, e no regaço do qual desfrutou ditosas horas de sonhadas venturas, sem precaver o perigo a que se expusera, se fosse ali de seus inimigos suspeitado.

Eram duas horas, e no abrasado Julho o prazo da mais alta sesta; quando a sombra dos cenceirais, que sobre o rio se debruçam, convida com a frescura os ânimos mais descuidados do refrigério. São todos os Campos, que o Mondego banha, tão verdes, tão aformoseados de boninas; são tão cristalinas as suas águas desdobradas pela ruiva areia.... Ainda hoje os tenho na memória, tão vivamente pintados, como se ontem, e não depois de 38 anos, deles já me despedira. Amadas ribeiras, em que nasci, em que passei os graciosos anos da minha infância e primeira adolescência, único tempo de sólida ventura, com que saudade vos recordo, e vos desejo! São tão agradáveis os outeiros daqueles contornos, opulentos de corados rácidos, e acobertados de frescas viçosas parras, coroadas pelas cimas de sempre verdes oliveiras! Estão tão apinhadas nos pomares as árvores curvadas c'ó saboroso peso de formosos frutos, pelos vales, que entre si deixam as quebradas das alegres montanhas! Estende-se um sossego tão deleitoso por aquelas Campinas afortunadas! Se não é que o interrompe às vezes (deliciosamente!) o canto melodioso dos Rouxinóis e Toutinegras, ou o compassado remar duma lenta barca, remontando o rio, para ir armar ciladas aos descuidados moradores daquelas águas; se também o não quebra a desafectada Cantilena da singela pomareira namorada, que descobre ao vento passageiro a força daquele amor que muito se envergonhara, que chegasse aos ouvidos do seu amante.

Nesta hora afadigada da calmosa sesta, tinha Florisa de costume vir passeando, em companhia de sua Aia, por baixo das ensombradas parreiras, e caramanchões, que orlavam os muros da sua abastada quinta; e sucedeu que nesse dia, descendo até às margens do Mondego, que os valados lhe beijava, atravessasse o frondoso laranjal, onde Armindo adormecera. Como porém o caminho que tomara, lhe impedia ver-lhe o rosto, passou sem conhecê-lo; mas o coração mais previsto do que os olhos, com desusado alvoroço lhe batia no peito. Como o baixel que vagaroso caminhava pela água mansa ao abrigo da montanha, sente na vela o vento despedido pela quebrada, que lhe estremece o lenho, e pende a raso da onda a subjugada borda. E esse

mesmo alvoroço lhe tirava pela vontade a que voltasse a reconhecer o objecto donde lhe vinha o impulso.

Já os passos seguiam o movimento do coração, quando o pejo, veladora guarda das honestas Donzelas, os desencontrou da vontade, e lhes mandou seguir o caminho das ribeiras. Mas o amor, que sabe não somente ordenar com império, mas ainda melhor que Mercúrio urdir engenhosas traças superiores a essas com que ele adormeceu, par depois de par, os olhos guardadores de Argos; calou desejos em Florisa de mitigar a sede, escolhendo entre os dourados pomos daquele recendente vergel os da árvore mais abonada pelo esquisito gosto de seus frutos, e, com tal pretexto, se deram, ela, e a Aia, tão bom recado, que veio a ser o mais nomeado pelo bom sabor de suas laranjas, o quarteirão de árvores do sítio em que dormia Armindo, onde teve azo de o contemplar muito a seu agrado, e de lhe deixar para pungente despertador da fortuna, que perdera, um largo listão verde; com que à moda da Índia, atravessava Florisa (descendo do ombro direito, a tiracolo, sobre o lado esquerdo) o descoberto, nevado peito: Listão venturoso que tanto lhe realçava a alvura, e que tanta inveja sempre mereceu a Armindo!

Sobressaltada, e como corrida desta ousadia, despediu, como voando, daquele perigoso lugar, os passos, a ir-se encontrar com a Aia, e ambas tomaram o desvio duma floresta de tremedores ulmos, povoada de estátuas e assentos de mármore, em iguais distâncias pelas lamedas, com vários retiros de entrançada murta, que davam espesso, e cheiroso asilo contra os intensos raios do sol.

Ali sentada, vieram de tropel apresentar-lhe rigoroso combate amorosos pensamentos, e austeras recatadas máximas. Então viu toda a profundidade do despenho, em cuja borda lhe poderiam falsear os pés, expondo-se em tão aventurado sítio, ei-la amante e só, e no poder de um fidalgo moço, que por assomado se pudera cegar a tudo; que mais ardente na dificuldade de ver a luz de seu pensamento, apertaria na ansiosa mão aquele lanço tão inesperado da Fortuna.

Era Florisa formosa, mas sobre formosa, honesta, e resoluta a sacrificar todos os tesouros (ainda os mais encarecidos) do Amor às severas leis do pejo, e do recato: e posto que sua Mãe na hora em que passou deste mundo, a deixou em mui tenra idade; a boa índole que ela surtiu nascendo, não necessitou de conselhos, nem de mestres,

para granjear tal crédito e renome de modesta e pundonorosa em suas acções e falas, que nesta segurança vivia seu Pai contente e descansado.

Mas, que mal seguras são as muralhas, as sentinelas, que fáceis são de minar os bastiões, quando Amor, General astuto e temerário dispõe suas baterias, e afia os estratagemas! E mui de sobra, quando dentro da mesma Praça estão os mais cavilosos inimigos, os espias, que Amor traz sempre bem peitados!

Florisia, que na idade de 18 anos, passara (antes desta dissensão) mui raros dias, em que não visse Armindo, ou em que os Irmãos dela não contassem de Armindo vantagens nos estudos, ou acção fidalga, e generosa, bebera pelos olhos, e pelos ouvidos uma afeição inocente e quasi forçosa, sem a conhecer, e sem a distinguir da amizade e gosto, com que seus Irmãos o viam, e comunicavam. Quando porém os desabrimentos do pleito cortaram cruamente os laços desta união de famílias, voltou Florisa ao coração os olhos, que não viam Armindo; e então é que viu em fixas cores retratado o quanto (sem ela suspeitar) tinha medrado a planta amorosa; ali ressoava de contínuo o eco suavíssimo de suas falas; ali se acendia em inextinguível luz o eloquente namorado movimento de seus olhos, letreiro movediço, cuja linguagem ela sempre compreendera bem; mas sem mais reparo outrora, que dum comprazimento ingénuo; que porém reflectida presentemente no ânimo, era avultado e fixo monumento do progresso duma inclinação seguida.

Não dizia uma só palavra à Aia; tão engolfada se mantinha no pego de suas considerações! E se alguma vez soltou um *sim*, um *não*, bem penetrou a Aia, que lhe vinham dos lábios fora, sem consentimento, sem atenção da intelligência; o que a Aia experimentando pelas respostas distraídas, cessou em suas falas, e a deixou embebida a seu prazer, por muitas horas, nas embelezadas cenas, que uma trás outra, ou juntas ou variadas se lhe abriam, e se atravessavam no peito; tão recolhida em si, que outro movimento não demonstrava, a não ser o da respiração, e ainda esse ansioso e como salteado: até que ali chegaram seu Pai e Irmãos, que sobre a tarde, com todo o alvoro de cães e de monteiros, partiam para a Caça. Então é que recobrando-se à força de alaridos, e vindo a espalhar no exterior os sentidos profundamente ocupados nos penetrais do coração, se ergueu a meio sobressalto, para

saudar os Caçadores, e sem demora correr ao seu quarto, para nele continuar a rever-se na atractiva representação, que lhe tinham os Caçadores, a mau grado dela, interrompido.

Armindo, a quem os latidos dos Libréus, os relinchos dos Cavalos, e vozeria dos homens tinham despertado, levantando o braço para compor o desalinho dos cabelos, viu pender-lhe o conhecido listão. Sem mais acordo, e antes de imaginar por que meios caíra em seu poder, o levou aos lábios, e o beijava tão estreitamente, e com tanto afinco, que pudera tão somente desses ósculos arredá-lo, e outra não, a ideia do encantamento, que no braço lho pusera: que tal se lhe entornara o juízo, que ver o listão ali sem encantamento, o daria por impossível. Tão alheado discorria duma em outra imaginação, que não dera ainda tento, que dormira tão perto das vinganças e ódios de seus contrários.

Mas quem poderá descrever o sobressalto e estremecimento de Armindo, quando, dissipados inteiramente os remanescentes do sono, apaziguados os tumultos (em parte) que lhes dessorsegaram a mente, com a posse da invejada fita, conheceu mais advertido aqueles arvoredos? As amarguras, e as iras que contra si, e seu malévolo sono concebeu, apenas em sua ideia apontou um suspeito raio de que pudera bem ser, que Florisa, e não outrem o prendara com aquele favor desmerecido? Que não disse! E como se acusou! Quanto mal quis a seus olhos, que deveram cerrar-se toda a vida, e só naquele i n s t a n t e e abrir-se!... Eu não sinto a minha alma tão exaltada, nem tão bem talhada a pena que me atreva a empreendê-lo.

Armindo era um mancebo, a quem poucos igualar-se podem pela gentileza viril de seu bom parecer, e pelas forças extraordinárias, na idade de 23 anos; pela viveza do ingenho, por um certo fogo de imaginação, e resolução assomada, que em seu primeiro ímpeto, nenhum obstáculo poude reprimir. Dotara-o a Natureza duma disposição flexível a todas as artes e exercícios da Cavalaria, da Dança, da Carreira, do meneio das Armas, e da Luta; que seu Pai, que era perfeito Cavaleiro, e a quem as Letras Gregas e Latinas davam conhecimento da Palestra, tendo (como o antigo Catão) servido de Mestre a seu filho, não teve outro trabalho maior no ensino de Armindo, que o de apontar-lhe os caminhos, pelos quais se toma para

subir à altura das Artes, e seguir-se destas lições o vê-las, com admiração sua, pronto executadas.

Na ligeireza do corpo levava principal vantagem a todos, montando a cavalo (como os Romanos) de salto, e sem estribo; correndo trás o galope dum vigoroso potro, e retendo-o, a meio curso, pelas crinas; de maneira, que passava entre os da sua esfera, pelo fidalgo mais abalizado nas prendas dum moço da sua qualidade e nobreza, e por um Aquiles (que o Poeta Grego chama *velocípede*) na carreira.

A precipitação no ponderar, e arrojado no cometer, bem natural em anos tão fogosos, e ajudada dum ânimo destemido, a quem todas as máximas de prudência bebidas nos livros, e nas escolas, nem todos os conselhos de seu Pai, cavados na experiência, puderam subjugar, era a única demasia, que lhe tachavam.

Apenas pois, que dum presentimento em outro presentimento passaram em seu desejo os indícios a realidades, e se deu por convencido, que Florisa fora quem lhe deixara o listão, quis logo atá-lo no braço esquerdo, donde só com a vida se lhe desatasse. E tão ufano se considerava com a inesperada prenda, que desejava que o listão fosse animado, e dali do braço onde estava preso dissesse a vozes a ventura de seu dono. Mas vinham logo as virtudes da sua educação, e o respeito que se deve às Damas honestas, abafar estes gritos da vanglória, e retrá-lo à vereda generosa dum ânimo devidamente agradecido, sobre amante. A prenda, conhecido era ser de valor subido, e requerer da parte de Armindo agradecimentos competentes ao seu valor. Mas com que rosto os iria render quem o levava tingido dos descuidos dum desventurado sono? Aonde depararia o mal considerado amante co' as desculpas que desafeiassem aquela mal assombrada negligência? Talhar naquelas árvores, que de tudo foram testemunhas, o seu agradecimento, e tomar para desculpa o seu muito amor, que tanto o trazia transportado de si, era, sobre indiscreto, perigoso, e tinha outro desar maior para um génio tão arrebatado como o seu, que era o longo trato do tempo, que tão vagarosa escritura requeria. Des-conselhada Mocidade! Outro alvitre que súbito lhe disparou na mente (mas quão pernicioso! quão temerário!) foi o que ele abraçou, e que imprudente executou.

Ei-lo que impetuoso se ergue do laranjal, e que correndo atravessa o bosque; num abrir de olhos transpõe todo o jardim. Davam-lhe asas a imprudência e o seu iminente desastre! Cruza desacordado os salões, que outrora tão comedido e desejado decorria; desapareciam-lhe as plantas pelo conhecido pavimento. Arremete ao Camarim de Florisa, arroja-se-lhe aos pés, cravados nela os delinquentes olhos, o peito trasbordando de palavras, e a boca ansiosa de falar, e emudecida.

Tinham as Criadas, logo que os fidalgos arrancaram com toda a comitiva para a Caça, descido ao bosque, a gozar do refrigério da tarde, umas passeando, contando em seu passeio acontecimentos namorados, outras folgando com danças, e jogos de prazer; estas clamando à orla dos marmóreos lagos os inocentes inquietos peixinhos, convidados do alvo engodo da mesa, para divertida pitança resguardado; aquelas desafiando com seu canto os Rouxinóis, reciprocando-se às invejas nos esforços da melodia. Só ficara por companhia de Florisa a sua Aia, a quem ela, para mais se empegar na lago de seus pensamentos, mandara retirar, com pretexto de escrever a sua Tia, Abadessa dum Mosteiro quasi fronteiro de Castela.

Narrar o assombro e estremecimento de Florisa, quando viu diante de si a ousadia de Armindo, sobreleva o arrojo de minha escritura: julgai vós mesmos, qual ficaria uma Donzela honesta, e recatada, ven-
do-se em discrime, e só, e despercebida; temendo tudo de seu Pai e Irmãos, se a ponto tão mal indicioso chegassem assomados e vingativos; temendo ainda mais sobressaltada, um violento amante, e desacordado de si; dado que naquele instante ajoelhado ante ela, cruzadas sobre o peito as mãos, pedindo desculpa os olhos, e demonstrando-se banhados de respeitosa afeição, capazes de quebrantar todas as iras da inexorável virtude.

Passado o primeiro sobressalto, o improviso espanto começou a franquear alguma entrada a outros affectos, e foi-se esparecendo no rosto de Florisa sua natural brandura, e ao de Armindo assomando mal ousada confiança, com que depois de honestar o arrojo, na impossibilidade de outro meio, e com os impulsos que o peito lhe abalavam, a acudir ao desempenho do agradecimento. Foi cobrando forças a sua destimidez, com ver que se de todo não era reconciliado,

não era ao menos repellido; e tomando o silêncio por tácita largueza para adiantadas falas, quis segurar o lance, dando um passo muito avante; passo, que antes denunciava amante vitorioso, que amante, sobre humilhado, mal seguro.

Quem diria que Armindo, cuja voz não ousava despegar-se da garganta para a desculpa, agora solta e cheia de ânimo traçava o caminho, que dali em diante devia trilhar a correspondência amorosa, para esquivar disvelados vigias? Que confiados que são os poucos anos, quando vêm nos olhos que deviam reprimir-lhe os arrojados, a menor sombra de indulgência, ou de mimo! Adverti bem nos meninos de mais tenra idade, com quem são frustradas as repreensões e enfados maternos. Sim: porquanto estes no maior rigor da repreensão menos atenção empregam no sentido das palavras agastadas, do que apontam todo o estudo em descobrir nos olhos da Mãe o amoroso raio do perdão, e o sorriso mal encoberto da engraçada travessura, contra a qual se declara aparentemente severa.

Já concertava Armindo os meios de continuar às encobertas, o tecido daquela união de vontades, que Amor com tanta inocência formado tinha, e que tantas prendas, tão generosas qualidades e virtudes tinham apertado com tão firmes e duradouros nós; até que melhores astros trouxessem dias mais claros e serenos, e que dissipados os infaustíssimos nublados, que acarreava o desventurado litígio, aparecesse em radioso Oriente um desejado matrimónio.

Mil maneiras se propunham entre os dous amantes; mas todas tão abrolhadas de dificuldades e perigos, que eram quasi logo enjeitadas, que propostas. Ganhar tempo, e ter constância, eram sempre os últimos pressupostos, em que se resumia a mui prudente e recatada donzela: expor-se a tudo, quebrantar impossíveis, afrontar a morte por ver Florisa, eram as arrojadas decisões de Armindo.

Como corriam as horas entre estes descuidados! Em tanto a Desventura andava alerta para os tomar em suas redes! Florisa não resguardava que era tempo que as criadas subissem do jardim; que seu Pai voltasse da caçada: Armindo, batendo às portas da imaginação, para atinar com um segredo de poder ver, poder falar a Florisa, por maneira de que ela não ousasse descontentar-se, nem lembrança tinha do sagrado que ofendia.

Eis que, estranhadamente para ambos, se abrem, com ruído, as grandes portas, e já nos pátios do palácio soam as clamorosas vozes do contentamento; e da caçada copiosa se faz a disputada resenha. — «Vai-te, Armindo, se amas a minha, e tua vida.» — Foram as únicas palavras, que pode pronunciar Florisa, assustada, e quasi sem alento: e Armindo, que da varanda se baqueou dum salto à estrada, era já bem longe da suspeita, e do perigo, quando Senhores, Criadas, e Monteiros subiam, e entravam pelas salas, alegres e divertidos, bem pouco suspeitosos do sucedido em sua ausência, e do susto sombreado de culpadas aparências que afligia o peito de Florisa. Mas oh, que triste foi a sua desventura, em virem mais tardios com o resto da recâmara dous Criados, que viram de longe saltar Armindo da varanda em baixo, e escapar-se fugitivo por entre as fronteiras alamedas.

Com tal notícia vieram os dous aguçosos destemperar o gozo das festivas preias que ali estavam celebrando. Então foi o correr ao pátio, picar os cavalos, seguir o atrevido, aparelhar como em cerco, criados e aldeões, e deixar a Casa toda em alvoroço, e consternação. Não ficou pomar nem vinha, estrada nem vereda, que não investigassem nem seguissem, até chegar com ameaças e tiros às portas de Armindo, que já tinha confessado a seu Pai a desastrosa imprudência, atenuando-a quanto lhe foi possível, com a força do impetuoso Amor, com os impulsos da ocasião, que o arremessaram como desatentado e cego à boca do perigo.

Tudo escutou o Pai, e creu somente o que devia: nem por então lhe respondeu o que convinha, atentando ao que de presente lhe tirava pelo ânimo, que era o alarido, e tropel de cavalos dos que vinham no seguimento do seu filho. Manda segurar as portas com gente armada, e posto na frente deles, a pé firme aguarda a vingativa visitação.

Já duma parte e doutra terçavam as homicidas armas, e se assestavam os tiros, estava a pique o rompimento. Eis que chega o Governador da Cidade, que não morava distante daquela quinta, e que avisado do distúrbio, acudia a apaziguá-lo: mas rebentavam as iras tão ateadas do seio do Pai e Irmãos de Florisa, instigadas do desacato cometido, devassado o solar da sua fidalguia, o pundonor intacto de sua filha enublado pelos arrojões de Armindo: — lançava inda mais ódio nestas chamas o litígio, e a sentença quasi vergando para a parte inimiga. Que novas labaredas, para não medrarem com mais

intenso lume, quando unidas à fogueira do ofendido orgulho, e suspeitado desdouro! Era tão desacordado o estrondo das injúrias, e tão arremessado o ímpeto da vingança, que não foi bastante a consumada prudência e moderado termo do Governador para aplacá-los; antes lhe foi forçoso interpor a voz de El-Rei; e levar para sua casa os filhos, tê-los como em custódia, para dar aos conseguintes do distúrbio peremptório atalho: também acabou com o Pai, (que os anos deveram ter mais cordato) que se retirasse.

Este assim o cumpriu, mas revolvendo vinganças contra a filha, enquanto não as podia derramar inteiras contra Armindo; e já se dava pressa a avizinhar-se da morada... Que espectáculo capaz de quebrantar os ânimos mais ferozes!

Estavam ajoelhadas entre os umbrais da grande porta a desconfortada Florisa, e com ela todas as criadas, erguidas ao Céu as mãos, os olhos lágrimas, e as vozes pranto, pedindo compaixão e piedade, com tão doloroso sentimento, que as entranhas paternas se enterneceram, e perdida a força das concebidas iras, se abateu manso o vingativo rancor. E qual fora o Pai, verdadeiramente Pai, ainda quando mais agastado e fero, que à vista de tal humildade, e tal arrependimento, não perdoara numa filha tão merecedora e tão amada, não digo uma culpa grave, mas apenas uma leve sombra dela.

Aplacado já em grande parte o tumulto das paixões em seu ânimo, se apeou a levantar pelos braços a lastimosa filha, que abaixando o envergonhado rosto, não ousava erguer-se de seus pés.

Tomou tempo o pundonor ofendido, e a afeição paternal, enquanto subiam as escadas, e entravam no quarto de Florisa, para debaterem suas pertensões; e o avisado Ancião, para tirar deste debate um acerto, que compusesse dum mesmo lanço a ofensa feita à sua honra, e à sua fidalguia, e nada destruísse do amor, com que, além das prendas e formosura de Florisa, amava nela a perfeita similhaça da sua Esposa, que tanto em vida amou, e morta não cessou de chorar saudoso.

Depois que soube de Florisa com quanto respeito e honestidade estivera sempre Armindo diante dela; e que o seu arrojo fora antes ímpeto de amizade antiga, que intenção (ainda a mais leve) de ofender o seu recato, e menos de faltar à nobreza de seus ilustres Maiores, confirmado em sua resolução lhe disse, que tudo lhe perdoava; mas

para desagravo e quietação de famílias era conveniente que ela fosse viver algum espaço de tempo em companhia da Abadessa do Mosteiro de sua Tia, que instantemente lhe pedia por Cartas contínuas lhe desse a consolação de possuir algumas semanas a vista e prendas duma sobrinha, de quem tantos louvores lhe diziam, e cujas feições lhe acreditavam ser a mais parecida imagem de sua Irmã e amiga, tão perdida, e tão chorada. Assim, que se dispusesse a partir naquela mesma noite, com sua Aia, e que ele mesmo com alguns Criados, seria quem ao Mosteiro a acompanhasse.

Enquanto Florisa mandava pôr em ordem tudo o que lhe lembrou poder levar consigo, e que do seu quarto, e de quantos objectos nele estava habituada a contemplar, se despedia, com um certo presentimento magoado de que os não tornaria a ver, batalhavam em seu coração respeitos de seu Pai, com a separação de Armindo; finezas deste, e as brandas e amorosas falas, que naquela tarde lhe ouvira, com as austeridades de um Claustro, aferrolhado contra os ais e suspiros dum amante ausente. Muito duraria este combate, se já tudo disposto e malas atacadas, cavalos prontos, a portinhola aberta da carruagem, que esperava, não entrasse o Pai a dar a mão a Florisa, para que descesse, e se embarcasse com a Aia, e dadas as ordens, não arrancassem da pousada com a silenciosa comitiva.

VERDADEIRA HISTÓRIA
DOS SUCESSOS
DE ARMINDO E FLORISA

LIVRO SEGUNDO

JÁ tinham encetado à estrada, entre lágrimas, Florisa, e a sua Aia, que do muito que a amava lhe fazia consonância no sentimento; e seu Pai na profunda meditação dos sucessos (pouco havia) acontecidos: quando o Governador, que deixava os Irmãos de Florisa nas mãos de quem com discretas razões acabasse de apaziguá-los, vinha buscar Armindo, e aconselhar-lhe com brando, mas autorizado termo, que para sossego daquela Cidade, e evitar dissensões, e derramamento de sangue, em tão esclarecidas famílias, convinha muito que ele se ausentasse com algum colorado motivo, longe daquelas terras, pois que fora o autor do desacato; até que o tempo mitigasse o amargor da ofensa. Que ele Armindo era o descendente de muitos nobres Avós, que já na idade que ele tinha, vestiram as armas, e ensoparam o ferro em sangue Mouro. Que as novas e afamadas conquistas da Índia chamavam os mancebos fidalgos e valorosos, como ele, a vir fazer provas de animosos brios no acrescentamento de vassalagens à Pátria, e de tributos à Religião. Que quando tantos outros partiam menos favorecidos da Natureza e da Fortuna, vergonha fora ficar Armindo, tão conhecido por mimoso de uma e de outra.

Estas razões do Governador, que ainda era seu parente, e merecera aquele governo pelas excelentes cavalarias, e gentilezas de armas, que em vários lugares de África, e na Índia tinha obrado, meteram esporas aos desejos de Armindo, que já de longo tempo o inquietavam com a fresca e continua inveja de ir imitar, e vencer (a ajudá-lo boa estrela) as acções de valor e bizzarria, que davam brado desde a Índia até Portu-gal, e se iam espalhando mais avultadas pela Europa; mas tinham-lhe remorado o arremesso as prisões da vista de

Florisa, as quais estragadas agora com a sua partida para o Mosteiro de *** o deixavam desmembrado para dar largas a seus acesos brios, e dar a seu Pai o contentamento de ver nele o seguimento de proezas, que lhe vinham como herdadas. E nesta consideração permaneceu mui firme.

Em tanto caminhava Florisa para o Mosteiro, e seu Pai que lhe via cair furtadas lágrimas entre es disfarces da conversação, cuidava muito em lhe distrair a mágoa do retiro, com a agradável perspectiva dos sítios por onde passava, apontando-lhe nuns a riqueza de bem cultivadas campinas, noutros a sumptuosidade dos edifícios numa planície talvez erma de árvores e de lavoura, lhe contava o combate que ali renhiam os Portugueses contra os Romanos, já contra Mouros, e talvez contra Espanhóis: que como era um fidalgo muito lido, e tratava com mui curioso disvelo tudo o que eram acções de valia de seus conterrâneos, tinha a ponto na memória, com que entretivesse o ânimo desassombrado do tédio, que causam estiradas peregrinações.

Com estas e outras práticas sempre dirigidas a desimaginar Florisa das mágoas que na alma lhe presumia, chegaram às portas do Mosteiro, onde entregou sua filha à Abadessa, a quem deu em público, por motivo desta vinda inopinada, o querer-lhe dar, quando ela menos o esperava, o apetecido prazer, que ela depois de muitos anos lhe pedia; mas numa conversação que em particular tiveram ambos, lhe confiou o segredo, recomendando-lhe muito, que impedisse o entretenimento de Cartas, ou já de sua filha para Armindo, ou já deste para Florisa, como também comunicação com pessoas, que por conhecimento com o amante, avivassem no peito dela as chamas que mais convinha extinguir, do que soprá-las.

Recomendação inútil! Que tem poder a ausência, e maiormente a solidão, para dar viveza às cores na distância, e avultar na memória a grandeza dos objectos imaginados. Um parecer que de perto passaria (quando muito) por um tanto mais subido do trivial, cresce em valor na ausência; e as falas que se ouvem de contínuo, deslizam da memória, despedidas pelas que lhes vêm de perto. Mas quando lhes pôs muro em meio a desconsolada distância, adoça-se-lhes o som na imaginativa, e tem um sentido mais profundo, que lho dá a privação, e a ideia de quem por outras falas daquela mesma boca suspira, e se anseia. Como acha mais luzente, e o guarda com mais vigia, esse ouro

já cavado o Mineiro, a quem há muito se estancou a veia, e meses e meses com outra não depara.

Assim a incessante distração de Florisa, depois que habitou aquele encerro, era uma aplicação tenaz em visitar, com a lembrança, tudo o que de Armindo tinha por si mesma presenciado, ou lhe fora por palavras, e significativos movimentos de olhos influído. Quando às horas permitidas podia desafogar seu peito pelos jardins, e mais cerca do Convento, não havia árvore, que lhe não figurasse, à prima vista, as laranjeiras, entre as quais adormecido a Armindo contemplara: pelo vago daqueles mudos sítios soltava os ais tão amiudados, quanto estiveram mais reprimidos na enfadosa cortês sociedade das religiosas, que suportava, mais atendendo a não singularizar-se das outras Senhoras, e Educandas, que por dela recolher satisfação. O retiro dos arvoredos da cerca, ou o retiro do seu quarto lhe eram indistintamente acomodados para entretenimento de suas lembranças saudosas. Algum tempo concedia à leitura, mas com pouco aproveitamento dela, achando o que pudera granjear dos livros o lugar tomado por cuidados tão encorpados, que a nenhuns outros deixavam entrada; algum também empregava na escrita, correspondendo com seu Pai e Irmãos, e mais largamente com seu Pai, que nem por Cartas, nem na jornada mesma, em que a fora depositar na vigilância da Tia, lhe dera por palavra, nem ainda pelo gesto, sinal algum ele desabrimento de ânimo: e o que pudera de outro modo parecer castigo, nada mais foi que prudentíssimo estorvo às imprudências de Armindo.

Bem quisera a saudosa Amante dar alívio ao afligido coração, confiando ao de Armindo parte de suas tristezas, e enubladas esperanças; mas o recato, em parte que vedava a uma Donzela nobre, e virtuosamente educada, ser a primeira em dar notícias, e em parte o cuidado da Tia, sem cuja licença nada naquele Mosteiro se movia, e que tão encarregada fora de impedir correspondências, que não fossem as únicas por seu Pai assinaladas, não deixava lança à sua amorosa paixão, para alargar as asas à vontade. Lembrou-lhe, e muitas vezes, ter novas, por intermeio da sua Aia, do que acontecera depois da sua partida, a Armindo. Davam-lhe assaltos os desejos de sondar o coração de algumas Educandas, que mais suas afeiçoadas se diziam, e examinada a capacidade do peito para tomar nele vau, em que

pudesse aventurar um amoroso segredo, e desse descobrimento abalançar-se a mais remotos prosseguimentos. Nestas considerações deixaremos a Florisa, enquanto nos damos a referir as intenções, e successo de Armindo, logo que começou a serenar a tempestade que tinha posto em alvoroço, e arrancamento as pessoas principais daqueles dous solares.

Logo na manhã seguinte partiu Armindo para a Corte, em companhia de seu Pai, que de sua mão o quis oferecer a El-Rei D. Manuel; e Sua Alteza, entre tantos fidalgos moços que então se distinguiram no Paço, distinguiu muito a Armindo pela gentileza e garbo de sua pessoa, e talvez por lhe antever no rosto os dotes do ânimo, que depois o assinalaram tanto em serviço do Estado. Que têm os Reis, mais que os outros homens, superiores meios de conhecer e esquadriñar os pensamentos, e a coragem dos Vassallos, quando a má índole, ou o mau ensino, que enquanto Príncipes moços recolheram, não descaminhou o intuito da boa Natureza. Além de que, Armindo lhe vinha mui recomendado pelo relevante e muito conhecido merecimento de seu Pai, e façanhas memorandas de seus Avós. Sua Alteza pois, vendo-lhe a boa vontade de passar à Índia, e esperando de tão apessoado mancebo, que seguindo os exemplos de Casa, desse provas do seu valor e inteligência, antecipou o galardão, com patentes, e com tenças tão honradas, que dessem a Armindo confiança de maiores adiantamentos; e aos que presentes eram, invejosa emulação. Que muito apoucamento de brios indicava ficarem na Corte entre a moleza do ócio, fidalgos moços, que em lugar das galas, que alardeavam garridos e desleixados, deveram carregar-se de armas, e endurecer-se c'ó ferro do morrião, e da couraça. Também lhe prometeu (e essa foi a mais valiosa mercê), que o encomendaria muito ao Vizo-rei, a fim que este o tivesse diante dos olhos, sempre que houvesse risco honroso que correr, e glória que granjear: e com agradável sombra o despediu. Estava no porto de Lisboa, já de verga d'alto, e prestes a levantar ferro a armada, em que ia por primeiro Vizo-rei da Índia D. Francisco de Almeida; e só esperavam as colhidas velas por vento favorável, para encetar a viagem pelo Oceano, tão trilhado já de nossas quilhas. Ao Vizo-rei pois se apresentou o Pai de Armindo, logo que favoneado das mercês, que El-Rei fizera a seu filho, e recomendações que lhe

prometera, vinha com o peito cheio de venturosas esperanças; e passadas as primeiras saudações, que a amizade, o parentesco e a civilidade requeriam; «Senhor Vizo-rei, e muito esforçado Primo, (lhe disse) levais na vossa armada muita flor da nossa Nobreza, que já na escola de África assinalou seus brios; e outra, que já nas guerras da Índia enobreceu com as armas o nome Português. Este filho meu não tingiu ainda a espada em sangue Mouro nem Indiano, mas tem em seus Avós tão provados exemplos, que para acreditar a patente, com que Sua Alteza o honrou de prevenção, não necessita mais reforçados estímulos. Se lhe for necessário um Mestre para despejar a passo largo a carreira da honra, em Vossa Senhoria o tem melhor, do que o poderia procurar entre os mais honrados; se emulação, no Senhor D. Lourenço vosso filho, a encontrará mui digna. Só lhe encomendo, e com paternal mandado lhe encarrego que se não deixe avantajado de seus ilustres Companheiros: e ou lá acabará com invejadas feridas; ou voltará desse Oriente a Portugal, benemérito da Pátria, do seu Soberano, e de seus esclarecidos Antepassados.» E logo endereçando a fala a Armindo, arrasado o semblante em paternal ternura, lhe disse assim: «Vai, Armindo, preencher o venturoso agouro, que a boa sombra de D. Francisco te promete; vai com façanhas dignas de quem és, e do Vizo-rei de quem tomarás a doutrina, apagar um ímpeto juvenil, e carrear com virtudes o amor daqueles, em quem acendeste inimizade. Com os braços abertos te espera a Fama no Oriente, e pede que das mãos lhe arranques um prémio sem igual, tendo quebrado com teu renome os obstáculos que tecera um ódio mal fundado.» E aqui pondo fim ao seu discurso, sentindo-se enternecido, é abalado no interior da alma, com poucas palavras, mas cortesãs, se despediu do Vizo-rei, e se recolheu às casas de sua morada, a esperar a partida.

No dia 25 de Marco de 1505 atirou peça de leva a Capitania, e desferrou de Belém a armada. Ali Armindo, que com seu Pai, com o Vizo--rei, e seu filho D. Lourenço de Almeida estava sobre a tolda, beijando a seu Pai a mão, lhe requereu a bênção para tão arriscados crimes, que com ânimo desassombrado ia cometer; pedindo-lhe em suas cartas continuados conselhos, e novas incessantes dos parentes, e com elas as dos apaziguados ódios, e litígios.

Foi dilatada, mas próspera a viagem até à Índia, e não tão enfadonha para Armindo, quanto ela era tal para os que com ele corriam

longos mares, desocupados de ânimo, e de corpo, a quem a uniformidade de objectos pesava, e aborrecia. Armindo, além de abastadas prendas, que com o ensino adquirira, e com as quais de só a só se divertia, e outras vezes ensaiando em fingidos combates com os outros fidalgos moços, os verdadeiros, em que esperava empregar o braço, ora escrevendo, e anotando no seu roteiro o que era digno de lembrança, tinha ocupação constante e agradável em folhear as laudas de seus acontecimentos amorosos, cuja distração lhe encurtava o enfadamento da viagem. Ocupação que ainda lhe medrava no aprazível, quando exaltada a imaginação lhe debuxava no futuro os quadros de contentamento, que lhe prometia o seu valor e proceder honrado, na volta, que abastado de méritos fizesse à Pátria; e acreditando as suas pretensões com o testemunho dos Officiais, e abonos do Vizo-rei, alcançasse do Monarca o galardão devido; e riscadas, ou esquecidas as dissensões entre as duas famílias, obtivesse a posse da suspirada Florisa.

Que feliz que era então Armindo! que não antevia o revés do quadro, nem as felicidades, que ele tão lindas colorava, despintadas acintemente pelo seu mau Fado! Ele bem reparou algumas vezes, que na fingida amizade dos outros fidalgos se descobria certos visos de mau pressuposto, e que não eram bem sinceros os louvores, que em t o d o s os divertidos vencimentos lhe prodigalizavam; mas tanta era a sua modéstia, e em tão pouco avaliava as suas prendas, que lhe passavam por alto as ventagens, que levava aos Companheiros. Mas a estes não lhes dava azo a Inveja de que se deslembraassem delas; antes atijando a cada combate os fogos do amor-próprio, ora ferido, ora humilhado, abriu entrada em todos esses Cavalheiros a um entranhável ódio; que durou, já sotoposto às cinzas da dissimulação, já vertido em astuciosos deslouveiros, todo o tempo que ele cursou os Estados do Oriente; e já dessa venenosa Oficina tinham vindo despachadas para a Corte inimigas insinuações, que lhe preparavam desabrido acolhimento, quando viesse buscar o prémio, se infaustíssimo successo o não privasse desastradamente das esperadas honras, da vida, e do que ele mais do que a vida avaliava; com o que foram burladas as antecipadas calúnias de seus inimigos invejosos! Mas ai de nós! que se não burlam sempre calúnias tais!

Esta lavradora inveja deu (logo que saltaram em Quíloa) não escuras mostras; quando na investida que D. Francisco deu à Cidade, para castigar de sua falsa fé o Rei que então a governava, encomendado Armindo de ir direito aos Paços, sendo-lhe forçoso atravessar estreitas ruas, por onde das janelas, dos eirados caíram os arremessos sobre eles, como chuva de pedrisco, grande parte dos fidalgos moços, tomados de mau ânimo, o deixaram aparando quasi só, todo o peso da valentia dos Mouros, confiando muito, que ali se derribasse o padrao de prendas e honrado brio, que tão molestamente os assombrava. Mas foi-lhes inútil esta desbriosa tentativa; porque Armindo com valoroso braço, ajudado dos poucos soldados mecânicos, mas briosos, que lhe ficaram fiéis, rompeu o grosso dos contrários, a bons botes de lança, e levando-os ante si, com pasmo e vergonha de seus mesmos invejosos, abicou ao Palácio, e fora entrando apesar das guardas de El-Rei, se D. Francisco vendo arvoradas no alto as Quinas, não mandasse parar c'ó estrago.

Conhecido porém depois pelo Vizo-rei o engano, a que a bandeira Portuguesa ali arvorada fora entretenimento, e não seguridade de boa fé, pois que o Rei fugia, com toda a sua Casa, enquanto os Portugueses se entretinham em lhe fazer o devido acatamento, tratou logo, com o Conselho, de eleger novo Rei, mais afeiçoado aos nossos, e dar modo em que fossem mais bem pagos os concertados tributos; logo deixando ali guarnição na fortaleza, que em breve edificara, partiu para Mombaça, onde foi mal recebido pelo Rei dela; mas nem o muito poder, em que este confiava, impediu a D. Francisco de entrar a Cidade, e dar o sacco dela aos soldados, e depois queimá-la, tendo os moradores de envolta com a guarnição, e o Rei tomado couto nos palmares, que lhe ficaram convizinhos.

Estavam os Soldados e os Cabos celebrando a rapidez da vitória, quando saiu dum dos palmares montado num poderosíssimo cavallo, um agigantado Mouro, ricamente armado, que apenas chegou à vista dos nossos fez sinal de querer vir à fala com o Cabo daqueles Portugueses. Mandou logo o Vizo-rei a Fernão Dias, cativo que fora em Túnis mais de quinze anos, e que falava algaravia Moura tão corrente como os mesmos naturais da Barberia, que fosse compreender o que aquele Mouro requeria; e depois de o ouvir trouxe por recado, que como quer que ele estivesse longe de Mombaça, na

hora em que o assalto se dera, e tivesse entendido da guarnição da Cidade que se acolhera aos palmares, serem os Portugueses gente de atrevimento e coragem, ele se resolvera, pois não via por então o rei de acordo a refrescar o combate, a vir ele só por só provar as armas com alguém dos mais esforçados de Portugal, desejoso de se convencer por experiência pessoal, se eles eram tais, como lho tinham os outros indicado: que vinha oferecer aquele cavalo que o seu escravo tinha pela dextra, e uma lança igual à sua, ao valente que se convidasse a vir com ele em desafio, se o Senhor Vizo--rei consentisse em lhe segurar o Campo.

O Vizo-rei lançou os olhos em roda de si, considerando em quem encostaria o bastão de General, enquanto ia aproveitar o lança, com quem tão valoroso era de sua pessoa, e tão exercitado em combates singulares com os Mouros de África, e de Granada, aonde tinha ganhado custosíssimas ventagens. Opuseram-se porém a este seu assomo todos os fidalgos e mais Cabos da facção, encontrando-lhe o desígnio, com ser inconveniente, que o Primeiro Vizo-rei que ia à Índia encarregado por Sua Alteza de tão ponderosas instruções, expusesse a sua vida num jogo e primor de armas, quando tinha a seu mandado tantos Cavaleiros, que podiam, e tinham de obrigação punir pelo nome Português. Além do muito deslustre que seria para todos aqueles fidalgos, que concebesse aquele Mouro que para o combater se julgara somente por digno de entre tantos Cavaleiros o Vizo-rei D. Francisco de Almeida. E a estas razões ajuntavam muitas outras igualmente forçosas que o inclinaram a escolher para aquele feito a seu filho D. Lourenço que tão ao vivo o retratava nos dotes do ânimo, como na força e prendas da Cavalaria: mas a esta hora se achava por ordem sua D. Lourenço ocupado a bordo dos navios, em dispor do tratamento dos feridos, e repartição dos despojos da Cidade saqueada. Caiu a sorte em Armindo, considerado por D. Francisco por seu adoptado filho, parente tão chegado; e por El-Rei D. Manuel tão recomendado; e esta escolha, ainda que ao parecer mal vista por alguns, deu larga satisfação a todos os seus invejosos, que bem cuidavam, não tendo ele nunca entrado em tais combates, e afigurando-se-lhes o Mouro tão apessoado e tão forçoso, que não sairia com vida daquele desafio.

Mas nas justas que pelo casamento do Príncipe D. Afonso, filho de El-Rei D. João segundo se fizeram em Évora, tinha o Pai de Armindo demonstrado tantas provas de destreza e valor neste exercício; e nos presídios de Arzila e de Azamor, onde militara muitos anos, tinha respondido com tais primores de cavalaria, a quantas provocações briosos Mouros daquelas terras convizinhas a miúdo lhe faziam, que bem podia com as lições que dera a Armindo gloriar-se nele, como num discípulo dos mais famigerados Mestres; pelo que, com modéstia, e sem o menor susto, recebeu este a honrosa, posto arriscada nomeação.

Assim, fazendo ao Vizo-rei o acatamento devido, e despedindo-se com desassombrado rosto dos mais fidalgos, e dos Soldados do exército, que muito o amavam pela sua afabilidade e conhecido esforço, saiu do Campo, e se adiantando para onde o Mouro o aguardava, tomou uma das lanças, que este lhe deu à escolha, e segurando-lhe o conto em terra, se pesou nela, e dum salto, se assentou airoso e leve no Cavalo, de que lhe dera o escravo as rédeas.

Então, sem mais demora, rodearam ambos, segundo o uso, o assinalado Campo, para virem frente a frente encontrar-se com as lanças, que ao primeiro embate impetuoso, dado que de rijo lenho, e que mui provadas fossem, estalaram em pedaços, sem que os dous Cavaleiros pareassem demover-se na sela. Arrancando logo Armindo da sua espada, e despindo o Mouro o damasquino alfanje, travaram uma das mais arriscadas brigas, que tivessem presenciado em seus presídios, Cavaleiros a vê-las costumados; e desse lote havia muitos entre os espectadores.

O Mouro era destríssimo no disferir, e no evitar os golpes, e maneava o Cavalo com tanta arte, que parecia não o ocupar outro cuidado. Armindo em nada lhe cedia, de maneira que todos, e ainda seus mesmos émulos o admiravam: tampouco demonstrava ser novo naquella bracejar das armas! Os golpes, ou descarregados, ou já medidos, eram com tanta gentileza reparados, ou evitados com tanta astúcia, que a briga durava além duma hora, sem ventagem conhecida, nem de um nem de outro lado. O Mouro via e não sem avultado pasmo, um Mancebo, que afigurava quando muito vinte e dous anos, pleitear-lhe o vencimento com tanta arte e esforço, quanta

nunca experimentara, em Mouros, nem Turcos, Mestres naquele jogo; mas nem ainda em Abexins e Rumes mais afamados que esses.

O Vizo-rei, que se deleitara naquela disputa de armas, e que amava, ainda nos inimigos, a ardileza e bizzarria de esforço, como virtudes de sua compleição, mandou cessar a briga, enviando-lhes Fernão Dias, que lhes dissesse que para abalizar o valor, e a estimação recíproca, assaz longo tivera sido entre eles o debate. Então os dous Campeões, satisfeitos da valentia de seus contrários, dando-se mútuos e bem granjeados louvores, se prendaram um ao outro na despedida, dando o Mouro a Armindo o rico alfanje com que combatera, e Armindo ao Mouro a sua espada, que não era de menor preço. Ao entrar no Campo, D. Francisco, entre os parabéns tão merecidos, reparou que ele vinha sem espada, e logo descingiu a sua para o ornar com ela de sua própria mão, dizendo, que seria desairoso ver-se entre os seus sem espada, quem tão bem a maneava entre os inimigos: e que ele se encarregava do alfanje para ser remetido a quem lhe ensinara tamanhas gentilezas de almas.

Cresceram (com os aplausos que os soldados davam a Armindo, e com os favores com que o Vizo-rei galardoava a bizzarria do feito) as invejas, e procedidos delas, os ódios, e as calúnias em particular, e em público, traçando os invejosos, e malquerentes maligná-lo com todos, e em principal com D. Francisco, e D. Lourenço de Almeida, urdindo todos os modos, com que nas refregas mais rijas, fosse Armindo o mais exposto ao perigo, e fossem os azares, que ele corresse, os mais difíceis de sobrepujar, quando não fossem tão poderosos, que lhe levassem de remate a vida. E apontando a esse alvo, quando se oferecia facção, que promettesse trabalho e risco, ou de êxito antes desditoso e obscuro, que de fácil e glorioso nome, encareciam o valor de Armindo, a sua sagacidade em se desempear de obstáculos, e com poucos Soldados conseguir vitórias: e como tal o vieram a obter no Caso que agora exponho.

Ao sair da destruída Mombaça em direitura à Índia, antes de chegar a Anquediva, primeiro porto da Ásia, em que saltou em terra o Vizo-rei, deu o Gajeiro sinal de duas velas, que a todo o pano se desviavam da Carreira que levava o nosso Armindo, e que pareciam Naus de porte. Despediu, logo o Vizo-rei duas Caravelas, uma, de que era Capitão Lionel Marques, e outra, de que deu o governo a Armindo,

para que as fossem prear, e esbulhadas das riquezas que levassem, as metessem a pique. Deram-lhes caça toda aquela tarde e noite, e ao romper do dia, por serem as Caravelas mui veleiras, e as Naus inimigas mui carregadas, como depois se viu, se acharam umas e outras a tiro de bombarda. Pareceu aos Muros desatino, a confiança com que dous tão pequenos vasos vinham afrontar-se com duas alterosas, e bem artilhadas Naus de El-Rei de Cambaia, que levavam 800 Turcos de provada valentia, além dos outros soldados Mouros; e conduziam ao Sabaio uma Princesa para Esposa de seu Sobrinho, que segundo o costume daquelas terras lhe devia suceder no governo.

Começou o combate com tanta igualdade de fúria de ambas as partes, como desigualdade no número dos braços que combatiam; além do desconto da pequenez das Caravelas, comparada com a altura de possantes navios. Laborava a artilharia entre os tiros de mosquetes, de flechas, e zargunchos; mas os Portugueses nada mais ansiavam, que subir ao tombadilho, e batalhar peito a peito; o que os Mouros receavam muito, cortados já de nosso ferro, e assustados novamente com os boatos que recresciam de Quíloa e de Mombaça; mas os Turcos, com a vanglória de Janízaros, e terem sido estremes para a defesa da Princesa, não punham tanto estorvo à subida; antes não sei se a desejavam, confiados em orgulhosas forças e talvez na superioridade do número.

Já Lionel Marques, à força de lançadas se tinha apoderado duma amurada, onde ajudado de alguns esforçados Cavaleiros, se afrontava mais a pé firme com os inimigos; e os mais soldados, por lhe seguir o exemplo, desprezando pelouros e frechadas: trepavam como enraivadas onças: quando os Turcos, reparando no estrago, que aquele punhado de Portugueses fazia no navio, acudiram pelo crédito, igualmente que pelo salvamento da Princesa, e ricas mercancias de que vinham as Naus preciosamente carregadas, e afinando o valor, tão duros pelejaram, que Lionel Marques recebendo na couraça um bote de lança, que lhe fez vergar o corpo, pelo achar desamparado da amurada, lhe faltaram ao mesmo tempo os pés, e caiu do alto do navio de costas na Caravela, onde ficou por algum tempo sem sentidos: os mais foram obrigados a deixar o navio e a continuar o combate como no princípio.

Armando teve, de primeiro, melhor fortuna; porque tendo entrado a Nau mais bem acompanhado, foi levando diante de si Turcos e Mouros até ao convés; mas lá se viu em tão grande aperto, recrescendo sobre ele e seus Companheiros todo o peso dos contrários, que os cercou tão estreitamente, que apenas tinham azo de jogar as armas; davam e recebiam feridas, muitos inimigos tinham já mortos, e estendidos a seus pés; mas eram os Mouros em tanta quantidade, que cansados de ferir, e de matar, ali teriam acabado às mãos do grande número, se Armando não gritara aos Companheiros: «Metade da vitória é já ganhada. Os mais valentes inimigos, que se aventuraram aos primeiros golpes, aí jazem. Que dirá o Vizo-rei, que dirá toda esta Índia, se por falta de coragem deixamos escapar das mãos a glória deste feito.» Estas poucas palavras, ajudadas de redobrados golpes, que o braço de Armando disferia furioso nos contrários infundiam renovadas forças nos soldados; e a maior parte dos Janízaros tendo morrido naquella peleja, os Mouros começaram a desamparar o posto, e render-se, com promessa de lhes salvar as vidas.

Quando, findo o combate, pôde Armando lançar os olhos ao que acontecia na outra Nau, viu com grande alegria arvoradas nela as vencedoras Quinas, e os soldados ocupados em escorchá-la de todo o mais precioso; e um batel em que vinha Francisco Álvares demandá-lo para que, pois Lionel Marques estava ainda desacordado da queda, viesse ele dar as ordens competentes. Chegado que foi à Caravela de Lionel Marques, muito o escandalizou o dissoluto modo, com que os soldados pretendiam desonrar a vitória, ganhada a tanto preço de sangue, tratando como se foram mulheres depravadas, uma Princesa lavada em lágrimas, e suas escravas, a maior parte delas Cristãs, e uma formosíssima Espanhola, que lançando-se-lhe aos pés, lhe pedia em nome de todas, antes a morte, que desampará-las à brutal satisfação da ensanguentada soldadesca. Armando, que logo lhe lançou os braços para a levantar do chão, a consolou, e lhe seguiu com tanta afabilidade o amparo e a cortesia do Vizo-rei, que voltada às mais escravas, e à Princesa, lhes explicou em língua Arábia, que muito bem aprendera no cativo, quanto Armando acabava de lhe dizer: de que todas cobraram tal refrigério, e tanto se trespassaram da inesperada ventura, que lançadas por terra, não sabiam com que gestos mais expressivos lhe declarassem o seu agradecimento. Armando, cortês

com todos, e com Damas sempre respeitoso, sobre cortês, lhes deu as mãos para tomarem postura mais conveniente ao amparo que lhes segurava, e depois de estranhar aos soldados o desacato intencionado, as entregou a um Criado muito fiel, e honesto, que de Portugal o acompanhara à Índia, e que em todos os perigos da guerra, o achou sempre combatendo a seu lado, para que esse as depositasse na Câmara da sua Caravela, enquanto ele ficava cumprindo com os deveres de Lionel Marques, que começava apenas a sair do desacordo.

Seria de mui longa escritura querer eu apontar aqui todos os lances de valor, e gentilezas de cortesia, que Armindo executou na Índia, achando-se continuamente em todos os perigos, ou já alardes de vistosa pompa sempre ao lado do Vizo-rei, ou de seu filho D. Lourenço que muito o estimavam; este mormente, que pela similitude de ânimo, e parelha da idade o avaliava entre Irmão, e amigo; depositando-lhe no peito seus pensamentos, e pedindo sempre a D. Francisco, que em todas as facções a que o enviava lho desse por Companheiro. Com ele foi às Ilhas de Maldiva, à de Ceilão, ao Reino de Cochim, com ele foi acometer a possante armada, que El-Rei de Calecut formava, não só para defender seus portos do insulto de nossas Naus, mas também para guarda das Naus que iam a Meca levar os Romeiros, e oferecer as dádivas a Mafoma, seu falso Profeta.

Enfim, com D. Lourenço de Almeida se achou na barra de Chaúl; quando com muitas galés e fustas vieram atalhar-lhe a saída os Rumes, que têm por tradição serem descendentes dos Romanos, e a esse conceito passam no Oriente por estremados em valentia, e desejosos de se assinalar em grandes feitos. Tendo ouvido as muitas cousas espantosas, que em armas tinham executado os Portugueses, e que actualmente se achava em Chaúl o filho do Vizo-rei com outo velas, julgaram que era boa ocasião de experimentar por armas, se eles eram tão esforçados, como a Fama os avaliava; ou se os cobardes Indianos lhes exageravam a valentia para melhor cobrirem o seu desânimo.

Acometeram pois a D. Lourenço com briosa resolução; mas como os Portugueses noutra tempo tinham vencido os Romanos, de quem os Rumes se adoptavam descendentes, também agora vencíamos estes; e já lhes tínhamos rendido quatro galés, e morto muita gente, quando chegou em seu socorro Melique-Az, Capitão mui inteligente, e bem provado em

pelejas, e que então governava por El-Rei de Cambaia, a Cidade Diu. Este Melique-Az vindo renovar o Combate, de que os Rumes se arredavam, com despeito de se verem a tanto como forçados, por tão poucos combatentes de tão afastadas terras, pôs os nossos em maior aperto do que dantes. D. Lourenço, não aceitando os avisos, que os outros Capitães lhe davam, esperou no seu próprio valor, e no brio dos soldados, honrado êxito daquele acontecimento.

Foi três vezes entrada a sua Nau pelos inimigos, e três vezes os rechaçaram dela os Portugueses; de maneira que vendo Melique-Az o mau efeito que surtiam os combates peito a peito, tratou de render a Nau à força de bombardadas, que vinham tão amiudadas das trinta e quatro fustas por ele capitaneadas, que do cem homens que D. Lourenço tinha então, só trinta sustentavam a contenda, sendo os outros setenta mal-feridos. Para maior desgraça veio um pelouro perdido, que lhe levou uma coxa; mas ele com mui rara intrepidez, encostado ao mastro e firmando-se na perna que lhe ficou salva, mandava com tanto acordo como se não se lembrara da ferida: e de sorte animava os mais, e lhes infundia desejos de vingança, que como Leões se encruciam, e sem cuidar no perigo, olhavam somente os meios de ofender mais gravemente, e mais a miúdo ao inimigo. Veio por fim outra bombardada que levou a vida a D. Lourenço. Então aqueles animosos Portugueses puseram no posto de D. Lourenço a Armindo, que tão valente, e tão igual a D. Lourenço se tinha mostrado em toda aquela acção.

Armindo continuou a dar as ordens sem esperança de vencimento, mas resolutos com os outros valorosos Companheiros a lhes vender as vidas tão caras, que se não gratulassem do triunfo, nem Melique-Az, nem também os Rumes. E é de crer que seguindo esta honrosa resolução, não ficaria um só Português com vida, enquanto tivessem pólvora com que disputassem o pleito. Mas faltando esta, e Melique, estimando os extremos de valor dos mesmos que o ofendiam, mandou cessar o combatimento, e oferecer a tão esclarecidos inimigos, todo o esquecimento da injúria, e todo o agasalho, e estima da amizade, e da admiração devida a tão bizarra valentia. Eram só vinte Portugueses os que unicamente achou ainda com vida Melique-Az, quando entrou na Nau, mas tão feridos, que o primeiro cuidado seu foi mandar subir Cirurgiões, que lhes acudissem

com o tratamento das feridas; mas, sendo logo advertido que a Nau se ia ao fundo, pela água que lhe entrava pelos rombos, que as bombardas tinham feito, e a que por falta de gente ocupada no combate, se não acudira a tempo, ordenou que repartissem pelas fustas os feridos, e a Armindo levou consigo, para ser tratado com tanto disvelo, como se fora a mesma pessoa dele Melique-Az.

Chegados a Diu, onde ele era Governador, foram chamados os melhores Físicos para entenderem na cura das feridas de Armindo; mas estas, de acordo de todos, foram sentenciadas mortais, e assim lho declararam depois da consulta. Ele recebeu a sentença, como quem nunca a temera, e como quem, sem aviso dos Médicos, sentia dentro em si os anúncios da próxima visitação da morte: pelo que, se dispôs a ficar só com o seu fidelíssimo Criado, a quem pediu recado de escrever, e aproveitando o pequeno prazo que lhe ficava de vida, lançou estas palavras, encarregando muito ao Criado, que apenas saísse dali, pedisse ao Vizo-rei licença de deixar a Índia, e embarcando para o Reino as entregasse a Florisa, como último penhor da fé, que sempre lhe guardara.

«SENHORA,

Aqui acabaram em Diu as esperanças que tão lisonjeiras me afagavam a vida, mil vezes aventurada na única intenção de merecer-vos. Daqui a poucos momentos lhes cortará a morte o fio. Quão menos desagradável me fora o golpe, se menos dura me permitisse, antes de o descarregar ver aqueles olhos e beijar aquelas mãos, em que a minha alma via depositadas todas as venturas!... Mas cumram-se as leis do Fado, que com todo seu poder, não atalhou nunca os meus pensamentos de se dirigirem sempre a vós; e ainda voariam a vós os meus suspiros derradeiros se... os ajudasse no... Senhora, só vos peço...»

Não poudes escrever mais; porque um delíquio de forças lhe despegou dentre os dedos a pena, e esta caindo, também a cabeça se lhe debruçou sobre o peito, e os olhos se lhe cerraram, para não mais se abrirem; se não é que no último arranco os cravou com tão sentido afeito no Criado, que este, não podendo suste-lhe a expressão, correu a tomá-lo nos braços, onde rendeu Armindo os últimos alentos.

Já antes que Armindo se embarcasse para a Índia, tinha o Governador de Coimbra, informado El-Rei D. Manuel do distúrbio acontecido entre as duas famílias, motivado pelo pleito, dado que na aparência pretextassem o desacato cometido. Sua Alteza, que tinha em memória os grandes serviços, que estas duas famílias tinham obrado

DISCURSO

ACERCA DE HORÁCIO, E SUAS OBRAS.

*Dedicado ao Ilustríssimo Desembargador
da Mesa da Consciência e Ordens, António Ribeiro dos Santos,
agradecendo-lhe o prazer que me deu a leitura
da sua Tradução das Odes de Horácio.*

A perfect judge will read each work of wit
With the same spirit, that its Author write.

POPE'S *Essay on Criticism*.

em proveito do Estado, e em exalçamento do nome Português reteve na Corte o Pai de Armindo, que depois da partida de seu filho, desejava voltar ao repouso da sua quinta: e tendo-o mandado vir à sua presença, examinou a causa do litígio, e consultando-a com os do seu Conselho, viu que podia concluir-se com satisfação dos dous adversários. Mandou logo chamar o Pai de Florisa, a quem deu a conhecer sua vontade, de que aquele pleito fosse julgado por árbitros; e convindo este, foi a sentença tal, qual a desejava sua Alteza: e ouvida ela a comprazimento de todos, quis El-Rei, que apagadas todas as dis-

senções e malquerenças, diante dele se dessem as mãos e se recongrassem na antiga, e nunca desmerecedora amizade.

Apenas se ratificou entre as duas famílias esta reconciliação tão desejada dos amigos de uma e de outra, um dos Irmãos de Florisa, que mais affecto era a Armindo desde o primeiro curso de seus estudos, e a quem a sobrevivida dissensão ainda debaixo dos ódios apparentes, recitava, como debaixo de quentes cinzas, as brasas de viva amizade, tomando cor duma caçada em remoto sítio, à qual outros fidalgos de sua idade o convidavam pediu vénia ao Pai, e este concedendo-lha, meteu esporas ao Cavallo, e acompanhado dum único Criado, pôs alvo na fronteira, e chegando a avistar-se com Florisa no Mosteiro, lhe deu alvoroçado as novas tão alegres, quanto inesperadas: e pedindo-lhe apertado segredo, partiu na mesma noite, para evitar suspeitas, ou já da Tia, ou já do Pai.

Desde esse instante tomaram fixo norte todos os pensamentos de Florisa. A cada hora, lhe parecia, que lá das partes do Oriente, raiava um luzeiro mais lustroso, que o do Sol, quando com mais pompa vem dourando as circumstantes nuvens; e do seio desse luzeiro romper Himeneu co' as roçagantes roupas lavradas de ouro, rodeado de seus Ministros, lançar a ela os voos, para lhe apresentar o ditoso e casto lume, em que tinham de arder perenes o seu coração com o de Armindo. Também se lhe afigurava já o como vinham seu Pai e Irmãos retirá-la do Convento, e desandar a estrada até Coimbra com tanto contentamento, quanto fora o desgosto, com que a discorrera dos sítios onde vira, e falara a Armindo, ao encerro, em que não via meio de tornar a vê-lo. Já os preparos para o noivado, as galas e os enfeites, as festas e regozijos, e mais que tudo, a primeira e tão suspirada vista do amado ausente, que lhe traria nos olhos prémio de tantos padecimentos, lançava um trajo tão alegre, e tão vistoso sobre as passadas mágoas, que lhe escondiam toda a fealdade.

-
- (1) in vicum vendentem thus, et odores,
Et piper, et quidquid chartis amicitur ineptis. — HORAT. *Lib. 2. Ep. 1.*
- (2) Socraticæ docuere chartæ. — HORAT.

Assim lhe corriam os dias, e os meses em várias representações de tão agradável perspectiva, que embebida nelas, não dava tino de sua ligeireza. Quando chegou o fiel Criado de Armindo, que, vendo a dificuldade de lhe entregar a Carta, pela vigilância que em cortar a Florisa toda a correspondência, tinha observado a Abadessa do Mosteiro, tomando conhecimento com o Hortelão dele, tanto se lhe insinuou no ânimo que o admitiu para jornaleiro no quotidiano trabalho da Horta; e soube este Criado ganhar-lhe tão bem a vontade, e com ela a confiança, que poucos dias bastaram para ele o encarregar dos mandados mais familiares do interior do Mosteiro, onde a Abadessa só permitia entrar o Hortelão, pelo muito e provado conhecimento, que ela tinha do seu honesto procedimento. Mas toda essa confiança do Hortelão lhe seria inútil, não encontrando nunca Florisa pelas oficinas onde entrava, se o acaso lhe não aproveitara mais que as suas astuciosas diligências.

Na hora do recreio, quando todas as Religiosas, e Educandas tomavam passatempo pela Cerca, sucedeu cantar o Criado, para

- (1) O nata mecum Consule Manlio. — *Lib. 3. Od. 21.*

Tu vina Torquato move Consule pressa meo. — *Epod. 13.*

- (2) Sequor hunc Lucanus, an Appulus anceps.

Nam Venusinus arat finem sub utrumque colonus. — *Lib. 2. Satyr. 1.*

- (3) Nec timuit sibi ne vitio quis verteret olim,

Si præco parvas (aut ut fuit ipse) coactor

Mercedes sequerer — *Lib. 1. Satyr. 6.*

(4) Vamos com tento acerca das tais disciplinas; que não são dessas que coçam o ás de copas: são das de que fala Cícero no I. de Oratore; *redundet oportet et efflorescat oratio omnibus doctrinis, omnibus disciplinis.*

- (5) Quintus Horatius Flaccus Venusinus, patre, ut ipse

tradit, libertino, et exactionum coactore. — *Sueton. in vit.*

- (6) Non equidem insector, delendaque carmina Livi

Esse reor, memini, quæ plagosum mihi parvo

Orbilium dictare..... — *Lib. 2. Epist. 1.*

Romæ nutriri mihi contigit, atque doceri

Iratus Graiis quantum nocuisset Achilles. — *Lib. 2. Epist. 2.*

disfarçar o cansaço do trabalho, umas Coplas que ele ouvira na Índia cantar a seu Amo, e em que nomeava Florisa. Esta, que não estava longe dali, sentiu no peito tão grande sobressalto de saudade, tanto desejo de se informar de como tais Coplas, que ela trazia no seio, se devassavam no canto dum jornaleiro, que corraera súbito a averiguá-lo, a não intervir a prudência a subjugar o ímpeto; mas lavrando sem repouso a mais curiosa ânsia, não esperou mais tempo ao desafogo, que o sinal, que punha termo à hora do recreio, para com o disfarce de colher alguma daquelas plantas, se avizinhar do Criado, e lhe perguntar donde houvera aquelas Coplas, que tão gentis lhe pareciam? Então o Criado abraçando o lanço, que a Fortuna lhe deparava, começou a dar-lhe conta de quem era, e a quem servira, de como acompanhara Armindo, na viagem, como sempre lhe fora de seu lado nas batalhas. A cada momento Florisa o interrompia, perguntando já as circunstâncias de seus entretenimentos na Índia, já mil outras novas, à medida que o tropel de seus desejos dava aberta ao mais impetuoso: a tudo respondia o Criado com moderação, como quem lhe queria dispor o ânimo para o amargoso trago, que vinha encerrado nas breves linhas, que tinha de entregar-lhe. Falou-lhe das feridas, que

Causa fuit Pater his: qui macro pauper agelo
 Noluit in Flavi ludum me mittere, magni
 Quo pueri magnis e centurionibus orti
 Lævo suspensi loculos, tabulamque lacerto,
 Ibant Octonis referentes idibus æra.
 Sed puerum est ausus Romam portare, docendum
 Artes, quas doceat quivis eques atque Senator
 Semet prognatos. Vestem servosque sequentes
 In magno ut populo siquis vidisset, avita
 Ex re præberi sumptus mihi crederet illos. — *Lib. 1. Satyr. 6.*

- (1) insuevit pater optimus hoc me,
 Ut fugerem exemplis vitiorum quæque notando.
 Quum me hortaretur, parce, frugaliter, atque
 Viveremuti contentus eo, quod mi ipse parasset.
 None vides, Albi ut male vivat filius? ut que
 Barrus inops? magnum documentum, ne patriam rem
 Perdere quis velit, etc. — *Lib. 1. Satyr. 4.*

em vários combates recebera, e de como delas melhorara; e a foi encaminhando ao combate de Chaúl, onde recebera algumas tão perigosas...

Aqui começou Florisa a perder a cor, e foi necessário sentá-la num dos bancos da Cerca, porque desfalecendo-lhe as forças, entrou num desmaio, e correu o Criado a chamar quem lhe acudisse com espíritos, que a animassem. Vieram Religiosas, veio a Tia Abadessa; e a levaram sem sentidos ao seu quarto: e o Criado, pelo que presenciou da relação, de que eram perigosas as feridas, conjectou qual seria o funesto efeito da sua morte. Não achou em si fortaleza de ânimo para anunciar-lha. Buscou modo de encontrar-se com a Aia, e significando-lhe as últimas palavras de seu Amo, lhe entregou a Carta, encomendando-lhe sumamente o grande resguardo com que devia ensopar-lhe no coração o punhal daquela nova, e despedindo-se dela com lágrimas de compaixão, saiu da Cerca, e pouco depois da Vila, para nunca mais ali tornar.

- (1) Adjcecre bonæ paulo plus artis Athenæ:
 Scilicet ut possem curvo dignoscere rectum,
 Atque inter sylvas Academi quærere verum. — *Lib. 2. Epist. 2.*

Nec timuit, sibi ne vitio quis verteret, olim
 Si præco parvas, aut (ut fuit ipse) coactor
 Mercedes sequerer. Neque ego essem questus. Ab hoc nunc
 Laus illi debetur, et a me gratia major.
 Nil me pœniteat sanum patris hujus: eoque
 Non, ut magna dolo factum negat esse suo pars,
 Quod non ingenuos habeat clarosque parentes,
 Sic me defendam. Longe mea discrepat istis
 Et vox et ratio. Nam si natura juberet
 A certis anis ævum remeare peractum,
 Atque alios legere ad fastum quoscuraque parentes,
 Optaret sibi quisque: meis contentus honestos
 Fascibus et sellis, nolim mihi sumere: demens
 Judicio vulgi, sanus fortasseo tuo: quod
 Nollem onus (haud unquam solitus) portare molestum. — *Lib. 1. Satyr. 6.*

- (2) Ferunt dicere solitum non tam sua, quam Reipublicæ interesse ut salvus
 esset. Se jampridem potentiæ gloriæque abunde adeptum: Rempublicam, si quid sibi
 eveneret, neque quietam fore, et aliquando deteriori conditione civilia bela subituram.
 — *Sueton. in Jul. Cæs.*

compassivas. A aflição porém e a dor mortal tinham arraigado já tanto no âmago da alma, que a convalescença que procedeu desta ferida mais não fez do que prolongar-lhe o caminho para a sepultura, onde foi, para sempre, jazer, um mês depois, quando nos mais floridos anos se imaginava tão perto de gozar a mais desejada de todas as humanas felicidades.

CONCLUSÃO

Assim acabaram tão desgraçadamente dous parentes meus, tão merecedores de melhor ventura, a quem herança que, repartida amigavelmente, como depois se fez, lhes daria meios de serem mais ditosos, bem-fazendo com os réditos dela a verdadeiros necessitados; foi por causa dum litígio, por hombridade, mais que por interesse pleiteado, o pomo da discórdia, que desventurou tão prometedoras esperanças. Quanto não devem os homens acautelarem-se contra os argumentos do interesse, e terem por mais rendosos bens a beneficência, e a amizade!

FIM

Acabei esta história de Armindo e Florisa em 23 de Agosto do ano de 1588.

Louvor se dê a Deus, e à Virgem sua Madre.

(1) Triunfo somenos, que se fazia a pé, e com menos pompa.

(2) Esse mesmo que apareceu depois em 1680.

RODRIGO MARQUES

A escrevi.

(1) Dura sed amovere loco me tempora grato,
Civilisque rudem belli tulit æstus in arma
Cesaris Augusti non responsura lacertis. — *Lib. 9, Ep. 2.*

-
- (1) Tum Demosthenes orator ex eo prælio salutem fuga quæsivit, etc.
 - (2) Tecum Philippos et celerem fugam
Sensi relictæ non bene parmula, — *Lib. 2. Od. 7.*
Militiæ quanquam piger et malus, utilis urbi. — *Lib. 2. Ep. 1.*
 - (3) Proscriti Regis Rupili pus atque venenum, — *Lib. 1. Sat. 7.*
 - (4) Unde simul priumum me dimisere Philippi,
Decisis humilem pennis, inopem que paternis
Et laris et fundi; paupertas impulit audax
Ut versus facerem. — *Lib. 2. Ep. 2.*
 - (5) Serus enim Græcis admovit acumina Chartis.
Et post Punica bella quietus, quærere cœpit,

10 de Março de 1809

NUM quadro, que nos afigurasse hoje a antiga Cidade Roma, não só quereríamos deparar com os mais nomeados sítios, como o Foro, o Campo Márcio, a Via Sagrada, que aos triunfadores do Orbe encaminhava ao Capitólio, mas ainda rastrear os de mais somenos brados; até inquiríamos onde era a rua dos que vendiam perfumes, em cujas tendas iam parar as obras dos ruins Autores. ⁽¹⁾ Nas vidas mesmas dos grandes Capitães, dos Poetas, dos Filósofos, ao passo que as vamos lendo, vamos também com disvelo notando toda a particularidade, ainda que ténue seja, com tanto que ela lhes toque; dado que nenhuma instrução, nenhum ingenho encerre; opinando, que nas cousas grandiosas, nada possa mesquinho ser; e que, nos ho-

Quid Sofocles et Thespis et Æschylus utile ferrent,
Tentavit quoque, rem si digne vertere posset:
Et placuit sibi naturæ sublimis et acer:
Nam spirat tragicum satis, et feliciter audet:
Sed turpem putat in scriptis metuitque lituram.
Creditor, ex medio quia res arcessit, habere
Sudoris minimum, sed habet Comœdia tanto
Plus oneris, quanto veniæ minus: aspice, Plautus
Quo pacto partes tutetur amantis ephebi,
Ut patris attent; lenonis ut insidiosi: etc., etc. — *Lib. 2. Ep. 1.*

- (1) Quin ubi se a vulgo, e scena in secreta remorant
Virtus Scipiadae, et mitis sapientia Læli,
Nugari cum illo, et discincti ludere, donec
Decoqueretur olus, soliti. etc. — *Lib. 2. Satyr. 1.*
- (2) Eupolis atque Cratinus, Aristophanes que Poëtæ
Atque alii, quorum comœdia prisca virorum est:
Siquis dignus erat describi, quod malus, aut fur,
Quod mœchus foret, aut sicarius, aut alioqui
Famosus: multa cum libertate notabant.
Hinc omnis pendet Lucilius, hosce sequutus,
Mutatis tantum pedibus, numerisque, facetus, — *Lib. 1. Satyr. 4.*

mens famigerados, tem seu preço, ainda o que menos diz respeito ao que os fez tão conhecidos.

Ora, se tanto prazer nos vem de sabermos ainda as mais indiferentes notícias desses, que de si deixaram egrégio nome; certo que não nos descontentará inteirarmo-nos das opiniões e costumes dum homem, como Horácio, e termos desse Poeta um retrato fiel, dum Poeta que mais que nenhum outro deu no alvo da sua arte, entressachando o útil com o doce; que abastado de delicado ingenho, de juízo sólido, e abundante ciência, querido de Príncipes, (sem *ser vil*) soube assazonar os seus versos com moralidade, e graça, dando-lhes foro de Cartas Socráticas ⁽²⁾ em Poesia.

Esse retrato tirá-lo-emos nós das suas mesmas Obras, lidas e contempladas com atenta vista, e mostraremos qual o sistema fora da sua Filosofia, qual o teor da sua vida, quais as suas opiniões, que no-lo tornem, quanto possível seja, presente e vivo, Poeta tão amável.

No Consulado de Cotta e Mânlio, ⁽¹⁾ 688 anos depois de fundada Roma, 63 antes da Era Cristã nasceu Quinto Horácio Flaco, em Venusa,

-
- (1) Pindarum quisquis studet emulari, I-
ule, ceratis ope Dædalea
Nititur pennis, vitreo daturus
Nomina ponto. — *Lib. 4. Od. 2.*

Novem vero Lyricorum longe Pindarus princeps, spiritus magnificentia, sententiis, figuris, beatissima rerum verborumque copia, et veluti quodam eloquentiæ flumine, propter quæ Horatius cum merito credidit nemini imitabilem. — QUINTILIAN. *Lib. 10. Cap. 1.*

- (2) *Vid. Od. 1. Lib. 3.* — Odi profanum vulgus, etc.
Od. 3. Lib. 3. — Justum et tenacem propositi, etc.
Od. 27. Lib. 3. — Impios parræ recinentes, etc.
Od. 4. Lib. 4. — Qualem ministrum fulminis, etc.

Da qual J. César Scalígero, que não era dos extremados por Horácio, dizia: «*Tota vero cantione hac et se ipsum et totam Græciam superavit:*» e também sabemos, que esse mesmo Scalígero daria o Reino de Aragão por conseguir-se Autor da Ode: «*Quem tu Melpomene, etc.*»

- (3) Petrarca.

pequena Cidade, nas raias da Apúlia, e da Lucânia. ⁽²⁾ Seu Pai (filho de Escravo forro) vivia numa fazendinha, e dum ofício de Cobrador de direitos. ⁽³⁾ Dado que fosse Horácio em baixa condição nascido, e numa pequena cidade, nada menos foi educado como os mais nobres Moços o eram, na mesma Roma. Pois que seu Pai tanto lhe não quis dar o ensino, que numa pequena terra como Venusa, tomavam os da sua esfera, que antes ele mesmo o conduziu a Roma, onde com Orbílio estudou Gramática, e logo a língua Grega, e tais prendas e disciplina, ⁽⁴⁾ umas trás outras, quais competir podiam a filhos de fidalgos: que por tal o julgaria (diz ele mesmo) quem lhe reparasse nos ricos trajos, e na comitiva de escravos, que o seguia. ⁽⁵⁾

E sempre em companhia dos Mestres, que ao filho dava, encontraríeis com o bom do Velho para lhe dobrar para o bem o ânimo

(1) Eoliis fidibus querentem
Sapfo puellis de popularibus:
Et te sonantem penius aureo,
Alcæe, plectro. — *Lib. 2. Od. 13.*

..... et Alcæi minaces,
Stesichorique graves Camœnæ. — *Liv. 4. Od. 9.*

Cave, cave: namque in malos asperrimus.

Parata tollo cornua

Qualis Licambæ spretus infido gener, — *Epod. 6.*

Libera per vacuum posui vestigia princeps
Non aliena meo pressi pede. Qui sibi fidet
Dux regit examen. Parios ego primus iambos
Ostendi Latio, numeros animos que sequutus
Archilochi, non res et agentia verba Lycamben.
Ac ne me foliis ideo brevioribus ornes,
Quod timui mutare modos et carminis artem:
Temperat Archilochi musam pede mascula Sapfo,
Temperat Alcæus: sed rebus et ordine dispar:
Nec socerum quærit quem versibus oblinat atris,
Ne sponsæ laqueum famoso carmine nectit.
Hunc ego non alio dictum prius ore, Latinus
Vulgavi fidicen. Juvat immemorata ferentem
Ingenuis oculisque legi manibusque teneri. — *Lib. 1. Epist. 19.*

ainda tenro; como bem inteirado de que uma boa educação é a mais rica herança que a seu filho pode um Pai deixar. (6) As ideias, que se concebem e se vão formando em nós, nesses primeiros anos, são as sementes que têm de produzir para o vindouro a nossa felicidade; são regras de que depois a Razão usa para o que tem de fabricar; e se não é bem destorcida a regra, nunca a fábrica irá direita. Da praxe é que tirava o Pai todo o ensino, que ao filho dava; por modo que quando este desse mostra de si no Foro, e concorresse com os homens, se não visse, como a muitos acontece, estranho no Mundo; assim lhe ia apontando (como a talho lhe caíram) os vícios, ou os defeitos deste, ou já daquele; e logo os males, e perdições, que por eles se granjeavam; não o adestrando tanto com máximas e preceitos, que essa idade mal acolhe, quanto com exemplos, que são o manjar (1) que mais se lhe acomoda.

Se porém foi tão venturoso Horácio em lhe ser deparado um Pai, que se empregou (assim o deveram todos os Pais) como em

-
- (1) Scriberis Vario fortis et hostium
Victor, Mæonii carminis alite, — *Lib. 1. Od. 6.*
..... forte epos acer
Ut nemo, Varius ducit etc. — *Lib. 1. Sat. 10.*
- (2) Molle atque facetum
Virgilio annuerunt gaudentes rure Camœnæ. — *Id. ib.*
Nula etenim mihi te fors obtulit. Optimus olim
Virgilius, post hunc Varius, dixere quid essem.
Ut veni coram, etc. — *Lib. 1. Satyr. 6.*
- (3) Ut veni coram singultim pauca loquutus
(Infans namque pudor prohibebat plura profari)
Non ego me claro natum patre, non ego circum
Me Saturciano vectari rura cabalo,
Sed quod eram narro. Respondes (ut tuus est mos)
Pauca. Abeo: et revocas nono post mense, jubesque
Esse in amicorum numero, etc. — *Lib. 1. Satyr. 6.*
- (4) Non isto vivimus illuc
Quo tu rere modo. Domus hac nec purior ulla est
Nec magis his aliena malis, nil mi officit unquam,
Ditior hic, aut est quia doctior; est locus uni-
Cuique suus. — *Lib. 1. Satyr. 9.*

capitalíssimo negócio, na educação de seu filho; forçoso nos é também dizermos, que foi não menos venturoso o Pai, em descobrir no filho tão entranhável gratidão, que no maior auge da sua fortuna, a manifestou a todos, e ainda a transpassou à posteridade. Pelo tanto, renunciado houvera ao Tribunato militar, e à Cadeira Curule, e a quanto lhe pudesse à sua prosápia contribuir, para ilustrá-la.

À boa educação que seu Pai lhe dera em Roma, sucedeu o estudo da Filosofia, que foi aprender a Atenas, ⁽¹⁾ onde os que então professavam as doutrinas de Platão, de Aristóteles, de Epicuro e de Zeno convidavam a Romana Mancebia a vir instruir-se na Sapiência Grega. Acrescei-lhe ainda, que a suavidade do clima, a comodidade dos negócios, a hospitalidade e polidez desse Povo inventor de quanta beleza há hi nas Artes, os Edifícios Públicos, o Odeo, o Propileo, o Templo de Minerva, com os quais tinha Péricles aformoseado essa Cidade, e de cujos ainda hoje vemos os soberbos remanescentes, careavam os homens de toda a qualidade, que fugindo ao bulício do Mundo, queriam dar-se a uma vida mansa e cómoda, a virem ali estabelecer sua morada. Poucos meses todavia poude Horácio aplicar-se, entre tantas, e tão eruditas delícias, aos Filosóficos estudos.

Morto, por Bruto mormente e Cássio, Júlio César, o único que cabal fosse para governar então, e reduzir à conveniente regra, o estado, em que se via Roma, ⁽²⁾ (foi heróica a intenção, mas infantil o pressuposto) desceu toda a autoridade às mãos de Marco António, Cônsul colega do Ditador, nesse mesmo ano, homem insigne por seus vícios, e por suas virtudes, ⁽¹⁾ muito experiente na arte militar, e não noviço nas políticas astúcias, grande homem, quando o amor ou o vinho o não toldava, nada exceptuando, que o levasse a seus intentos. ⁽²⁾ Soube, de primeiro, enganar a Cícero, conseguir, que todos os actos de Júlio César se confirmassem, que minguassem a reputação dos Conjurados, e a do Senado para com o Povo; e se conferisse a Lépido

 (1) Tua, Mecænas haud molia jussa. — *Georg.* 3.

(2) Vid. Blackwell's Memoirs of the Court of Augustus.

(3) Hic vir, hic est, tibi quem prometti sæpius audis. — *Æneid.* 6.

(íntimo amigo de César, e que na Gália Narbonesa tinha a seu mando não sei quantas Legiões) o sumo Pontificado, que pela morte de J. César ficou vago. Reforçou-se de amigos, e de Soldados veteranos, e derivou para si só toda a autoridade da República: dispunha de tudo a seu prazer, ante os olhos mesmos dos dous Pretores Bruto e Cássio, Cabeças da Conjuração, que confiados na bondade da causa, faltos de exército, e faltos de dinheiro, não lhe sabiam pôr anteparo algum. A Dolabela, que ao morto ditador sucedeu no Consulado, fez que lhe desse o Povo a Província de Síria, que tocara a Cássio; e a Macedónia, destinada a Bruto, tomou-a ele para si; tirando dela as Legiões, que aí se achavam aquarteladas, foi invadir a Gália Cisalpina, Província de Décimo Bruto, que, (vistas as cousas, como elas então iam) assentou ficar-lhe muito a cómodo, pois se achava nos confins da Itália.

Nessa envolta de negócios, Octávio filho adoptivo, e herdeiro de J. César, apenas, em Apolónia, soube a morte de seu Pai, trespassou-se a Itália a se apossar da paternal herança. Baldado lhe foi pedir dela conta a Marco António, que apoderando-se dos tesouros, e apontamentos de J. César, que logo que este morreu, lhe pôs nas mãos Calpúrnia, não só não dava ouvidos ao Mancebo Octávio, mas ainda zombava dele, pela afouteza, com que sem patrocínio, sem adjutório algum, se vinha arrostar com ele, quando sentado na Curul Cadeira, e no meio de seus soldados.

Então se achegou Octávio a Cícero, em quem vislumbrava já a inimizade contra Marco António; e tomando-o pelo fraco, lhe disse, que dele, em tudo, e por tudo depender queria, pondo-se à sombra da sua eloquência, e da sua autoridade: e em tanto mandou prometer

(1) O Navis, referunt in mare te novi
 Fluctus. O quid agis? fortiter occupa
 Portum. Nonne vides ut
 Nudun remigio latus?
 Et malus celeri saucius Africo,
 Antenæ que gemunt? ac sine funibus
 Vix durare carinæ
 Possint imperiosius
 Æquor? etc. — *Lib. I. Od. 14.*

montes de ouro aos Veteranos, que militado haviam sob seu Pai J. César, e que se achavam desparzidos pela Itália, no caso que vingar quisessem a morte do seu General, e também a República. E com tal jeito dispôs a tecida trama, junto com os conselhos de Agripa, de cujo Aio o ladeara, desde a primeira adolescência, César; que assim pela autoridade de Cícero, que o roborava no Senado, como pelas Legiões dos Veteranos, que se vinham juntando em favor dele, marchou, no ano seguinte, e com ele os Cônsules Hirtio, e Pansa, contra M. António (declarado já por inimigo do Estado), que então sitiava em Modena a Décimo Bruto; e marchou, como Protector da República, e da Liberdade.

Sabidas são de todos as batalhas, que pelejadas foram nas abas de Castel-franco, onde ficaram mortos os dous Cônsules, Hirtio e Pansa; e ainda o terceiro combate, em que Octavio obrigou a M. António a levantar o assédio de Modena, e a refugiar-se perto dos Alpes à sombra de Lépidio, que comandava na Gália Narbonesa, enquanto Mumátio Planco ficava com o resto, e com duas Legiões ocupava as

(1) Justum et tenacem propositi virum, etc.

.....
 Dum Priami Paridisque busto
 Insultet armentum, et catulos feræ
 Celent inultæ stet Capitolium
 Fulgens, triumphatisque possit.
 Roma ferox dare jura Medis, etc.

.....
 Ter si resurgat murus aheneus,
 Autore Phœbo, ter pereat meis
 Excisus Achivis. etc.

.....
 Quo, Musa, tendis? Desine pervicax
 Referre sermones Deurum, et
 Magna modis tenuare parvis. — *Lib. 3. Od. 3.*

(2) Cneus noster locum ubi Hortos edificaret (Balbo) dedit. — *Cicero ad Aticum.*

Et Mamurræ divitiæ placent, et Balbi Horti et Tusculanum. Idem primus Cn. Marius ex equestri ordine, Divi Augusti amicus invenit nemora tonsilia intra hos 80 annos. — C. PLIN. *Lib. 22.*

Vir doctus Oppius, in libro quem fecit de silvestribus arboribus. — MACROB.

E s p a n h a s
 M. Asínio Polião. Nem Octávio lhe foi no alcance; antes voltando a Roma os olhos, a ela se encaminhou; e como, por bem, lhe não outorgassem a Ovação, ⁽¹⁾ em razão de sua pouca idade, escorando-se nas suas Legiões, os obrigou, posto logo na frente delas, a que lhe conferissem o Consulato, que era vago, pela morte de Hirtio e Pansa.

Recados de Paz enviados foram a M. António e a Lépido. Quem tolhia que se não dessem as mãos para vingarem a morte do Divo Júlio, que do Céu a requeria? Já se lhe dedicavam Templos; e seu Flámen era já ele M. António; e o Cometa ⁽²⁾ que se viu poucos dias depois da morte do Ditador, esse Astro Júlio, era a alma dele, que aos Céus subia; e que assim, convinha tomar vingança nesses impios, que mataram um Varão sacro e divino; tanto mais que condenados os tinham já, tanto o Senado, como o Povo padroeiros da República. Ora, sabem todos qual foi o Congresso dentre Bolonha, e Modena; que proscricções dali lavraram, e como tocou a Lépido a Espanha, e a Gália Narbonesa; a M. António, a Gália que César conquistara, e a Cisalpina; e a África, mais a Sardenha a Octávio: não entrando nessa repartição a Itália, da qual os Triúnviros todos juntos se davam, não como Patro-

-
- (1) Adjecere bonæ paulo plus artis Atenæ:
 Scilicet ut possent curvo dignoscere rectum,
 Atque inter sylvas Academi quærere verum. — *Lib. 2. Ep. 2.*
 An tacitum sylvas inter reptare salubres
 Curantem quicquid dignum sapiente bono que est? — *Lib. 1. Epis. 4.*
- (2) Quid verum, atque decens, curo, et rogo, et omnis in hoc
 Condo, et compono que mox depromere possim. (sum:
 Ac ne forte roges, quo me duce, quo lare tuter:
 Nullius addictus jurare in verba magistri,
 Quo me cunque rapit tempestas, deferor hospes.
 Nunc agilis fio, et mersor civilibus undis,
 Virtutis veræ custos, rigidusque sate les:
 Nunc in Aristippi furtim præcepta relabor,
 Et mihi res, non me rebus, submittere conor. — *Lib. 1. Ep. 1.*
 Virtus est medium vitiorum utriusque reductum.
- (3) Credat Idæus apela,
 Non ego; namque deos didici securum agere ævum

nos, mas sim como defensores. Assentou-se mais nesse Congresso, que passariam M. António e Octávio, com as suas Legiões à Grécia, onde combateriam com Bruto e Cássio, que nesse tempo se achavam nesse país, inteiramente adicto à facção Pompeia, onde cataram muitíssimos amigos, e juntaram dous poderosíssimos exércitos, e onde, com as armadas, que lá tinham, dominavam os mares.

Filho, e matador de J. César, Bruto, da Seita Stoica, de génio taciturno, mas altivo, varão de egrégia fama, mas de valor duvidoso, tinha querido, antes de se pôr em Campo, tentear o país, e prevenir os ânimos; portanto se demorou um pouco em Atenas, onde alistou, e levou consigo os filhos das principais famílias de Roma, que em

 Nec siquid miri faciat natura, deos id
 Tristes ex alto caeli demittere tecto. — *Lib. 1. Satyr. 5.*

Me pinguem et nitidum bene curata cute vises,
 Quum ridere voles Epicuri de grege porcum. — *Lib. 1. Ep. 4.*

(1) Diogen, Laert. in Epicur.

(2) Id. ibid.

Alter Miletii textam cane peius et angue
 Vitabit clamydem: morietur frigore, si non
 Rettuleris pannum. Refer et sine vivat ineptus. — *Lib. 1. Ep. 17.*

(3) Diogen. Laert. ib.

Sit bona librorum et provisæ frugis in annum
 Copia: ne fluitem dabiæ spe pendulus horæ. — *Lib. Ep. 18.*

(4) Diogen. Laert. ib.

Esegî monumentum ære perenius. — *Lib. 3. Od. 30.*

(5) Diogen. Laert. ib.

Non recito cuiquam, nisi amicis, id que coactus:
 Non ubivis, coramve quibuslibet, etc. — *Lib. 1. Satyr. 4.*

(6) Diogen, Laert. ib.

O rus quando ego te aspiciam? etc. — *Lib. 2. Satyr. 6.*

Urbis amatorem Tuscum salvere jubem
 Ruris amatorem, etc. — *Lib. 1. Ep. 10.*

(7) Diogen. Laert. ib.

(8) Id. ib.

Absint inani funere næniæ:

Atenas estudavam, e entre eles a Horácio, que pelo seu ingenho, seria muito de seu grado, e que contava então 23 anos, sem notícia alguma da guerra, em que nunca noviciara; convidando-o com o mando duma Legião, que se compunha então de dez coortes, e formava 5000 infantes. Nesse posto militou sob Bruto bons dous anos, talando terras, pondo tributos, como fazia Cássio, com o qual, apenas se uniu, já reforçado, quanto melhor tinha podido, deliberaram aguardar, em Filippi, os Triúnviros, que tinham atravessado o mar; apoderados dum formoso e fortalecido Campo, que escolheram, abastecido de tudo: nem eram inferiores aos Triúnviros mais que na qualidade do exército e na fama dum General, como M. António. E desse modo, pela calamidade dos tempos se viu Horácio mau grado seu, envolto, (como ele mesmo diz) no rodopelo da guerra civil, e sob Bruto brandir as armas, que tinham de fraquear ante o nervoso pulso de Augusto Octávio. ⁽¹⁾

Da segunda batalha de Filippi, que decidiu aquela guerra, não saiu Horácio com sobejo crédito; pois que, na frente mesma da sua Legião se descartou do broquel, (o que na milícia antiga era ignomínia grande) e fugiu. O mesmo dizem que acontecera ao Poeta Alceu, que

Luctus que turpes et quærimoniæ.
Compesce clamorem, æ sepulchri
Mitte supervacuos honores. — *Lib. 2. Od. 20.*

(1) Diogen. Laert. ib.

Ut nox longa quibus mentitur amica, diesque,
Longa videtur opus debentibus: ut piger annus
Pupilis quol dæra premit custodia matrum;
Sic mihi tarda fluunt, ingrataque tempora, quæ spem
Consiliumque morantur agendi graviter id, quod
Æque pauperibus prodest, locupletibus æque,
Æque neglectum pueris senibusque nocebit. — *Lib. 1. Epist. 1.*

(2) Diogen. Laert. ib.

..... caret ubi pectus inani
Ambitione? caret mortis formidine et iræ? — *Lib. 2. Epist. 2.*

(3) On Life's vast Ocean diversely we sail,

Reason the chart, but Passion is the gale. — *Pope's Essay on Man.*

na Lírica o tinha precedido; o mesmo a Demóstenes, na famosa batalha de Que-ronea; e como houve quem lhe lançasse em rosto essa fugida, respondeu com um verso, que então corria pela boca do vulgo.

Pode inda pelejar, quem foge agora. ⁽¹⁾

Nem Horácio tratou de dourar um feito, que não sofria desculpa, e incapaz de se encobrir: antes o confessou então ingenuamente, e mais ainda quando depois escrevia a Augusto, que não nascera para guerras a progénie dos Poetas. ⁽²⁾ Finalizada a guerra civil com a batalha de Filippi, à vontade dos Vencedores se compuseram as cousas do Império; e Horácio vendo perdido, pela proscricção, o seu património, recorreu às Musas, de cujas desconhecido não era, pois que entre as suas composições, se depara com uma Sátira, ⁽³⁾ escrita em tempo que meneava as armas. «A Pobreza o aguilhoou a compor versos, e pela via do Parnasso se lançou a acertar com as comodidades da vida.» ⁽⁴⁾

Tarde, como todos sabem, e mui tarde se abalançaram os Romanos ao estudo das letras, entranhados como andavam no rumor das armas, e conquista do Universo; fito primário em que desde a fundação da primitiva Roma, tinham cravada a vista: só depois das primeiras guerras Púnicas, é que principiaram a ler os Poetas Gregos, mormente os dramáticos, a vertê-los e a imitá-los. ⁽⁵⁾

Lívio Andronico foi o primeiro, que no ingenho dos Romanos, acomodou ao seu gosto de tragédia Gregos atavios: seguiram-no Ácio,

(1) Diogen. Laert.

Desine matronas sectarier: unde laboris

Plus haurire mali est, quam ex re decerpere fructus. — *Lib. 1. Sat. 2.*

Sperne voluptates, nocet empta dolore voluptas. — *ib.*

(2) Atque ipsa utilitas justí prope mater et æqui. — *Satyr.*

(3) Diogen. *ib.*

(4) *Id. ibid.*

(5) *Id. ibid.*

(6) Veneziano, que desenganado dos Médicos, viveu, contra a opinião deles, largos anos à sombra de estreitíssima dieta.

Cecílio, Pacúvio, Névio; após eles Terêncio, enobrecido co'a familiaridade de Lélío, e do primeiro Cipião Africano fez pisar o Tablado Romano às Comedias de Menandro trajadas à Latina. Também Lucílio, com esses mesmos varões familiarizado, ⁽¹⁾ saiu com a Sátira, composição inteiramente Romana, dado que de sal Grego assazonada. ⁽²⁾ Tinha Plauto (um pouco antes que Terêncio fosse as delícias das pessoas cultas) excitado risadas do vulgar povo; e tinha Énio tirado da Romana Tuba as primeiras vozes, rústicas sim, mas altas, mas sonoras, e em certa maneira dignas dos Cipiões, alteroso

(1) Vixi puellis nuper idoneus,
Et militavi non sine gloria. — *Lib. 3. Od. 26.*

(2) Me nec fœmina, nec puer
Jam, nec spes animi credula mutui,
Nec certare juvat mero:
Nec vincire novis tempora floribus.
Sed cur, heu, Ligurine, cur, etc. — *Lib. 4. Od. 1.*

O crudelis adhuc, et Veneris muneribus potens, etc. — *Lib. 4. Od. 10.*

Peti, nihil me, sbcut antea, juvat,
Scribere versiculos,
Amore perculsum gravi:
Amore, qui me, præter omnes, expetit
Mollibus in pueris
Aut in puellis urere.

E quasi no fim

Amor Lycisci me tenet:
Unde expedire non amicorum queant
Libera consilia,
Non contumeliæ graves:
Sed alius ardor, aut puellæ candidæ
Aut teretis pueri
Longam renodantis comam. — *Epod. 11.*

..... tument tibi cum inguina: num si
Ancila, aut verna est presto puer, impetus in quem
Continuo fiat malis tentigine rumpi? — *Lib. 1. Satyr. 2.*

Mille puellarum, puerorum mille furores. — *Lib. 2. Satyr. 3.*

(3) Non ego: namque parabilem amo Venerem facilemque. — *Lib. 1. Satyr. 2.*
Tu, quum projectis insignibus, annulo equestri,
Romanoque habitu, prodis ex judice Dama

assunto do seu Canto. Reservado porém ficou para a Era de Augusto, ver alçada ao Supremo grau a Poesia: a essa Era é que coube ouvir, nos mais mimosos versos, suspirar Tibulo os seus terníssimos amores; alardear Ovídio quanta facilidade, quanta flexibilidade, quanta fecundidade podem as Musas dar; tinha Virgílio de se avizinhar mui perto de Homero, correr parelhas com Teócrito e deixar longo espaço trás si a Hesíodo; tinha Horácio de coadunar em seu ingenho todas as qualidades dos Poetas Líricos, que por além de dous séculos bem-

Turpis, odoratum caput obscurante lacerna,
Non es, quod simulas? metuens induceris, atque
Altercante libidinibus tremis ossa pavore, etc. — *Lib. 2. Satyr. 7.*

(1) Na vida de Horácio, que atribuem a Suetónio, vem o seguinte — Ad res venereas intemperantior traditur. Nam speculato cubiculo scorta dicitur habuisse disposita, ut quocunque respexisset, ibi imago cum referretur.

(2) Laudibus arguitur vini vinosus Homerus. — *Lib. 1, Epist. 19.*

(3) sic tu sapiens finire memento
Tristitiam vitæ que labores
Molli Plance mero. — *Lib. 1. Od. 7.*

Nulam Vare sacra vite prius severis arborem. — *Lib. 1. Od. 7.*

Tu spem reducis mentibus anxiis
Viresque: et addis cornua pauperi,
Post te neque iratos trementi
Regum apices, neque militum arma. — *Lib. 5. Od. 21.*

Narratur et prisci Catonis
Sæpe mero caluisse virtus, etc. *ib.*
Nardi parvus onyx eliciet cadum,
Qui nunc Sulpiciis accubat horreis,
Spes donare novas largus, amaraque
Curarum eluere efficax. — *Lib. 4. Od. 12.*

Quid non ebrietas designat? operta recludit,
Spes jubet esse ratas: in prælia trudit inermem,
Sollicitis animis onus eximet: addocet artes,
Fæcundi calices quem non fecere disertum?
Contractâ quem non in paupertate solutum? — *Lib. 1. Epist. 5.*

Ad mare quum veni, generosum et lene requiro:
Quod curas abigat, quod cum spe divite manet
In venas, animumque meum, quod verba ministret:
Quod me Lucanæ juvenem comendet amicæ. — *Lib. 1. Epist. 15.*

aventuraram a Grécia; cujos foram os mais egrégios Stesícoro, Arquíloco, Safo, Alceu, e Píndaro, de todos eles Príncipe. Das prendas deste Supremo Poeta, do divino entusiasmo, que o investiu, e mais particularmente da caudalosa veia do seu espírito, deu Gabriel Chiabrera à Itália um transumpto, e melhor o dera ainda o Lazzarini, se à felicidade de seu ingenho viesse unida a aplicação ao estudo: também lá aparece em Inglaterra não ténue cópia, na Ode de Jacques Gray, Vate ardente, fantasioso, harmónico, e sublime. Ora, bem que Horácio proteste que não ousa calcar os profundos vestígios de Píndaro, pelos julgar muito arriscados, ⁽¹⁾ não deixa de Pindarizar às vezes, e tocar certas metas de sublime, que talvez não teria tocado o Grego Cisne. ⁽²⁾ Denotava que com a delicadeza de Safo tinha

-
- (1) Nec sibi cœnarum quivis temere arroget artem,
Ni prius exacta tenui ratione saporum. — *Lib. 2. Satyr. 4.*
- (2) Me pascunt olivæ,
Me cichoreæ levesque malvæ. — *Lib. 1. Od. 31.*
- (3) Si nusquam es forte vocatus
Ad cœnam, laudas securum olus, aç, velut usquam
Vinctus eas, ita te felicem dicis, amasque,
Quod nusquam tibi sibi potandum: jusserit ad se
Mecænas serum sub lumina prima venire
Convivam, Nemon' oleum feret ocysus? equis
Audit? cum magno blateras clamore, fugisque. etc. — *Lib. 2. Satyr. 7.*
- Nimirum hic ego sum. Nam tuta et parvula laudo,
Quum res deficiunt satis inter vilia fortis:
Verum ubi quid melius contingit, et unctius, idem
Vos sapere, et solos aio bene vivere, quorum
Conspicitur nitidis fundata pecunia villis. — *Lib. 1. Epist. 15.*
- (4) Nil ego, si ducor libo fumante: tibi ingens
Virtus atque animus cœnis responsat opimis.
Obsequium ventris mihi perniciosius est. Cur?
Tergo plector enim. Qui tu impunitior, illa
Quæ parvo sumi nequeunt, cum obsonia captas?
Nempe inamarescunt epulæ sine fine petitæ,
Illusque pedes vitiosum ferre recusant
Corpus. — *Lib. 2. Satyr. 7.*
- (5) Scit Genius, natale Comes, qui temperat astrum,
Naturæ Deus hamanae, — *Lib. 2. Epist. 2.*

temperado a plenidão de Alceu, quasi adubando (como se faz ao vinho) o carrascão dum com a doçura de outro. Que assim soube o Lorenzini unir o caudaloso das Dantescas águas, à límpida veia do Sorga, ⁽³⁾ com o que, tal posto se grangeou no Pindo, que não fácil empenho fora ir junto dele tomar assento. Nem a seguir a Alceu, nem a Safo se abalançou Horácio, nos assuntos que ambos empreenderam, nem nas maneiras de que usaram; mas sim lhes tomou de tal modo o andamento e porte, o cheio do estro, a valentia dos conceitos, que não como imitador deles, (defeito que os seus inimigos lhe achavam) porém se demonstrou dali Poeta original e Príncipe naquele género. ⁽¹⁾ E por certo, quanto à gravidade das sentenças com que enobreceu as suas Odes, quanto à bem-parecida desordem, com que nelas caminha, quanto às metáforas animadas com que as abrilhanta, e à curiosa felicidade, e (digamo-lo duma vez) a essa graciosa desenvoltura, que lhe veio ingénita na índole, Horácio, entre os Poetas Líricos do Lácio, merece a Coroa, e os louros. Único, lhe podemos, com Quintiliano, chamar; tanto ele acima de todos os outros se levanta!

A Mecenas o apresentaram dous Poetas amigos seus; Vário, que então se dava à Épica, ⁽¹⁾ e Virgílio empenhado nesse tempo em campesino Canto. ⁽²⁾ Vinha Mecenas duma nobilíssima família da

-
- (1) Te conjux aliena capit, meretricula Davum.
Romæ rus optas, absentem rusticus Urbem
Tollis ad astra levis.
..... adde quod idem
Non horam tecum esse potes, non otia recte
Ponere: teque ipsus vitas fugitivus, ut erro:
Jam vino quærens, jam sommo fallere curam.
Frustra. Nam comes atra premit sequiturque fugacem. — *Lib. 2. Satyr. 7.*
- (2) mediocribus, et queis
Ignoscas vitiis tentor. Fortassis et isthinc
Largiter abstulerit longa ætas, liber amicus,
Consilium proprium. Neque enim cum leetulus aut me
Porticus, exceptit, desum mihi. Rectius hoc est:
Hoc faciens, vivam melius: sic dulcis amicis
Occurram: hoc quidem non belle: numquid ego illi
Imprudens olim faciam simile? Hoc ego mecum
Compressis agito labris; — *Lib. 1. Satyr. 4.*

Toscana, varão sábio, prudente, regalão, e amável; nas cousas políticas braço direito de Octávio, como nas militares o era Agripa, soldado de fortuna, valoroso nas armas, e que poude sem risco seu, vir a ser em breves anos a segunda pessoa do Império. Agasalhou Mecenas cortesmente a Horácio, mas com poucas palavras, segundo seu costume; nem passou gran tracto de tempo, que o não alistasse na pauta dos seus Amigos. ⁽³⁾ Fácil é de imaginar que o congraçou com Octávio, contra quem tinha militado Horácio; de modo, que se abafassem esquivas lembranças, fechando a boca aos passados sucessos. A verdade foi, que de dia em dia o amava Mecenas mais; e mais que nunca frequentava Horácio aquela Casa, onde concorria a flor de Roma, onde era sabido que nada valiam âmbitos, nem enredos; onde nem mais opulência fazia sombra aos outros, e cada um achava ali a praça que competia ao seu merecimento. ⁽⁴⁾

Além das prendas do ingenho, e do coração, que da turba vulgar tanto sobrelevavam a Horácio, nele descortinou Mecenas outras que ditosamente lho davam mais a querer. Entre os principais disvelos desse homem de bem, e de agudo juízo, laborava nele a vontade de

-
- (1) Lædere gaudes,
Inquis, et hoc studio pravus facis. Unde petitum
Hoc in me jadis? est autor quis denique eorum,
Vixi cum quibus? Absentem qui ridet amicum,
Qui non defendit alio culpante: solutos
Qui captat risus hominum, famamqued icacis:
Fingere qui non visa potest, commissa tacere
Qui nequit: hic niger est, hunc tu Romane, caveto. — *Lib. I Satyr. 4.*
- (2) Sæpe verecundum laudasti, rexque paterque
Audisti coram, nec verbo parcius absens. — *Lib. 1. Ep. 2.*
- (3) Albi, ne dolens plus nimio, memor
Immitis Gliceræ: neu miserabiles
Decantes elegos, etc. — *Lib. 1. Od. 33.*
Albi nostrorum sermonum candide judex, etc.
Non tu corpus eras sine pctor. Di tibi formam
Dî tibi divitias dederant, artemque fruendi. — *Lib. 1. Ep. 4.*
- (4) Nec Armeniis in oris,
Amice Valgi, stat glacies iners
Menses per ones. — *Lib. 2. Od. 9.*

amansar o ânimo de Octávio que bem que erudito fosse desde menino em toda a Literária doutrina, como adoptivo filho de J. César sempre lhe ressoavam nos ouvidos os nomes de Farsália, d'Utica, de Munda, e aos olhos se lhe afigurava de seu Pai o excessivo poderio; e de seu próprio génio pendia para a crueza. Dobremos folha quanto às proscricções, em que se ostentou mais cruel, que o mesmo M. António; e à clemência, que demonstrou, à qual Séneca clama *saciada crueldade*; todos notícia têm do dito do mesmo Mecenas quando viu o comprazimento, com que no tribunal sentenciava à morte, e lhe bradou. *Ergue-te daí, verdugo*. Tinha para si que nada contribuiria melhor a torcer para a mansidão o ânimo de Octávio, e apontar-lhe as verdadeiras veredas da honra, e da virtude, como a boa doutrina, trajada principalmente com a linguagem das Musas; e em Horácio creu que acertara com seu pressuposto, como já acertara com Virgílio, a quem cometido havia ⁽¹⁾ a splendidíssima Obra das Geórgicas; não

 Valgius, atque probet hæc Octavius optimus. — *Lib. 1. Satyr. 10.*

Valgius æterno proprior non alter Homero. — *id.*

- (1) Plotius, et Varius Sinuessæ, Virgiliusque
 Occurrunt: animæ, quales nec candidiores
 Terra tulit, neque queis me sit devinctior ater. — *Lib. 1. Satyr. 5.*
 At neque dedecorant tua de se judicia, atque
 Munera, quæ multa dantis cum laude tulerunt
 Dilecti tibi Virgilius, Variusque Poëtæ. — *Lib. 2. Epist. 1.*
- (2) Te ne magis salvum populus velit, an populum tu
 Servet in ambiguo, qui consulit et tibi, et urbi,
 Jupiter: — *Lib. 1. Epist. 16.*
- (3) Ac ne forte putes me, quæ facere ipse recusem
 Quem recte tractent alii, laudare maligne:
 Ille per extentum funem mihi posse videtur
 Ire poeta, meum qui pectus inaniter angit,
 Irritat, mulcet, falsis terroribus implet,
 Ut magus; et modo me Thebis, modo ponit Athenis. — *Lib. 2. Epist. 1.*
- (4) Envy, with th'ignoble mind's, a slave,
 Is emulation in te learn'd, or brave. — *Pope's, Essay on Man.*
- (5) They cursed thee, as Negroes do the Sun
 Because thy shining glories blackened them. — *Grown's first years of Henry VI.*

menos opulenta de formosa Poesia, que adubada de sã moralidade; (2) e donde proviesse arredar de mais em mais Octávio do derramamento de sangue civil. Querem alguns que Virgílio, seguindo essas máximas ditasse, depois da batalha de Ácio, o seu Poema, que tanto tem de político, como de Épico; pois que nele a Casa Júlia, que prende em Eneias, e à qual tinham prometido os Deuses o Império do Mundo, verificava todos os seus Oráculos em Octávio; nesse poema crível é que insinuava Virgílio ao Povo Romano, que não resistisse contra a sua própria Dita; que assaz lhes mostrara o Tempo que estragos, que perdições lhes tinham resultado do abuso da Liberdade, quando República; que se lhes vinham oferecer na sujeição à Casa Júlia os frutos do pacífico remanso. (3)

Não é fácil de imaginar que efeitos se produzem, num Povo de alto espírito, quando máximas tais lhe são insinuadas em trajos de vivas cores. Para as insinuar assim não era Horácio menos adequado que Virgílio: bem o atinou Mecenas; e bem é de supor que para desviar o ânimo de Octávio, lhe mandou compor a Ode 14 do 1.º Livro, que é a metáfora mais formosa que atégora saiu de humana pluma. (1) O que

- (1) Discedo Alcæus puncto illius: ille meo quis?
Quis, nisi Callimachus. Si plus adposcere visus,
Fit Mimnermus, et optivo cognomine crescit
.....
Ridentur mala qui componunt carmina: verum
Gaudent scribentes, et se venerantur, et ultro
(Si taceas) laudant quicquid scripsere beati. — *Lib. 2. Epist. 2.*

Scire velis, mea cur ingratus opuscula lector
Laudet ametque domi, premat extra limen iniquus ?
Non ego ventosæ plebis suffragia venor,
Impensis cænarum, et tritæ munere vestis. — *Lib. 1. Epist. 19.*
- (2) Iracundior est paulo, minus aptus acutis
Naribus horum hominum; rideri possit, eo quod
Rusticus tonso toga defluit, et male laxus
In pede calceus hæret: at est bonus, melior vir
Non alius quisquam: at tibi amicus: at ingenium ingens
Inculto latet sub hoc corpore, etc.

Vejam as notas de Dacier sobre esta Passagem.

porém é certo, por ordem de Mecenas é que escrita foi a Ode 3, do Livro 3, Ode, que requereu para a descifrar todo o acume dos nossos Críticos modernos. Ora, o motivo dela foi, que corria fama, que já tivera J. César em seu conceito, transferir de Roma a Alexandria, ou a Tróia, o assento do Império, pois que de Tróia tirara a família Júlia a sua nascente: e temiam os Romanos que quisesse Augusto preencher as ideias de seu Pai Divo Júlio César; ideia que traria consigo a ruína de Roma, e de toda a Itália, como nas eras de Constantino veio a acontecer. Para manhosamente desviar Octávio dessa tenção escreveu Horácio essa Ode, que lida sem esta prévia inteligência, é toda escuridades e desordem.

Depois que disse que nada há hi, que poder tenha de turvar o varão constante e justo em seu propósito; e que esse é o trilho, por onde os Heróis sobem a gozar honras Divinas; e que Rómulo as alcançou; acrescenta: — mas não levava Juno a bem que entrasse no consórcio dos Deuses, uma progénie de Romano sangue; somente consentiu na consideração de que já de Tróia apenas se viam as ruínas. Arremessa-se dali a uma longa digressão em que diz que serão os Romanos Senhores do Universo, com tanto que insultem armentios aos sepulcros de Príamo e de Páris; que três vezes, obra de Febo, se ergam Troianos muros, três vezes os demoliram, os braços dos seus Gregos. Mas onde o siso tens, oh Musa, que os arcanos dos Deuses patenteando vás? ⁽¹⁾ Lá vislumbra aonde quer ferir a flecha da intenção do Vate, ou antes a intenção de quem lhe encomendou essa Ode insigne.

(1) Na Sátira 3 conta a superstição entre os outros vícios intitulados por ele infirmitades do juízo.

..... quisquis
Ambitione mala, aut argenti pallet amore:
Quisquis luxuria, tristive superstitione,
Aut alio mentis morbo calet. — *Lib. 2. Satyr. 3.*

- (2) *Lib. 1. Od. 21. VIRGIL. Eclog. 4.*
- (3) *Lib. 4. Od. 2.*
- (4) *Lib. 4. Od. 2.*

Dessa maneira se ia alimentando de mais em mais a amizade de Mecenas para Horácio; e a seita de Epicuro que ambos seguiam, não servia a resfriá-la. Que andava em moda ela então em Roma, e a tinha lá cantado Lucrécio em versos tais que só dos de Virgílio podiam conceber receio: abraçada a tinham já o Divo Júlio César, comedido Epicúreo, Ópio, Balbo, Hírtio, e Pansa, Mário e Mamurra, muitos dos quais, depois de enriquecidos com os despojos da Europa, da Ásia, de África por eles subjugadas, e terem obrado as mais egrégias façanhas, v e n do-se entrados em anos se entregaram a eruditos ócios, a promover a arte de plantar jardins, aformosear os edifícios, e dar a todas as porções da vida, elegância, splendor, e delícia, e assemelhá-la, quanto neles coube, à que os Numes desfrutavam. (2) Vida era essa, a que o q u a s i inimitável L. Luculo abrira exemplo, quando vencedor de Tigranes e

-
- (1) Alter in obsequium plus æquo pronus, et imi
Derisor lecti, sic nutum divitis horret,
Sic iterat voces et verba cadentia tollit,
Ut puerum sævo credas dictata magistro
Reddere, vel partes mimum tractare secundas,
Alter rixatur de lana sæpe caprina,
Propugnat nugis armatus: scilicet ut non
Sit mihi prima fides, et vera quod placet, ut non
Acriter elatrem, pretium ætas altera sordet. — *Lib. 1. Ep. 18.*
- (2) Nos convivia, nos prælia virginum,
Sectis in juvenes unguibus acrium
Cantamus vacui, sive quid urimur,
Non præter solitum leves. — *Lib. 1. Od. 6.*
- (3) Frui paratis, et valido mihi
Latoe dones, et (precor) integra
Cum mente: nec turpem senectam
Degere, nec cithara carentem. — *Lib. 1. Od. 31.*
- (4) Nec tua laudabis studia, aut aliena reprehendes:
Nec quum venasi volet ille, poemata panges.
.....
Consentire suis studiis qui crediderit te,
Fautor utroque tuum laudabit pollice ludum. — *Lib. 1. Epist. 18.*

Mitrídates, lhe intentou em vão roubar os louros o invejoso Pompeu. Então sob o Consulato de Cícero, em que triunfou do Oriente, desamparou o Foro e forenses lidas, para se retrair ao Campo, onde fabricou as grandiosas Quintas, cujos remanescentes ainda hoje, com pasmo são contemplados. A magnificência, que ele em todo o género prodigou, passou a ser provérbio; e quem há aí que ignore o que foi de Apolo célebre Salão. Ali tinha enfileiradas as mais formosas estátuas, os mais preciosos retábulos junto com as mais copiosas e escolhidas Livrarias, e estas francas a todo o Literato, ou simplesmente curioso. Nunca as Musas agasalhadas foram em mais elegante nem mais magnífica hospedagem! Foi estendendo Luculo a vida, no grémio dessas delícias, conversando com homens doutos, escrevendo os Comentários das guerras que guerreara, e cultivando as Ginjeiras, que das regiões do Ponto trouxera a Itália. Dessa mesma escola era o Epicúreo Mecenas, sobre cujas maneiras e ademanes sempre fagueiros, sempre requebrados, única falha desse grande homem, caíram mais duma vez os motejos de Octávio. E ora, de que seguisse, em Filosofia, Horácio essas mesmas bandeiras, sobejas provas, nos seus mesmos escritos se acham; e dado que outras passagens se encontrem, que o denotem por Académico, ⁽¹⁾ ou de outra qualquer seita; ⁽²⁾ em maior quantia são as que no-lo denunciam rematado Epicúreo. ⁽³⁾ E o que ainda mais nos faz é a conformidade que milita entre os preceitos de Epicuro, e as máximas de Horácio. Aquele publicou com os preceitos, e este com o exemplo, que se não deve entremeter o sábio ⁽¹⁾ nos públicos negócios; e ambos lhe aconselham que aborreça as torpezas dos Cínicos, ⁽²⁾ que ponha o peito a esquivar de si a pobreza, ⁽³⁾ e que memória deixe com alguma Obra de ingenho, ⁽⁴⁾ nem alardeie aqui e além o que disse ou fez; ⁽⁵⁾ e que seja amador dos Campos, ⁽⁶⁾

E pedra quadra aos tiros da Fortuna.

(1) Non recito cuiquam, nisi amicis, idque coactus,
Non ubivis, coramve quibuslibet. etc. — *Lib. 1. Satyr. 4.*
Ut proficiscentem docui te sæpe, diuque
Augusto reddes signata volumina Vinni,
Si validus si lætus erit si denique poscet: — *Lib. 1. Epist. 13.*

Tanto o Poeta, como o Filósofo sustentam, que não são (como os Stoicos ⁽⁷⁾ sentiam) iguais todas as culpas; e não cabe ao Sábio pôr seu cuidado, no que toca ao jazigo seu. ⁽⁸⁾

Nessa Epístola a Mecenas, que é um transumpto da mais esquisita moral de Epicuro, empreende o Filósofo mostrar que não deve o homem quando Mancebo transcurar a Filosofia, nem quando velho, afadigar-se de filosofar; porque ninguém se deve capacitar, nem que mui temporão seja, nem hora mui serôdio o procurar-se a saúde do ânimo. E não diz o Poeta essa mesma sentença ao seu amigo Mecenas, quando esse o estimulava a fazer versos na quadra da avançada velhice? ⁽¹⁾ Não há que perguntar-lhes à um, nem a outro o que eles sentiam a respeito da morte; pois que ambos tinham que não havia de que a temer; um dos mais firmes alicerces dessa seita sendo, que com o corpo finalizava tudo. ⁽²⁾ Enquanto ao desfrutar os prazeres da vida, tanto Horácio, quanto Epicuro, os tinham em grande pressuposto; nem nisso padeciam grande logro, persuadidos ambos que o homem não é como o Amante Platónico — *Despido, e nu das condições de humano* — mas sim, que são as nossas paixões os ventos, que no mar da vida, o nosso baixel impelem: persuadidos igualmente, que a nossa Razão, ou ao bem regrado amor de nós mesmos cabe ter mão no leme, e desviá-lo dos cachopos. ⁽³⁾ Quer a Razão, que do prazer, por mais vivo que ele seja, te desvies, se tens de o descontares a grão custo. ⁽⁴⁾ Deve o Varão sábio, computar diversamente, do que computa o vulgo; e nesse cômputo assemelhar-se ao que os Estados administra; que aí reside a virtude, onde no uso arrazoado que das paixões faz, contempla o seu próprio bem. Como se vê, que em toda a qualidade de Governos o bom Cidadão, o bom Vassalo, não contradiz substancialmente a nenhuma das seitas filosóficas; donde claro fica ser o nosso interesse próprio o manancial da Justiça, e da Equidade. ⁽²⁾ Se pelo que é prudente, pelo que é honesto e justo não encaminhas a vida, em vão te abalanças a viver jucundamente: dogma de Epicuro foi, e o

(1) DACIER, *Remarques sur les titres des Epîtres*, tom. 4 ed. in 4^o d'Hambourg, 1733.

foi de Horácio. ⁽³⁾ Assim é que um e outro colocaram o sumo bem na ausência da Dor, enquanto ao corpo, e enquanto ao ânimo, na mais perfeita tranquilidade. ⁽⁴⁾

Difuso me julgaram alguns, e escusados para prova tantos razoamentos. Eu o fiz, por ter ouvido, a homens de muito ingenho, abastados em doutrina, e dados ao nosso Vate, sustentarem que ele, e mais Mecenas, com os mais egrégios dessa quadra, não tinham seguido as bandeiras de Epicuro; mas sim, que de Academo nos bosques, seguiram a Carneades, após os vestígios de M. T. Cícero. Verdade é, que no teor da sua vida não o vemos tão aferrado aos dogmas que professava, nem aos preceitos com que aformoseou os seus escritos. O seu Epicurismo era cortesão, (quero dizer relaxado) e propendente para mais fácil praxe, que a de seu Mestre, que com verças do seu horto se alimentava, e se dava por bem e lautamente jantado, quando de postres lhe servia certo queijo; ⁽⁵⁾ pequeno tracto não dissimilhante em sua vida abstinentemente e sóbria do célebre Luís Cornaro: ⁽⁶⁾ por cujo motivo alcançou nos antigos tempos, grandíssimos admiradores, entre os mais austeros Literatos; e defensores, até mesmo entre os Cristãos.

Com escandalosa devoção peregrinava o nosso Poeta aos Templos de Ericina, contra as postilas de seu Mestre, ⁽¹⁾ e nessa milícia se dava gabos de ter merecido distintos louros; e para me servir da expressão de Miguel Montaigne, *em facções de amor era ambidestro.* ⁽²⁾ Nem sempre se contentava com prazeres de fácil colheita; antes, e muito a miúdo se arrojara a não leves, perigos, em contradição das insinuações que dava aos outros, de que a toda a brida fugissem deles. ⁽³⁾ Nem lhe escapavam (como na sua vida vem apontado) ⁽⁴⁾ certas finuras, (que nos dão por invenções destas últimas eras) de multiplicar por via de espelhos, e lhe aumentar quasi a realidade, a imagem desses mesmos

 (1) *Lib. 1 Satyr. 9. ib. Satyr. 5. ib. Satyr. 7, ib. Satyr. 8. Lib. 2. Satyr. 8.*

(2) *Lib. 1. Satyr. 6. ib. Satyr. 10. Iib. 1. Epist. 19.*

(3) *Lib. 1. Epist. 1. ib. Epist. 7. Lib. 2. Epist. 2.*

(4) *Lib. 1. Epist. 9. ib. Epist. 8.*

(5) *Lib. 2. Epist. 1.*

prazeres. Dos louvores, que ao vinho distribui Homero, infere Horácio, que esse Poeta soberano não era bebedor de chilre linfa: (2) nem Flaco nos desmentirá, quando retorquirmos contra ele o mesmo argumento; contra ele, que encómios tantos liberaliza a esse licor suave, em tanta e tanta ocasião. (3) Por mais mofa que ele faça dos requintes da Arte das gulodices, que tanto vogava entre os calaceiros Epicúreos, (1) e que nos diga que de chicória e malvas (2) se nutria, não corria menos, com açodado anelo, às delicadas ceias de Mecenas; (3) e pudera servir de padrão do quanto guapas personagens são as indigestões avassaladas. (4) Tanto, em desdouro da Filosofia, dominavam nele certas inclinações congénitas (digamos índole) que só em nos acabam, quando se nos despede vida. (5)

Esses, e outros defeitos tais mui bem os conhecia em si mesmo: mais que uma vez, com mais força os crimina em si, do que criminalhos pudera o seu mais figadal inimigo. Namoraste-te de mulher não tua (se dizia entre si Horácio), estás em Roma e anseias estar no

 (1) Cætera de genere hoc (adeo sunt multa) loquacem
 Delassare valent Fabium. — *Lib. 1. Satyr. 1.*

..... Quin etiam illud
 Accidit ut cuidam testes caudamque salacem
 Demeteret ferrum. Jure omnes: Galba negabat, — *ib. Satyr. 2.*

Deprendi miserum est: Fabio vel judice vincam. — *ibid.*

..... Nunquid Pomponius istis
 Audiret leviora, pater si viveret? — *Lib. 1. Satyr. 4.*

Servius Oppidius Canusi duo prædia, dives
 Antiquo censu, latis dixisse duobus
 Fertur, et hæc moriens pue is dixisse vocatis
 Ad lectum: Postquam te talos, Aule nucisque
 Ferre sinu laxo, donare, eti ludere vidi?
 Te, Tiberi numerare, cavis abscondere tristem;
 Extimui, ne vos ageret vesania discors;
 Tu Nomentanum, tu ne sequerere cicutam. — *Lib. 2. Satyr. 3.*

..... Ire domum atque Pelliculam curare jube: sis cognitor ipse,
 Persta atque obdura, seu rubra canicula findet

E qual há aí desses amigos, com quem vivi, que tal me possa lançar em rosto? Todo aquele que o vestido trinca do Amigo ausente, que o não defende, quando lhe roem a pele, que alardeando ingenho, quer à custa de outrem fazer rir a sociedade; que inventa o que não viu, e não cala o que se lhe confiou, homem malvado chamar-lhe cumpre, e r e s g u a r - dar-se dele. ⁽¹⁾ Bem vezes descomedido me louvaste (diz ele falando com Mecenas) e se presente a ti, *Senhor*, te chamei *Pai*; quando, ausente, em ti falei, nunca mudei de estilo. ⁽²⁾ Dos grandes homens do seu século, dos seus mesmos rivais admirador exímio falava, como se d'há longas eras os houvera coberto a campa. Não escasso de louvores seus para com o culto, e aprazível Tibulo, ⁽³⁾ se dá por amicíssimo de Válgio,

-
- (1) Sed tuus hic populus, sapiens et justus in uno
Te nostris ducibus, te Graiis anteferendo,
Cætera nequaquam simili ratione modoque
Æstimat: et nisi quæe terris semota, suisque
Temporibus defuncta videt, fastidit et odit.
Sic fautor veterum, ut tabulas peccare vetantes
Quas bis quinque viri sanxerunt, fædera regum
Vel Gabiis, vel cum rigidis æquata Sabinis,
Pontificum libros, annosa volumina vatum
Dictitet Albano Musas in monte loquutas; — *Lib. 2. Epist. 1.*

..... adeo sanctum est vetus one poema: — *ibid.*

Authors, like coins grow dear as they grow old.

It is the rust we value, not the gold.

— Pope na imitação, que desta mesma Epístola compôs.

- (2) Jam Saliare Numæ carmen qui laudat, et illud
Quod mecum ignorat, solus, vult scire videri: — *Lib. 2. Epist. 1.*
- (3) Si meliora dies, ut vina, poëmata reddit; — *ibid.*
- (4) Interdum vulgus rectum videt, est ubi peccat
Si veteres ita miratur, laudatque poëtas,
Ut nihil anteferat, nihil illis comparet, errat.
Si quædam nimis antique, si pleraque dure
Dicere credit eos, ignave multa, fatetur:
Et sapit, et mecum facit, et Jove judicat æquo. — *ibid.*
- (5) Indignor quicquam reprehendi, non quia crasse
Compositum, illepideve putetur, sed quia nuper: — *ibid.*

que voava (ao dizer de Horácio) mui perto de Homero. ⁽⁴⁾ Exalta a Virgílio e a Vário não menos pela candura de índole, que pela excelência de seu poético ingenho: ⁽¹⁾ e de Vário cita aquela formosa passagem do Panegírico de Augusto, em que lhe diz: — Júpiter que sobre ti vela, e vela sobre Roma, nos deixa a cada passo incertos se mais a salvação de Roma tens a peito, ou se o Povo a tua; ⁽²⁾ Delicado estilo de louvar! E ora a esses Poetas, que mais arredados do seu modo de versejar, contentavam ao Povo, os apoda Mágicos, que ora os Ouvintes transportavam a Tebas, e ora a Atenas, como melhor lhes aprazia, e a seu intento revolviam o humano coração. ⁽³⁾ Nativa é a emulação nos Ingenhos grandes, a quem mete esporas o renome alheio; emulação, mas não inveja, que é o com que os faltos de mérito suprem o vácuo do talento, ⁽⁴⁾ ao qual esses amaldiçoam, como fazem os Negros (diz poeticamente certo Poeta Inglês ⁽⁵⁾) que blasfemam do Sol, que os enegrece.

E se Horácio zomba do bando vulgar desses Poetas coetâneos seus, que à força de recíprocos se louvarem, se contemplavam já dignos de encómios, e que se atiram uns aos outros, e se barateiam às nomeadas de Alceus, de Calímacos, e de Mimnermos, ⁽¹⁾ é que, calado fiques, triunfam em si mesmos, e se pavoneiam de quanto haviam

(1) Ingeniis non ille favet, plauditque sepultis,
Nostra sed impugnat, nos nostra que lividus odit. — *ibid.*

(2) Recte necne crocum floresque perambulet Attæ
Fabula, si dubitem, clament periisse pudorem
Cuncti pene patres, ea quum reprehendere coner,
Quæ gravis Æsopus, quæ doctus Roscius egit:
Vel quia nil rectum, nisi quod placuit sibi, ducunt;
Vel quia turpe putant parere minoribus, et quæ
Imberbes didicere, senes perdenda fateri. — *Lib. 2. Epist. 1.*

(3) Lutulentus.

(4) Sane, si recte rem perpendamus, omnis oratio aut laboriosa, aut affectata, aut imitatrix, quamvis alioqui excellens, nescio quid servile olet, nec sui juris est. Tuum autem dicendi genus vere regium est, profluens, tanquam a fonte, et nihilominus, sicut Naturæ ordo postulat, rivis diductum suis, plenum facilitatis, felicitatisque, imitans neminem, nemini imitabile. — Bacon, in *Oper. de dignit. et aumt. scient. Lib. 1.*

composto: se ele não frequenta os Congressos dos Gramáticos e as Academias, e lá colher a aura popular desses doutos; não lhe vem de que ele deixe de escutar, de ler, e ainda defender esses nobres ingenhos, que em Companhia sua douravam o século de Augusto. Até bem fundada é a opinião dos Críticos em pertenderem, que na Sátira 3 do livro 1 emprende Horácio a defesa de Virgílio contra certos Mancebinhos de Roma, que se descomediam a ponto de motejarem aquele divino Ingenho, que par a par corria com o Romano Império, de ser um tanto agastadiço, de não ser homem que condissesse com as tertulhas deles, pelo malcortado dos cabelos, pelo desmanchado desalinho da toga, pelos pés que lhe chocalhavam nas alparcas. (2)

E o que em qualquer assenta às maravilhas é, que rematado Poeta como ele era, sabia ainda a tantos dotes de seu ânimo juntar mais que vulgar prudência. Dado que das superstições, e pré-conceituadas opiniões, que nesse tempo lavravam entre o Povo, fizesse o caso que elas mereciam, como claro se pode ver no que familiarmente escrevia a seus Amigos; (1) todavia nas Odes, que, (para o dizer assim) eram composições ostensivas, dá mostras de mui observante da Religião, e

(1) Sed ille,
Si foret hoc nostrum fato dilatus in ævum,
Detereret sibi multa, recideret omne quod ultra,
Perfectum traheretur, et in versu faciendo
Sæpe caput scaberet, vivos et roderet ungues. — *Lib. 1. Satyr. 10.*

(2) Men' moveat cimex Pantilius? aut crucier quod
Vellicet absentem Demetrius? aut quod ineptus
Fannius Hermogenis lædat conviva Tigelli?
Plotius et Varius, Mecænas, Virgiliusque,
Valgius, et probet hæc Octavius optimus, atque
Fuscus: et hæe utinam Viscorum laudet uterque. — *Lib. 1. Satyr. 10.*

(3) O que aqui se diz de Horácio, quisera bem um discípulo seu, que dele se dissesse: que um António Ribeiro dos Santos, que um Domingos Maximiano Torres, e outros bons ajuizadores dessa plana, se contentassem dos Versos de Filinto, Filinto se daria por contente; e ainda que tão distante se conheça do felicíssimo ingenho de seu Mestre, tivera por grandíssima dita ter com ele parecença nesse pouco. Como não riria então das criticas das Filamintas, e dos Bonzos, que lhe atravessam a reputação, com o cediço apodo de antiquado? etc., etc.

dela mui penetrado. ⁽²⁾ Que bem capacitado foi de que não cabe ao bom Cidadão descalçar as bases mais fundamentais do Estado; bem capacitado foi, que não lhe convinha com uma palavra, com um gesto mal a propósito, e ainda muito menos com um tratado contra a Religião dominante, sacrificar os bens, acarear para a vida infâmia, desterro, e cárceres, comprazendo com uma seita, que não tem com que o galardoar na morte.

Com tão rico cabedal de bons costumes e honesto procedimento, que maior realce dava ainda ao seu ingenho, que maravilha foi o agradar Horácio tanto aos Grandes de Roma, e o ser deles tão querido? Os que mais nomeados vêm nas suas obras são Polião, que também foi por Virgílio celebrado, ⁽³⁾ sequaz de J. César, e depois de M. António, coroado juntamente do Dalmático triunfo, e dos louros Apolíneos: também António Julo filho do Triúnvir, amante de Poesia, e que lhe deu assunto a compor sobre Píndaro tão bela Ode; ⁽⁴⁾ Lólio militar de grande fama, que, perdida na Germânia a Águia da 5.^a Legião, soube essa afronta reparar, com mais brio do que Varo, no recontro de Armínio. (DACIER, *Nota 32. Od. 9. Lib. 3.*) O tão celebrado Messala Corvino, que deu exercício à Musa de Tibulo, de quem não depararam igual, tanto em sabedoria, quanto em rectidão, e em eloquência,

(1) At nostri proavi Plautinos, et numeros, et
Laudavere sales: nimium patienter utrumque,
(Ne dicam stulte) mirati; si modo ego et vos
Scimus inurbanum lepido seponere dicto,
Legitimumque sonum digito callemus et aure. — *In Arte Poetica.*

(2) Duplex omnino est jocandi genus: unum illiberale, petulans flagitiosum obscurum: alterum elegans, urbanum, ingeniosum, facetum, quo genere non modo Plautus noster et atticorum antiqua comædia, sed etiam Philosophorum Socraticorum libri referti sunt. — CICER. *de officiis. Lib. 1.*

(3) Nam mihi videtur M. Tullius, cum se totum ad imitationem Græcorum contulisset, effinxisse vim Demosthenis, copiam Platonis, jucunditatem Isocratis. — QUINTIL. *Lib. 10. Cap. 1.*

(4) *Str.* Quin cum it dormitum follem sibi obstringit ob gulam.
Congr. Cur? *Str.* Nequid annonæ forte amittat dormiens.
Congr. Etiam ne obturat inferiorem gatturem, nequid animæ forte amittat dormiens? — *In AULULAR, Scen. 4. Act. 2.*

aqueles tempos tão fecundos em homens grandes. (DACIER, *Nota 7. Od. 21. Lib. 3. Satyr. 10. Lib. 1.*) Os Pisões progénie de El-Rei Numa, a quem endereçou a Arte Poética; Munacio Planco, de quem temos as Cartas elegantísimas, que ele a Cícero escrevia, e em nome do Império, conferiu a Octaviano o título de Augusto; (DACIER, *Od. 7. Lib. 1.*) Agripa, que adornou a cidade Roma com Chafarizes, e sumptuosos edifícios, que ainda hoje a ilustram; que mereceu, depois de Sext.

(1) Vos exemplaria Græca
Nocturna versate manu, versate diurna. — *In Art. Poet.*

(2) Non si priores Mæonius tenet
Sedes Homerus. etc. — *Lib. 4. Od. 9.*
Trojani belli scriptorem, maxime Lolli,
Dum tu declamas Romæ, Præneste relegi:
Qui, quid sit pulchrum, quid turpe, quid utile, quid non,
Plenius, ac melius Chrysippo et Crantore dicit. — *Lib. 1. Epist. 2.*

Nec sic incipies, ut scriptor Cyclicus olim
Fortunam Priami cantabo, et nobile bellum.
Quid dignum tanto feret hic promissory hiatus?
Parturient montes, nascetur ridiculus mus.
Quanto rectius hic, quid nil molitur inepte.
Dic mihi, Musa, virum, captæ post tempora Trojæ,
Qui mores hominum multorum vidit et urbes.
Non fumum ex fulgore, sed ex fumo dare lucem
Cogitat, ut speciosa dehinc miracula promat,
Arltiphatem, Scyllamque, et cum Cyclope Charybdim
Nec reditum Diomedis ab interitu Meleagri,
Nec gemino belum Trojanum orditur ab ovo.
Semper ad eventum festinat, et in medias res,
Non secus ac notas, auditorem rapit, et quæ
Desperat tractata nitescere posse, relinquit.
Atque ita mentitur, sic veris falsa remiscet
Primo ne medium, medio ne discrepet imum. — *In Art. Poet.*

(3) Tu nihil in magno doctus reprehendis Homero? — *Lib. 1. Satr. 10.*
..... quandoque bonus dormitat Homerus. — *In Art. Poet.*

Neque id statim legenti persuasum sit omnia, quæ magno auctores dixerint, utique esse perfecta. Narn et labuntur aliquando, et oneri cedunt, et indulgent ingeniorum suorum voluptati; nec semper intendunt animum, et nonnunquam fatigantur; quum Ciceroni dormire interim Demosthenes; Horatio etiam Homerus ipse videatur. — QUINTILIAN. *Instit. Orator. Lib. 10. Cap. 1.*

Pompeu vencido, a coroa rostral, e com a vitória de Áctio fez do Oriente um donativo a Octávio, e daí Senhor do Universo. Com Varões dessa qualidade é que Flaco desfrutava os anos, e de cujos tanto era amado, quanto era de ameníssima, e comedida natureza; e que sabia conservar-se tão arredado da vil adulação, que fez eco às palavras de outrem, quanto dessa orgulhosa grossaria, que pela mais leve palha acende altercações, nas companhias. ⁽¹⁾ Sem que nunca o agitassem além do seu dever namoradas afeições, ⁽²⁾ só dos Numes implorava para a velhice aqueles empregos, que lhe tinham bem-aventurado a Juventude. ⁽³⁾ Sabia às maravilhas insinuar-se nas inclinações das pessoas com quem convivia, ⁽⁴⁾ empenhando-se mais em abrir caminho ao ingenho alheio, onde brilhasse, que dar brilho ao que lhe era próprio. Nunca importuno em recitar seus versos, (senão de tantos!) pois que ainda versos bons,

-
- (1) Mutavit mentem populus levis, et calet uno
Scribendi studio. Pueri, patresque severi
Fronde comas vincti, cænant, et carmina dictant.
Ipse ego, qui nullos me affirmo scribere versus,
Invenior Parthis mendacior, et prius orto
Sole, vigil calamum et chartas, et scrinia posco.
Navem agere ignarus navis timet: abrotonum ægro
Non audet, nisi qui didicit, dare. Quod medicorum est
Promittunt medici: tractant fabrilia fabri.
Scribimus indocti doctique poemata passim. — *Lib. 2. Epist. 1.*
- (2) Ludere qui nescit, campestribus abstinet armis:
Indoctusque pilæ, discive, trochive quiescit,
Ne spissæ risum tollant impune coronæ.
Qui-nescit, versus tamen audet fingere. Quid ni?
Liber et ingenuus, præsertim census equestrem
Sumam nummorum, vitioque remotus ab omni. — *In Art. Poetic.*
- (3) Qui studet optatam cursu contingere metam,
Multa tulit fecitque puer: sudavit et alsit;
Abstulit Venere et vino. Qui Pythia cantat
Tibicen, didicit prius, extimuit que magistrum.
Nunc satis est dixisse: Ego mira poemata pango,
Occupet extremum scabies: mihi turpe relinqui est,
Et, quod non didici, sane nescire fateri. — *In Art. Poetic.*

como diz Gresset, quando são muitos, enfastiam: só quando lhos pediam, os recitava. ⁽¹⁾

E todavia, quem melhor que ele, o pudera com mais segurança? Além das Odes, em cujas tratou argumentos de grandíssima variedade, e com estilo propriíssimo a cada assunto, tinha-se aplicado a Sátiras, e a Epístolas, nas quais, não sei se diga que sobrelevou quanto na Lírica cantado tinha. Nelas se propôs aperfeiçoar quanto Lucílio havia somente esboçado, e nelas saiu tão bem, como bem saíra Virgílio em pôr a última mão ao que Ênio tinha antes dele começado.

Alguns há hi que sentem que o ingenho do homem a um só género limitar-se deve; que cultivá-lo cabe, e nunca sair fora dele, se aos mais altos pináculos do Pindo subir pretende; e esses fundam-se em que são os nossos cérebros como as terras, cujas há que idóneas são para vinha, e não para trigo, etc.: trazem para esteio os Gregos, nossos Mestres, que se esmeraram em todas as Artes, e doutrinas, que se dava cada um a um só género de estudos. Homero, que nunca se afastou da Épica; Sófocles que só tratou co'a Musa trágica, como Aristófanes com a cómica; Demóstenes, que se contentou com os louros de Eloquência. Que outra ciência escreveu Platão, senão Filosóficos diálogos em seus quantiosos volumes? Assim é que é muita verdade; mas também é

(1) Chamaram-no Anaxágoras-Spírito, porque nas suas lições filosóficas professava que o Spírito divino era a causa deste Universo.

(2) Ego autem, et me sæpe nova videri dicere intelligo; cum per vetera dicam, sed inaudito plerisque; et fateor, me Oratorem, si modo sim, aut etiam quicumque sim, non es Rhetorum officinis sed ex Academiae spatiis exiitisse. — CICER. *de Oratore*.

- (3) Scribendi recte, sapere est et principium et fons.
 Rem tibi Socraticæ poterunt ostendere chartee,
 Verbaque provisam rem non invita sequentur.
 Qui didicit patriæ quid debeat, et quid amicis,
 Quo sit amore parens, quo frater amandus, et hospes;
 Quod sit Conscripti, quod Judicis officium,, quæ
 Partes in bellum missi ducis: ille profecto
 Reddere personæ scit convenientia cuique. — *De Art. Poet.*

..... Cui lecta potenter erit res,
 Nec facundia deseret hunc nec lucidus ordo. — *Ibid.*

muita verdade que os Romanos, que não cediam aos Gregos, empreenderam e conseguiram ganhar palmas, em diversos empregos: sem contar Virgílio, que três cetros empunhou, na Eneida, Geórgicas, e Éclogas, já Cícero tinha antes dele sido aclamado por Orador sumo, óptimo Filósofo, excelente escritor de Diálogos: o Divo J. César, Rei dos Escritores, egrégio Historiador no bulício de guerreiros trabalhos, que a conquista do Orbe por alvo tinham, Poeta, Gramático, (e dos mais subtis) Astrónomo tal, que no seu Almagesto o cita Ptolomeu com distintas honras: e se descemos aos nossos Quinhentistas, não deparamos nós com ingenhos, que igualmente meneavam a Oratória e a Poesia? Não foi Milton um dos primeiros homens de Estado na Inglaterra, e juntamente o Homero dela? Nem sentenciado ainda está o pleito, se na Cómica foi Racine mais valioso: e quem nos dirá se mais correcta, e nobre, e digna foi a prosa em que composta foi a História de Carlos XII, que os harmoniosos e elegantes versos do Poema do quarto Henrique?

Depois de haver Horácio prelibado a flor da Lírica Poesia Grega, e haver no Lácio remontado ao sumo grau da perfeição, deu-se, como já dissemos, a melhorar a maneira de Lucílio, que atéli se sentava único na Cadeira de Príncipe da Sátira; e inventou, se assim é licito dizê-lo, o género Epistolar Poético.

Dacier, que tanto estudo envidou nesse Poeta, que o interpretou, glossou, e aclarou, etc., quer que, um só corpo façam as Sátiras, as Epístolas, e que dependam umas das outras; e que a consideração do

(1) Ego, apis Matinae
 More modo que,
 Grata carpentis thyma per laborem
 Plurimum, circa nemus, uvidique
 Tiburis ripas, operosa parvus
 Carmina fingo. — *Liv. 4. Od. 2.*

(2) Respicere exemplar vitæ? morumque jubebo
 Doctum imitatore, et veras hinc ducere voces.
 Interdum speciosa locis, morataque recte
 Fabula, nullius Veneris, sine pondere et arte,
 Valdius oblectat populum, melius que moratur
 Quam versus inopes rerum, nugæque canoræ. — *De Arte.*

Poeta foi compor com umas e outras um tratado de Moral, que guiar-nos e reger-nos possa nos encontros da vida. Mas como para obrarmos conformes com a Verdade, e pormos a Virtude em praxe, compete antes que tudo, mondarmos o nosso ânimo das pré-conceituadas opiniões, e vícios, quis que os dous primeiros livros, intitulados propriamente Sátiras, fossem preparatórios, e purificações, como lhes ele chama, e ensino prévio para as Epístolas; seguindo nisso o trilho dos Médicos mais aprovados, que não consentem bons alimentos ao enfermo, sem que primeiro lhe des-sujem o corpo dos maus humores; e tal era também o método de Sócrates, que como um Hipócrates do espírito, nenhuma doutrina, sem esse preparo, dava a beber a seus Discípulos. ⁽¹⁾ Esse pensamento de Dacier, apesar de que tudo o que dá

-
- (1) Sepe etiam audacem fugat hoc terretque Poëtam
 Quod numero plures, virtute et honore minores
 Indocti stolidique, et depugnare parati,
 Si discordet eques media inter carmina poscunt
 Aut ursum, aut pugiles: his nam plebecula gaudet,
 Verum equitis quoque jam migravit ab aure volutas
 Omnis ad incertos oculos et gaudia vana:
 Quatuor, aut plures aulæa premuntur in horas,
 Dum fugiunt equitum turmæ, peditumque catervæ.
 Mox trahtur manibus regum fortuna retortis:
 Esseda festinant, pilenta, petorrita, naves:
 Captivum portatur ebur, captiva Corinthus.
 Si foret in terris, rideret Democritus, seu
 Diversum confusa genus panthera camelo,
 Sive elephas albus vulgi converteret ora:
 Spectaret populum ludis atentius ipsis,
 Ut sibi præbentem mimo spectacula plura.
 Scriptores autem narrare putaret asello
 Fabellam surdo: nam quæ pervincere voces
 Evaluere sonum, referunt quem nostra theatra?
 Garganum mugire putes nemus, aut mare Tuscum;
 Tanto cum strepitu ludi spectantur et artes,
 Divitiæque peregrinæ, quibus oblitus actor
 Quum stetit in cena, concurrat dextera levæ.
 Dixit adhuc aliquid? Nil sane. Quid placet ergo?
 Lana Tarentino violas imitata veneno. — *Lib. 2. Epist. 1.*

ares de bem ajeitado sistema faça negações à nossa fantasia, não creio que se molde mui bem, com os que têm íntimo conhecimento de Horácio. Demos que fosse o versejar sua dominante paixão; não era ele homem que escrevesse a gosto alheio, mas sim a capricho seu; não era homem, que meditasse, como Autor de profissão, e com calcado desígnio, profundo, e porfiado estudo o que havia de escrever: porquanto vemos, assim nas Sátiras, como nas Epístolas, que ele as despedia do ingenho à medida que vinha o apetite de narrar aventura que lhe acontecesse, historieta que lhe pulava na memória, ⁽¹⁾ ou quando muito, para se arrodelar contra malévolos, e opoentes seus: ⁽²⁾ também às vezes para se desculpar com seus Amigos, ⁽³⁾ já para recomendar algum de sua companhia, ⁽⁵⁾ já para saber novas dum ausente, ⁽⁴⁾ e até por motivo de convite, que se lhe fizesse, e mil outras vontades, que lhe acorriam. E outrossim nada tem de Moral o II livro das Epístolas, antes Críticas somente encerra; e ajuntai-lhe ainda as Sátiras 4, e 10 do I das Sátiras. E que moral lhe rastreais vós nas Sátiras 5, 7, 8, e 9, desse mesmo livro, e nas 4 e 8 do II? Pelo que, o pensamento de Dacier bem é que o ponhamos no cúmulo de outros parceiros seus, que nos vêm assoalhados pelos Comentadores, que a poder de cravar os olhos no texto, se deslumbram nele, e o vêem todo desconforme.

E, nada menos, cousa assentada, que sem que nunca passasse pela ideia a Horácio compor um Tratado de Moral, completo, o encontramos nessas Obras; pois que nelas se vêem estabelecidas regras para todas as condições, públicas, e privadas; nem prazo há hi, na vida humana, que lá não ache máxima que o dirija.

Enfeitou pois, e aformosentou o estilo de Lucílio: lá vereis versos tirados por subtil fieira, e parecidos com esses Italianos:

Qual Ninfa in fonti,
Chiome d'oro.
In nobil sangue

(1) Scribimus indocti doctique poemata passim.
Hic error tamen et levis hæc insania quantas
Virtutes habeat, sic collige: etc. — *Lib. 2. Epist. 1.*

.....
E in aspetto pensoso anima lieta, etc.

E o Célebre Lazzarini, que tão delicadamente sentia o mimo poético, igual nome daria ao seguinte verso de Horácio,

Prima dicte mihi, summa dicende Camœna.

Versos como este devem ser tão chãos, que pareça, que os soltou a Negligência, e que apenas dêem visos de metro; deve adubá-los a variedade, e quantas graças, e quanta delicadeza aí haja; e se o preceito, que encerra, leva como lhe é ordinário, espinhos, a rosa com sua engraçada cor, com seu aroma os amacie.

Entre os seus *Sermones* alguns há com forma de Diálogos, como *v.g.* o 1. do livro II. entre ele e Trebácio Jurisconsulto, tão gracioso e terso, tão aprazível e frisante, que nunca Pope, que tanto imitou os outros, soube imitar bem aquele. Parece que nas outras obras, que compôs, e em algumas particularmente que intitulou Diálogos, não caminhou tão carregado, como dantes, nem como Boileau, na tão famosa Sátira contra as mulheres, onde vedes o Boi, que afana, e sua por levar direito o rego.

Nem no mordente mesmo das Sátiras, toma a Horácio, como depois tomou Juvenal, às mãos ambas o azorrague, para dar golpe que levante empola, ou sangue espirre; também não arremeda a

-
- (1) In verbis etiam tenuis, cantusque serendis,
Dixeris egregie, notum si callida verbum
Rediderit junctura novum, si forte necesse est
Indiciis monstrare recentibus abdita rerum,
Fingere cinctutis non exaudita Cethegis
Continget, dabiturque licentia sumpta pudenter.
Et nova fictaque nuper habebunt verba fidem, si
Græco fonte cadant parce detorta. Quid autem
Cæcilio, Plautoque dabit Romanus, adentum
Virgilio, Varioque? Ego cur acquirere pauca
Si possum, invideor? quum lingua Catonis et Enni
Sermonem patrium ditaverit, etc. — *In Art. Poet.*

.....
Obscurata diu populo bonus eruet, atque
Proferet in lucem speciosa vocabula rerum:

severidade de A. Pérsio, que com semblante menencório, vos assoalha a virtude. Horácio se apresenta, como um Filósofo amável, um Sócrates elegante, que, se vos solta uma vergastada, é quasi, como de fugida; (1) ensina gracejando, e cura a infirmitade com anódinos. (1) Inimitável modo de satirizar: mas que requer todavia ingenho, instrução, e sobretudo, nobre e gentilíssimo jeito.

Ócio e liberdade summa requeria o projecto de levar ao auge da perfeição semelhante empresa: ora, muito mais os necessitava então o Poeta entrado em anos, e obrigado já por eles, a ir buscar em Tarento, um Céu mais tépido, sob o qual passasse o inverno. Dali tomou mais desenvoltura com os Amigos, e até com Mecenas, que com esse meigo nome o comunicava; e nesse mesmo prazo oferecendo-lhe o mesmo Augusto César o lugar de seu Secretário, e Comensal de seu Palácio, lho não aceitou. Não sei qual mais se admirar deva, se a Filosofia do Poeta, se a benévola razão daqueles Príncipes.

Teríamos (falando naturalmente) perdido as Epístolas, que em nome de Augusto houvera escrito, como Secretário, que era seu, mas não perdido a que ele escreveu a esse mesmo Augusto, pela qual viemos

Quæ priscis memorata Catonibus atque Cethegis,
Nunc situs informis premit, et deserta vetustas,
Adsciscet nova, etc. — *Lib. 2. Epist. 2.*

Audendum tamen, namque, ut Cicero ait, etiam quo
primo dura visa sunt usu molliuntur. — *QUINTILIAN. Lib. 1. Cap. 5.*

(1) At magnum fecit, etc.

(2) Basta ler entre os fragmentos de Lucílio os que principiam:

Hoc nolueris et debueris te, etc., etc.

Ou os de Ronsard no Epitaf. de Margarida de Valois.

(3) Atque ego quum Græcos facerem, natus mare citra,

Versiculos, vetuit me tali voce Quirinus

Post mediam noctem visus, quum somnia vera;

In sylvam non ligna feras insanius, ac si

Magnas Græcorum malis implere catervas. — *Lib. 1. Satyr. 10.*

no conhecimento de cousas dignas de notícia, e com elas mui assinaladamente, de como pensava Horácio, já como Escritor, já como Literato.

Bem que no século de Augusto tivesse Roma recolhido, juntamente com o espólio de todas as Nações, as Artes, a Erudição, a Filo-sofia, não faltavam ainda no vulgo certos esconsos e n t e n d i m e n t o s , (e vulgo chama ainda a muitos Togados o Poeta). Assim longos tempos se requeriam para mediocrementemente formar uma Nação, em matéria de Gosto; e ora grassava então na Itália a mesma pré-conceituada opinião, (como a de agora) acerca dos antigos autores. Sentenciado estava, que ninguém remontaria acima daqueles ingenhos que tomaram os postos dianteiros, quando os Romanos de primeiro se arremessaram ao estudo das belas letras. Passavam por privilegiados e imunes de erro

- (1) Quid brevi fortes jaculamar ævo

Multa? —

Utrumque sacro digna silentio

Mirantur umbræ dicere: sed magis

Pugnas et exactos tyrannos

Densum humeris bibit aure vulgus. — *Lib. 2. Od. 13.*

..... Vertere pallor

Tum parochi faciem, nil sic metuentis, ut acres

Potores, vel quod maledicunt liberius, vel

Fervida quod subtile exurdant vir a palatum. — *Lib. 2. Satyr. 8.*

Urit grata protervitas,

Et vultus nimium lubricus aspici. — *Lib. 1. Od. 19.*

Inter Lyricos solus fere dignus est legi Horatius, quoniam et insurgit aliquando, et plenus est jucunditatis et gratiæ, variisque verbis et figuris felicissime audax. — QUINTILIAN.

- (2) Já falece

O furor, e sobejam as lançadas: — *Cant. 4. Est. 42.*

Outros a ambição dura vão culpando

Do peito cobiçoso e sitibundo. — *Ibid. Est. 44.*

Ver as nuvens do mar com largo cano

Sorver as altas águas do Oceano. — *Cant. 5. Est. 18.*

Leiam as duas Estâncias 20 e 21 do mesmo Canto, o Episódio de Vénus no segundo Canto, o desafio dos 12 de Inglaterra, etc., e verão com que hardidez Camões

os tais autores, como se o mugre ⁽²⁾ da antiguidade lhes tivesse passado por cima, e lhes avultasse o valor, como às medalhas o avulta.

As 12 Tábuas, os velhos Tratados de Paz, os Livros dos Pontífices, considerados eram, como ditados pelas próprias Musas; ⁽¹⁾ e acareava admiração mais ampla o que menos se entendia. ⁽²⁾ Tinham, em suma, naquela quadra, os Romanos os seus trezentistas; e julgavam dos livros, como se julga dos vinhos, sem atentar à qualidade deles, mas somente ao *Anno Domini*. ⁽³⁾ Horácio que não era homem, que se deixasse levar da torrente, examinava os Autores, não segundo a voz do Povo, que ora acerta no alvo, e ora não; mas sim pela invariável pauta da verdade, e deparava, nos antigos Poetas, com muitas cousas s o b e j a m e n t e

leva hasteada a bandeira, para que o sigamos, e como ele demos exemplo aos outros, enriquecendo, e aformoseando a língua, em que tão bem assentam os enfeites, quando ingenhosas mãos lhos sabem pôr.

- (1) O imitatores, servum pecus, etc. — *Lib. 1. Epist. 19.*
- (2) Illi, scita quibus Comœdia prisca, etc. — *Lib. 1. Satyr. 10.*
- (3) Quid Titius Romana brevi venturus in ora?
Pindarici fontis qui non expalluit hautus,
Fastidire lacus, et rivos ausus apertos:
Et valet? ut meminit nostri? fidibusne Latinis
Thebanos aptare modos studet, auspice Musa? — *Lib. 1. Epist. 3.*

Nil intentatum nostri liquere Poëtæ
Nec minimum meruere decus, vestigia Græca
Ausi deserere, et celebrare domestica facta. — *In Art. Poet.*
- (4) Libera per vacuum posui vestigia princeps,
Non aliena meo pressi pede. Qui sibi fudit
Dux regit examen. Parios ego iambos
Ostendi Latio, numeros animosque sequutus
Archilochi, non res, et agentia verba Lycamben.
Ac ne me foliis ideo brevioribus ornes,
Quod timui mutare modos, et carminis artem:
Temperat Arshilochi Musam pede mascula Sapfo,
Temperat Alcæus, sed rebus et ordine dispar:
Nec socerum quærit, quem versibus oblinat atris,
Nec sponsæ laqueum famoso carmine nectit.

antiquadas, muitas duramente expressadas, e algumas escritas a descuido: ⁽⁴⁾ e contemplava também que era ridículo desaproveitar as Obras, só pelo ressaio que tinham de modernas; ⁽⁵⁾ e que, por cabo, muito de inveja tem o louvor, que só por ódio aos vivos louva os mortos. ⁽¹⁾ Teve que romper mais duma lança com os Campeões de Roma, por ter ousado pôr tacha em Escritos, que, há longas eras, logravam título de divinos. Nem valiam quantas razões acarreasse; ora venha de que é cada um mui melindroso em sua opinião, quando os pés segurou nela; ou antes venha de que duro o ver-se doutrinar por Mancebos, e desaprender com a cabeça abastada de cãs, as lições que se tomaram na infância. ⁽²⁾ Tinha Horácio revirado a Lucílio o pêlo; Lucílio, que escrevera no bom século que na Sátira era tido por Senhor do Campo, a dar-se ouvidos ao brado universal. Faceto, e motejador era Lucílio, lodoso ⁽³⁾ porém, e duro em seu estilo, com muitas longuras e negligências, de mui corrente veia, da qual nada desaproveitava; o que

 Hunc ego non alio dictum prius ore, Latinis
 Vulgavi fidicen. Juvat immemorata ferentem
 Ingenius oculisque legi, manibusque teneri. — *Lib. 1. Epist. 19.*

- (1) Quod monstror digito prætereuntium. — *Lib. 4. Od. 5.*
- (2) Multa fero, ut placem genus irritabile vatum. — *Lib. 2. Epist. 2.*
- (3) Romæ, principis urbium
 Dignatur soboles inter amabiles
 Vatum ponere me choros. — *Lib. Od.*
- (4) Invidia accrevit privato quæ minor esset. — *Lib. 1. Sat. 6.*
- (5) Invidus alterius macrescit rebus opimis. — *Lib. 1. Ep. 2.*
- (6) Fænum habet in cornu, longe fuge, dummodo risum
 Excutiat sibi non hic cuiquam parcat amico? — *Lib. 1, Satyr. 4.*
- (7) Sæpe tribus lectis videas cænare quaterτος,
 E quibus unus avet quavis aspergere cunctos;
 Præter eum qui præbet aquam; post, hunc quoque potus
 Condita cum verax aperit precordia Liber.
 Hic tibi comis, et urbanus liberque videtur
 Infesto nigris. Ego, risi, quod ineptus
 Pastilos Ruffillos olet, Gorgonus hircum,
 Lividus, et mordax videor tibi? etc. — *Lib. 1. Satyr. 4.*

bem se colhe ainda desses fragmentos, que dele nos restam. Não contenta a Horácio, que um Poeta lide em fazer rir: nem que um Autor Clássico faça como faz um Arlequim; nem lhe leva em conta a sobeja futilidade, com que, sopesando-se num pé, borbotava dous centos de versos; quisera-lhe ele sim, compêndio no dizer, escolha com juízo, variedade no estilo, descarte de toda a pedantaria, despejo, e gala nas palavras; qualidades que encontrarás a cada passo nas obras de Horácio, ⁽⁴⁾ donde exala um aroma de doutrina todo graças, todo hardimento, todo variedade, despejado, e saboroso; não imitando a ninguém, e não se deixando imitar. ⁽¹⁾

Se a Lucílio (diz Horácio) houvera caído em sorte nascer no culto século de Augusto, em que se tinha convertido em ouro Romano, a ciência dos Gregos, tivera agorentado de suas Sátiras Lucílio, quanto desbordava dos confins do que chamamos *bello*; tivera limado as suas composições; e na feitura de seus versos, rascado muitas vezes a cabeça, e as unhas roído até ao sabugo. ⁽²⁾ Ora ainda que essa crítica fundada fosse na verdade pura, e inspirada pela Razão mesma,

-
- (1) Spissis indigna theatris
 Scripta pudet recitare, et nugis addere pondus:
 Si dixi: rides, ait: et Jovis auribus ista
 Servas. Fidis enim manare poëtica mella
 Te solum, tibi pulcher. — *Lib. 1. Epist. 19.*
 Sed hic stylus hand petet ultro
 Quemquam animantem et me veluti custodiet ensis
 Vagina tectus: quem cur distringere coner
 Tutus ab infestis latronibus? O pater, et rex
 Jupiter, ut pereat positum rubigine telum
 Nec quicumque noceat cupido mihi pacis! at ille
 Qui me commoritur (melius non tangere, clamo):
 Flebit, et insignis tota cantabitur urbe. — *Lib. 2. Satyr. 1.*
 An, si quis atro dente me petiverit,
 Inultus ut flebo puer? — *Epod. 6.*
- (2) Ad hæc ego naribus uti
 Formido, et luctantis acuto ne secer ungui,
 Displicet iste locus, clamo, et diludia posco.
 Ludus enim genuit trepidum certamen, et iram:
 Tra truces inimicitias et funebre bellum, — *Lib. 1. Ep. 19.*

sentenciaram-na como um sacrilégio literário, e quasi crime de ter violado as cinzas dos finados. Não é de crer o grandíssimo rumor, que contra ele ergueu a poética gentalha: mas ria de seus clamores Horácio, e do grasnar dos Pantílios, e dos Fánios; contentando-se com a aprovação dos Quintílios, e de Tuca, e de outros que com eles tinham pareença: ⁽³⁾ em cujo rol entravam também os Pisões, a quem endereçou a famigerada Epístola, que contém iguais pensamentos, que estes, acerca da Arte de poetar, e com justa razão adquiriu o título de Codex do bom gosto; na qual também manifesta livremente qual seja o conceito seu quando insinua ter sido boa laia de gente, esses antigos, que deram gabos de sal Ático às chocarrices de Plauto; ⁽¹⁾ e por precalço censura a Cícero, que fora do mesmo voto, que essa antiga gente. ⁽²⁾ Quem se arrojaría a ser juiz entre Cícero, e Horácio? Parece todavia, que melhor se devia entender em urbana jocosidade um Cortesão de Augusto, e de Mecenas, que um Orador Repúblico, que a miúdo falava ao Povo, e traçava fazê-lo rir a todo o custo. Com efeito, não era Cícero dos mais escrupulosos nesse ponto, dado que tome Quintiliano a peito defendê-lo: ⁽³⁾ e ora, se pelos escritos de Horácio atinamos com a norma do seu gosto, agradar-lhe não podiam os estranhos brutescos, que Plauto, como retratos presentava, nem os trocadilhos de palavras, com que ele assazoa, e salpica o seu estilo.

(1) Sæpe stylum vertas, iterum, quæ digna legi sint
Scripturus: neque te ut miretur turba, labores,
Contentus paucis lectoribus, etc. — *Lib. I Satyr. 10.*

(2) Tentavit quoque, rem si digne vertere posset,
Et placuit sibi, naturæ sublimis, et acer:
Nam spirat tragicum satis, et feliciter audet:
Sed turpem putat in scritis, metuitque lituram. — *Lib. 2. Epist. 1.*

Nec virtute foret, clarisve potentius armis,
Quam lingua Latium: si non ofenderet unum —
— Quemque poëtarum limæ labor et mora. — *In Art. Poet.*

(3) Pessimum inimicorum genus hudantes. — *Tacit.*

(4) Si quid tamen olim
Scripseris, in Metii descendat judicis aures,
Et patris, et nostras, etc. — *In Art. Poet.*

Que invenção a desse fole, em que o Avarento embebe a boca, por não desperdiçar o fôlego, enquanto dorme! ⁽⁴⁾ Que *caricatura* tão disconforme das de Molière, que nunca perde a Natura de vista! Delas fazia Horácio o mesmo conceito, que depois dele fez diante de Luís XIV, o seu imitador Despréaux, quando perguntado por El-Rei, a qual dos guapos Ingenhos, que ilustraram o seu reinado dali daria a palma, respondeu francamente, que a Molière. Nem Horácio, guiado pela Filosofia, Mestra de todas as Artes, (como Cícero lhe chama) se contentava em notar os Poetas da sua Nação; lá ia aos Gregos, que já

-
- (1) Ergo Quintilium perpetuus sopor
Urget? cui Pudor, et justitiæ soror
Incorrupta Fides, nudaque Veritas,
Quando ulum invepiant parem? —*Lib. 1. Od. 24.*
- (2) Tu seu donaris, seu quid donare velis cui,
Nolito ad versus tibi factos ducere plenum
Letitiæ. Clamabit enim: Pulehre, bene, recte,
Palescet super his: etiam stillabit amicis
Ex oculis rorem saliet; tundet pede terram.
Ut qui conducti plorant in funere, dicunt
Et faciunt prope plura dolentibus ex animo: sic
Derisor vero plus laudatore movetur.
Reges dicuntur multis urgere culullis,
Et torquere mero, quem perspexisse laborent,
An sit amicitia dignus. Si carmina condes,
Nunquam te fallant animi sub vulpe latentes.
Quintilio si quid recitares, corrige sodes.
Hoc, (aiebat) et hoc Melius te posse negares
Bis terque expertum frustra; delere jubebat,
Et male tornatos incudi reddere versus.
Si defendere delicturn, quam vertere, males,
Nullum ultra verbum, aut operam sumebat inanem,
Quin sine rivali teque, et tua solus amares.
Vir bonus et prudens versus reprehendet inertes,
Culpabit duos: incontis allinct atrum
Transverso calamo ignum, ambitiosa recidet
Ornamenta, parum claris lucem dare coget,
Arguet ambigue dictum, mutanda notabit,
Fiet Aristarchus: etc. — *In Art. Poet.*

Leia além disto quem quiser, ou tiver tempo, a *Epist. 2, do 2 Livr. v. 109,* etc. etc.

propusera por Traslados óptimos; ⁽¹⁾ no mesmo Homero, soberano da excelsa Tuba, ⁽²⁾ achava senões que lhe tachar. ⁽³⁾ Talvez se não ajeitava com o modo de anunciar davante, em mais de uma passagem o desenvolvimento da Fábula; nem as longas parlendas, que no furor da batalha, desenrolam os seus Guerreiros; assunto em que mui sóbrio sempre foi Virgílio; o muito que se presta ao fim secundário do Poema, fazendo-se Geógrafo, e Genealógico da Grécia; escolho de que se desviou Virgílio, que muito mais judiciosamente entreteceu com os feitos de Eneias os Romanos princípios. Mas cumpre que um Horácio seja, quem os pensamentos de Horácio adivinhar pertenda.

Depois que, na Epístola a Augusto, combateu a superstição da maior parte dos Literatos de Roma, acerca dos livros antigos, entra a mofar-se da mania em que, naquele tempo, deram os Romanos, de escrever, e compor versos. Nenhum se dava por guapo, se com algum rasgo seu, não entrava na poética lice. Ei-los, a cada passo, postos em Campo (pela menor ocasião) um co'a sua Ode, outro co'a Elegia, outro co'a Cançoneta: ⁽¹⁾ brandindo (que ainda peor era) armas, que não conheciam, nem aprenderam a menear. — *E porque não farei eu também versos?* (era o dito vulgar.) — *Eu, que, como qualquer outro sou homem de porte, que tenho dos bens da Fortuna, e que Cavaleiro sou?* ⁽²⁾ Parece, que já desde esse tempo, os homens nobres sabiam tudo, sem (como diz o Cómico) ter aprendido cousa alguma. ⁽³⁾ Em jejum acerca de doutrina, iam passar o dia inteiro às abas da Aganipe, sem repararem, com que estudos se deviam, de primeiro, abastecer, e quanta doutrina reluz no primeiro avoengo da Poesia, e nos Gregos, que o seguiram, quanta em Virgílio; e quanta reluz ainda no mesmo Horácio. O mesmo se requer nos Oradores: que esse Péricles, que à sua vontade revolvía os ânimos dos Gregos, e de quem se dizia, que da língua despedia raios, lá tinha sempre junto a si Anaxágoras o sábio, a quem por antonomásia se deu o título de Spírito. ⁽¹⁾ E Cícero confessa, que o que granjeara em Eloquência lhe viera antes dos Académicos passeios, que das Retóricas Oficinas. ⁽²⁾ O que a Arte Oratória ensinar-te pode, são os meios de

(1) Blackwell's Essay on the Life and Writings of Homer.

(2) Lettere del Bembo, Volum. 3. Lib. 5. letter. 1.

bem coordenar o que hás-de dizer: mas o que acerca dos deveres dum General dirás, o que sobre o cultivo das terras, sobre os movimentos dos Planetas, etc., ninguém, senão o estudo e o ensino poderão dar-te. O princípio, e fonte de escrever bem é o bom juízo (nos diz Horácio); os

livros Socráticos te abastecerão matéria. E quem, segundo suas posses a tiver escolhido, a houver bem estudado, e digerido na mente, nem ordem, nem facúndia tem de lhe falecer; e as palavras virão de seu próprio moto acudir ao discurso. ⁽³⁾ Lá dizia um antigo Filósofo, que da Cítara, ninguém podia melhor falar, que um Citaredo. Assim abastecido compete que esteja o Poeta, para poder, segundo o caso, dar rédea ao que tem de dizer, e apascentar de nobres manjares a

(1) Le Poète (Matias Casimir Sarbievius ou Sarbiewski, Jésuite Polonais mort à 45 ans, en 1640) a passé pour un lyrique du premier ordre: en sorte même que Grotius a dit de lui: *Non solum æquavit, sed interdum superavit Flaccum*; ce qui est néanmoins un peut fort. Sarbievius a peut-être autant d'élevation qu'Horace; mais il n'a ni ses grâces, ni sa clarté, ni son ton philosophique, ni son talent de dire les choses les plus obligeantes sans fadeur, sans appareil, sans bassesse: ajoutez le style, qui est sûrement très-bon, et très latin, au lien que nous aurions besoin de garants pour assurer la même chose du Poète Polonais, ainsi que de tous les Latins modernes. — Assim falam dele os seus Jesuitas mesmos, Jornalistas de Trévoux, a respeito duma nova Edição, que das Poesias desse Autor fez em Paris o célebre Barbou.

Memórias, para a história das Ciências e das Artes, etc., publicadas em Janeiro de 1755, tomo XI.

(2) Invidiæque major
 Urbes relinquam. — *Lib. 2. Od. 20.*
 Romæ principis urbium
 Dignatur soboles inter amabiles
 Vatum ponere me choros:
 Et jam dente minus mordeor invido.
 O, testudinis aureæ
 Dulcem quæ strepitum, Pieri, temperas,
 O, mutis quoque piscibus
 Donatura cycni, si libeat, sonum:
 Totum muneris hoc tui est,
 Quod monstror digito prætercuntium
 Romanæ fidicen lyrae:
 Quod spiro et placeo, si placeo, tuum est. — *Lib. 4. Od. 3.*

mente dos
 Leitores; no que singularmente seguiram as pisadas dos antigos, Dante, Camões, Pope, Haller, Metastásio, Milton, e o que nestes nossos dias, toma o primário assento entre os Poetas, e entre todos eles o mais douto.

À maneira das Abelhas, diz Horácio, que com grandíssimo cansaço vão pesquisando pela floresta, e pelas abas dos ribeiros, as recedentes flores, vou eu os versos meus tecendo. ⁽¹⁾ Entendamos daí, que do estudo que à Filosofia dera, espremia o puro mel da sua poesia. E tal é a força da erudição, e da ciência, nos diz ele, que uma Poesia bem morata, e naturalmente sentida, dado que balda seja dos atavios do estilo, se lerá com maior agrado, que os mais guapos versos do mundo pobres de polpa, e quantas bagatelas harmoniosas nos atulham os ouvidos, a cada passo. ⁽²⁾

(1) Vid. Sueton. in Vit. August.

(2) Quum tibi sol tepidus plures admoverit aures,
 Me libertino natum patre, et in tenui re
 Majores penas nido extendisse loqueris,
 Ut quantum generi demas a virtutibus addas:
 Me primis urbis belli placuisse domique:
 Corporis exigui, præcanum, solibus aptum,
 Irasci celerem, tamen ut placabilis essem,
 Forte meum si quis te percontabitur ævum,
 Me quater undenos sciat implevisse Decembres,
 Collegam Lepidum quo duxit Lollius anno. — *Lib. 1. Epist. 20.*

..... quidquid sum ego, quamvis
 Infra Lucili censum, ingeniumque, tamen me
 Cum magnis vixisse invita fatebitur usque
 Invidia. — *Lib. 2. Satyr. 1.*

Quin ubi se a vulgo, et scæna, in secreta remorant
 Virtus Scipiadæ, et mitis sapientia Læli,
 Nugari cum illo, et discincti ludere, donec
 Decoqueretur olus, soliti. — *Ibid.*

(3) Hic oculis ego nigra meis collyria lippus
 Illinere. — *Lib. 1. Sat. 5.*

(4) Lusum it Mecænas, dormitum ego, Virgiliusque:
 Namque pila lippis inimicum et ludere crudis. — *Ibid.*

Nessa mesma Epístola ao Imperador descai, e zomba do mau gosto desse século, que atalhava esses poucos Poetas cabais de se aventurarem a expor no Teatro as suas composições; que tanto era o arruído com que os Romanos aí assistiam, que o compara ele aos roncos rugidores do mar. Não se atentava nem ao entrecho, e fio da Comédia ou Tragédia (e mete nessa conta ainda a porção mais grada dos ouvintes) mas somente às decorações, e pompa do espectáculo; como hoje em certos teatros, para as danças toda a atenção reservam; assim se apaziguavam então, para os intermédios, quando traziam a

-
- (1) Quam mihi das ægro dabis ægrotare timenti,
Mecænas, veniam; dum ficus prima, calorque
Designatorem decorat lictoribus atris, — *Lib. 1. Ep. 7.*
- Quæ sit hyems Veliaë, quod cœlum, Vala, Salerni,
Quorum hominum regio, et qualis via, nam mihi Bajas
Musa supervacuas Antonius, etc. — *Lib. 1. Epist. 15.*
- (2) Ut veni coram singultim pauca loquatus,
Infans namque pudor prohibebat plura profari, etc. — *Lib. 1. Sat. 6.*
- (3) Dî tene fecerunt, inopis me quodque pusilli
Finxerunt animi, raro et perpauca loqueatis:
At tu conclusas hircinis folibus auras,
Usque mavis imitare, etc. — *Lib. 1. Satyr. 4.*
- (4) Vel cum Pausiaca torpes, insane, tabella,
Qui peccas minus atque ego? cum Fulvi Rutubæque
Aut Placidejani, contento poplite miror
Prælia rubrica picta, aut carbone: velut si
Re vera pugnent, feriant, vitentque moventes
Arma viri. Nequam et cessator Davus: at ipse
Subtilis veterum judex, et callidus audis, etc. — *Lib. 2. Satyr. 7.*
- (5) Accipe: primum
Ædificas. Hoc est longos imitaris, ab imo
Ad summum totus moduli bipedalis. Et idem
Corpore majorem rides Turbonis in armis
Spiritus et incessum: qui ridiculus minor illo?
An quodcumque facit Mecænas, te quoque verum est
Tanto dissimilem, et tanto certare minorem?

(E logo mais abaixo na mesma Sátira)

Non dico horrendam rabiem (jam desine) cultum
Majorem censu. — *Lib. 2. Satyr. 3.*

rastos pelo tablado algum animal estranho, quando havia ali combates; quando apareciam Reis maniatados, procissões de Vasos, de Troféus, de Státuas, de Carros triunfantes. E às vezes acontecia que apenas um Actor dava de si mostra sobre a cena, desfechava o auditório em prolixas palmadas aturdidoras. — *E que tinha ele já dito* — (pergunta Horácio) — *Nada*. — Pois porque lhe batem as palmas? Pelas roupas, pelos bordados, pelo cocar de plumas. ⁽¹⁾ Tal era o sestro dessa *idade* que intitulamos *de ouro!* E como nós dessa idade não vemos agora já, senão um Horácio, um Virgílio, um Pórtico do Panteon, os estremados medalhões de Augusto, alguns relevos de famosos escultores, facilmente imaginamos e

-
- (1) O rus quando ego te aspiciam? quandoque licebit,
Nunc veterum libris, nunc somno, et inertibus horis
Ducere sollicitæ jucunda obliviam, itæ! — *Lib. 2. Satyr. 6.*
Urbis amatorem Fuscum salvere jubemus
Ruris amatores,

(*E mais abaixo na mesma Epítola*)

- Tu nidum servas, ego laudo ruris amæni
Rivos et musco circumlita saxa, nemusque, etc. — *Lib. 1. Epist. 10.*
- (2) Indoctum doctumque fugat reeitor acerbus,
Quem vero arripuit, tenet, occiditque legendo,
Non missura cutem, nisi plena cruoris, hirado. — *In Art. Poet.*
- (3) Odisti claves, et grata sigilla pudico. — *Lib. 1. Epist. 20.*
- (4) Atqui si vitiis mediocribus, ac mea paucis
Mendosa est natura, alioqui recta, (velut, si
Egregio inspersos reprendas corpore nævos,
Si neque avaritiam, neque sordes, ac mala lustra
Objiciet vere quisquam mihi; purus et insons,
(Ut me collaudem,) si vivo, et charus amicis,
Causa fuit pater his, etc. — *Lib. 1. Satyr. 6.*
- (5) Non omnis moriar, magna que pars mei
Vitabit Libitinam. — *Lib. 3. Od. 30.*
..... Sume superbiam
Quæsitam meritis..... — *Ibid.*

fazemos juízo, como já de ver somente Alcina dizia o Ariosto, que corresponde

A quel ch'appar di fuor, quel che s'asconde.

Tanto mais que em matéria literata só os bons Autores nos foram transmitidos; que naufragaram os outros (para o dizer assim) no pego das idades. Mas esses mesmos Autores que navegaram até nós a

TENTAME

ACERCA

DA SOCIEDADE DOS LITERATOS

COM OS GRANDES, E TAMBÉM A RESPEITO DA REPUTAÇÃO, DOS MECENAS, E DAS RECOMPENSAS DOS SÁBIOS.

salvamento, bem avisam, que não façamos tão bom conceito do seu século, mostrando-nos abertamente, que nem eles tal o tinham. Nenhum homem (diz o provérbio) é Herói, em face do seu Guarda-roupa, e assim se poderia dizer; que não há Era dourada em face dum contemporâneo seu. Que retrato nos não dá Platão dos desregrados, e dos Sofistas, que no tempo de Péricles e de Filipe andavam na voga? Ora, no sentir de Horácio, não era menor, no século de Augusto, o número dos Poetas de água doce, que o dos que, no sentir de Boileau desdouravam o ditoso século de Luís XIV.

Importunos, em todos os tempos, foram os Poetas, e com tanta presunção de sua capacidade, que se ufanavam, que competia aos Príncipes tê-los sempre de lado, e na privança, em retorno da imortalidade, que lhes prometiam nos seus versos. Augusto, que fizera,

outrora, versos, e que conhecia o mister poético, se enfatiou deles, e de quão inúteis eram para os Estados. Essa foi a causa, porque Horácio pôs o peito à barra em defesa dos Poetas, escrevendo a um Monarca, que a maior parte da sua fama, lhes devia. ⁽¹⁾ Ainda, noutras particularidades, se parecia com a nossa a era desse Octaviano César; e entre outras, no sistema, que acerca da linguagem, se tinham formado grande porção dos Latinos Literatos, outras tantas nuvens de inimigos de Horácio; como em todas o foram dos mais famigerados Autores. Queriam, que a língua Latina, dado que no vigor da vida, e na loquela dos viventes, a contemplassem como língua morta. Faziam escrúpulo de sair do âmbito acanhado dos Autores encanecidos; e desaprovavam todo o escritor, que com palavra de novo cunho, mas latina, expressava ideia nova. Ali esgrime então Horácio a Sátira erudita contra essa seita, que com suas pedantarias, acanhava o ingenho alheio; ali mostra, que o uso corrente é o único Soberano das línguas vivas; que a ele só tem de obedecer o Autor, e não à autoridade única dos antigos livros a como se não regem hoje os Estados, pelos carcomidos testamentos dos Monarcas. Que obrará sisudo aquele que adoptar palavras, que vêm de mão de sábio em sábio; e ainda mesmo cunhá-las novas; com tanto que se aparentem bem com as da língua, em que entram; que claras, sonoras, e inteligíveis sejam, e mormente necessárias: que sejam bem fundamentadas na língua, e as conheça intimamente quem as cunha, bem inteirado de seu valor e alçada; a fim que a novidade que introduz, não inculque antes a ignorância do Autor, que a pobreza da linguagem. Quando então se vir bem abastado de ciência, e discernente juízo poderá usar da permissão, e correr o stádio erudito,

Entre o moderno estilo, e a antiga fala,

e aditar a Pátria, com a sua caudalosa veia, formando palavras novas, desposando as já sabidas, e tirando à luz algumas, que encaneceu o longo fio das idades; e com umas e outras dará ao estilo seu, aquele insólito, aquele peregrino, em que consiste, por mui grande parte, a poética linguagem. E insiste Horácio, dizendo: *Quem concedeu a Cecílio e a Plauto essa licença, virá tolhê-la a Virgílio, e a Vário? E porque me estranharam a mim salpicar de algumas vozes novas os meus escritos, quando*

põem nas nuvens a Catão, e a Ênio, que tantas inventaram, e opulentaram assim a latina loquela? ⁽¹⁾

Ora qual de nós, depois da arrazoada sentença dum Juiz como Horácio, que criminar ousasse os Ingenhos gentis que entrancharam na linguagem Lusa — estelífero, ebrifestante, auri-verdes, etc.? Com a mesma delicadeza de juízo desaprovava a affectação ridícula desses ignorantes que empurravam no seu nativo idioma, estrangeiros termos, que ele repelia; como em nossos dias os Tarelos de Portugal embutem na conversação, e ainda (por mais deslustre nosso) nas traduções, que imprimem, burdalengas expressões, que desgostam os Sábios, e acareiam menosprezo a seus Autores. ⁽¹⁾ Já Horácio tinha acusado em Lucílio a prodigalidade também de palavras Gregas, que entretecera em suas composições, como depois nas de Ronsard o fez o Francês Horácio. ⁽²⁾ Misturar Grego com Latim o enfastiava tanto; como Latinos escreverem em Grego. Ele mesmo, que caiu nessa tentação, foi (como ele conta) admoestado por Quirino, ou por melhor dizer, pelo seu bom discernimento, e siso, de quão grande despropósito fora aumentar o exército de Poetas Gregos, ⁽³⁾ e ir compor numa língua estranha, de que não és absoluto Senhor, onde vás ^[XII] sempre tentando, e que a cada passo te aperta o freio. Porque desamparas a tua, que menear podés a teu belprazer, onde tens o Campo franco, e que com seus tesouros te convida? Como poderia Horácio, num idioma, cujas propriedades, cuja índole não conhecia tão intimamente, como as do nativo seu, sobressair em sua hardidez, em suas novas expressões, que partem como faíscas de ferido Ingenho? Diria em Grego, como se atreveu a dizer em Latim: — *Frechar muitos desejos além de curta idade — O vulgo que pelos ouvidos bebe o canto — O padar, que efumeados vinhos ensurdeceram, para delicados sabores — ou Para incautos olhos resvaladio rosto?* ⁽¹⁾ Expressões, que ele em língua não sua rejeitado houvera à medida que lhe acudissem ao ingenho, não se achando bem firme em que elas quadrassem com a língua Grega como com a sua Latina. O mesmo aconteceria ao illustre Camões se houvera composto *Os Lusíadas* em língua estranha, em que não tivessem cabimento as atrevidas e novas expressões com que deu louçania, e garbo ao seu estilo. ⁽²⁾ Em uma língua não nossa, dado que língua viva, nunca poderemos enfeitá-la com insólitos atavios; que nunca ela para um estrangeiro verga da usada regra, nem se nos

concede nela mais do que seguir os outros, e quando melhor, sermos guapos imitadores. E ora, dos imitadores fazia o conceito Horácio que a razão requer que nos façamos. ⁽¹⁾

Ele ria dos que, como traça, se aferram o roer num único livro, e que c'um Autor, ou dous, que sempre lêem, se inabilitam a dar juízos são do que lêem, ou do que escrevem; e se estorvam a si mesmos de ser, por outros, lidos. ⁽²⁾ Antes pelo contrário louvava aqueles que se abalançavam a caminhos não trilhados, desdenhando beber nas comuns nascentes. ⁽³⁾ Ele mesmo meditando o espírito e o gosto dos Autores, que melhor se davam com o seu génio, sem lhes seguir (para assim dizer) as modulações, nem as cantigas, ⁽⁴⁾ veio a ser Autor de maneira nova, sabendo adaptar-se assim, a quantos géneros de assuntos empreendeu tratar. Por esse motivo o apontavam, com o dedo, os que passavam, como o espírito mais gentil daquele século. ⁽¹⁾ De lá lhe proveio a inveja do irritável bando metrificante; que entraram, (e mormente pelas costas) a mordê-lo os Pantílios, os Fánios, os Demétrios, ⁽²⁾ cuja insigne raça não verá jamais cabo de si. A elevação e variedade de seu ingenho, a celebridade do seu nome, o muito que os mais graúdos Magnatas de Roma procuravam a sua companhia, ⁽³⁾ lhe disparava cada dia, alguma nova seta dos invejosos: ⁽⁴⁾

O invejoso emagrece, porque engordo

como ele de si mesmo diz. ⁽⁵⁾ Fizeram alguns correr boato, que por não perder um dito, nem ao maior amigo perdoaria; ⁽⁶⁾ e na boca dele as mais inocentes chufas, se tornavam em gravíssimos delitos. ⁽⁷⁾ Se não ia recitar ao Público, em companhia dos mais, alguma composição sua, desculpando-se com dizer que nada tinha que lhe oferecer, que digno fosse, diziam, que os chasqueava: que guardava para os ouvidos de Jove, essas preciosidades; e que embelezado de si mesmo presumia, que só os seus versos eram confeitados de poético mel. ⁽¹⁾ E que fazia Horácio? Quando acaso os ameaçava com eterno ludíbrio, se os punha em verso, se punha o seu estro em Campo, e quasi com a espada fora da bainha, as mais das vezes os deixava gargantear à larga; e lhes dizia então o que depois a Musa disse a Dante.

Che te facio, che quivi si pispiglia?
 Vien dietro à me, e lascia dir le genti.

Com efeito, ao Varão sisudo não compete dar atenção, quando segue seu caminho, ao stridor das Cigarras; ⁽²⁾ que bem sabe que então se calará a Inveja, quando nada ele possua, nenhuma proeza haja acabado. Como não há mais forte meio de tapar à Maledicência a boca, que o desdenhar de responder-lhe. E Horácio, que mui bem o entendia assim, tirava somente, dessas línguas más, o proveito de andar sempre sobre si, e sobre seus escritos, corrigindo-os, limando-os, sem se poupar a algum cansaço, porque eles se avizinhassem, quanto mais pudessem, da perfeição, e triunfassem da Censura, e do Tempo: ⁽¹⁾ e nesse ponto, por companheiros a muitos dos Romanos teve, bem que outros (como ele mesmo diz) escorados em ditoso atrevimento, tomavam em desdouro dar gilvaz nas suas Obras. ⁽²⁾ Horácio, pelo contrário, não só desamoradamente riscava, mas ainda ao juízo alheio as submetia. Além do nosso amor próprio, que deita névoas no entendimento, quantos senões não descortina a agudeza de desapaixonados olhos, que atéli não sobressaíam à vista do afervescido Autor? Quantas frases escuras, que lhe pareciam claras? Ponha-se nos Amigos inteligentes a confiança; com sincero disvelo se lhe careia a opinião desmascarada de lisonja. ⁽³⁾ Os aduladores aplaudem: — Belo! Guapo! sublime! — são pratinhos adubados, com que folga o paladar, e se arruina o estômago. Embora venha o Médico, que vos põe são, com récipes desagradáveis. Assim usavam, ora o Tarpa rígido, Bibliotecário de Augusto, ora e mui particularmente, o severo Quintílio, cuja morte prantearam igualmente Horácio, e Virgílio. ⁽⁴⁾ Quando lhe vinham ler alguma composição, aqui notava: *esse verso é fraco; essoutro é duro; trivial frase é essa; enfeites fora de propósito; essa passagem é escura; aí há equívoco; mude-se o passo:* — e se não se rendiam à Razão, e porfiavam em sustentar o que tinham escrito, não lhes dizia mais palavra; deixava-os, que a belprazer, se namorassem de si mesmos, e de suas obras, desempachados de rivais.

⁽¹⁾ Desse Quin-tílio, bem pode ser, que aprendesse Horácio a compor com dificuldade as poesias suas, de que largas aparências dá na sua Epístola aos Pisões, e também na outra Epístola em que com mais maduro ingenho se mostra ser severo Quintílio de si mesmo. ⁽²⁾

Davam-se em Horácio amigavelmente as mãos a Doutrina e o Ingenho, a Natureza, e a Arte; incrível paciência no emendar, unida à grandíssima facilidade no imaginar; juízo sumo, com que, nas cousas, que mais parecenças entre si têm, discernia diferenças; e sumo espírito, com que nas mais dissemelhantes, descobria parecenças. Volatíssima era nele, aquela de nos mais subtil parte, que dá vida às filhas do Ingenho, e à qual deram o nome de *Sal da Razão*. Sal, que em Horácio refinava ainda a conversação, e trato com os maiores, e mais polidos dos

R o m a n o s .

Só nas grandes Cidades, onde a ciência anda mais semeada, onde mais uns com outros se embatem os espíritos; e embatidos se pulem, (como roçando umas nas outras; se pulem as pedrinhas do regato) nas grandes Cidades digo, onde a sociedade de quanto é belo engendra a delicadeza, onde, pela pauta da mais aguçada Crítica, se regulam as ideias, é que o Aticismo, e que a Urbanidade reinar podem. Porquanto, são as grandes Cidades como Laboratórios do Spírito, onde se trabalha, e adquire a justidade e a graça, com que se há de falar diante da porção dos homens que são (digamo-lo assim) a flor da Nação.

Do concurso de tão afortunadas circunstâncias coube a Roma em sorte possuir um Horácio, pela mesma ocasião que motivos semelhantes produziram na Grécia, em mais anteriores tempos, um Homero. Tempos (digo) mui favoráveis para um Poema Épico, quando neles campeava, e as palmas se granjeava a galhardia das paixões. ⁽¹⁾ Mui limitada era a autoridade do Cabo daquela empresa, e Horácio em Eras veio mais auspiciosas para formar um gentil Poeta, quando tinha a polidez subido de ponto, na Itália; E como não era menos difícil (assim dizia Virgílio) arrancar das mãos de Hércules a clava, que um verso a Homero, assim diremos nós, que não será menos difícil tirar um verso a Horácio, do que a Vénus a cintura. E com efeito os Latinos Poetas todos imitados têm sido pelos modernos (salvas as imensas dificuldades de escrever numa língua há tantas eras morta); alguns dos Quinhentistas ressurgiram o estilo, e modo do terno e douto Catulo; os raios Filosóficos, que resplandeceram no Poema de Lucrécio, reluziram depois em alguns Poemas dos posteriores séculos; e até a majestade de Virgílio (dizia o Cardeal Bembo) respirava na Sífilis de Fracastor. ⁽²⁾ Não assim Horácio; que baldadas farão as lidas, e forcejos dos Flaminos, dos Sarbiéviros, ⁽¹⁾ e

outros que quizeram temperar em suas composições a força com a delicadeza, a elegância da frase com a ingenuidade do sentir, para alcançar esse desenvolto, esse frisante, que qualificam o mais amável de todos os Poetas: e Horácio, que depois de tantos séculos, todos lêem, muitíssimos estudam, e nenhum imita; só, e sem rival, ocupa o trono Lírico.

Depois de ter desfrutado uma vida, filosófica em parte, em parte mundana, mas sempre voluptuosa, amigo de tudo o que de si é belo, e o que mais é, amigo de si mesmo: depois de ter (quanto é permitido a homem vivente) domado a Inveja, ⁽²⁾ feneceu a vida aos 57 anos; e ao redor dum mês, depois da morte de Mecenas, que o recomendou a Augusto, e que o tratasse como a ele próprio. ⁽¹⁾ Horácio teve gosto de que passassem à posteridade algumas particularidades no tocante à sua vida, e ao seu génio. Fala com o seu livro, que na idade de 44 anos deu ao Público, e o encarrega de dar notícia aos Leitores, que nascido em humilde condição, e medíocre fortuna, levantara mais alto o voo, do que compadecia a pequenez do ninho, em que viera à luz; que prezado, e querido fora dos varões do seu tempo mais conspícuos t a n t o em paz, quanto na guerra; que fácil era em agastar-se, mas igualmente fácil em depor a cólera; amigo de tomar o sol; de não grande corpulência; que temporão encanecera: ⁽²⁾ (Teve nesse ponto por companheiros a Petrarca e a Newton). Ainda colhemos dos seus escritos, que padecia doença de olhos, ⁽³⁾ e que não lograva perfeita saúde, nem em sua pessoa, robustez, ⁽⁴⁾ companheira acostumada da subtileza do ingenho. Quando, pela primeira vez, se apresentava a alguma alta personagem ia com algum receio, e sentia acanhamento em si: ⁽¹⁾ não era falador nem desperdiçava tempo em disputas vãs, mormente com quem tinha mais possante que ele o bofe. ⁽²⁾ Mui curioso foi de pinturas, como a um homem de tão atilado gosto competia. ⁽³⁾ Como era de ânimo liberal, pendia mais para o pródigo, que para o tacanho. ⁽⁴⁾ Grande amator dos Campos, como quem tão devoto das Musas foi, e o foi sempre da Liberdade: ⁽⁵⁾ e dado que, como Poeta, nunca abusasse dessa prenda, para importunar os outros, embutindo-lhes versos de sua colheita, fazia-lhe nada menos cócegas, o dar mostras ao Público de si; o que mui bem vislumbra dessa Epístola que endereça ao seu Livro, onde lhe indica os perigos com

que há-de topar quando sair a público, e com graça lhe acusa o descaramento. ⁽¹⁾ Ora, bem verdade é que os guapos ingenhos, quando têm de sair à luz vulgar, por mais comedidos, e judiciosos que sejam, obram como as Donzelas quando se lhes trata de matrimónio: depois de bem bandeados os inconvenientes, elas e os Autores, umas se entregam aos Maridos, e os outros às Imprensas.

Tal, ou quasi tal, Horácio foi, com tal ou qual desar em pessoa; ⁽²⁾ tal se retrata, e vive ainda em seus escritos esse Vate, que inspirado do brio nobre (fiel companheiro da virtude) ⁽³⁾ preconizou, que não morria por inteiro, ⁽⁴⁾ que, com o andar dos anos, se remoçaria a sua fama; que eterno, como Roma seria o nome seu. ⁽⁵⁾ O tempo derrocou o Capitólio, e os versos de Horácio ainda são cantados, pela voz dos Séculos.

NÃO há hi Povo, que longo tempo se não visse em barbarismo ou antes na ignorância; que inda se não há decidido se Sinónimos são ou não esses dous nomes. Nossa Nação, por infindas razões tão perigosas de explanar, quanto fáceis de conhecer, sepultada se viu por muitas Eras, em profundíssima escuridão; e a crermos nós alguns Filósofos, que pretendem que à força de luz, se deprava a humana natureza, menos de lastimar ela então era. Como a par de alumiado é este século corrompido, concluem que efeito, e consequência do progresso das Ciências, é a corrupção. Se nas eras, que nós bárbaras dizemos, vivido houvessem, tomariam a ignorância pela inimiga da Virtude: o Cordato porém, que desapaixonado lança a vista a todas as eras, e também à sua, assenta que quasi parecidos têm sempre sido os Homens.

Seja como for, chegado por fim volveu o nosso dia. Como porém se estirou a noite nossa, também desse dia o seu crepúsculo foi longo, e longa a Aurora. Um dos mais cordatos, e, por tal, um dos maiores Príncipes, o nosso quinto Carlos, menos nomeado na História, que esse tropel de Monarcas, que quando muito, poderosos, ou felizes foram, alguns esforços fez, para alentar em seus Estados o gosto das Ciências. Por certo que assaz ilustrado foi quem como ele, nas perturbações em que laborava o Reino, sentiu que a cultura das letras era um meio dos mais infalíveis de assegurar a quietação nas Monarquias; pela razão mesma, que essa cultura pode nas Repúblicas nociva ser, se lá toma grandes posses. Com tantos atractivos vos enamora, que de tudo o mais despega os Homens, e os resfria acerca de todo e qualquer objecto. Sucessores do quinto Carlos, uns embotados de ânimo, outros nímio Déspotas deram descuidos a tão prudentes intenções. Mas dado era o abalo, que continuou; (bem que desfalecido) até Francisco I: este, novo impulso deu aos entorpecidos e tangentes ânimos Fadado a ter amor aos Sábios, ou assaz avisada para os proteger esse Monarca foi. Tais há que; protegem (sem os amar) os Sábios, e deixam-se estes iludir, ou já seja interesse, ou já vanglória, sem atinar do motivo do caso que deles fazem. Diga-o a gratidão que com ele usaram. Tanto os Literatos quanto o Povo dão valia ao menor benefício, que dos Príncipes lhes vem: e o que é bem de

notar nos Anais do espírito e do coração humano, o título de *Pai das boas letras* contribuiu mais poderoso a desluzir os sem-número erros de Francisco I, que o brasão muito mais respeitável de *Pai do Povo* não valeu a Luís XII a lhe delir as faltas. Parece, que em linha igual a História pôs o primeiro desses dous soberanos; com Carlos V, émulo seu em pontos de glória, e que com mais que ele, não penhorou tanto as mais apuradas penas do seu século a celebrá-lo, pela incúria em que viveu da vaidade fútil de ser ídolo de alguns literatos, e levando o fito no timbre ainda mais funesto de ser o terror da Europa.

A nobreza de França tão cegamente dada a modelar-se pelos seus Reis, no quanto a se aprazer com os sábios não lhe seguiu o gosto. Pouco arredada dos tempos em que os Heróis, sem saber ler, venciam batalhas, e Províncias submetiam, só glória por feitos de armas conquistada em preço tinham: essa é das infrequentes circunstâncias na nossa História, em que a perguiça e o preconceito sobrepujou a ânsia de agradar ao Soberano.

Mais folgada se viu nos reinados seguintes a natural propensão dos Cortesãos; que foram pouco applicados a proteger as letras esses Monarcas, dos quais, nem a Carlos IX eu exceptuo, dado que autor seja de certos versos, que a não serem dum Rei, os houvera sumido a escuridade. Assaz acolheu (dizem) os Sábios o quarto Henrique, mas, todavia a par de todos os seus súbditos; que como o reino tinha sido conquista sua, empenhava-se a conquistar-lhes as vontades; caso, em que mui assinaladas distinções acerca de alguns de raro saber, lhe dissaborearia a multidão dos outros.

Nada menos, enquanto se roborava duma parte o poder real, ia doutro lado frutificando o gérmen das Ciências, a que Francisco I dera calor; frutificava (digo) no centro da Monarquia, sem contudo se devolver até às raias dela; nem já pelo Povo no labor necessário ao seu sustento, nem já pelos Grandes interessados no seu ócio, e em seus enredos. Apareceu por fim Luís XIV, e a estima que ostentou para com os Literatos deu o abalo à Nação, a recebê-lo de seus Amos costumada. Já não foi mimoso requisito da Nobreza ser ignorante; e as honras

(1) De ordinário se diz — Fulano entende-se muito bem em Medicina, etc.

atribuídas ao ingenho, e ao saber, fizeram transpassar os limites, que a mal-entendida vaidade abalizado tinha. Mais que tudo, favoneada pelo Monarca a Filosofia, bem que a passos lentos, foi do cárcere saindo, em que ferropçada a imbecilidade e a superstição a haviam tido até então; foram-lhe, sem violência e sem motivo, cedendo terra toda a espécie de preconceitos: que próprio é da verdadeira Filosofia não franquear barreiras a força descoberta, mas aguardar que elas por si se lhe abram, ou tomar rodeio quando no abrir são duras. Nem a tal granjearia se negaram essas mesmas luzes, que dela não romperam, nem os Espíritos para ela menos aptos.

Espargido pelos livros todos esse filosófico Génio, e por todos os estados, apareceu ao Povo o maior luzeiro, e o corpo da Nação abriu os olhos do espírito, ou o que quasi igualmente significa, atinou que andava entre escuridões desde dous séculos que em o alumiar lidavam. Então mormente é que os Grandes não só principiam a buscar as Obras, mas até as pessoas que as escrevem, ou já célebres elas sejam, ou já mediócras. Afervoram-se (quando mais não seja, por vaidade) a dar aos talentos assinalada estimação, mais interesseiras às vezes, que sinceras. Acham-se então os Literatos a quem arrancaram de suas solidões num vórtice revolto, em que lhes não faltam ocasiões de se sentirem mal assentes. Já eu essa experiência fiz, e ela é talvez útil, com tanto que a não façam longa. E ora, as reflexões que lá me acudiram serão matéria deste discurso. Como em parecidas circunstâncias, e similhantemente interessados vêem os Homens quasi quasi as mesmas cousas, assento eu que muitos Literatos hão feito reflexões iguais às minhas: (Tanto peor para aqueles a quem elas estranhas forem.) não podem todavia a maior parte deles fazer dessas observações cópia aos outros, em razão de se acharem de morada em terras, por onde eu apenas perpassei: e que para falar folgadoamente das Nações que eles hão peregrinado, releva ter de volta a seu aposento vindo. Oxalá, que aos que em igual carreira me seguirem, estas minhas reflexões lhes valham. E ora eu, no tão arrazoado fito que levo, parecer-me-ei com a maior parte dos que correm longes terras; que sobejos de peregrinar, despem toda a vontade de segundar, e só lhes resta o agrado de dar cópia aos outros do muito, que notaram.

Não é de estranhar que tenha a sociedade com os Grandes tal qual atractivo para os Literatos. De longe alcançam os olhos a real ou

aparente utilidade que desse comércio lucrar-se pode; ao passo, que os inconvenientes deles, o único que os descobre é o tempo e o trato. Tal é o nosso mísero amor próprio! Em despeito das profundas feridas que lá recebe, feridas que ele antevia quasi meras arranhaduras; e que haja lá mais azo a dissabores, que a satisfação, apascenta a ideia mais a seu sabor, no que o lisonjeia, do que nem suspeita o que lhe tem de o amargar.

A primeira vantagem com que deparam os Literatos em se derramar no público, é ser (se não mais conhecido) mais celebrado ao menos o seu merecimento; e ser julgados por outro Tribunal que não é o dos seus émulos. Para devolver, e ao mesmo tempo avaliar esta vantagem, compete tomar de mais alto, e averiguar sobre quais máximas, e por qual modo se consegue essa glória, quando em talentos é fundada.

Quanto mais espírito possuímos, mais descontentes somos desse que temos. Digam-no quantos inteligentes em todas as Nações, e em todos os tempos haja. Dado que esse exame que eles de si mesmo fazem, encoberto fique; e seja como um processo que, a portas fechadas se sentencie; sentença tal nos afligiria muito que no público divulgada fosse. Ora, pelo contrário, o apreço que de nós os outros fazem é como um suplemento à desfavorável que de nós temos; é frágil cana em que o amor próprio se escora. Duas únicas espécies de espíritos há, que se dão pagos de si depois de se julgarem. 1.^o) Ingenho super-eminente, e tal Ingenho nunca existiu. 2.^o) Tolicie extrema, que mais que muito entre nós abunda. A impotência em que esta se vê de dar tino do que lhe falta, supre, com efeito a dita falta: e daí resulta, que na distribuição da felicidade, não mui mesquinho foi dos tolos o quinhão.

Oh! que não tenho eu susto, que esses Literatos, que se decidiram a entrar no seu interior, e a como Filósofos se scrutarem, desconvenham da verdade, que aqui cito. Conceitua-se do merecimento do Homem, como se conceitua de suas Obras: ninguém melhor que ele julgá-las pode, porque ninguém mais que ele mais de

(1) Adegas subterrâneas.

perto, nem mais longo tempo as viu. Razão, pela qual quanto valor intrínseco tem, quanto mais independente da Obra for da opinião, menos afoço lhe cumpre no carrear sufrágio alheio. Eis a fonte da satisfação tão pura no interior, e tão completa, que do estudo da Geometria mana: os progressos que em tal ciência se fazem, o grau a que nela se remonta, são (digamo-lo assim) medidos rigorosamente à vara, semelhantemente aos objectos de que se ocupa essa Geometria. E se nós à medida alheia recorremos, é quando essa medida não se deparando já estável, e já fixa, confiamos que nos será propícia. Ora esta, em matéria de Belas Letras, e de Bom Gosto, consiste meramente numa tal qual estima com seus visos de arbitrária, quando não no todo, numa certa porção ao menos; que a negligência, as paixões, ou o capricho, se dão faculdade de estendê-la ou de encurtá-la. Nem eu duvido que, se houvessem os Homens de viver separados, e nesse caso ocupar-se pudessem doutro objecto, que não fosse o da sua conservação, prefeririam o estudo das Ciências exactas ao cultivo das ciências agradáveis; a estas nos damos em razão dos outros, quando às primeiras em razão de nós mesmos: e numa ilha deserta perderia o Poeta a presunção, que talvez o Geómetra poderia conservar.

Destas reflexões verteria facilmente, que por mais natural que aos Homens seja o desejo da reputação, logo este humilha apenas co'ele encarem olhos filosóficos. Não averiguo por ora se é severa consequência tal; porque mais levo o fito, indo no alcance das manhas, ou (falando no estilo de Montaigne) nas venidas do amor próprio.

Bem que este anseie enganar os mais, nunca ele os quer enganar grosseiramente, porque lhe não atinem logo co'erro, e a vingança ponham no desprezo, tão injusto às vezes, quanto a estima sua. Tanto mais que, quando fosse de mais dura a ilusão alheia, quanto mais fosse ela grosseira, mais se afrouxaria esse amor próprio. Porquanto, o prazer que sentimos no lograr os Homens, assenta na satisfação que nos nasce do quanto nos vemos superiores a eles, no conhecimento de nós mesmos, e dos talentos nossos. Para que porém tão inteira, e tão pura, quanto é possível, seja esta satisfação, importa muito haver-mo-lo com Juizes tão desinteressados, a quem não consigam deprimir-nos motivos de rivalidade, nem motivos de paixão: sejam também alumados de modo, que suponhamos deles, que não sentenciam sem

exame; com condição porém que sejam assaz superficiais, que nos tirem o susto de que a sentença severa seja.

Esta é, se eu bem o creio, a razão, porque tanto se procura a estimação e o acolhimento dos Grandes. Supõem os Literatos, que a educação que os tais receberam, lhes departiu certa quantia de luzes; e, este preconceito uma vez estabelecido, a vaidade lá avista o seu interesse, e dele faz granjearia. Quem diria, que até os mesmos Filósofos fomentam preconceitos semelhantes em razão de lhes serem úteis, e com tanto ardor lidam em derribar quanto lhes empece.

Acarreiam principalmente a lucro seu aqueles Grandes, que não dados de todo à profissão das Letras, lhes dão contudo seus prazos de cultivo, sem todavia aferrar a seus talentos, nem já os bens nem já a valia. Navegando em mar diverso, não dão temor de agudeza de vista, neste ponto: denotam luz suficiente qual para sossego seu a requer o amor-próprio. É contudo bem rara entre os grandes essa espécie de semi-entendidos: e ora não se limita lá a ambição de carrear louvores dos melhor alumiados; lida-se em abarcá-los alto e malo: que como esses mais derramados, mais larga cópia de encomiastas (com sua aprovação) arrastará em pós de si. A não fazerem monte, e serem (d i g a - mo-lo assim) como salpicados cá e lá, sufrágios tais, mui pouca lisonja parem; mas condecorados com o timbre do sufrágio principal, não somente medram pelo número, mas até sobem no valor. Sôfrego de glória traça o amor próprio achar-se dentre os Grandes os que de ecos dessa laia mais apaniguados têm: que se dá por contente qualquer vaidade menos melindrosa de engastar um ou dous grandes nomes na corrente de seus aprovadores.

Real, ou aparente, tal é a utilidade que os Literatos atentam recolher para a sua reputação, no tratar com os Grandes. Ora eu nesse nome Grandes compreendo quantos, já por seus Maiores, já por si mesmos, conseguiram alta consideração no Mundo; porquanto num Estado tão monárquico, qual o nosso, o único Grande, o único Senhor

(1) Notícias escritas, para que fiquem em memória.

Depois da 1.^a edição deste Tentâme, me caiu nas mãos o tal volume. Indigna do projecto foi a execução dele. Não se faz com melhor título Obra tão ruim.

é El-Rei: ali se confundem quantidade de estados: de sua própria autoridade toma esse penhor da independência, e crédito (da Opulência falo) praça à ilharga da alta prosápia. A causa porque assim o sofram não a sei. Visos dão os estados inferiores que se acham privados de ambas essas vantagens, do quanto as metem na mesma fila para diminuir essa quantia de classes de homens que sobranceiras vê à sua; e chegar umas a outras diferentes condições, àquela tão natural igualidade para a qual sempre tende, e tende mesmo, sem que em tal pense.

Seja-nos agora consentido pesar a sangue frio, e sem ódio nem lisonja, esses dispenseiros da nomeada, e qual direito se arrogam, ou qual lhes foi outorgado, para anunciarem seus oráculos. Advirto que não é meu intento, estabelecer princípios, nem factos absolutamente gerais, antes folgo de reconhecer neles algumas excepções: que não excluem talentos, nem também os dão o nascimento, ou a riqueza.

Adianta-me, e me afouto a chamar preconceito a opinião que supõe melhor a educação dos Grandes; e que por conseguinte *omnibus paribus* têm de ser mais entendidos que outros. No exterior se acanha toda essa educação; que pode quando muito, induzir o povo, não julgar Homens. Que fábulas, para os costumes que ora lavram, essa Carta de Filipe Macedónio ao Filósofo de Stagira! Que dissera Sócrates da pública educação da nossa nobreza, se atentasse em que puerilidades a apascentam; nem que falecessem cousas dignas de se lhe ensinarem? Lastimando os fados desses ânimos recentes, tão aptos para o que é belo, e grande, e verdadeiro, quantas ocasiões tivera ali de repetir aos Mestres aquela máxima, que só para os costumes, téqui usou?

— Nunca é sobejo respeitar a infância. — E quanto estranharia ainda mais, que no grémio duma Religião tão humilde como a nossa, tão dada a congraçar os Homens, inculquem a esses nobres mancebos a ufania de seus apelidos, e a de sua linhagem; e que com motivos não deparem para os excitar, ou já mais nobres, ou já de mor realidade? Quando lhes deveram incessantes repetir, que iguais lhes são os Homens todos; que muitos lhes sobrelevam em talento; e que para quem bem o considera, um grande nome, é de tão temeroso encargo, quanto a precoce nomeada.

Não hei medo que a esta (por grão desastre) justíssima censura da educação pública dos Grandes, me contraponham os encómios que illustres personagens lhes hão dado: aos quais respondo, que ou eles falavam do que ela pudera ser, ou do que ela em seus tempos fora; mas de que hoje nem feições denota: e tanto assim, que eu aos tais sábios dissera. — Vinde, e vede. — como também não temo que me oponham alguns Ingenhos felizes cujos talentos raros não os poude atabafar a ruim cultura. Folgara eu antes que eles pretendessem que se não reformem os Russos, pela razão de que o Czar Pedro I nasceu entre eles.

Com esse cabedal tão rico de ideias, e de luzes, é que tantos grandes senhores sentenciam, e desabonam o que acatar deveram: sem que lhes pese nem essa mísera vanglória de ter, com conhecimento de causa, sido injustos. Como *d'alias* não receberam, nem por si mesmo adquiriram princípios, segundo os quais lhes caiba dar seu preço às cousas, que pasmo é não saberem eles fazer cabal diferença nem das Obras, nem dos Homens? O Literato que os comunica, e que mais os lisonjeia (por mais medíocre que ele seja) é, em seu conceito, o primeiro dos Literatos. Tal favorece o Ministro de Estado a quem mais se desvela em seu cortejo. Ei-lo Oráculo, ei-lo conselho desse Grande, que se transforma em eco de Literato, nas ridículas decisões que pronuncia.

Assim, quão donoso, quão filosófico espectáculo não é ver quanto, nos juízos que fazem, discrepam eles: o voto mais corrente é o que sempre lhes ditam os Prazenteiros seus; que é também o voto seu, como de quem não tem cabedal para o dar de sua lavra. A última Obra de Autor célebre, que não teve o dom de lhes agradar, é sempre (no dizer dos tais) a péssima de suas composições; nem lhe começam a fazer a justiça que ela merece, enquanto nova composição não deu à luz, que lhes acuda com pábulo para nova sátira, em que dêem por seguro, que na Obra antecedente, ainda o talento dava de si tal qual clarão, mas que nada há que esperar já duma surrada intelligência.

Para mais cautela porém em si tais Aristarcos, eficaz remédio fora empenhá-los a que escrevam as sentenças que dão. No prazo de curtos anos, quando o furor da cabala, e espírito de partido hajam dado campo à decisão dos Sábios, se tem de ver então esses ignorantes Juízes em contraditória ou já c'o público, ou já consigo: que mau grado

bem confesso que se dá tratos cada um por tomar assento na classe mais acima; mais não temais que com tais pertensões se trasmalhe a ordem; que se não cega a tal extremo a vaidade: não haverá tantas classes, mas nunca numa só terão de confundir-se; e o Literato que aspirasse à Monarquia universal e perpétua, ainda a ser digno dela, acertaria com infindos rebeldes. E ora, a Anarquia destruidora de Estados políticos, sustém, pelo contrário a república das letras: sofrem-se nela Magistrados, mas não Monarcas.

Constituídas assim as diferentes classes, e nenhuma delas tendo que desenlear com as achegadas, falte-lhe embora a equidade no juízo que dela fizer a sua classe, lá estão as classes superiores e inferiores, que orçaram, em caso tal, pela verdade. Perguntem-no separadamente a cada classe; e resultará daí, (bem combinados os pareceres) tal decisão, que nela encostar-se possa, quem se não ache com cabedal de a tirar de si mesmo. Assim, e com mais equidade, é julgado o General por seus oficiais e seus soldados, que por émulos Generais ou por apaniguados aduladores. É o que na carreira da literatura labora quasi sempre; e porque se vê bem vezes atravessada por decisões injustas e clamorosas, surte mais lento efeito a decisão dos entendidos. ⁽¹⁾ Porquanto acontece ao espírito e ao gosto o que à Filosofia: raro o havê-lo, impossível adquiri-lo, comuníssima a crença de ter dele grande cópia. De lá procedem as usurpadas reputações (por prazo breve) que nada farão produzir a mediócrs talentos, descorçoam os verdadeiros, e até os humilham, amostrando-lhes as mãos por onde a reputação se distribui: de lá também esse tropel de pequenas sociedades, e tribunais em que os Ingenhos grandes dilacerados são, por gentes que nem dignos são de os lerem.

Se a Filosofia prática, sc. aquela parte da Filosofia, que única tal nome merece, um pouco mais acompanhasse, que ela não faz, os talentos superiores, que satisfação não acolheriam em ver guerrear essas sociedadezinhas, desprezarem-se umas às outras, fazendo-se justiça em tal desprezo, anular umas os arestos de outras, proferindo outros arestos igualmente ridículos; e em ver enfim o neologismo, que em nossos livros entremearam, e do qual com muito custo se salvam os nossos mais atilados Autores.

Contemplado pelos olhos da tranquila e alumiada Razão, esse espectáculo cabal seria de consolar o Filósofo da multidão de frívolos sufrágios despossuído. Comparado ao formidável Soberano, inacessível a atentados, por sua mesma superioridade, veria em baixo, e bem longe de si dilacerarem-se uns a outros os bárbaros Corsários que inúteis danificar tentaram as fronteiras de seus domínios. Mas de mui parecidos com os Soberanos, dissimular não valem tais Filósofos, ou os que tal nome tomam, o menor insulto: e lhes é muito mais nociva que o insulto, a ânsia do desagravo. Pouco sabe do que é a Inveja, quem lhe cuida pôr mordança, com sensibilidade sobeja: é dar-lhe (pelo contrário) a celebridade, pela qual ela enfenece. De Bávio e Mévio ignoraria a posteridade até os nomes, se num de seus versos não tivera a fraqueza de os nomear Virgílio. Avilta-se uma certa classe de Literatos, com responder a Sátiras; e esse mesmo Público os argue ainda na mesma maligna ociosidade em que toma passatempo com os tiros que lhes disparam. Homem que por ingenho, que por talentos se tem por digno de adquirir célebre renome, deixe à voz pública, que ela vá lavrando: não lhe dite o que ela haja de divulgar; aguarde que venha a Fama, de seu próprio grado, tomar dele as ordens, e então verá, como ela manda que se calem todas essas vozes subalternas. Tal, com sua força, o som fundamental sobrepuja quantas falsas lhe queiram alterar a harmoniosa consonância. Cabe no Literato tão escassa Filosofia que se amargure de lhe faltarem com a justiça? Cabe tanta imprudência, que rompa em queixumes e convide a Inveja a redobrar ataques? a arrastrá-lo a alguns transvios, como a mau grado seu? e a que talvez, ridiculizando-se, mais mal a si se faça, que mais honra se a si fizera, com dar à luz Obra de gran valia? Em pontos de reputação lida o mesmo que nas doenças; o que sempre dana é a impaciência. Quantos varões de superior talento, que arguidos merecem, como o General Cartaginês: — Não deram os Deuses a um Homem único todos os talentos; deram-te o de ganhar vitória, não o de aproveitar dela. — Jogo de Comércio é a Fama, onde acode com cabedais o Acaso; mas onde também granjeia o talento lucros mais assegurados; com tanto que aí laborem as mesmas artes de que usam os logreiros, com tento porém a que esses mesmos logreiros lhas não descubram. Já se avezam; e mais que muito, a contemplá-la, como meras Sortes (*loteria*), e com bilhetes

falsos se arma a fazer fortuna.

Se ao Império Literário a atenção inclino, afigura-se-me que vejo uma praça pública, e em vários tablados certos Empíricos a convidar os passantes, e a embair o vulgo; e este, que de primeiro ri, e depois lograr se deixa. Com manhas tais se ingenharam tal qual reputação certos Autores. Queres tu dar-te láurea de talento? Dize que o tens. Põem-se a rir quasi todos. Basbaques haverá que se te achegarão; virá engrossando a mó; e pouco a pouco, aqueles que ouvidos te não davam abraçarão o sentir dos muitos, ou serão forçados a se calarem.

Cotejada co'as Obras, cotejada co'as pessoas a reputação de certos Literatos, vem a ser para muita gente fenómeno extraordinário, que explicar não tentam; mas que por acatamento ao Público, obrigados se contemplam a admiti-lo. Em caso tal, conselho tomem dum certo Físico, que querendo explicar como eram no inverno quentes, e no estio frias, as cavas: ⁽¹⁾ «Provém (dizia) de tal motivo, talvez de outro; e quem sabe se isso é assim?»

Não me ponho a pregar aos Literatos o desprezo da glória mundana, tanto e tão mal sinceramente pelos Filósofos recomendado; nem a envilecer os motivos, que sem terem (como alguns querem) sólida base, são todavia a fonte donde mana quanto há que entre os Homens se dê por grande, ou já por útil, e por agradável. Dado porém que seja um bem de convenção à estima de seus contemporâneos, e a dos seus patrícios, quanto insensato fora, quanto inútil e ainda perigoso, dar à luz tal desengano? Como essa estima é quem tão grandes cousas nos há granjeado, por cousas também grandes cumpre que ela se alcance, ou que ao menos se mereça, e nunca a invadir por meios vis, por meios baixos. Deite-se o pregão a todos os Literatos: — Escrevei, como ávidos de glória; e portai-vos como acerca dela indiferentes.

Cabem estas considerações mais utilmente aos dados às boas Artes, cujas Obras mais comezinhas para a leitura, são as mais mal avaliadas. Cabem porém menos aos que tratam Ciências exactas, cujo merecimento menos pende da medida alheia. Bem diversos julgariam, se os meneios avistassem, que eles se dão para adquirir votos, se menos alumiados, estrondosos, se do rancor envenenado dessem tino, que uns a outros se consagram, e que nem a prudência têm de o

e n c o b r i r e m .
 Ei-los os Filósofos: nem que a Filosofia, antes de pautar a seu jeito, tal e quejando sistema do Mundo, não tivesse de nos pautar a nós, e nos doutrinasse a cada cousa dar seu preço. Vizinho do Ódio feminil colocam o Ódio dos Poetas: não sei se melhor o assentem entre estes, ou antes na cabeceira de ambos, o Ódio desses Filósofos que mencionei.

Num ensosso epigrama dispara às vezes toda a vingança dum Poeta, quando a dos nossos Sabichões é mais constante e mais reflexa; ainda no caso de pôr (quando muito) na lista de seus pregoeiros certa Mulher, que se imagina figurão literato, por ter lido, sem os entender, livros de Física.

Longe estou de crer que este retrato quadre a quantos correm o nobre estádio das Ciências; e mormente de applicá-lo a pessoa alguma: aviltar fora, e desluzir com sátira um discurso unicamente dedicado à Virtude, a avantajar as Letras, e a inculcar a Verdade. Só pinturas gerais permitem Filosofia e Humanidade; e é bem certo, que como ninguém as toma por suas, de pouca utilidade são; e o são ainda menos os despegados mas bem parecidos retratos.

Corra-se a cortina pois, a fim que arguirem-me eu evite. Todavia, míseros frutos esses retratos são do acolhimento que aos Sábios o Mundo faz. Ora dizer Sábios não compreende os que assinalamos por Eruditos, nação pouco conhecida, pouco numerosa, de pouco trato, nem por tanto mais repreensível. São muitos deles do XVI século; bem afortunados, que esta nossa era não conheceram! Oxalá vivessem como eles os Físicos e os Geómetras de agora! Dera menor brado o seu lavor, e talvez fora melhor, fora mais valioso. *Da Charlatanaria dos Eruditos* compôs um volume um estrangeiro Autor. Muito promete o t í t u l o , e ainda a não cumprir c'ó título, antes faltaria o Autor às Memórias, ⁽¹⁾ que as Memórias ao Autor. Desfalcou dum excelente Capítulo o seu volume, com não ter dado uma volta cá por França.

 (1) Tirano da Sicília.

A averiguar sem prevenção as cousas, donde vem que a um Erudito não folheado é preferido um Físico, um Geómetra que menos se comprehende que o Erudito, e que melhor que ele não divertem? Em tão arbitraria preferêcia tem parte grande a opinião, e o uso estabelecido. E quem é que tanto em moda pôs entre nós a Geometria? Tinha-se assentado, que transportado além da sua esfera, não cabia ao Geómetra sentido comum; bem que óbvio fosse o desengano a quem Descartes lesse, lesse Hobbes, Pascal, Leibnitz e tantos outros. Quem é que ia tão alto? E para quantos foram como nulos esses egrégios sabedores? Contentava-se Inglaterra com que fosse Newton o maior Génio dessa era; mas em França requerer-lhe-iam o acréscimo de amável. Eis que a Prússia priva a França dum Geómetra, que entre os da sua profissão era merecidamente reputado: eis se nota que por feliz acaso é ele possuidor da amenidade de ingenho de que em França se faz apreço; e essa amenidade não comum ele a adorna com mui sólidas qualidades; as quais, quando as há, nem a Geometria as tira, nem as dão as boas Artes: eis que se nos abrem os olhos para ver um fenómeno extraordinário e novo, e admiramo-nos que não seja o tal Geómetra uma espécie de selvático animal. Mania foi esta, que pouco durou; não porque a reconhecessem por mania, mas porque manias em França pouco duram. Subsiste ainda esta, bem que frouxa: a ser eu porém da classe dos Geómetras, não me lisonjearia esse gasalhado; que sempre relativos à desbotada ideia que deles se tinha, são elogios tais. Comum é dizer: — É um grande Geómetra, e *todavia* mostra ingenho. — Humilham louvores semelhantes, e se parecem com os que aos Grandes Senhores se dão. Quando um destes sofrivelmente discorre acerca dum Livro de Ciências, ou Belas Letras, apregoam-lhe a sagacidade; como se por sua prosápia devesse menos que outrem instruído ser. Os Geómetras tratam-nos, e aos Grandes em França, à feição que se tratam os Embaixadores da Pérsia, ou da Turquia; tem-se por estranheza deparar com bom senso num Homem que não é nem Francês, nem Cristão; e como apóftegmas, de sua boca tomam as mais vulgares asnidades. A bem deslindar os motivos dos encómios que os Homens liberalizam, houvera neles, com que de sobejo se consolar das Sátiras, e até do seu menospreço.

Não me despeço deste meu assunto, sem lhe agregar certas reflexões acerca do afogo que para com os estrangeiros affectamos.

Tantos mais achegado ao meu assunto, que acolhidos eles hoje, em toda a parte (mormente quando ricos ou de alto nome) formam no Mundo classe particular, digna de que a observem, e que a busquem os Literatos para essa nomeada que tanto têm a peito.

Quem atento considera esses transplantados na nossa terra, e coteja as pessoas c'os elogios de que os abundam, é raro que deles outro motivo descortine além da ridícula prevenção que a favor sempre nos assiste, acompanhada da ânsia de desluzir os nossos conterrâneos. Enfadara-me eu, que louvando nós com preferência aos Ingleses, se deixassem estes lograr por motivos tais: e se me accusam de que descubro o segredo do Estado, direi, que não o tenho por grande crime. Como quer que o tomem, daqui confesso que com todo o caso que da pessoa faço, não me dá mais curiosidade um Inglês em Paris, que um Francês em Londres. Acontece chegar tal Milord com benemérita reputação; e parecer quando muito, tratado e conversado, uma pessoa ordinária, ele que consumado Estadista discutia em eloquente Inglês, nas suas assembleias importantes, que toda a vida estudara, balbuciar Francês nas sociedades, cujas usanças, cujos interesses, cujo ridículo e frivolidade não conhece.

Confessemos que aos Literatos principalmente é devedora a Nação Inglesa de quão prodigiosa fortuna entre nós fez. Inferior em pontos de agrado e gosto à Francesa Nação, a sobreleva quanto ao número de excelentes Filósofos, que há produzido, e em cujas Obras nos presenteou com a preciosa liberdade de pensar, de que se aproveita a Razão, de que abusam alguns Ingenhos, e de que murmuram néscios. Assim celebraram tantas penas eruditas a Inglaterra; que dão tantos encómios, certos visos de haverem aplacado o ódio nacional (ao menos da nossa parte), e convir cabe que nesse ponto mais adiantados somos com eles, que nos não retribuem os louvores que lhes damos. Reserva, que eu (passando) conjecturo, dar abono da superioridade que tácitos reconhecem. Todavia essa honra que nos fazem de vir a França enfeirar gostos, ares, e até preconceitos, dou-a por mudo involuntário

panegórico, com que melhor que com algum outro se pavoneia a francesa presunção. Parece que estamos, em actual escaibo com a Inglaterra: instruídos, e por ela alumiados, saímos avante, e nas Ciências exactas já abarbamos có'ela, quando ela haurir vem agrado, gosto, e método em nossos livros, e de que os seus falecem. Haja grande tento que não são eles os mesmos Mestres.

Contribuíram tanto os nossos Literatos à mania e ao progresso do Inglesismo, que altamente lhes compete proteger, e respeitar sua feitura; já se lisonjeiam que a consideração que denotam acerca dos estrangeiros, lhes será paga ao mesmo preço; e que tornados a suas terras celebrarão esses estrangeiros aqueles que os admirarão, e darão, pelos seus escritos, a conhecer à França, tesouros encobertos de que ela não fazia alarde. É o que se clama tomar para a Fama o grão rodeio: verdade é, que em tal caso, a estrada mais comprida é a menos tormentosa, e com tanto que essa fama abique à praia, a aguarda resoluta o sofrimento.

Veze há, em que da Pátria nos estrangeiramos, metendo 300 léguas entre a Inveja e nós, cansados de lutar com ela em vão: e não pensamos, que essa distância sim afrouxa os tiros da Sátira, mas resfria muito mais a Amizade, que a Malquerença; e que os liames que lá ao longe começaram a se travar, a presença, não raras vezes os destrui, e que afrouxando-se com a ida que fizemos, o zelo dos nossos apaixonados, vamos criar em terras estranhas novos adversários. Embora nos lisonjeemos com essa espécie de vivente posteridade, capaz de, com seu imparcial sufrágio, impor respeito a conterrâneos ou já cegos, ou já sejam de má fé; e não pensamos, que quanto mais achegados a esses estrangeiros somos, mais vai neles desluzindo-se esse carácter de posteridade, à qual é tanto mais necessária à distância do lugar, quanto se falece mais a distância das Eras. Ei-vos, em certo modo, patrícios desses estrangeiros, já lhes adoptais suas paixões, pois que tomais seus interesses e, não podendo a superioridade de Ingenho tapar a boca à Inveja, aguardai-vos a sair da vida, para arrecadar o galardão, da não imaginária

(1) Onde se juntavam os Ingenhos da Era de Luís XIV.

posteridade, ante a qual se eclipsam os ciúmes, e pequenos objectos mingnam, e desaparecem. Um único motivo há, que autorize o Literato a se despedir da Pátria. — O clamor da Superstição — e dele as perseguições, ora surdas, ora patentes. Deve o Literato à Pátria os seus talentos; mas mais se deve a si descanso, e ventura, e dizer como Milton: — «Se desfrutar da Pátria não pude os benefícios, evitando os desastres que me ela aparelha, irei em livres, em terras justas procurar remanso.» — Tanto Aristóteles, tanto Descartes e outros mais hão feito.

Ponhamos termo a estas reflexões. Desejara eu que algum Autor célebre nos afigurasse o Templo do Renome literário, em estilo filosófico. Enquanto não aparece mais hábil Arquitecto, lançarei algumas linhas do edifício que na ideia ergui.

Atravessados amplíssimos bosques, que são um encruzilhado labirinto de estreitas e torcidas sendas, onde para ir avante, um de dous caminhanes tem de derribar o outro, se chega ao Templo. Ora em face deste se abre e alarga uma avenida, pouca frequentada em razão de salteadores que a infestam; e por onde só varões alentados que valham a lhes resistir, ou a contê-los nas raias do respeito, caminham a passo cheio. Lá no Templo, uma espécie de Fantasma, toda bocas, toda ouvidos, balda de olhos, numa das mãos balanças mal aferidas, noutra díssona trombeta, mete de rondão no Templo parte dos caminhanes; lá embaralha como naipes, todos os estados, enquanto o remanescente dos aspirantes, que se afoga a entrar, e que a Justiça rechaça, ou a Fortuna repele, atroa os arredores do Templo com sátiros contra os que nele acolhidos viu. Repleto é o santuário de mortos, que nunca, em vida, lá entraram, ou de vivos, que apenas mortos, os repulsam de lá. Jazem nesse recinto alguns livros óptimos, e algumas folhas desencadernadas de mais alguns; e pelas cimalthas exteriores e colunatas de pórticos lavrados, e por apaniguados baforinheiros apresentados a quem passas como às portas dos tablados forâneos vos convidam com bilhetes.

(1) Bom espírito por *bel esprit* escreveu Fr. Luís de Sousa na vida do Arcebispo; e por *les beaux arts* se diz comumente *as belas artes*.

Tais creio que sejam os princípios para bem avaliar a reputação que os Literatos cuidam granjear na comunicação com os grandes. Também outra espécie de vantagem imaginam colher, e chamam-na eles — Ser considerados — Não confundamos consideração com reputação: esta procede dos talentos, ou do bem obrar; quando a outra depende, ou anda anexa à plana, ao posto, às riquezas, e talvez à precisão que temos das pessoas a quem a outorgamos. Tão fora está a ausência ou a distância de desfalcar a reputação, que não rara vez lhe é útil, ao passo que a consideração, como cousa externa, só na presença se sustém. Encaremos filosoficamente com esta matéria, que é importante.

Por direitos da Natureza, diga a lisonja, diga a soberba, ou a parvoíce o que ela quiser; iguais são os Homens todos: na necessidade que uns têm dos outros subsiste essa igualdade, e mais subsiste na precisão de vivermos em sociedade. Ora, essa igualdade, como que a destrui a desigualdade de convenção, que distinguindo planas, prescreve a cada um certos deveres externos. Digo *externos*, porquanto os internos e de realidade, são perfeitamente iguais para todos, dado que na espécie diferentes. E a falarmos só dos estados extremos, tão rigorosa é para o ínfimo vassalo a obediência ao soberano, como a este guardar-lhe justiça.

Três distinções principalmente lavram entre os humanos: Talento, Prosápia, e Cabedal. Não estranhem nomear eu o Talento antes do mais; com efeito a diferença verdadeira de Homem a Homem tem no talento a base. A dar todavia superioridade ao que mais contribui para a felicidade na vida, que mais nos independe dos outros, e aos outros mais os depende de nós; a (numa palavra) a dar ao que mais, na aparência, nos carrega amigos, e menos manifestos invejosos, aos cabedais coubera o lugar primeiro. Mas porque na pauta da estima pública vêm primeiros os talentos? Porque têm eles a preciosa vantagem de não nos poderem roubar o recurso inato que neles jaz, e que mais puro, e mais pronto, nas desgraças se atardeia: e porque também lhes é devedora a Nação, e mui principalmente, da estima que dela fazem os estrangeiros, e da ventura que lhe nasce e com que atrai a si bandos de convizinhos, de tanta equidade como de ciúme.

Se quanto à estimação levam os Talentos primazia à prosápia, e aos bens da fortuna, a estes, e à outra muito na consideração exterior cedem os Talentos. Seja capricho, seja às vezes injustiça, tal usança fundada vem não menos em algumas razões: que não é possível que todos os Homens admitam, sem motivos ao menos plausíveis, um preconceito oneroso ao maior número. Eis o princípio, segundo eu julgo.

Como seja impossível nos Homens a igualdade em tudo, e seja necessário, para ser pacífica e segura a diferença entre uns e outros que esta se escore em vantagens que nem se alterquem, nem se neguem, essas, na prosápia, e na riqueza deparadas são; e para apreciar uma e outra, contar títulos, contar sobra moeda e bens; o que é mais à mão, que assentar em seu lugar talentos. E nunca, mormente os interessados, reconheceram unânimes disparidade tal. Ficou pois convindo que fossem a prosápia e os bens da fortuna o mais assinalado princípio da desigualdade entre os Homens: visto que à maioridade de votos se sentenciam tudo, bem que a miúdo, melhor não seja o dizer dos muitos.

Este o motivo porque necessariamente não andam de companhia Consideração e Renome. Todo talentos, e todo probidade é sem comparação, mais para se estimar o Literato, que esse Ministro incapaz do posto que tem, ou esse grande senhor de péssima fama. E todavia, achem-se no mesmo sítio esses, três, todas as atenções serão para os outros dous; e o Literato posto de ré, dirá então o que disse em tal caso Philopœmen: — *Pago as custas do meu feio parecer*. Debalde apontar-me venham, que seu posto no teatro Corneille tinha, e que o saudavam todos lá quando ele aparecia; que eu direi que aí há encarecimento, ou que se desforravam muito bem no particular da preferência em que o tinha em público a Nação.

Tanta verdade é prender-se mais a Consideração ao estado da pessoa, do que ao talento, que mesmo de dous Literatos, ao mais néscio, porém mais rico, se tributam mais obséquios. Se os bons Ingenhos se agastam da condição em que os ponho, consigo o hajam: não mais estraguem tributados obséquios a pessoas, que cuidam que muito os honram, com o olhar de relanço, e que com as mesmas demonstrações de cortesia lhes estão insinuando, que mais é bondade neles que justiça: esquivem frequentar os grandes, furtem-se aos

dissabores, já claros, já encobertos, que lá se encontram; inteirem-se da superioridade, que acima dos outros Homens lhes dá o Ingenho: não se arrastem aos pés de quem devera prostrar-se ante eles: represente o varão de mérito a personagem de Aquiles na Corte de El-Rei de Sciros, quando acerte co'a ventura que dela o arranque Ulisses. Mas onde há tais Ulisses?

Diversas classes formam os Literatos que cortejam os Grandes; tais há, que sem dar tino, são seus escravos: para esses não há que tratar: outros há que se arrepelem do figurão que fazem como por força, e todavia o continuam, com o fito na fortuna, que se adulam dali colher: aos tais muito favor lhes fizera quem os lastimasse: convençam-se eles que tal meio de atingir a fortuna, sobre ser longo, é mal seguro; e ponham ante os olhos quanto comprazimento, quanta baixaza lhes custa o menor serviço que esses grandes lhes fazem. Pouco numerosa é a terceira classe dos Literatos, que depois de formarem o projecto sincero de se comportarem livres de servidão, já à tarde ei-los escravos, e alternando audácia e timidez; agora despegados, e já e logo interesseiros, repulsam co'a esquerda, o que com a direita recolheram. De pouco firmes em seu pressuposto, e em suas acções, dão similhaças de animais anfíbios mal acabados, e que nunca o terão de ser. Na última classe enfim, última, e no meu sentir, a mais repreensível ponho os que bem incensando os tais Grandes em público, os retalham em particular, ufanando-se a pouco custo, de Filósofos, entre os de seu lote. Classe é esta muito mais avultada do que se imagina; e se parece muito com as seitas dos Filósofos da antiguidade, que ao sair do Templo de Júpiter, iam a occultas escarnear dele: com a diferença a porém que era forçoso aos tais Filósofos Gregos e Romanos irem ao Templo, e que ninguém obriga os Filósofos d'agora a incensar esses ídolos humanos. Não repreendo eu os que comunicam os Grandes com o fito de lhes dizer verdades. Grande, e a mais louvável occupação dos sábios! Mas merecem os Grandes que a tal nos aventuremos?

Luciano, a quem quadra o apelido de Swift dos Gregos, em razão de que, como Swift, escarnecia de tudo, e até do que tal não merecia, nos deixou por escrito certos rasgos assaz enérgicos acerca dos Literatos, que se dão a servir os Grandes. Digno fora o Quadro em que

ele pinta, de pender ao lado desse que Apeles fez acerca da Calúnia: — «Afigurai-vos (diz Luciano) a Fortuna em sublime sólio, despenhadeiros os arredores todos, em torno dela infinda gente, no afogo de lá subir, tão deslumbrados são do fulgor dela: ricamente ataviada se apresenta aos deslumbrados a Esperança em acção de os guiar; assistem-lhe ao lado o Engano e a Servidão, detrás da Esperança avista-se a Lida, o Custo (ajuntara-lhe eu o Enojo, que da Opulência e da Grandeza é filho) os quais atormentam esses míseros, e que por fim os desamparam à Velhice, e ao Pesar.» Enfada-me, que esse Luciano, depois de afirmar que a servidão toma para com os Grandes o título de Amizade, aceitou posto no serviço do Imperador, e inda peor, que tão mal se justifique desse feito. Embora a um Charlatão que infalível remédio vende contra a tosse, Luciano se compare. Começou Filósofo; granjearam reputação as suas Obras; por elas procurado foi; tinha de lhe ser por essa reputação mais severo o seu retiro: que é como a Devoção (se arriscar é dado esse paralelo) a Filosofia; recua quem numa, ou noutra não vai avante: deu-se ao grande caso que faziam dele; ei-lo que sem dar tino de tal é já mundano, e de mundano dispara em cortêsão.

É esse o mais desabonado officio que tomar pode o Literato. E que é um Cortêsão? É o Homem que para desgraça dos Reis entre os Povos e os Reis toma lugar, para, como sombra, lhes escurecer a verdade. Tiranos, quando parvos, lhes dão ouvido, e prezam esses Homens vis e prejudiciais: Tiranos, quando inteligentes, servem-se deles e os desprezam. Rei que sabe o seu officio, os lança de si, lhes dá castigo, e a verdade então lhe vem aparecer. Disseram, que para serem os Reinos venturosos, os Reis deviam ser Filósofos: ladeiem-se de sábios, e sobra: e ora fogem Filósofos de frequentar Cortes, onde fora de seu lugar, dariam em misantropos, ou descomedidos. Por cabo se descontentou Aristóteles de Alexandre; e na corte de Dionísio ⁽¹⁾ se arguia a si Platão de ter ido em sua velhice aturar os caprichos dum Rei mancebo. Debalde se desculpava outro Filósofo adulator desse Tirano, com dizer, que cabia aos Médicos ir às casas dos enfermos. Pudera-se-lhe responder que, quando são incuráveis e contagiosas as doenças, bom é não as ir colher, em vez de assanear. Se nas Cortes falece haver Filósofos, seja como o são na República das letras os lentes de Árabe;

ensinem língua, que ninguém estude, e se exponham a desaprendê-la, por falta de uso os mesmos Lentos.

O sábio que presta à nobreza e até à opulência os deveres que lhe impõe a sociedade, desses mesmos deveres é, em certo modo, avaro: não lhes dá mais que o exterior: que esguarda ele, mas nunca incensa os preconceitos da sua Nação; saúda (que lhe é forçoso) os ídolos da plebe, mas não os vai buscar. Dais-me o caso mui raro que os necessita a fazer-lhes corte, pesados os motivos, poderosos, e laudáveis? Envolve-se no manto da Virtude o dos Talentos, e ri sob capa do papel que precisado representa. O nobre, que o seu mérito escora nos avoengos, é para mim um velho que fez grandes proezas, e caiu depois na infância: é aos olhos da Razão um Homem, acerca do qual convieram os outros Homens em lhe falar num certo idioma, porque um seu antepassado teve (uns tantos anos há) ingenho ou poder, ou cabedais, ou celebridade, já por manha, ou por ventura.

Não lhe esquece porém ao sábio, que aos Títulos respeito externo lhes cale unicamente darem-lhe os Talentos, quando acatamento de mais realidade devem aos Títulos os Talentos. Mas quantos Literatos há, para quem é como um escolho a sociedade com os Grandes? Se ela não se entranha em perfeita e familiar igualdade, sem a qual, falta à comunicação toda a alma, toda a doçura, humilha-nos essa distância deles a nós, em razão das frequentes ocasiões de no-la darem a sentir; e ainda peor, se familiaridade se lhe entremeia: temos a fábula do Leão, com quem a salvo se não brinca. Obrigado por singulares circunstâncias certo Literato a passar anos c'um Ministro de Estado, dizia com muita agudeza, e com verdade: — Quer-se ele familiarizar comigo; mas eu com respeito o repulso de mim.

Entre esses Grandes que mais afáveis se mostram, poucos há que com os Literatos se dispam dessa sua grandeza (verdadeira ou falsa) a ponto de inteiramente a olvidarem. Vedes-lo bem claro nas conversações, se não sois da sua opinião. Parece, que à medida que se vai eclipsando o Erudito, se ostenta o Fidalgo, e requer que lhe ceda o Literato, que de primeiro, desse ceder se dispensara. Essa a razão, pela qual a miúdo acha com estrondoso rompimento, a mais infinita frequência entre Literatos e Grandes: rompimento que quasi sempre nasce do esquecer resguardos, que duma e doutra parte pedem ser recíprocos.

Pelo acatamento que à Verdade tributo, confessar devo, e não por outro algum motivo, que Grandes há que excepção merecem; e a não temer eu que nomeá-los seria fazer sátira aos que não nomeio, de vontade me animara a publicá-los. Não dá lança à suspeita a sua familiaridade, porque libra unicamente na estima dos talentos, e no prazer que colhem do comércio com os Literatos; comércio o mais útil, o mais nobre que possa apeteer quem juízo tem. O saber, que os ânímos adoça, os exalta: duma dessas qualidades a outra é procedida, e concordemos que, apesar das faltas que aos Literatos lançam, com razão, em rosto, são eles não somente superiores aos outros Homens mas em geral, até menos viciosos no que obram, e no que pensam. Como são mais comedidos seus desejos, também mais delicados são no teor de os contentar, e mais agradecidos no bem que se lhes faz. Quanto menos deveres tem de preencher a Gratidão, tanto mais pontual é no cumprir-los. Na sua desgraça, desampararam todos a Monsieur Fouquet; só La Fontaine e Pelisson fiéis lhe foram sempre. Fora maior o número dos literatos: e me pena, que nele não entrassem dous grandes nomes, Molière e Corneille. Ocasão foi esta em que os Literatos deram mostra de si; e nunca o sentiram de sobejo os descendentes desse Ministro.

Por conclusão de quanto havemos dito: os únicos Grandes com quem cabe que os literatos comuniquem, são aqueles a quem com seguridade possam tratar e nomear por seus iguais, e seus amigos; os outros fugir deles, sem exceptuar um só. Mal que de Dionísio Tirano aturou os versos Filoxenes, exclamou: *Reponham-me nas pedreiras.* (1) Quantos Eruditos arrancados à obscuridade, caindo de golpe no círculo dos Cortesãos, não deveram dizer: *Reponham-me no meu retiro?* Nunca atinei c'ó motivo de admirarem a resposta que a Diógenes Aristipo deu: — *Se c'os Homens viver souberas, de legumes não viveras.* Não o arguia Diógenes de viver com os Homens, mas sim de cortejar Tiranos. Ora esse Diógenes que em sua penúria arrostou o entono de Alexandre, fora (escoreçamo-lhe a indecência) o modelo dos Sábios, e

(1) Os que a temem, bem longe estão das outras duas.

ainda que o mais difamado, o dos antigos Filósofos, visto que intrépido pregoeiro da verdades flagelava os outros Filósofos. Ninguém melhor conheceu os Homens; ninguém melhor deu valia às cousas. Cada século, e este nosso principalmente, deveram ter seu Diógenes: o ponto é deparar com Homem que se anime a ser Diógenes, e gente com ânimo de sofrê-lo.

Entre os Grandes que demostram estima aos Literatos, formam singular espécie os que dão na apetência de discretos e entendidos: vem-lhes do orgulho pretensões tais, que eles nem a todos manifestam. No clarão dessa luz geral de que vangloreia esta nossa Era filosófica, mais do que não é de crer, gente há ainda que não há persuadi-la que seja título assaz nobre a qualificação de literato. Confessemos que bem lhe custa à Nação Francesa sacudir de si o jugo da barbárie, que tão longo tempo no colo lhe pesou. Não é de admirar: sendo a fidalguia um acaso do nascimento, natural é quererem esse acaso desfrutar, e logo assujeitar a ele o que é mais custoso de adquirir; mui acomodada circunstância para a perguiça e para o amor próprio.

Sei que altos gritos vão dar os Grandes contra este pressuposto meu; façam porém perguntas à sua consciência, e deixem-nos examinar o dizer deles, que eis-nos convencidos todos, que o título de literato passa entres eles por lote da inferior classe: como se após a Arte mui rara de bem governar os Homens, não fosse a de os instruir e de os alumiar, das Artes a mais nobre. Se como o deve ser, é sensível a toda a qualidade de glória um Príncipe, que é verdadeiramente grande; por certo lhe não escapará a dos talentos, a poder ele granjeá-la: tanto mais que se não é essa glória a de maior luzimento, tem ela ao menos a preciosa vantagem de não a aquinhoar com alguém.

Para convencimento do que aponto, enquanto à opinião pouco relevada que comumente se tem no mundo acerca dos Literatos, olhemos com atenção para o ordinário acolhimento que se lhes faz. Como se parece ele bem com o gasalhado que se faz a certas Artes, que dado requererem talento, quando nós mesmos as buscamos, damos visos de as desvaliar, comparadas com outras a que damos estima, sem saber porquê. Bem quer o desocupado enojo lograr-se do que os

(1) Franceses.

talentos valem; mas lá está a vaidade, que os separa da pessoa. Semelham logo os Literatos ao Sacerdócio, na dificuldade de se haver com o mundo: se uns passam entre o escândalo, e a hipocrisia, passam os outros entre a baixeza e o orgulho.

Devem pois renunciar à sociedade dos Grandes os Literatos? Sem falar nas excepções à regra que acima aponte, modificá-la, restringi-la cabe em razão de certas considerações particulares.

Literatos, que nenhum lucro tiram do comércio do mundo para o scopo de seus estudos, limitem-se às sociedades (quais elas sejam) onde entre os agrados da lisura e da amizade, acertam, com a necessária desfadiga de ânimo. Que proveito colhe das nossas frívolas conversações esse Filósofo, que não seja o de lhe acanhar o ingenho, e lhe obstar a algumas excelentes ideias com que lhe acudisse a meditação, ou já a leitura? Não descobriu Descartes no *Hotel de Rambouillet* ⁽¹⁾ a aplicação da Álgebra à Geometria; nem na Corte de Carlos II Newton a Gravitação universal. Pelo que respeita o modo de escrever, Mallebranche que vivia retirado, e cujos passatempos eram como os da puerícia, esse pelo seu estilo deu aos Filósofos o traslado que deviam seguir.

Não acontece assim aos bons espíritos. ⁽¹⁾ Para bem retratar os Homens, necessário é conhecê-los; sem o que, na Obra que a Imaginação os aparelha, nunca lhes darás as feições que lhes competem; tanto peor para quem não atinge a adivinhá-las: assim é que o comércio do mundo se faz preciso aos Literatos desse teor. Fora para desejar que ao menos assistissem como espectadores a essa forçosa sociedade: espectadores (digo) que assaz atentos não precisassem voltar à tal comédia, que nem sempre convida a que a tornem a ver; que lá julguem o Drama como a plateia julga os Actores, que a insultá-la não se afoutam. Que enfim lá, com o mesmo pressuposto que Apolónio Tiâneo, que foi a Roma em tempos de Nero, só para ver de perto, que casta de animal era um Tirano.

Fora para desejar que os Autores, que numa Obra para o Teatro ou em qualquer outra, empreendem retratar o século em que vivem,

 (1) A de Voltaire.

se não valham do ingrimanço, que então lavra. Dariam a língua, e não os Homens desse tempo. Por essa linguagem emburilhada, imprópria e bárbara são hoje conhecidos os Autores, que frequentam a chamada *Boa Companhia* a qual, por mais que digam, lhes é mui prejudicial; e que a viverem num congresso menos luzido, melhor (como a experiência o abona) escreveriam.

Desse contágio raríssimos se preservam: e quanto é estranho que os Literatos fundados em estudar, em conhecer, e pôr cravo à linguagem hajam como convindo tácitos em tomar nesse ponto Leis dos Grandes; dos Grandes, a quem os Literatos deveram dá-las. Quando, graças aos *Tribunais de espírito*, era a nossa língua miscelânea de frases ou já baixas, ou já esquisitas, a adivinharam Autores de alto porte, quando eliminavam de seus escritos; quanta palavra, quanto boleio de frase lhes anunciava o mofo próximo de obsoletas. Por isso vimos as Provincianas, Obra em que Pascal, bem que passe de cem anos que as compôs, pareçam d'agora escritas. Desnaturando-se vai, e envilecendo a nossa língua; mas os Autores egrégios a adivinharam, como os que eu já disse, rechaçando de suas composições essa efêmera chilreada das Tertulhas. Tão ridícula talvez venha ela a ser, que ridículos sejam quantos Autores a perfilharem por sua; mas que tornando sobre si, abracem o simples, o verdadeiro teor. Talvez que essa Era afortunada nunca a nós chegue: que aparências correm que iguais a estas nossas circunstâncias foram as que sem regresso corromperam a língua do século de Augusto.

Um dos principais inconvenientes da comunicação dos Literatos com os Grandes (e ela é um dos meios com que esperam atingir a estima e a ser considerados) é o furor de proteger, e este é quem produz tanto *chamado* Mecenas. Ora se cá viesse esse valido de Augusto, que pasmo não fora o seu, vendo tão a miúdo seu nome profanado, vendo o aviltado tom de que com tais Mecenas os Literatos usam! Horácio escrevia a Mecenas, sc. escrevia ao maior Magnata do maior Império que tem havido, c'uns visos de igualdade entre ambos,

 (1) El-Rei de Prússia, Federico magno.

que a Horácio e a Mecenas muito honrava. Hoje, numa Nação tão alumiada e tão polida como a nossa, um Literato que falasse ao seu *Protector* como Horácio falava a Mecenas, quanto lho estranhariam os outros seus Consócios! O teor que lavra nas dedicatórias de hoje denuncia a vileza a que as letras hão descido. E oh como basofeiam a grande honra que esses Magnatas fazem às letras quando se dignam de as amar! E oh como emudecem quando houveram de alardear a honra e a precisão que eles têm de as amar, e de nelas se instruir! Parece que julgadas sejam a baixeza e a falsidade como necessários atributos de Dedicatórias: quando cabe serem mais aceitos para quem os recebe, mais honrosos para quem os dá, os elogios com nobreza assazonados.

E pasmam, de que em desabono do Ingenho, subam ao cume, (por humildes) tantos talentos, que não passam de mediócrs? O Orfeu deste nosso Reino que dando rápido à nossa Música nova face preparou uma revolução que já de longe avistamos (a me não valer doutros exemplos) foi o assunto do ódio e da perseguição de gran quantia de Mecenas; ele que outro crime não cometeu que não fosse o de ser superior aos protegidos. Dou por verdade, que tais houve entre esses Grandes que conheceram toda a valia do talento desse Homem célebre, e assaz alentados para assim o pregoarem, quando os mais se privaram do contentamento de verem ratificada pelo público a sua opinião, se viram a seu mau grado, adstritos a se alistarem no sentir de toda a Nação, que houvera também sido o sentir deles (sem saberem o porquê) se o illustre Compositor os houvera acerca da sua música dignado consultar. Exemplo mui assinalado do que acima dissemos, que por fim ganha o vencimento a autoridade dos Literatos, seja o bem sucedido, e a glória, que ao Autor lhe resultou; visto que ao voto destes deve a que agora, apesar da Cabala, e da Inveja, reputação desfruta.

Não, que eu o fanatismo aprove de alguns dos seus admiradores: mais remansada é a estimação dos Sábios. Próprio é dos talentos grandes levantar fanáticos: mas lá para certa Era está reservada a heroicidade de celebrar os Ingenhos superiores; como são para esperar entusiastas, flagelantes, convulsionários, se as seitas lhes avexais.

Nem há que admirar, na preferência que o comum dos homens dá a minguados talentos; atéli abrange a alçada de sua inteligência.

Consolem-se os Ingenhos grandes com Corneille que perseguido foi por todos os bem-falantes desse tempo, capitaneados por Scudéri e Boisrobert. E assim tinha de ser: que se não aprende por antecâmaras nem a bem pensar nem a bem fazer: e ora Corneille, se como eles, por elas se derramasse, nunca houvera produzido Polieucte. Racine, a quem para superar a Corneille faltou somente viver como ele, teve de pelejar não menos; e esse espírito palaciano, que ele mais que muito possuía: e que a não lhe acudirem Britânico, e Atália e Fedra, teria posto senão à sua glória, não lhe atalhou de curtir pesares, que os de quem Pradon era a par o seu Ídolo, e seu Escravo, lhe sacudiam.

Grande alívio porém para talentos perseguidos seja o contentamento com que o público anula os arestos dos que se dizem — Entendedores —; e o ser para as Obras, como assegurada queda a estima dos tais; ao mesmo passo, que eles assentam que o anúncio com que favoneiam a Obra do protegido lhe granjeará agasalho. Vai nisto a Nação, para quem é precioso todo o ensejo de alardear a sua liberdade, e que deu tino, que lhe querem de força roubar o voto, emperra-se a r e c u -
sá-lo. Correm igual tormenta Obras muito esperadas: míseras Obras, se não correspondem ao muito que delas se presumia! Nem prende em certa ostentação ridícula quanto inútil, o bom êxito duma Obra: prende, e muito, no abono, que dela dão amigos inteligentes e severos, a cujos reparos deu o Autor dócil ouvido.

Atéqui falei somente dos que com poderoso crédito, e minguaído voto apontoam as obras dos literatos. Ora crédito chamo eu o empenho de carrear admiradores, empenho porém falido da coragem competente que rebata, a ser preciso, os adversários. Sobrada experiência nos tem mostrado o pouco que dessa protecção esperar devem perseguidos talentos; e o como a protectores tais lhes dão chaça e rechaça os inimigos.

Em duas classes se repartem os protectores deste lote, em quem e em cujo saber cuidam atinar com o regresso os Literatos. Compõe-se a primeira dos que assaz se conhecem para se esquivar ao clarão da publicidade, e se acanham, como os de sua estofa, enquanto se faz a digestão em dar ordens: — «Senhor Sábio, descubra cousa nova.» — «Senhor Poeta, dê-nos sublimes rasgos.» E isto com os azos que

tomam de alumiar os que lhes fazem corte, dar-lhes planos para obras de entendimento, e dirigi-los na execução delas. E porque não houve tégora um Literato que lhes diga, como a Colbert os Negociantes a quem ele doutrinava: «Deixe isso a nós.» E esse Colbert, esse exímio varão, que só falava do que conhecia, e dava sobre o Comércio conselhos proveitosos, foi ali tão Herói, que deu por bom que Homens, nesse assunto, mais sabedores que ele, se encostassem ao que sentiam.

Na segunda classe de Mecenas entram os que aspiram à glória de também ser Autores. O que lhes sabe a seu desejo, vista a adulação, que os incensa; e quando mais não sejam que putativos Pais das Obras que em nome seu à luz saíram; ei-las as penas que se aparam, e que desde o Herói da Literatura até ao Tersites dela, celebram a peca produção, e a assoalham por Obra-prima: e quanto não passe dum Almanaque, lá darão por demonstrado o sistema do Mundo.

Como cabe, e principalmente aos Jornalistas estrangeiros (duns certos falo) esta minha exprobração! Quanto aos Jornalistas Franceses não os julgo capazes de a merecerem. Estátuas à possante mediocridade erguem com a dextra ao passo que com a esquerda forcejam mutilar as estátuas de ouro dos grandes Homens a quem faltou abonada protecção. Nessas Memórias periódicas a que quadra bem o título que à História dá Voltaire — amplos Cartórios da Mentira com seu tamalavez de verdade — nessas Memórias (digo) a quasi tudo se dá louvor, excepto ao que o merece... Pelo que, mais os desacredita o bem que dizem dos livros maus, que o mal que aos bons fazer quizeram. Comparemo-los aos Malsins, que cobram direitos às barreiras das Cidades, que visitam severamente o povo, e deixam respeitosos passar os Grandes; que permitem a seus amigos, e talvez a si mesmos o contrabando, e tomam por tal o que nunca contrabando foi. Não se requer dos Críticos que lisonjeiros se aviltem, e injustos sejam; mas sim distinção façam entre o Autor e a Obra.

O que porém mais desdoura os Grandes, desdoura a literatura é que Homens que a compor sátiras se envilecem, deparem com Mecenas mais desprezíveis ainda que eles. Desdenha o literato (digno desse nome) queixar-se destes, ou responder aos outros: mas ao passo que pouco tento dá das injúrias, lá deita os olhos à escora em que o satirizador se firma, e concebe a ideia que bem lhe quadra. Nas Terras

em que não é livre o prelo, prova é do pouco caso que o Governo faz dos Literatos, e do gosto que toma em que os insultem, o desaforo das sátiras. Quem deu antes licença a que ultrajem o Literato que honra a Nação, e a nega a quem escarnece do Homem constituído em postos que ele deslustra? E se há largas para libelos, para sátiras, entrem nelas os de todo o estado, os de toda a condição. Digamo-lo melhor:

REFLEXÕES

ACERCA DA POESIA ⁽¹⁾

EM RAZÃO DAS QUE A ACADEMIA FRANCESA RECEBEU A CONCURSO EM 1760

castiguem-se severamente as sátiras contra a pessoa (seja ela qual for, sátiras, que o acometam na sua probidade, em seus costumes, no seu estado); mas fique livre a valia que ante o público se der ao espírito, aos talentos dos que protegem, como se faz aos protegidos. Esses orgulhosos, esses vis, que olham os Literatos como animais destinados a pelejar no corro para divertimento da gentalha, desçam dos palanques, a que subam os seus Juízes. Não me posso conter, que não

(1) Pareceu-me que seria empregar utilmente o meu ócio, dando aos novos Alunos de Poesia Portuguesa, estas reflexões dum Autor de profundo saber, e de gosto delicado, e de quem Voltaire fazia tanto apreço que o consultava acerca dos seus Poemas.

escreva uma anedota mui cabal no dar a conhecer o carácter, e a injustiça desses homens de quem falo. Escarnecia um desses tais, de certo Autor célebre amargurar-se desmedido dumas tais sátiras contra ele
divulgadas; taxava-o de sobejo melindre. Fez o satirizado certa Canção que muito ao de leve roçou a pele do Homem de grande posto. Eis este a clamar que não havia nas leis suplício assaz rigoroso para a injúria que se lhe fez.

Última classe nomeio, e a dou por mais avaliada, e por mais segura na protecção dos Literatos: dou por melhores Mecenas os que zelam, que contribuem ao progresso das Ciências e das Artes beneficiando-as. Míseros os Literatos, que a tal regresso acodem! Oh! tão dignos, ao menos, sejam os procedimentos seus em caso tal, que lhes fiquem como obrigados os Benfeitores mesmos. «Pago com usura a teu Pai (dizia Xenócrates a um discípulo seu) o bem que me fez, sendo eu causa que o louvem todos.»

L'Abbé de St. Pierre, nuper-falecido, privando-se (tempos há) duma boa quantia de seu cabedal a favor de M. Varignon, dizia-lhe: «Não mesada, mas donativo: a fim que não dependais de mim.» Heróica acção! Que modelo para Benfeitores! Só tais o merecem ser! E quão poucos cobiçam de o ser assim!

E que lição este exemplo de L'Abbé de St. Pierre para uns tão alevantos, quanto vangloriosos Benfeitores, que se dão por Pais da Literatura por alguns minguidos benefícios, desconformes de seus grandes cabedais, e que eles com muito desvelo secretamente divulgam! Se a Homens honrados acudis, deixai falar a Gratidão; são severas as suas leis. Mas tão sôfrega é a atenção no que nos dá superioridade, que dela se fazem título, e como que tomam posse de quem beneficiaram, para abusarem Soberanos, da dependência desse infeliz. Muito se escreveu, e com muita razão, contra os ingratos: deixaram porém em quedo os Benfeitores; e é contudo um Capítulo que falta na história dos Tiranos.

O grande obstáculo a medrar em opulência é, para uma alma bem nascida, o estrito necessário. Leva com mais segurança aos postos e às riquezas a absoluta indigência: está forçada ao cativoiro, ao cativoiro se aveza. A necessidade de depor de si a profunda miséria, é a desculpa de quanto teor se inventa para salvar-se dela: e pouco a

pouco se converte em familiaridade esse teor, e menos depois custa valer-se dele para medrar em bens. Afazem-se a dissabores e a repulsas, e computam somente o lucro que lhes surge do infeliz vezo de as devorar. Quanto para temer são os aviltados favores que em seu despotismo, em seu orgulho vos fazem benfeitores de tal laia! Que nocivos aos talentos benefícios com vileza adquiridos! Metem no âmago da alma certo desbrío, que as ideias, sem o sentir, degrada, e de que alfim as mesmas Obras são eivadas. Toma em nosso carácter o estilo as cores que emprega. Sê altivo em teus afeitos; será firme, será nobre teu teor de escrita. Pode haver (confesso) excepções a esta regra, como em tudo as há; mas por fenómeno terei semelhantes excepções,

Clamavam os Romanos: — «Pão, e Circenses.» Quando fora para desejar que se afoutassem os Literatos a clamar — «Pão, e Liberdade.» Não digo liberdade nas pessoas só, mas no que escrevem liberdade, que eu não confundo, com a licença, que investe quanto acatar devera: está a coragem, quando verdadeira, em combater vícios, e objectos de escárnio, esguardar as pessoas, e obedecer às Leis. Liberdade, Verdade, Pobreza, ⁽¹⁾ deverão sempre tê-las os Literatos ante seus olhos; como Posteridade os Reis e os Potentados.

Quando a Pobreza dou por divisa aos Literatos, não os lanço a serem pedintes, a par de serem verdadeiros e livres, nem dou a pobreza por attributo essencial da sua profissão: só lhes aponto, que a não temam. Injusto fora o impedir-lhes de ser ricos. Porque não teria o Literato o mesmo jus à opulência, que tantos inúteis homens têm, homens nocivos à sua Pátria que com luxo escandaloso insultam a pública miséria? Se ambiciona cabedais o Literato, ele a granjeie, diz um de nossos illustres Autores: nem difícil de conseguir o creio, quando só meios honestos nisso empregue. Sabida é a história desse Filósofo, a quem seus inimigos assacavam, que se ele desprezava as riquezas era nele falta de talento para adquiri-las: deu-se ele a negociar, e num ano enriqueceu; repartido por seus amigos, ei-lo Filósofo como dantes.

Dado por fácil o ser rico, por honrados meios, fácil fica subir a postos, se tomando-os por alvo, tudo vos permitis. Resolução firme, firme paciência, e firme audácia: e é seguro o bom êxito, sem precisar de grande intelligência: que não chamo eu tal o espírito de manha e de artes más; que esse é o espírito de quem outro não tem, ou que se arma

a tê-lo. Espírito mui trivial, muito aturado, com que Homens desmerecedores, e desluzidos de nome trepam aos maiores cabedais e aos maiores empregos. Única é a Inglaterra, onde os talentos superiores serviram de degraus, às vezes, para subir a grandes postos, quando entre nós motivo antes são de nos excluir deles: talvez lhes não
 seja

desventura! Que de ordinário os que por letras, ou verdadeiras ou aparentes fortuna hão feito, são dos Literatos os maiores inimigos. O valimento lhes deu a mão para subirem; mas lá estão os bons Juizes, que a esses talentos medíocres os põem no degrau que lhes compete: o que nunca os tais lhes têm de perdoar.

Não demos todavia esta regra, como geral. Mecenas há nesta nossa Era que por letras enriquecidos, cobrem com seu amparo, a outros Literatos a quem sobra em luzes o que lhes falece em cabedais. Se atentamos porém ao modo com que os eles tratam, dá-se a crer que foi mal posto às Letras o nome de República; porque nada é menos repúblico que o proceder desses Mecenas, e o como tratam os semelhantes. Dá-los--íeis por capacitados de que só a eles cabia serem ricos: e na quadra mesma, em que lastimam indigentes entre abastanças, se lhes nomeais um Literato, que apenas tem o absoluto necessário, logo acodem com dizer: — vive acomodado de bens. — «Tem razão (lhes diria Diógenes) tomara-te eu ver um só dia, em meu lugar.»

Têm por máxima estes tais Mecenas, que deve ser pobre o Literato, porque a pobreza lhe aguça o ingenho; que a opulência costuma entorpecer e afrouxar no exercício seu: mas o intuito principal, é medrar o número dos que lhes façam corte, e ter mais bocas, que os lisonjeiem.

Confesso, que bem vezes castigados são, e que não é sem exemplo ser esses Déspotas da Literatura já celebrados pelos estrangeiros, e pelos Franceses, sobreviverem (para escarmento de tais como eles) à sua celebridade quando, pelo transtorno das circunstâncias, desajudados são de fazer bem ou mal.

Daqui surge a pretendida dependência, em que se devem achar os Literatos, e que em certas célebres Academias entronizou o espírito de Despotismo, e que me afouto a dizer que seria funesto ao progresso das Ciências, a não haver nesses Congressos alguns membros com

talentos superiores. Porquanto, nos Estados despóticos, *virtudes de Cidadão, virtudes de logrados*. Ora há casos em que é útil sabê-lo ser; e sempre se depara com gente que para o ser nasceram. Mais nobre, mais singela foi a forma, que à Academia deu o Cardeal Richelieu: mas que muito? Era Richelieu. Em contra do Despotismo em que entranhado era, e que ele, quanto mais longe estendia, sentiu em si, que para a República das letras, que toda libra na franqueza, a forma que melhor lhe competia era a democrática. Esse Homem que dos talentos a valia apreciava, quis que na Academia Francesa andasse de par o Ingenho com a Nobreza, e cedessem os títulos todos ao de Literato. Compô-la de bons Autores, ⁽¹⁾ para a condecorar aos olhos dos Sábios; compô-la de Grandes Senhores para a abonar nos olhos do Povo, e que esses Grandes pejassem os assentos que os Grandes Ingenhos deixassem vagos: servindo assim os preconceitos, a honrar o talento, e não este a adular os outros: e com exímia atenção a excluir dela, quantos (sem o ser) se dessem por grandes Autores, e grandes Títulos. Nunca ele imaginou, que uns certos se molestassem, de que na Academia lhe fizessem lado um Despréaux, nem um Racine: que teria Mecenas a grande honra esse posto, que modesto ocuparia. Fácil viu Richelieu quanto perigo vai, no estabelecer em tais Congressos literários desigualdades que os conturbem, que dissaboreiem os grandes talentos; ou enchê-los de gente medíocre, a quem para ser alguma cousa é necessário o título de Académico; ou também, que da Inveja, e do Capricho pendam os Literários prémios.

Na nossa Nação mesma, não são quanto se crê, tão necessários esses prémios. Sem eles hão luzido Corneille e La Fontaine; luziram sem eles Racine nas Tragédias, e na Arte poética Boileau; e luzem neste século Henriqueida, ⁽¹⁾ Espírito das leis, e muitas belas Obras, já desses, já de Autores diversos. Sobra-lhes a devolver os seus Ingenhos o impulso da Natureza. Ela, e não os dons da Fortuna, os arremessa a ser o que eles são. Ela nos repelões da Guerra civil, povoou a Flandres de hábeis (não opulentos) Pintores, e de célebres desabastados Artífices a Itália. Apraz à Natureza de quando em quando abrir minas de ingenho, minas de talentos, que depois por longos séculos aferrolha. E zombando de injustiças da Fortuna, e de injustiças de Homens, procria Ingenhos raros entre gentes bárbaras, como entre sáfios selvagens brota preciosas plantas, cujas virtudes eles ignoram.

Enganado iria quem, sem restrição dissesse, que o mal distribuído dos prémios desalenta os Ingenhos superiores: prémios que se não alcançam, dão bem vezes ala a produzir cousas grandes: sem esperança de os obter se lida, com o fito somente de os merecer. Ei-los úteis os prémios, e mais ainda quando às mãos cheias, e como a esmo, os deitam

por aí. Não é desejar que se estanque esse olho de água. O desânimo, em que (por certo prazo ao menos) cairiam os Literatos, fora, segundo o meu parecer, maior mal que os obséquios, e quasi idolatria, a que os acurva o interesse. Não quero que me comparem com esse Imperador mentecapto, que mandou queimar a Biblioteca de Constantinopla, porque tinham os Literatos desse Império devoção a Imagens. Tenho só que menos frequentes se dêem prémios, e assim melhor distribuídos, com mais luz na economia, que na profusão. Cada um a seu posto; menos fáceis de conseguir, mais altercados serão os prémios, e o serão só por quem os mereça: Autores, Filósofos, e Artífices de renome acharão na estima em que a Nação os tem assaz lisonjeiro prémio, que os paciente a aguardar outras recompensas, ou para envergonhar os que delas os privarem.

Não esqueçam os Grandes, no favoniar as Letras, que o galardão mais nobre dos Talentos é a pessoal estimação, e a que valia aos prémios, e que ela mesma é prémio. A ela deveu a Grécia os Grandes Homens, que em todo o género deu à luz; ela é o mimo mais precioso que hoje as Letras aceitam dum Monarca, ⁽¹⁾ que sem a superstição de Juliano, o saber e as virtudes desse Imperador, no trono ostenta. A indiferença de Carlos V quanto às Letras, transmitida a seus descendentes, parece ter sido a causa principal que retardou os progressos literários nos seus domínios; quando, pelo contrário a Federico deverá a Prússia os que ela faz nas Artes, e nas Ciências. Superior a preconceitos distingue esse Monarca pelo mérito as pessoas. Fruto são da liberdade cordata e nobre que às letras ele outorga a tão necessária, e tão escondida aos Príncipes Luz e Verdade, que ele ama, e conhece, porque é delas digno. Têm acção à sua bondade os Talentos, o Infortúnio, e a Filosofia. Gosta de Ciências, de Boas Artes, e em tal é tanto mais para louvar, e mais luzes mostra, que nada cerceia de mais importantes cuidados, e que antes que tudo sabe ser Rei. Pelo que se não acanham aos de seus vassallos os elogios que lhe fazem: toda a

Europa, cuja voz unânime, é a pedra de toque do mérito dos Soberanos, os ratifica: e tal se lhe pode preconizar o juízo que dele farão vindouras Eras, de que ele nada tem que receiar. Aceitar possa ele este fraco mas desinteressado obséquio dum Literato, cuja pena nunca a aviltou a adulação; que ao tecer deste elogio não esperava achegado ser-lhe; que na Pátria o represa a Amizade que lhe vale de cabedais, e que desse Soberano nunca mais desejou, que a estimação.

Oxalá, que eu, por honra da minha Nação, eu pudesse tanto dizer de seus Mecenas, mas à minha boa vontade se opõem a Justiça e a Verdade. Protesto ao menos, que a ninguém quis em particular aplicar as reflexões críticas que aqui lancei: no caso porém que alguém lá se veja retratado, direi como Protógenes a Demétrio: «*Não creio que às Artes faças guerra*», que a verdadeira guerra aos talentos faz mal entendida protecção. Ditosos os Literatos, quando atinam que o meio bem seguro de que os respeitem, e viverem (a ser possível) unidos entre si, e como enclausurados; porque conseguirão assim unidos darem à Nação normas em matéria de gosto, e de filosofia: e a verdadeira estima é que dão Homens dignos de ser estimados. Charlatães dão farsas que degradam o Actor e o Auditório; e uma das causas da decadência das Letras é a sofreguidão de nomeada, e de riquezas.

Tais são as reflexões, tais os desejos de quem isto escreve, sem valias, enredo, ou manha; e por tal sem esperança: mas também sem cuidados, sem cobiça. Franco, mas sem mau humor, me expliquei acerca de objectos vários, que deste Tentame assunto são; e a essa conta menos suspeito, quanto empenhado por máxima, e por gosto meu numa carreira menos brilhante, mas sossegada, onde o número dos Juizes, dos inimigos, dos pregoeiros é minguido, bastante justiça me faço em não aspirar a postos, nem a prémios literários: tenho por honra não ser protegido, nem ser concorrente de ninguém: a mor parte dos Mecenas e dos Grandes assaz os vi, e os conheci. porque me louve deles, e assaz poucos, porque deles tenha de queixar-me.

Inteiramente contrária à que eu dele esperava, foi a sina deste discurso. Com seus louvores o honraram alguns Grandes; quando Literatos o rompiam. Estimável altivez os primeiros nele viam; enojosa presunção os outros: julgue o Público se mais justiça lhe fizeram os primeiros que os segundos. Daria por bem pago este zelo meu, se as

máximas que lá ditei, as observassem elles à risca: que assim as Letras mais respeitadas foram, e foram de o ser mais dignas. Sei que ao verdadeiro interesse foram sempre opostos os falsos interesses dos humanos: assim não serei eu o primeiro Missionário, que com médiocres talentos, com boníssimas intenções, e com razões ainda melhores, e com procedimento conforme à doutrina que prego, tenha a desgraça de não converter ninguém. Oxalá nos pregue esta mesma doutrina com maior eficácia algum dos nossos mais eloquentes, e mais famigerados Oradores! E que ele escapando-se dos tormentosos mares, que eu apenas avistei, dizer possa com tanto fruto, como com tanta verdade aos Literatos:

*Parcite, oves, nimium procedere; non bene ripæ
Credetur; ipse aries etiam: nunc vellera sicut.*

~~~~~

Esta tradução impressa depois da morte de Filinto, e sem ter o original presente, tem passagens obscuras, e algumas que o Tradutor houvera sem dúvida corrigido ao rever das provas, como tinha por costume. Vai conforme ao manuscrito, e só nele emendei erros evidentíssimos.

*Nota do Revisor.*



SEGUIMENTO DAS REFLEXÕES  
ACERCA DA POESIA, E PARTICULARMENTE  
ACERCA DA ODE



VEMOS cada dia pessoas discretas, e mesmo atiladas em bom gosto entusiasmadas quando moços pela Poesia, cuja lição lhes era delícia, desgostarem-se dela idosos, e até confessarem ingenuamente, que versos, nem podem ler, Resfriou-lhes esse apetite a idade? ou a Poesia? Há hi prova, que com os anos atingimos o maior raciocínio? ou a maior insensibilidade? Galante questão me trucaram os Versistas. E quem é que a faz? Um Geómetra, que ignora que uma das intenções da Poesia é lisonjear o ouvido; e que em órgãos já gastos, e em fibras endurecidas, há-de ela obrar menor efeito. Nisso estamos. Mas porque esses mesmos ouvidos, que envelhecendo, se enfastiam de versos, não tomam fastio à Música? Prazer que também, e unicamente depende desses órgãos? Digamos mais, e digamos verdade. Ninguém acusará esta Era nossa, de fria, quanto à Música, a não ser acerca do Canto chão das nossas Óperas antigas: e é sabido o agasalho que se faz à aluvião de versos, com que nos vemos alagados. Não tocamos nos nossos bons Poetas que ora vivem, distintos pela voz pública, e por ela exceptuados; Mas em razão do cardume que lhes vem na cola, passou a ser tão perigosa essa carreira, que descaíram já de moda sucessivamente bastantes géneros de Poesia. Tem já de se assoalhar o Soneto, a Écloga desmaia já, e ainda a Ode, a Ode tão altaneira, começa a desvaler. Quem dissera que a Sátira, com tantos foros que tem a ser bem vinda, se ela é longa, e se ela em verso vem, quanto é enfadosa? Ei-la à sua vontade, depois que lhe permitimos espanejar-se em prosa. Tanto receiamos nós desacorçoar talento de tal lote!

Os apelidados *Versinhos* são hoje portentosamente desvalidos; e a não trazerem abono de excelentes, ninguém se resolve a lê-los. Por testemunhas tomo quantos Escritores periódicos aporfiam em recolher, ou em enterrar *Peças fugitivas*, e que a título tal devem cada mês pagar ao Público, metrifico tributo. E quanta vez não desdenha esse mesmo Público pôr olhos nesse tal tributo?

O metrificante Povo magoado vê o progresso do desvalimento em que descai. Desforra-se com atribuí-lo (e que Bárbaro lho estranharia?) a esse *Espírito Filosófico* já tão assoberbado de muito mais graves nequícias. Que também no *Espírito Filosófico* deve este agravo recair.

Talvez que mereça esta nossa Era muito menos do que se cuida a honra, ou a injúria, que lhe pertendem fazer, em lhe clamar por antonomásia, ou por motejo, *Era Filosófica*. Filosófica, ou não, fácil será insinuar aos Poetas que não têm que se queixar dela.

Se inspira a Filosofia amor de ler cousas úteis, qual maior mérito se lhe abona, que o de adunar ao útil o deleitoso? O que dá ao nosso prazer mais realidade, e mais dura. Quando nas Obras Filosóficas vêm conjuntas essas duas qualidades, adquirem elas mais aptidão a manterem o bom gosto, no que se escreve, e nos dão toque do quanto ideias por si nobres e grandes, ataviadas à singela, e como elas à pureza, preferíveis são, a agradáveis e frívolos nónadas.

Com severidade tal Obras de Poesia examina o Filósofo, e as julga. Que toma ele por mérito principal, e indispensável, em todo e qualquer Autor o mérito do conceito. A esse mérito ajunta à Poesia o mérito da vencida dificuldade em conquistar a expressão adequada ao conceito. Estimável mérito, quando não é pueril esforço, estragado em fúteis ninharias. Dizem, que muitos parabéns se dava um dos nossos mais abonados Versejadores, da poética descrição que da sua cabeleira fez. Dissera- lhe eu: que tão baldada Poesia numa cabeleira! A que fim aviltas a *língua dos Deuses*, prostituindo-a em assuntos tão pouco dignos dela?

A genuína Poesia, a única que nome tal merece, não só populares e baixas ideias desdenha, mas até as agradáveis e risonhas, quando elas triviais e repisadas são. Em nada brilha mais o verdadeiro, e o fino que na Poesia antiga; e nada é hoje mais surrado, que as tais ficções. Quem primeiro pintou o Amor em figura de alado infante, com facho e setas, muita invenção mostrou; mas a que fim tirar-lhe cópias? Com razão nos agrada Anacreonte, porque no-lo dão por criador desse género de Poesia: mas num pequeno género como o seu, no qual o que o inventa esgota o assunto, o original é tudo, as imitações são nada.

Visto que é arte de imitação a Poesia, não há já Poesia, em quem se acanha em imitar a imaginação alheia. Concordam os nossos melhores Escritores, que as frases, ou fórmulas poéticas são insípidas na prosa. E porquê? Porque inventada essa linguagem há perto de três mil anos, com o generoso que ela encerra, passou a ser fastidiosa. Dela já nenhum uso fazem os Vates de alto ingenho: verdade é que às claras o não condenam, em seus versos, não se atrevendo a afrontar-se com a posse

imemorial em que ela está de dominar nos Poemas: mas, na prosa já lhe não vale essa prescrição; com justiça a impugnam debaixo doutro nome.

O mesmo tem acontecido a outros géneros de Poesia. Sirva-nos de exemplo o género pastoril, que dado nos agrade ainda no teatro, mormente, quando traz por comitiva a decoração das cenas, a música, e as danças; apenas o despojais de todos esses enfeites, e o reduzis ao que ele é simplesmente, ei-lo resfriado e ensosso quando escrito e nu. Teócrito, Virgílio, e Fontenelle exauriram quanto dizer-se pode acerca de florestas, de rebanhos, regatos, veigas, e vertentes. Ternos, singelos, n a t u r a l i s afectos, que seguros são de interessar-nos onde quer que com eles deparemos, não precisam para aumentar seu efeito, de virem ao entremeio dum Idílio: têm de sobras, para encherem, e penetrarem a alma, virem expressados do natural, quais eles são: prados, rebanhos, bosques não lhes acrescem nem mais graça, nem mais efeito. Confessemos pois que esses atavios rústicos, desbotados já por si mesmos, trazem consigo muita vez o inconveniente de desmentir do assunto, e darem riso, pelo mal assentes. De quantas Virgílio compôs, a melhor Écloga, não tanto como Écloga, quanto como composição poética, é a de Coridon e Aléxis; e por certo que ninguém dirá que o assunto dela é pastoril.

Porque razão porém enfatiado já de Éclogas o nossos século, começa ele a se desaborear da Ode, género o mais oposto ao da Bucólica? O desabrimento com que agasalha ideias, e hipotiposes triviais, produz esses dois efeitos contrários. Quem dá carácter à Poesia lírica, são os grandiosos, e elevados pensamentos: sem essa condição não pretende nenhuma Ode granjear aplausos merecidos.

E ora os sublimes pensamentos raros são, e não os supre a magnificência da locução (e é tão pobre essa magnificência, quando lhe falha o sublime dos pensamentos!) nem a *bela desordem*, a inda atégora não deram cabal definição; nem as corriqueiras invocações às Musas, etc., que porfiam em se dar por surdas; nem por um Estro, ali à mão, que dá fumos dum tropel de ideias; e que nem dá de si uma única.

Numa palavra, ei-la rigorosa, mas justa lei, que aos vates impõe esta Era em que vivemos. Reconhecer unicamente por bom em verso, o que ela daria por excelente em prosa. Não que ela diga, que versos

aprosados, (inda os de melhor conceito) lhe mereçam aprovação. Que é mais perluxo o Homem atilado no bom gosto, acerca do trajar os pensamentos em verso, que acerca de os trajar em prosa. Nesta se dá por contente, com que o estilo corrente seja e natural, sem baixeza nem dissabor; requer de mais, nobre, e estremada locução em verso, não esquisita, constante e fácil melodia, que ares não dê de constrangida; e quer por fim que o Poeta dê ao justo, mas não descarnado o conceito seu; que o dê natural, e à vontade, não frio, nem deslavado; com viveza e concisão, sem cair em escuridade. Nega ao Versejador que preencheu todas essas condições, o título de Poeta, se as não preencheu mais vezes do que as violou: e tal Autor há hi que sobrepujou e que nem pensamenteou em prosa, que teria dobrado em Fama, se houvera dado ao fogo os três quartos das suas Poesias, sem delas mais conservar que alguns fragmentos. Discreto houve entre nós, que pretendeu, que versos, só no sentido deles, na sua clareza, no seu exacto se devia atentar; que cheias essas condições, havia com que se consolar quanto às falhas na harmonia deles. Fácil é responder-lhe com o exemplo dos Mestres, que souberam adunar formosura de pensamento com formosura de harmonia. Lemos versos; mas com que fito? Com o de desfrutar um prazer de mais, que no ler prosa: e versos duros, versos fracos nos anojam, e por conseguinte nos desfalcam desse prazer.

Se me afouto a dar conta aqui da disposição de ânimo dos meus sócios, assento que assim pensará a Academia quando julgar as Poesias que lhe vierem a concurso. Enquanto ela propôs e fixou os assuntos, se de algo se pode arguir em suas decisões, não a dirão excessiva em seu rigor; antes acorçoou alguma vez o botão desse talento, que o talento mesmo; e o vulgacho dos Críticos, que alambazadamente folga em dilacerar as Obras coroadas pela Academia, e que nem conseguiria o prémio da Sátira (quando para ela houvera um) desenganado fique, sem susto da sobeja boa opinião que da Academia tenha; que pode ela dar valor a certas Obras em verso, ao mesmo tempo, que muito arredadas as cria da perfeição. Que, nada menos, para se empossar do jus de ser mais severa para o futuro, se inclinou, dalguns anos a esta parte, a deixar aos Poetas a eleição dos assuntos. Com pesar olha, todavia, que à medida da liberdade que ela assim aos Autores deu, e do rigor do exame, denunciam negligência os



seus poemas. Não que deixasse a Academia de vislumbrar em algumas Obras, talento, e centelhas de ingenho; mas não assentam bem os prémios nalguns poucos versos despegados, e como boiantes à ventura: só bem assentam na formosa construtura da Obra. Ei-lo, que sem desígnio, sem objecto se perde um em continuados desvios, e abafa num cúmulo de destroços alguns tais quais felizes pensamentos. Ei-lo outro que leva fito, e leva delineado o plano (e quasi que todo o merecimento seu aí pára) que em versos frios, ou opilados dilui ideias corriqueiras. Numa palavra, nenhum desses poemetos o julgou a Academia capaz de produzir na sessão pública aqueles toques de prazer quais tem o Auditório jus de os esperar duma obra coroada por acordo de Homens literatos. Justa a respeito de seus émulos acha essa severidade cada um dos concorrentes; mas bem vezes iníqua e bárbara, acerca do que a ele toca: Desses mesmos descontentes alguns aí há, que esperam pelo dia dessa sessão para atirarem contra a Academia, algum epigrama, que lhe passa por alto: outros se fazem panegiricar pelos Jornalistas (que Jornalistas há que falam, ou que se calam conforme pagos são) e em caso tal se dá por satisfeito o seu amor próprio ou se imagina pelo menos bem vingado. Mas eis que alguns anos decorrido hajam; tem-se afrouxado o amor do Pai da c r i a n ç a foi-se apaziguando a ofendida presunção; torna-se a ler a Obrinha com olhos menos amorosos, e acha-se que tiveram os Juízes razão.

Até parece que o prudente Espírito que presidiu à formatura da nossa língua, presidiu também às regras da nossa Poesia francesa. Capacitámo-nos que, sendo a Poesia arte de dar agrado, lhe cerceia prazer, quem lhe consente multiplicadas licenças, como nas línguas estrangeiras acontece. Olhai-me esses Italianos, e esses Ingleses com versos sem consoantes, com frequentes inversões de toda a espécie, multiplicadas elipses; que já vos estiram, que já vos agorentam as palavras, segundo lho requer a versífica bitola; que vos relaxam a Gramática, e que de estreita e tesa que lhes era para a prosa, a amanhã para a Poesia mui larga e bamba. Entre nós tão rigorosa é para os Poetas, como para os Prosistas, a Gramática; raro lhes é permitida alguma inversão; que por pouco que extraordinária, ou forçada seja, nos dissaboreia incontinentemente: e nunca tinha lido versos, ou os tinha lido ruins, quem nos disse que o carácter da Poesia francesa

consistia na inversão. Assentamos por fim, que aos nossos versos é necessário o consoante, e às nossas Tragédias necessário o verso. Ou que razão aí haja, ou preconceito, o único meio (se tal é) de forrar dessa escravidão os nossos Vates, seria o de comporem Tragédias em prosa, e versos sem consoantes; mas versos de tão cabal merecimento, que autorizem licença tal. Até que vejamos esse prodígio, baldados são quantos argumentos pró e contra se fizerem, tanto dos que se imaginam fundados em boa razão, como dos que reclamam pelo uso e costume, ante quem a Razão se cala.

O que tem de acontecer aos versos não rimados ignoro-o eu: mas no caso que eles se estabeleçam, não perco as esperanças, que pelos versos líricos a quem cabe ser cantados, principiem. Quanto lhes são necessários o metro, e a cadência, tanto lhes é menos necessária a rima: que lha faz deslembrar o compassado lento canto; e quasi que lhe destrui o efeito. Afoutar-nos-emos nós a concluir que se pode compor mui boa música sobre prosa francesa, com tanto que essa prosa tenha boa cadência, boa harmonia? Acuda-nos Deus aos gritos, que atroassem ao mal estreado, que a tal novidade se atrevesse! Parece-me que estou ouvindo a Paulina, que de todos os lados pronunciada lhe vem; e mais refinada ainda pelos entendedores, com alcunha de *Gente apurada no avaliar* (por antonomásia os *apurados*) que nada compõem, e que de tudo, a esmo, sentenciam; e que em tudo o que dá gosto, punem pelo uso inveterado. Infelizmente, que esses apurados, mais rijos declamadores contra o que novamente propomos, não dão fé que todos os dias ouvem semi-bárbara prosa Latina, no Concerto espiritual, e que os seus delicados ouvidos se não dão por arranhados.

Como quer que aconteça, quanto menos adoçarmos o rigor das nossas leis poéticas, maior glória redundará a quem as vença. Francamente lhes asseguro, que com maior merecimento se depara em dez versos Franceses bons, que em trinta versos Italianos, ou Ingleses. E ora esses que a Natureza impele, e como que força a poetizar, têm de nos comprazer, em despeito de quantos grillhões lhes pomos. Queixem-se embora os mais, que ainda quando os aliviássemos de tais peias, não dariam melhores passadas.

Resfriamos com a idade acerca de versos, não porque desprezemos a Poesia, mas porque mais perfeição lhe desejamos; mas outrossim porque não aturamos medíocre, depois que pelas reflexões

sentimos, e pela experiência conhecemos, quanta distância corre entre o medíocre, e o excelente. Cotejo é este, em que avanços granjeia o excelente: quanto os medíocres nos enfadam, tanto os que o verdadeiro talento produz, nos dão agrado. Quem muito perde nesse resfriamento, são os versos baldos de ingenho; pequena perda!

## REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA E OS DIFERENTES MODOS DE ESCREVÊ-LA

Nasce desse mesmo motivo, que, reconhecido o quanto merece imaginosa (como lhe chamam os Italianos) dado que, quando moços, nos abale com a novidade o ânimo, e a toda e qualquer outra a preferamos; damos, em nossos anos avançados, a primazia a versos q u e exprimem paixões da alma, ou cadenciam nobremente úteis verdades. O Poeta que pinta dá versos para infantes; quando o Poeta filósofo os dá para homens feitos.

Esta a razão, porque sem fazer resenha de quantos possuímos grandes Poetas, agradarão sempre em toda a quadra da vida, e em todo o tempo, Racine, e La Fontaine. Um para o coração poetizou, e para o espírito e para a razão o outro. E mormente o La Fontaine, que mal apelidam Poeta dos infantes (que pouco o compreendem) tem maior jus a ser o Poeta, que ainda mais que a Racine os Velhos amam. Entre muitos motivos, que acarretar pudera, e com que fácil se depara, darei o seguinte que, ao juízo submeto dos Mestres, que me escutam.

Requer o Espírito, que sempre o Poeta agrade; e nada menos, quer repousos; e esses repousos acha-os ele em La Fontaine, que com o seu mesmo desleixamento encanta, e tanto mais, que assim lhe pedia o assunto. Em Racine, pelo contrário, fora defeito a negligência: e todavia a apurada elegância desse Poeta, por uniforme, e continuada,

cansa o Leitor, por fim; como lhe chama certo discreto: monotonia da perfeição.

Por esse mesmo motivo, se pode (se eu não me engano) explicar o como é quasi geralmente impossível, e compridos poemas, dum tiro, e sem enfadamento. Com efeito, compete às longas Obras assemelham-se à Conversação, que para ser agradável e não cansada, há-de ter lances de animada e viva: e ora num assunto, que nobre seja, desleixai um tanto os versos; ei-los que descontentam: continuai neles a perfeição, e essa mesma perfeição embota o nosso prazer.

Postos estes princípios, e ouvido o que geralmente depõem os Literatos, que admirador tão porfiado há hi de Homero, ou de Virgílio, que sem quebra, e sem fastio, leve a leitura ao fim? Verdade é que além do metro, outra causa ali produz o nosso resfriamento; e essa vem do pouco que nesses compridos poemas interessamos. Diga-o a impossibilidade de os lermos nas traduções. Um só Épico (perdoe Boileau) nos interessa; esse é o Tasso; que tem o grande defeito de ser muitos séculos mais moderno do que Homero, e que Virgílio. Talvez que tenhamos Poema Épico, que sem cansaço, e sem enojo se leia dum tiro: mas tem o Autor maior defeito ainda que o Tasso, que é ser francês, e viver ainda.





A Obra, que mereceu o prémio, e os fragmentos de outras, que aqui se ouviram, escaparam ao naufrágio que sorveu quasi sessenta Odes, que a Academia com dó viu subvertidas, sem lhes poder acudir. Nunca, à força de ser tão comum a Poesia, se viu ela tão rara; tomando essa palavra em quantos sentidos ela logra. Em todo o género de talentos é numeroso o vulgacho; e é desgraça que se não possa dizer nas Belas Artes como nos Estados, que quem lhes dá a força é o Povo. Custa hoje pouco dar-se por Versejador, por Literato, e até por Filósofo: e queixam-se depois que o que pouco custou, se avalie pelo que ele vale?

Ouviram os Poetas dizer, que cabe entrar em tudo a Filosofia, e que abanava o Povo ouvidos, e se dava por cansado de palavras, e requeria cousas. «Se disse pende (disseram os Poetas), de Filosofia abarrotaremos os versos.» Mas a Filosofia, que dá méritos ao Poeta, não é a que em rasgões se arranca dalguns livros; é a que dá a sentir, e pensar; e que se a não encontra em si mesmo o Vate, em nenhuma parte dará com ela. Seja-nos Lucrécio guapo exemplo do que digo. Quando é que ele nos é sublime? É-o ele, quando em fracos versos nos desmiúda a fraca Filosofia do seu tempo? Quando se vai arrastando pelas pegadas dos outros? Oh que não! E sim sublime, quando de sua colheita sente, e pensa; quando do que sente, do que pensa tira as cores com que pinta; quando não é o estudante de Epicuro.

Receio, que à força de a apregoarem tanto, não danem à Filosofia os nossos Sábios: se respeitada a querem, oh não a prostituam! oh não lhe dêem feições, que a desfeiem. Se a encarceram, desfranqueada, e em versos duros ou aprosados, farão que seus inimigos, sempre à mira de lhe descobrir senões, gritem contentes: «*Ei-lo vai, que de Poeta, se meteu a Filósofo.*» Quando dizer deveram: «*Ei-lo o Filósofo que se meteu a Poeta, sem cabedal para o ser.*» Sentir deveram, e deveram reconhecer, (por não citar outros exemplos) que preço a Filosofia acresce à brilhante versificação do mais célebre Escritor que possuímos. Mas esses meus Senhores não gabam senão Poetas mortos ou Poetas vivos, que a Morte põe no rol dos defuntos.

De seu lado o Filósofo, dado que o acusem de sê-lo, bem avisa, que não basta sentir, e pensar, (mormente em verso) se ao que ele sente, se ao que ele pensa, lhe não mete alma a expressão: e esta quer ser extremada, bem que natural, harmoniosa, bem que fácil. Duras leis, que impostas são a quem se dá por vate! e mais dura ainda a Lei que veda dar senhas do que lhe custou o a elas submeter-se. Rigoroso a r r e s t o ! E difíceis os Juízes que não correm a carreira métrica! Mas também não a corra, quem forças para tanto em si não sente. Poeta cabal sobrepuja todo e qualquer outro Escritor: mas quem tão alto se levanta, bem é que lhe custe.

E ora cabe que indulgentes sejamos com os que atingem esse grau supremo. Perdoem-se-lhe a esse Vate, leves, e quasi imperceptíveis senões, expressões tanto ou quanto mal assentes, mal francas frases, palavras, e versos (talvez) de encher. Que todos nós tomamos cadeira de Juiz acerca de versos, com tanto que não sejam nossos. Ora um Poeta, queremos nós, que com grilhões aos pés ande desempenado e airoso: consintamos-lhe, que tal qual vez vacile e vergue. Admirá-lo-emos nós menos par tal? Por certo não. E qual é o Autor, que ou já por perguiça, ou já porque não pode, não depara mil vezes, com defeitos, com certas leves nódoas, que ele guarda em seu segredo, confiado em que elas se esconderão dos mais? Condene-se cada um a não escrever cousa de que não for inteiramente satisfeito, e aposto que tal haja que hoje escreve tomos, não escrevera uma página em toda a vida. Quem há hi, que, com razão, não admire a Eneida? E Virgílio mandava-a queimar!

De quantos poemetos há, o mais abrolhado de escolher é a Ode. Requer-se-lhe Estro: e o Estro feito à unha é frio. Querem-lhe estilo elevado: c esse elevado roça pelo estilo inchado. Digo ainda: querem Estro, e com o Estro Cordura; que é querer quasi dous opostos.

Dá, na sua Poética Boileau preceitos para a Ode; mas na sua de Namur não dá o exemplo. Pertendeu La Motte que o guapo extravio da Ode é, pelo contrário, o esmero da Lógica, e da Razão: alegação a favor das Odes didácticas, que ele aconsentou. Que arma cada um regras, segundo o que sente; ou (melhor) segundo o que pode. E para quê tantas regras? Correm as Belas Artes o mesmo trilho que as Ciências. Quereis que nos inteiremos duma Máquina? Não deis a



descrição dela: mostrai a Máquina mesma, e compreendê-la-emos. Quereis saber o que é Ode? Lêde-me as mais nomeadas; e dai-nos depois quantas regras quizerdes. Uma só regra conhecem os atilados: — Fora, tudo o que é frio, ou enfastioso. Sonoro ouvido, ouvido sensitivo, feliz audácia na expressão, e com bom gosto extremada, animadas as ideias sobre tudo; e temos um Poeta Lírico. Que tanto basta, e toda a mais Lei se escusa.

Escusemos Definições, Dissertações, Legislações de todo o lote, e só estudemos modelos. Queixais-vos, que não há gran cópia deles nos nossos Poetas? Lá está o que nós pusemos no primeiro assento; e esse é superior na harmonia, e na escolha dos termos de que usa. Há todavia Juízes que de severos quereriam que houvesse nele mor abastança de pensamentos; e que não fosse tão escasso nele o sensitivo. Citam-no; mas louvam-no mais ainda do que o citam. Versos, que facilmente memoramos, com agrado, são aqueles que outro merecimento gozam, além de harmonioso arrançamento das palavras. Um certo tino confusamente nos adverte, que se não exprimam com lidadas expressões, pensamentos que em prosa vulgares fossem, se lhes despimos a poética roupagem. Assenta-se que toda a Poesia perde na tradução; mas a que menos perde, é, em todo o caso, a de maior valia. Não sei se concordarão comigo os Poetas; mas verdadeiro, ou não que seja este meu asserto, recuso-os eu, pelo interesse que eles em negá-lo têm.

Não, que a Poesia, e ainda mais a Lírica, não suba de preço, enriquecida com a harmonia das palavras, à qual pareciam os Antigos ser principalmente affectos. Horácio, que o entendia bem, fala de Píndaro, com entusiasmo; mas, (a sermos nos de boa fé) nas traduções que de Píndaro temos, não nos arrebatava a admiração. Quem pois lhe

-----

(1) Entre os muitos Compêndios Cronológicos, (excelentes a maior parte deles) de que, há anos, nos têm abastado, distingue-se principalmente o Compêndio Cronológico da História de Alemanha composto por Pfeffer em 12.<sup>o</sup>. Parece que os que bem o entendem, fazem desse Compêndio a mais alta estima, considerando-o como cifrada nele, não só a História de Alemanha, mas ainda a do Direito público dessa nação.

(2) Varillas.

(3) L'abbé Prévost.

granjeou tantos elogios? Por certo que lhos granjeou o ter ele levado ao mais alto grau, o mérito da expressão, e da cadência, cujo efeito havia de ser grandíssimo numa língua tão abastada e música, qual era a Grega, quão minguada em nós como morta que ela é, que a não sabemos pronunciar, e que a entendemos mal.

E esse mesmo Horácio, tão panegirista de Píndaro, com quem se não afouta a ombrear, nos agrada mais do que ele: porque, com efeito, de pensamentos, mais fartura há em Horácio, do que em Píndaro, mais finura no modo de sentir, e o seu poetar mais variado e natural. E ora somos nós seguros de possuir o afinado toque das belezas que Horácio em si contém? Quem nos abona, que tal verso que encanta, que tal outro que nos resfria, contrário efeito não fazia nos Romanos? Ora à vista de tal desunhemo-nos a compor Odes latinas! Lembro-me que, há anos, li Odes francesas compostas por um Italiano de muito saber; nobres lhe achei as ideias, correcta e fácil a Poesia, e as Odes eram más. E dizia eu entre mim: a ser morta a língua francesa pareceriam excelentes as tais Odes. Quem cabal fora, em anotar-lhe o fraco da expressão? Em matéria de língua há uma infinidade de finuras imperceptíveis e fugaces, que atilado tem de ser quem atine co'elas; e grão contraste quem lhe avalie o preço. Permitam-me uma reflexão que me pula do que estou tratando. Demos, que um dia se não fale mais a língua francesa: lá têm de pôr os nossos Netos, entre os grandes Poetas a João La Fontaine, inteirados do caso infinito que dele fazemos; e que não desmentirão de seus maiores. Mas desentranharão eles as inimitáveis graças, o fácil, o singelo, e ainda o desleixo, com que esse Autor encanta? Muito há hi que duvidar: em fé nossa tem de assentar gran parte de sua admiração; frouxos as sentirão, e a esmo as hão-de aplaudir.

Tornemos à Ode. Parece que o Público por já lasso, ou por anejo se descontenta de Odes, e a tal extremo, que vacilou a Academia, se deixando aos Poetas a escolha do assunto, lha deixaria também da Ode, do Poema, ou da Epístola. Mas pôs mira, que se já notava em seu trono, a Ode, não lhe cabia à Academia francesa, do trono derribá-la:

---

(1) Que tanto não honra o Ídolo, que antes avilta o culto rendido.

antes era pundonor seu acorçoar um género de Poesia que não merece morrer na escuridade. Nem de tal se arrependeu: que à vista dos aplausos que o Público deu agora à Ode que ouviu, medram as esperanças, e os refúgios que ainda restam.

A valia de que descaiu a Ode granjeou-a a Epístola; nela acham mais largas os Poetas; dão mais passe, na Epístola a um verso frouxo, do que o dão na Ode. Além de que, a Ode traz ufania, e ufancias estramunham esta Era nossa; e nada menos, devera tratá-las com mais escusa, vista a abundância que em todo o género entre nós lavra. Como quer que seja, surte melhor a Epístola: insinua-se com modéstia, e sem aparato; e essa Filosofia, que de grado ou de força, em tudo se entremete, ali depara assento cómodo, e franco, e lá toma o tom que lhe contenta. Não nos agrada mais Horácio, nas Epístolas, que nas O d e s ? E quanto maior mérito não há nestas, quanto mais fogo, mais harmonia, mais variedade, mais dificuldade vencida? Mas entra mais em nossa alçada o merecimento da Epístola, é mais maneiro, menos aferrado à língua original, mais descaí e se conchega com a que falamos. Quando este paralelo faço, bem longe estou de agorentar a justa admiração que a tal Poeta é tão devida; Poeta, que, entre todos os antigos, coadunou em si, e em mui subido grau, mor surtimento de méritos, juízo, sublimidade, delicadeza, afeito, jocosidade, calor, gala chiste, bom gosto, e Filosofia. E todavia (ele no-lo diz) teve Censores, e Censores que teriam talvez razão. Imaginamos nós que a não teve, às vezes, contra Homero, Zoilo? Belezas porém, superiores num Autor lançam em des-memória as Críticas mais justas. E essa a razão (digamo-lo de passagem) porque desapareceram os Aristarcos e os Zoilos. Bela consolação para os que lhes sucederam?

Com o mesmo Horácio tenho de confessar que se nas opiniões acerca dos Antigos se pode permitir algum excesso, maior desculpa cabe à liberdade que pensa, que à superstição que adora. Felizmente que são passadas essas Eras de teológicas heresias: Eras tempestuosas, aviltadoras do género humano! Mais pacíficas são, e menos perigosas as heresias literárias: e quem me diz, que nessas matérias frívolas, desamparadas à nossa discussão, não venha a ser, pelo lapso dos tempos respeitável verdade, o que hoje passa por heresia escandalosa? Porque porém assim não venha a acontecer, releva, que os Inovadores

Literários evitem dou escolhos, em que de ordinário topam. 1.º Dar-se a sobreexceder os Antigos, cujas manchas descobriram. Que vai muito do bom gosto, que discreto analisa, ao Ingenho, que inflamado procreia. Não foi o maior desmancho de La Motte, o haver censurado a *Ilíada*; foi o de compor uma. 2.º Os Literatos que são Filósofos se esquecerem às vezes, de que a Verdade, quando ela contradiz a opinião corrente, cabe ser com muita reserva anunciada, evitando assim que a ponham de porta em fora. Já para ela ser mal recebida, lhe sobra, o vir de novo. Que se não destroem preconceitos (quaisquer que sejam) com abalroá-los fronte a fronte. Venha o Sol alumiar de súbito moradores duma escura caverna; vibre-lhes impetuosos raios, nos despercebidos olhos, ei-los para sempre cegos. Peior! ei-los que para sempre amaldiçoarão a luz do dia, a qual tem só de conhecer, pelo mal que lhes ela causou. Para se dar a sentir, e a querer, deve a Luz vir graduada, e medida; e assim adiantando-se a passos insensíveis, se dar a apetecer mais avultada.





DIZ um Antigo: *sempre a História agrada, de qualquer modo, que a componham.* Proposição é esta, que talvez que verdadeira não seja, dado que um Antigo a proferisse, e que trinta ecos modernos (como é de uso) a repetissem. Sem dúvida que Leitores há que nada são

## APOLOGIA DO ESTUDO

difíceis, nem acerca do conteúdo, nem do estilo da História; e cuja alma não enérgica e resfriada, mais obnoxia à desocupação que ao enojo, nem pede que a removam, nem que a instruem; sobra que de modo a ocupem, que ela desfrute em paz o gosto de que existe: ou (por assim dizer) que ela sem o sentir despenda essa existência. Apascentam-se almas tais no saber o que antes delas sucedeu; como a porção ociosa do Povo se apascenta no que acontece em torno dela. Leitores ordinários se ocupam em ler a História por curiosidade, e não mais; essa leitura lhes emprega a vida nem desgosto nem cansaço; e como tal, os livra do incómodo de existir, e lhes não requer o incómodo de pensar. Falsa que seja, ou que seja verdadeira, com tanto que seja História, que ela seja bem ou mal escrita, nela depara com pasto natural essa multidão, que falta de posses para meditar acontecimentos, muito presunçosa para reduzir-se a vegetar, tem todavia a felicidade de folgar de ler. Dêem-lhe História do lote que quiserem, e ei-los pagos. É História! ergo agrada. Os leitores que pensam, mais perluxos, e menos sôfregos são.

Filósofos há de tão má condição, que de ciência de História desdenham absolutamente; nem que suas Metafísicas, e seus sistemas, lhes ensinassem de ordinário a eles, ou a nós cousa melhor. A Mallebranche, quanto era mero histórico não lhe entrava de leitura, com medo, que essa occupação (no seu sentir) estéril e vácuca, lhe não

furtasse alguns instantes às suas profundas meditações, que lhe granjearam persuadir--lhe que em Deus via tudo, e que havia pequenos vórtices. Assentemos que, em muitos que se dão por Filósofos mais é a Filosofia amor de seus próprios pensamentos, que *amor da sabedoria*.

De que serve (dizia um Foão que se dava por pensar melhor que os outros, porque os outros pensavam diversos dele) de que serve atravancarmo-nos com os destemperos, que antepassados fizeram, ou já disseram? Temos de sobra, nos que vemos, e nos que ouvimos, grave ocupação de Historiadores, açodados em os recopilar, e mui cabais para os louvores, que lhes dão.

Dizeis-me vós, que a História ensina a conhecer os Homens? Melhor, e em menos tempo mo ensinaram alguns instantes que tratei com eles. E ora o desastre de os conhecer por experiência, não convida a coadunar-lhes alguns tristes e livianos graus de perfeição, pelo meio da leitura. Estou em que os Homens, em todas as Eras foram, como hoje o são, fracos, velhacos, e maus, uns pelos outros burlados, e burlões; não preciso abrir livros para o ter por seguro. A Experiência me tem afigurado o Mundo como um bosque infestado de salteadores; e que tal foi sempre m'ó confirma a História. Não o tendes por mui guapa doutrina? e que muito vos consola?

Dizia mais esse azedo Crítico. Serei eu tão louco que dê crédito ao que antes de mim aconteceu? Quando Ignorância, Estupidez, Paixões, Superstição, Ódio, ou Lisonja são os óculos afumeados por onde os Homens quasi todos avistam os acontecimentos! Quantos casos que ante os olhos nos passaram não os cobriram densas trevas, que ainda engrossando vão, à medida que são mais importantes, e que são mais interessados os Homens em alterá-los; ide agora atinar co'a Verdade nos factos, que não presenciasteis! Vivente, e contínua censura da História antiga nos é hoje a moderna. Descarto-me desse pueril estudo. Deus, Natureza, Eu, objectos sejam, que dignamente me ocupem enquanto viva: a História dos Céus, a dum Insecto, a prezo eu mais que quantos há hi Anais de Gregos, ou Romanos.

Se, ao menos (continuava esse praguento) apontando-me em miúdo as extravagâncias, e a ruindade dos Homens, me desse a História conta cabal do que eles bom, e proveitoso perfizeram! se nela eu acertasse com o progresso das humanas luzes, com os graus, pelos quais



as Ciências, e as Artes se aperfeiçoaram! Actos nulos. Esse lança de História, único lança que interessa, lança unicamente digno da curiosidade dum sábio; esse é o único lança, que os Compiladores de factos deixaram no cadoz. Indefessos pregoeiros do que deles se não requer, parece que se mancomunaram em sonegar o que pertendíamos saber.

Enquanto se dilaniavam os Abutres, nos fiavam silenciosos com que nos vestirmos ricamente, úteis bichinhos. Assemelham-se esses Compiladores a certos Naturalistas que mui contentes, e mui miúdos descrevessem os combates das Aranhas, e o como elas umas a outras se devoram; e nos escondessem a indústria com que fabricam as suas teias.

Demo-nos pressa a que este Diógenes se cale. Que como há tal qual verdade no que ele declama, (verdade dura e desmesurada!) não venha ela ainda assoberbar a desgraçada Filosofia. Tentemos justificá-la, opondo ao tal Cínico o sisudo e comedido Filósofo, que lê a História, para se assegurar que as gerações que passaram nada têm que exprobrar a esta que vai correndo; e que assim lendo, vai desculpando o seu século, e consolando a vida com o espectáculo de tantos infelizes illustres e respeitáveis, que o antecederam: que vai rastreando pelos Anais do Mundo, os preciosos traços (bem que mal sinalados, e de raro em raro) dos forcejos do espírito humano; e os mais altamente impressos traços do empenho com que em todo o tempo se desvelaram em abafá-los; que olha, mas sem se demover, qual sorte foi a dos seus predecessores, que é a que lhe tem de vir, se destemido como eles, e como eles bem sucedido, acrescer no edificio da Razão algumas projectícias pedras, por dita sua, ou por desdita. Repete-lhe a cada instante a História o que os do México inculcavam aos Filhos, desde lhes eram nascidos: — Lembre-te, que para padecer vieste ao Mundo: padece, e cala-te. — Eis o teor, com que a História instrui, consola e dá coragem. No que dela aprende, lhe perdoa o Filósofo o que nela é incerto (condão de humanas luzes!); e a escuridão do Mundo físico o consola da escuridão do Mundo moral. E porquanto logo as esquece, sobejidões lhe releva; ou porque melhor o diga, nem forças põe em despedir da memória factos, que por si mesmos, nada o interessam na leitura; factos, que pela convenção dos Homens entram no fio da História, como no fio da Conversação

entram certas frases: numa palavra, como uma dessas inutilidades tão necessárias, que enchem os imensos, e crebros vácuos da sociedade.

Pelo que, em vez de desdenhá-la o Filósofo, a ele é unicamente útil a História. Classe há todavia a quem ela é ainda mais útil; a mal afortunada Classe dos respeitáveis Príncipes. Não os ofendo, quando assim falo. Ditou-me esse *mal afortunada* o interesse, que a todo o Cidadão inspira a inevitável desgraça a que eles andam sujeitos, de não ver Homens sem máscara; Homens que tanto lhes é importante conhecê-los. E a História é quem, como em pintura lhos amostra; e o retrato dos Pais lhes é lição para desconfiar dos Filhos.

Fica pois sendo benfeitor dos Príncipes, e por conseguinte dos Povos que eles governam, aquele Historiador, que nunca desvia os olhos do respeito que à História é tão devido. Escusado era o dizê-lo. Nunca a Verdade se altere, e rara vez se cale. Arguiam a Fleury (mui judicioso Historiador) que referira na sua História Eclesiástica factos desedificativos, de que incrédulos abusar pudessem, *v.g.* as vexações, que com a máscara da Religião (que as desabona) cometeu o Fanatismo; e o abuso, principalmente, que vezes, foi feito da potência espiritual para tumultuar os Povos contra seus legítimos soberanos. Com tanta candura, como Filosofia, respondia ele: «Não se poderia uma Verdade opô-la a outra Verdade. Mais que muito infelizmente são verdadeiros esses factos; o que porém não tira ser verdadeira a Religião.» E ora (podia ele acrescentar): tanto mais a abonam tal, que resistiu ela à causa interna de destruição, mais para lhe dar susto, que os tiranos que a perseguiram; resistiu ao zelo ignorante, usurpador, e cego; e aquela que seus cruéis inimigos não puderam desbaratar, estiveram a pique de afundá-la seus perigosos amigos.

Mas que teor se manifesta ao Historiador, com que, sem se aviltar, sem se empecer, diga a verdade, e não ofenda? e se não envergonhe, calando-a, quando útil fora o dizê-la? A resposta (e talvez única) a semelhante questão, libra, em que assente o Historiador, se não quer que o convençam, ou que, ao menos, o suspeitem de faltar à Verdade, não dar nunca a público a História do seu tempo; como nunca um Escritor de Diário, falar deve dos Livros contrerrâneos, por se não pôr a risco de se desabonar nos Elogios, ou nas Sátiras que deles faça. O Literato que tem prudência e saber, respeita como deve os que pelo poder, ou pelo valimento que têm, lhes fica azo de fazer muito bem, ou

muito mal aos outros Homens; sem neles falar, os vai julgando e avaliando pelo que eles são, e sem lisonja nem fel os vai cometendo com seus vícios, ou com suas virtudes a um registro, que há-de conservar para os vindouros que têm de os sentenciar segundo eles obraram. O Soberano, que subindo ao trono, proibisse, (pondo mordaza à lisonja) que lhe escrevessem, enquanto vivo, os Anais de suas acções, se daria, com essa proibição, lúcida auréola de glória; não temendo quanto se afoutasse a Verdade a lho dizer, ou a dizê-lo aos Povos. Antes a Verdade que lhe dera as luzes, lhe daria depois os merecidos elogios. Não leria o Soberano a História de suas acções, mas desfrutaria os avanços dela. Porque não acolhem os Literatos essa boa opinião, e não supõem feita pelos Príncipes essa proibição? e porque não se animam a lhe obedecer, como se lhes fora ela promulgada? Confessar-se-lhes-iam devedores os Soberanos, e os seus Povos, e ainda a História mesma.

A estas reflexões sobre a História, em geral, digamos pouco acerca dos diferentes modos de escrevê-la. A dos Epítomes Cronológicos tenho-a eu pela mais apta para quem quer escrever a História (sc. a Verdade). Neles cifra na resulta geral dos factos, quanto há na História de incontestável, suprimindo particularidades que de ordinário alteradas manda o Engano, ou as Paixões dos Homens. Desta espécie temos, dalguns anos a esta parte, grão número de resumos, à testa dos quais poremos o Compêndio Cronológico da História de França, pelo seu merecimento de ter ele sido o modelo dos mais; e pelo muito recomendável que é, não só pela elegante e nítida forma que o Autor lhe deu, mas também pelo rastreio exacto, pelas reflexões, e delicados alcances nele esparços, e mui principalmente, pela bem cavada exposição (dado que aparentemente sucinta) dos princípios, e dos progressos da nossa legislação. <sup>(1)</sup>

Neste método tão acertado de apresentar os factos, deveram limitar-se os Historiadores, a contentarem-se os Homens de siso com os réditos da instrução: mas ei-la a inquieta Curiosidade, que pede particulares circunstâncias, e que encontra mais que muito com penas que mui presto se aparam para a servir, e para a enganar.

Houve no século passado, Historiador <sup>(2)</sup> tido e havido por mentiroso, a quem se representou, que alterara a verdade, na relação d

certo acontecimento: «*É factível (respondeu ele); e que faz isso? Não vale ele melhor, pelo modo com que o eu contei?*» Tendo outro <sup>(3)</sup> de narrar certo sítio famoso, e chegando mui tarde as Memórias que esperava, continuou a narrar o sítio, metade, quasi segundo o que sabia ter acontecido, e relatou a outra ametade ao capricho da sua imaginação. Chegam notícias autênticas, e essas diferem do que ele tinha narrado: «Embora (disse), não mudo o que escrevi.» Fiai-vos lá nas Histórias contempo-râneas!

Tantos Príncipes, cujo carácter, mui foutamente nos descrevem Historiadores, nem que eles fossem Palacianos seus, e cuja política nos devolvem, nem que eles íntimos fossem do seu Concelho... como (digo eu) se cá tornassem ao Mundo, estalariam de riso, tantos Príncipes, lendo os retratos que deles fazem e as concepções de que esses Autores lhes fazem mimo? Na paz de Utrecht debatiam mui acesos os Políticos de Inglaterra, se razão tinha ou não à Rainha Ana de contribuir para essa Paz: e ora nessa mesma Quadra fazia dissertação sobre dissertação um Lente de Cambridge para provar se fizera bem ou mal certo Imperador Grego (varreu-se-me da memória qual) em concluir Paz c'os Búlgaros.

Tributo eu rendimentos, e até mesmo orço pela superstição <sup>(1)</sup> no culto de estima, e ainda de admiração que aos Autores antigos dou: mas não me impede todo esse culto de os não suspeitar bem vezes, que mais como Oradores, que como Filósofos, nos escreveram a História. Essas Falas, com que a cada passo deparamos em seus Escritos, e que muito se agastariam eles, que as atribuísemos nós aos sujeitos em cuja boca eles as põem... Essas falas (digo), de mui eloquentes que são, ou antes por isso mesmo que são obra prima de Eloquência, trazem profundos rasgos de que mais endereçava a Imaginação a pena, que a narrativa dos sucessos. Essa ânsia de sirzir Falas no tecido dos acontecimentos, ânsia tão geral e tão embaidora nos Historiadores da anti-guidade, subjugou (bem que mais frouxamente), a esse que a todos escureceu no conhecimento dos Homens; a esse que com mais vivas cores retratou o Vício e a Virtude, a Tirania e a Liberdade (do cordato, do eloquente Tácito aqui falo) cuja História pouco, embora, perderia, em a considerarmos como a primeira, e a mais verídica das Novelas filosóficas. Hoje (digamo-lo ao claro) mandaríamos às amplificações de Colégio o Historiador que recheasse de Falas as suas

Obras. Todavia tal adorador há hi desses Antigos, que esquivando-se mui bem de escrever a História à maneira antiga, não se nega a repetir-nos que são eles sempre em todo o género os modelos nossos: tratando assim os grandes Ingenhos da antiguidade, como essa antiguidade tratava os Numes seus; pródigos no incenso, e precavidos na imitação. Louvores de sobra, e dissimilhação, quanta possível; que é ter, à uma, a doce satisfação de dizer mal do seu século, e a tão quadrada prudência de lhe carear os votos.

A Filosofia, (empreguemos antes outra voz que a ninguém assuste) a Razão nos têm ensinado que mais simples, e menos oratório compete seja o tom que a História levantar deve. Mas, eis que salvando dum mal, nos lança noutro, sem o querer. Fará que empunhe a pena infindo Autor medíocre, e que sôfrego se abalance a esse teor de escrita, em que, sem meter muito de seu cabedal, e tirando quasi tudo de Celeiro alheio, se estende a larga sementeira. Escrevem História, como muita gente a lê; escusam meditar, e a pouco custo, ei-los Autores.

Outra maneira existe de apresentar a História, e que é por certo menos austera que a dos Compêndios Cronológicos, e que consente ao Autor não só mais liberdade, mas ainda licença. Compendiar a História Universal sem particularizar factos; dar unicamente deles, um resumo geral que interesse por meio de entressachadas reflexões, cifrando em Quadros, e com finas cores os sucessos, dando a muitas figuradas personagens pequeno talhe, mas vivacidade grande.

Feliz o Historiador que neste género de escritura, (donoso, mas arriscado género) se enquanto a Eloquência lhe deu alma à pena, a Filosofia lha foi guiando! se os acontecimentos não tomam a cor que tinge privativa a judicaria do Autor, (monótona, então, e falsa cor!) se por dar brilho ao Quadro, não é infiel ao successo, nem pelo abastar confuso, nem pelo acelerar cansado!

E ora, que os Antigos se receiassem de escolhos tais, ou que nem à ideia vindos lhes fossem, modelo algum nos não deixaram desse género. Mais atrevida, e mais afortunada a França dous modelos nos deu, superior cada um no seu modo de pintar; este pelos rasgos enérgicos e másculos, aquele pelo colorido brilhante e denodado. Ambos colheram a índole genuína das duas opostas maneiras: ambos



não compete que lhes faleça, quando o Autor das Memórias foi nelas actor, ou testemunha; e que não as publicou ele em sua vida, nem foram compostas as Cartas, para se darem ao Público. Mal vai às Cartas não endereçadas a alguém, e que só impressas lidas são. Exceptuemos todavia alguns Romances Ingleses carteados, em que revê, que não cuidava o Autor que teria Leitores: mas temos de convir também de sua suma des-lembrança; e que à força de as armar parecidas co'a verdade, pelo individuado, e pelas digressões, descambaram-lhe no insuportável. Bom é imitar a Natureza; mas que nunca convide enfadamento.

Arriscando-me a aparar espevitados motejos dos que refugam quanto dessemelha do que eles sabem, afoutar-me-ei eu a propor aqui um método de ensinar a História em que já noutro lugar toquei um tanto, e que, a meu parecer, teria muitas ventagens. Fora este o de a ensinar as vexas, começando pelas eras mais próximas de nós, e acabando pelas mais remotas. O esmiudado dos factos, e o volumoso deles iria desmedrando à medida que eles se alongassem, e que por conseguinte interessassem menos. Utilíssima essa Obra fora, mormente para infantes cuja memória não seria, desde o intróito, assoberbada com factos, e com nomes bárbaros, nem ante-desgostada acerca dos que mais lhes releva de saber. Nem aprenderiam os nomes de Dagoberto, e de Quilpérico, antes que os do quarto Henrique, e de Luís XIV.

Qual será a razão de limitarmos o estudo da História a ser para os infantes mero exercício da memória? Porque se não faz um óptimo Catecismo de moral, dando-lhes, num mesmo livro, e nele adunando-lhes ante os olhos, as acções, e ditos memoráveis? Melhor que nós entenderam os Antigos a utilidade de simillhantes Obras. Haja vista a Plutarco e a Xenofonte, entre os Gregos, e a Valério Máximo, entre os Latinos. Verdade é que recopilação tal, alma e bom gosto requer para a escolha que compete fazer; e que não se pareça com esse enfeixado de *bons ditos* (obra de parvos!). Muito fora de desejar, que cada estado da sociedade, como *v.g.* Magistrados, Guerreiros, e até Artífices tivessem essas recopilações, e que com cedo as lessem os infantes destinados a essas profissões! Quanta sementeira de Justiça, de Humanidade e Beneficência se não lançaria nessas almas? Muitas vezes ouvi eu Guerreiros lastimarem-se de que se não houvessem

recolhido em Anais, as acções de nossos soldados, e seus heróicos apóftegmas. Quantos se não arrancariam ao Esquecimento, rasgos dignos de admiração! E que emulativo assunto se não propunha para sempre aos Homens, que ao Estado a vida entregam, e que não levam outra esperança mais, que a de deixar após si tal ou qual glória? Desgraça é que os soldados são porção do Povo, e o Povo é contado por escasso objecto.

Por que motivo a República das Letras, tão engenhosa no dilaccar-se a si mesma, tão açodada em publicar seus aviltosos escândalos, não recopila ela antes rasgos de generosidade, de desinteresse, e de ânimo, que lhe carrearão veneração? E por que razão *v.g.* se não manifestaria aos nossos vindouros (cito este facto, porque é o mais recente) que numa Era, em que com pueril sofreguidão se lançam a malquistar a Filosofia, um membro illustre desta Academia, um sábio que em seus escritos, tão amável tem feito essa mesma Filosofia, e à qual tanta honra ele faz, tanta honra a este insigne Congresso, tanta honra à França, foi quem arrancou a família do grande Corneille à penúria, em que ignorada ela jazia? Porque não patentearíamos aos Literatos de todas as Nações, que o mais célebre Literato, alvo contínuo da mais vil e da mais impotente sátira, tal exemplo de patriotismo deu a tantos Homens empecilhados de sua riqueza, que lá no escuro invejosos da superioridade que lhes leva o Ingenho, aplaudem à surdina, às embotadas setas que a ele atiram; triunfo, que eles imaginam, que ninguém lho sabe, porque ninguém lho disturba: eles inimigos encobertos e temerosos do verdadeiro talento, que deles não faz caso, dão-se a patrocinar, na escuridade, a baixa Literatura, que os desestima?

Se estas reflexões acerca da História, as aceitar o Público, com a mesma bondade com que aceitou as que fiz acerca da Poesia; sem dúvida que não descontentarão elas mais, aos bons Historiadores, que as outras não descontentaram aos bons Poetas. Descontentarão sim a míseros Compiladores, que refutarão o que eu não disse, e terão ar de me refutarem mal. Valer-se-ão do recurso de me alcunharem Inovador, e Detractor da venerável Antiguidade, Inimigo do bom gosto; Geómetra enfim, e peor que tudo: que em pontos de invectivas, bem se sabe que não se atira mais longe a sua imaginação. Vós, que furtado tendes o nome de Historiadores e de Poetas, e que com tão pouco inte-



resse, tanto zelo demonstrais, defendei quanto mal poderdes a Poesia,  
e a História: mas nunca vós a componhais.



A mesma advertência que fiz no fim do opúsculo precedente se aplica  
a esta tradução.

*Nota do Revisor.*



PARECE que houve engano no título. Elogio, e não Apologia se intitule a que do Estudo quereis fazer. E advogar causa, que tal não quer. Que há hi mais apto a consolar-nos, a instruir-nos a morigerar-nos, a aditar-nos, que o Estudo? E ir-nos-ão enfiando um ramal de máximas havidas por verdadeiras, pelo que têm de triviais; citar-nos-ão a bela passagem de Cícero sobre a vantagem das Letras, que vem na sua Oração *pro Archia*; passagem que eles crêem que não tem réplica: «Que réplica (dirão) há hi contra o que Cícero disse?»

Tais os ditos serão de quantos não entregaram a vida à cultura das Letras, nem nelas buscam, nelas encontram al que des-fadiga de ânimo, donde não rebente dissabor algum, alguma inveja.

Não corre igual discri-me se o perguntamos aos que abraçaram o estudo por escolha, por desejo de consideração e de estima. Sim, que a esse auge aspiram os Literatos; e quando eles affectam desdenhá-lo, mentem. Digam-nos porém a maior parte deles, que frutos hão colhido de vigílias tais? Da desconsolada resposta que nos derem, alcançaremos que para bem entendermos os descontos encobertos de qualquer profissão, releva conversar com os que a exercitam, e não com os que com ela se divertem.

Muito antes que o dissesse Horácio, tinha dito a experiência que ninguém se dá por ditoso no lugar que tem, mas sim no alheio e a única vantagem (se tal), e que as luzes da ciência dão, é a de não invejar o estado alheio; sem, portanto, se contentar com o seu.

Não imaginemos todavia que a Dita é incompatível com a cultura das letras: que então seria exagerarmos o nosso infortúnio. Porquanto há nesse estado, como em todos os mais, sujeitos privilegiados, que escapam à Lei comum e se lisonjeia cada um, que entrará no rol desses predestinados. Que a não ser assim, parvo fora quem não queimasse os livros; começando pelos que houvesse ele mesmo composto. Mas a mesma Providência que (parece) coadunou à m e d i o c r i d a d e da classe, e da riqueza a Dita, a coadunou igualmente à mediocridade dos talentos, para nos curar (quem sabe?) de ambição em qualquer género que fosse. Essa mediocridade satisfeita e assossegada, que

alimenta e afaga o nosso amor próprio, e que ao de ninguém dá sustos; que sem muita vaidade, nos dá a crer que aí somos alguma cousa, e dá a crer aos outros, sem grande agravo, que nada somos; essa *áurea mediocridade*, (a servir-me da bela expressão de Horácio) faz, que esses que a possuem, logrem dita, obscura sim, mas dita assegurada, e duradoura. Comparemos os talentos medíocres, ao que no Estado chamam Burgueses abastados, sc. Classe de menos inveja, e de mais remanso.

Porção de Literatos é ela, cujas exprobrações anteparar nos cabe. Como eles, em pontos de renome gozam limitados cabedais, bem que suficientes para seu cómodo, e que não haja quem lho alterque, são eles quem, entre outras qualidades, capricham de grande e patriótico zelo acerca da Literatura, em razão de que, nas almas vulgares é o patriotismo a mera sensação do próprio cómodo, e o receio de que lho venham perturbar.

Que mal vos fizeram os Literatos (me dirão esses Zeladores) para os vir dissaborear da sua profissão? Vens tu, digno imitador do Poeta que exortava os Romanos a que afundassem no mar quanta riqueza tinham para conseguirem ser ditosos, aconselhar-nos, que para nos aditarmos queimemos as Livrarias? E que nem à proscricção geral escapem sequer, cinco ou seis Filósofos modernos, e por modernos privilegiados? Nem esperança nos dás que salpicadas as suas Obras pelo cardume da infinidade dos outros Livros, salvarão os mais, como já certo Patriarca pedia perdão para uma Cidade, se nela se deparasse com alguns justos?

Resposta jovial merecem declamações tais. Dás por antagonistas dos Literatos, a quem lastima as penas dos que professam a Literatura? Tu, que tão levemente cobras susto, e me criminas talvez, levantas, sem o saber, a teus melhores amigos, pleito. Se os teus amigos, em algum livro anónimo, acertassem com o seguinte: *Nada saneiam as ciências; não nos doutrinam no teor da vida, mas sim no da disputa: mimo nocivo fez aos Homens quem lhes deu a Razão. Brotaram no Mundo sábios, e extinguiram-se os Homens de bem: logo atribuiriam essa sátira feita ao juízo e aos talentos, a algum declamador moderno, amigo de paradoxos, e de sofismas; e diriam que a Antiguidade, de muita ajuizada que era, não resvalaria nunca em pensamentos tais, e menos ainda*

em dá-los por escrito. E ora se te eu disser que assim o sentiu depois deles Montaigne, e outros em grande cópia? Que concluirás tu de tais virotes vibrados contra as Letras por aqueles mesmos, que mais nelas se entranharam? que mais por elas se ilustraram? que mais encómios noutras passagens lhes deram? Nada. Senão, que como as outras Paixões, a paixão do Estudo tem seus instantes de dissabor e de mau

## OBSERVAÇÕES SOBRE A ARTE DE TRADUZIR <sup>(1)</sup>

génio, como tem, outros de prazer, e de arroubamento: que nessa luta de dissabor, e de delícia, vence por mais valente o prazer; pois que difamando a Literatura, continuam a abraçá-la como se as Musas fossem para os Literatos caprichosas Damas, de quem se dão queixumes, e a quem sempre se torna.

---

(1) Em certa Obra, que eu traduzi, que alguns Curiosos traduzida viram, Obra, que me daria tres-dobrado lucro, do que esta me deu; Obra, que eu transcrevi com mais gosto, e menos trabalho que a presente; ia como Representante de Prólogo (vertida em Português) esta Dissertação de d'Alembert. Infortúnios, que acontecem às Letras, como aos Homens, caíram no manuscrito da Obra, e em quatro ou cinco Cantos dela com que o prelo tinha gemido já; e a Dissertação, e os Cantos impressos, e o Manuscrito foram para sempre vítimas duma inesperada adversidade. Tive intentos de a traduzir de novo; e viria comezinha aqui, para os Alunos Lusitanos que se quisessem dar à ímproba ocupação de verter Poemas ou quaisquer outras Obras estrangeiras; e onde eles achariam luzes e bom acerto: mas a minha muita idade pôs embargos a tão bons intentos: e a deixava a quem a fizesse, e talvez melhor do que eu, a quem trinta e oito anos de ausência da Pátria, e a falta de conversação com Portuguezes, e com os Clás-sicos da nossa língua, tem desfalcado do tal ou qual cabedal, que eu dela possuía. Mas a requerimento dum amigo ma fizeram traduzir de novo. Lá vai tal e quejanda.

Acometeram, nestes últimos tempos, com retórica a causa das Letras, e com lugares comuns a defenderam: quando eu creio que o melhor método de advogar seria analisando-a, e contemplando-a por todas as faces, como ela o merece, com boa Dialéctica. Por gran desgraça cansa-nos a Dialéctica, lugares comuns enjoam, e nada a Retórica prova; meio mui certo de que nunca a questão decidida seja. Fora talvez mais acertado comparar as ciências aos alimentos, que necessários a todo o homem, nem a todos, nem todos no mesmo grau, nem pelo mesmo modo convém a todos. Mas esta verdade, por mui simples que ela é, não dá com que compor um gordo livro.

Como quer que seja, os que desabonaram a cultura das ciências, com um grande mal, provável é que não deixou o seu zelo de dar fruto; e fora desperdiçar palavras, o pregar contra um abuso, que não há hi esperar desarraigá-lo. Em persuasão tal, muito me espanto, que golpe tão mortal imaginassem descarregar nas Letras, como é o de achacar-lhes a depravação dos costumes. Suponhamos que tanto tem essa imputação de mal fundada quanto de injusta. Se com efeito são os Literatos a causa da desordem que lhes imputam, não era para esperar, que eles sofredamente aparariam os dardos que lhe arremessam?

Dar-se-iam eles por sentidos com a pintura do mal, quando esse mesmo mal tão pouco os move? Olhai como eles porfiam a alumiar, e a perverter o género humano! A haver (como eu suponho) um sincero desejo de os converter, com assustá-los, mais poderoso e mais seguro interesse se lhes deparava, no amor próprio, e na vaidade: afigurá-los apostados a correr incessantes após quimeras, e dissabores; amostrar-lhes, a uns o nada desse humano saber; a outros quão fútil, e aos mais o quanto incerto, mormente, por bordadura o Ódio, e a Inveja assanhando-se em perseguir até à sepultura Escritores de renome, honrados quando mortos com exímio louvor, e quando vivos desabonados: Homero, Camões, Milton infelizes e pobres; Tasso morrendo, sem desfrutar a merecida glória; Corneille dissaboreado do teatro e tornando a ele, para por ele se arrastar de dissabores em dissabores; Racine desesperado das críticas; Quinault vítima da sátira; e por fim exprobrando-se eles todos, de que por ganhar fama, perderam as delícias do remanso. Ponde os olhos, Mancebos Literatos, na sorte que vos espera, se com tão grandes Homens vos parecerdes!

Quem, com ler tais novas, não irá fechar quantos livros tem? Assim, se iam meter os Alunos desse hipocôndrico Filósofo, que tanto desabonava o viver, que se desgostavam da vida os seus ouvintes: ele porém guardava para si a valentia de se não matar.

Bem verdade é que nesse Quadro tão temeroso e triste, em que com cores de Eloquência fossem debuxados os infortúnios padecidos pelos Literatos, fora bem tomar sentido (por não desacertar do alvo) em lhe opor os brasões das honras, da estimação, e valia que tantas vezes os Talentos conseguiram. Mas esse é o uso da Eloquência; mostrar sempre de perfil os seus retratos.

À Eloquência bem a admira a Razão, mas não lhe cede; com ela se diverte, mas dela desconfia. Alumiados por essa Razão, justa ainda que fria, tácitos a escutemos. Contemplemos de primeiro, o que é o Estudo em si mesmo, e limitemo-nos neste discurso, em fazer algumas reflexões, meias consoladoras, meias tristes, tanto acerca dos regressos que nas Letras se encontram, quanto acerca dos desgostos, que nelas se experimentam.

Nos Homens é natural a Perguiça: ao que nos arguiram que o Homem é condenado a trabalhar, pela sua destinação primeva; Assemelhemo-lo ao pêndulo: tira-o do descanso alheia força; mas o pêndulo tende sempre a vir ao descanso. Seguindo ainda a mesma comparação digo eu, que arredado uma vez o pêndulo da situação que tinha, a ela mil vezes torna sem parar, até que o moto seu, de lento em lento, pelo roçar contínuo, e pela resistência é destruído, e é nada. Assim o Homem tende sempre ao remanso: bem que agitado por incessantes desejos dele saia, e sempre o busque, lá vem, pouco a pouco, a se gastar por esses mesmos desejos a alma, e pela resistência que encontrou em contentá-los, e por fim chega a lograr tardia descontente tranquilidade. Dous Homens andam no Homem, o Homem da Natureza, e o Homem factício. O primeiro só tem ideia das necessidades físicas, e consiste o seu prazer em contentá-las, e vegetar depois sem incômodo, sem paixões, e sem enojo. Pelo contrário, o Homem factício tem mil necessidades *ex instituto*, e para assim dizer, metafísicas; obra da sociedade, da educação, dos preconceitos, do hábito, e da desigualdade das condições. Se a condição, que entre os do nosso lote possuímos, nos confere alçada de contentar sem lida necessidades físicas e reais, vêm as necessidades metafísicas e factícias

apresentar-se-nos, como pasto necessá-rio aos desejos nossos, e por conseguinte à nossa existência. Ora, de todas essas necessidades imaginárias, mais imperiosas, às vezes, que as necessidades naturais, a mais universal, e a mais urgente é a de dominar sobre os outros, ou já pela dependência que eles de nós tenham, ou pela luz que de nós recebam. E ora cada um igualmente cuida em sair de si mesmo, e dar que apetecer aos outros de se verem no grau em que somos: este aspira às riquezas, aquele às honras, essoutro abalança-se a acertar com mais pura dita na meditação, e no retiro. Pelo que, enquanto a mor parte dos homens a suores e fadigas condenada, inveja o ócio de tantos semelhantes seus e lho deita à Natureza em rosto, andam a esses do ócio dando-lhes tratos as Paixões, ou os definha o Estudo; devora o enfadamento a todos os mais.

Penetremos por esses asilos, que o Filósofo consagrou ao Estudo, e às Reflexões. Se lá na sociedade de seus meditados livros, lhe perguntamos se é feliz, e lhe oferecemos, se é possível algum meio de o ser, dirá ele, como não há muito me disse um sábio de grande celebridade:

«Vês essa Livraria imensa em que assisto. Pois apenas entrei nela, disse comigo, como esse animal faminto lá da Fábula: Que amuadas riquezas, para quem com elas queira ser ditoso, sem depender de alguém! Os mais belos anos da vida aqui os passei a estancar esta vasta coleção; e que colhi dela? Incertezas nos factos da História, trevas em Física, na Moral triviais verdades, ou arriscados paradoxos, e subtilezas vãs na Metafísica. Debalde me perguntareis, depois de trinta anos de estudo, por que razão cai uma pedra, e por que motivo movo a mão, ou porque a faculdade tenho de pensar e de sentir. Se não fossem as luzes superiores à razão, que me serviram muitas vezes, e me consolaram na minha ignorância, nenhum livro me dissera o que sou eu, donde venho, e onde tenho de ir. E, lançado ao Deus-dará, neste Universo, diria, como o disse o Doge de Veneza, vendo-se em Versalhes, a quem lhe perguntava qual de tantas maravilhas o admirava mais: “O que mais me admira, é ver-me eu aqui.” (1)

Enfadado dos livros, que prometem instrução, e que tanto falham no que prometem, dei-me a Obras de mero agrado, onde parece acertar-se com algum recurso. Novo engano! Que, em tão bastos



Oradores não achei senão declamações; na multidão dos Poetas, pensamentos falsos ou vulgares, com forcejo, e aparato proferidos; no cardume das Novelas, o Mundo, e os Homens falsamente retratados. As Paixões, que essas últimas Obras pretendem dar-nos a conhecer, oh quão frias têm de pareceria corações em que Paixões nenhum acesso têm! e ainda mais frias a quem de alguma paixão está inflamado! E que distância, então, entre o que se lê, e o que se sente!

Deu-me no ânimo, (após leitura tão cansada e tão inútil) que havia livros com título de Diários, fadados a recolher quanto há melhor nos outros livros.» Por estes, dizia eu comigo, é que eu devera começar. Ter-me-iam forrado bem dissabores e trabalho. Abro um desses duzentos Diários, que na Europa, cada mês se imprimem; dou nele, com o elogio pomposo de certo livro que eu não conhecia: açodado em o ler, sobre a palavra do Autor do Diário... Oh como me caiu das mãos às primeiras páginas que li! Então, mas por mera curiosidade, quis saber como falavam desse livro tão celebrado e tão pouco digno de o ser, outros Diários: uns louvavam, outros dilaniavam; por má ventura porém, os que lhe faziam justiça, louvavam outras Obras, que eu tinha lido, e que não valiam mais que essa. Pelo que, assentei, que da leitura dos Diários, o que meramente se colhia, era saber que o Diarista era amigo, ou inimigo do Autor que ele diariza: o que não dá sumo proveito.

Dão à Biblioteca de Alexandria o campanudo rótulo de *Tesouro dos remédios da alma*. E esse Tesouro dos remédios da alma, não o considero eu mais opulento, que Farmacopeias vastíssimas, que anunciam remédios para todas as moléstias, e que pouquíssimas curam.

Confessarei, não menos, e com justa razão, que nesses arquivos de frivolidade, de erros, e de enojo, distingi alguns Historiadores Filó-sofos, alguns Físicos que sabem duvidar, Poetas que sentem, e dão a sentir suas imagens, Oradores que coadunam com a Eloquência o bem arrazoado, mas tão acanhado é esse número, tão assoberbado pelo tropel dos outros, que é custoso congregar-me com esta vasta coleção de livros: comparo-a com essas tristes pousadas de

-----  
 (1) O Autor não sabia Português.

mentecaptos, ou de parvos, guardadas por algumas pessoas de tino: que porém não alcançam, por poucas, aformosentar pousadas tais.

Enojado dos pensamentos alheios, quis publicar os meus; e posso-me gabar que lhes recambiei todo o enojo, que me eles deram.

Lancei na História o mui primeiro arrojo, compondo uma em que falava às claras de pessoas muito de temer, porquanto me tinham segurado serem as atrevidas pinceladas, as que davam mais no gosto do Leitor; pinceladas, que me granjearam cruéis inimigos, de quantos elas assinalaram. Escritor me intitularam perigoso, os compreendidos; desatentado os indiferentes; e as críticas vinham com granizo. Em vez do fumo de glória, a que aspirava, pesares e mofas me vieram.

Então disse eu, para me consolar: «Pelo Público em pessoa me verei vingado. Na dramática cena, me apresentarei ante ele, e com suas próprias mãos ma há-de ele coroar.» Escorado nesta confiança embe-bo-me altamente nas regras do Teatro, e componho uma Tragédia. Assobiaram-ma. Componho uma Comédia; — deram-lhe garrote em meio.

Carreiam Filosofia os infortúnios: como volve à sua Dama o jogador que perdeu tudo. Essa Filosofia, que aí dizem, que de tudo nos ressarce me abriu os braços e me ofereceu asilo. Entre apertos de coração, escrevi um longo e desconsolado volume de Moral, no qual me pareceu que a mais pura virtude assoalhei. Veio um parvo assegurar-me que eu ali à Lei natural reduzia tudo. Apararam-se infindas plumas, romperam clamores mil contra o volume, deles colhi, que a verdade, como as crianças, não vem ao Mundo sem dor.

Escarmentado, e persuadido que se não deve mostrar aos Homens, nem verdade histórica que os moleste, nem verdade filosófica que os estomague, mas sim, e unicamente verdades palpáveis e frias, e que azo não dêem a sátira nem a calúnia; abalancei-me às ciências exactas, e compus um livro, de que enfim disseram bem, mas que de ninguém foi lido. O que, mais, que todas as antecedentes desgraças, me desalentou de todo.

Uma única espécie de Escritores me pareceu estar em posse de não enturvada felicidade: a dos Compiladores e Comentadores, laboriosamente ocupados em explicar o que eles não entendem, e em louvar o que não sentem, ou o que não merece algum louvor. Os tais amarelecidos no folheio da antiguidade, crêem que da glória dos

antigos lhes vem quinhão, e modestamente lhes vem cores ao rosto, dos encômios que a ela dão. Invejara-lhes eu esse bom haver, a não vir ele fundamentado na parvoíce, e na presunção, e que outrossim me parece deslavado esse género de felicidade, e que não quisera, a preço tal, eu ser feliz.

Resoluto a sair, para nunca mais, deste Gabinete (quem nunca nele entrara!) afigurou-se-me que a sociedade, à qual desde a infância renunciei, me acudiria com regressos, com amigos. Mísero de mim! Que zombaram de mim os Homens, como já de mim tinham zombado os Livros. Para mor desgraça minha, esvaíram-se-me os anos das paixões; porque nem a momentânea ilusão desse regresso me ficasse. Ficou-me unicamente o ser desde agora até ao fim da vida, espectador da minha existência (não tendo nela parte) e ver como vão, diante de mim, os dias resvalando tristes, como se fossem, dias alheios; e ter assentado, como Salomão, comigo, ainda que bem tarde (não sei se diga que mais que muito cedo) que tudo é vaidade. Gastos, sem me ter logrado deles, os sentidos; cansado e frouxo o juízo, sem dar parto, que bem valesse, e dissaboreado antes de tomar-lhe o gosto.»

A esse praguejador de estudos respondi eu então: «Ninguém motivos tem maiores de se dizer des-satisfeito, nem menores de queixar-se. De primeiro, quanta leitura forrar deveis, para deparar com mais instrução! Quem vos influiu, que folheando, estudando, compilando livros de metafísica, acertaríeis com luzeiros que alumiassem questões meias sublimes meias oucas? Barranco eterno dos Filósofos passados, dos presentes, e dos futuros! Revirando sobre vós mesmo, e sem mendigar de estranhos, atinaríeis que em Metafísica, se de vossas reflexões o não cavais, não vo-lo dá Leitura; que quanto para espíritos vulgares é negado esclarecê-lo, escuro também fica aos Ingenhos mais profundos.

Sondando também assim o fundo ao coração, e não às subtilezas dos sofistas, dareis com a boa Moral. Ai de quem necessita de ler livros para ser Homem honrado!

-----  
 (1) V. Calzabiggi no Prefácio das Tragédias de Alfieri.

Vedes bem, que no meio desta vasta Biblioteca, deveis bastantes vezes clamar, como esse Filósofo que decorrendo um Palácio alfaiado de inúteis faustosos móveis, dizia: «Que de cousas que me não são de préstimo!»

Ofereciam-vos os Tratados de Física grossa quantia de factos verídicos e de arriscados razoamentos. E ainda vos pasmais do pouco que aprendêsteis? Se outra estrada prosseguísseis, vos fora estudo tal perene fonte de instrução e de prazer. Houvéreis admirado os recursos da Natureza, e os de tantos ingenhos sublimes, que a forçaram a que a eles se descobrisse, ou que dela tiraram préstimo para tantas Artes, monumentos admiráveis, e sem número da indústriã dos Homens; ou que, enfim, atinaram com o laço, com a analogia dos fenómenos, cujas primeiras causas são o motivo de vossa queixa. Consenti que o Ente supremo um canto só do véu para vós levante. Ia-se-vos estragar a vista em objectos remotíssimos de seu alcance; recolhei-a de lá, para a empregares nas maravilhas que aí são ao redor de vós, e em que não quisestes pôr os olhos: vereis então, quanto vos assombra pela extensão que tem, e pelos que tem, limites.

Dou por injusto o desdém em que tendes a Erudição, quando ela é quem alimenta, e quem dá vida a todas as mais porções da Literatura, desde o Discreto até ao Filósofo: cumpre acorçoá-la pelos mesmos princípios, com que num Estado em que há boa polícia, se acorçoam os Lavradores.

Também vos dou tal qual razão no que vos queixais das incertezas da História, no caso, que para um Filósofo fosse a História uma seca e nua narração dos factos. Verdade é que ela nem sempre diz verdades; mas ela mais que muito a diz para dar a conhecer os Homens que era o objecto principal que nessa leitura vos devesse levar os olhos e a atenção. Quanto não houvéreis pasmado, ao sair da vossa solidão de os achar quais eles são: deles aprendereis a amar alguns, a fugir dos mais, e a receiar-vos de todos.

Convenho, que ainda menos verdade que a História os Diários dizem, mas sejamos justos. Nunca vós no que escrevestes, quinhão destes à Amizade, à Gratidão, ao Interesse, e quem sabe se ao Ódio? E querereis vós mais perfeição nos outros que em vós mesmo?

Desculpa tendes de ter lido de malhão, Poetas, Oradores, e Novelas; mas não de os haver lido até ao fim. Desde as primeiras

páginas vos devêreis capacitar, que as obras efectivamente agradáveis tão raras são, quanto efectivamente amáveis as pessoas. Tanto peor, se vos não arrebataram a alma um Bossuet, um Corneille; se vos não arrancou Racine lágrimas; se Molière não se vos afigurou, como o mais insigne pintor do coração humano; se não sabeis Quinault e La Fontaine de cor. Dos Antigos, que lhes serviram de Mestres, vos não falo: nem porque eles são mortos, se louvem sempre, como é bem que às vezes se louvem seus discípulos, dado que ainda vivam.

Desgraçado no que lestes, devíeis sê-lo no que compusestes. Vós, que não conheceis as paixões ides compor uma Tragédia? E uma Comédia, vós que ignorais o teor e trato que no Mundo corre? Uma História vós, sem atentar que quem escreve a História do seu tempo, tem de passar por satírico ou por lisonjeiro; e de lá a aparar ódios, ou menosprezo?

E vos queixais das críticas? Dar-se à impressão, é dizer aos outros tácita e modestamente: «Tenho mais juízo que vós.» E então estranhais contradições? Graças rendei à Crítica, se ela é justa; e se injusta e injuriosa, desprezai-a.

Não duvido do desarrazoado tratamento feito ao vosso Tratado Filosófico: mas reparai, que o primeiro fruto da Filosofia, é preparar-vos o ânimo para agravos que vos façam, porque os perdoeis antes de vindos, sem desafiá-los, nem temê-los.

Quão mal vos afligistes dos muitos elogios e dos poucos leitores com que na Obra das ciências exactas deparastes! Ciências elas são, que escusam ser julgadas, ao passo que Obras agradáveis, quem cabalmente as avalia, é o juízo público. No primeiro caso, pago estais por vossas próprias mãos, quando no segundo tendes de o ser por mãos alheias. Granjeias dum lado maior estrondo e lustre, mas também maior perigo: do outro, ganhais ventura, se menos brilhante, mais segura. Qual das duas, escolhei.

Até que a escolha vingue; concluireis comigo, que feita eleição de estudos, e havendo equidade consigo, e equidade com os de fora, pode o Literato ser tão feliz no seu estado, quanto o permite a humana condição. Tê-lo-íeis sido vós e com ventagens, se houvésseis entressachado com a solidão a sociedade, e o estudo com os honestos passatempos. Fora esse o teor de haveres sentido, haveres desfrutado, por inteiro, a delícia de existir, da qual, ao muito, só lograstes ametade.

Enjoava-se de farta metade de vossa alma, enquanto outra metade de inanição se definhava. Atinar devêreis que quando, sem reserva, a um único prazer vos entregais, vossa alma se vos gasta ali; e que é como a abastança a Dita, e requer economia.

«Bem pode ser (me respondeu o Filósofo) que eu tenha de que me acuse: mas não tenho eu também de que me queixar dos outros?» Ei-lo que se desmanda em sátiras contra os Literatos, em invectivas contra os Protectores, em declamações contra o Público, faltando à equidade, e faltando-lhe ainda mais ao acatamento. Ora eu, que desculpei os Literatos, defendi o Público, e dei-lhe toda a razão enquanto aos Protectores.

A série dessa conversação me dará com que talvez entretenha em outra ocasião esse mesmo Público, que hoje cansá-lo temo, quando mesmo o justifico de graves, e não respeitosas imputações. O modo, certamente, mais iníquo de lhe faltar ao respeito, é o de enjoá-lo. Assim, acabo.

---

(1)

*Et quæ*

*Desperet tractata nitescere posse, relinquit.* — HORAT. *de Arte.*

---

(1) No lugar deste Original, que deixo de traduzir, fala o Autor duns trechos de Tácito que ele traduziu, e que eu também aqui dera traduzidos, se me achara com 40 anos de menos, e numa livraria escolhida para a versão do difícilíssimo Tácito.





NÃO é em meu ânimo ditar leis, que melhor coubera aos que em Versões egrégios foram, o promulgá-las; mas esses, com mais siso, em vez de regras, deram-nos modelos. Nas suas Obras estudemos pois essa Arte; e não em certas decisões mal assentadas, e sobre as quais se alterca. E que máximas há hi que mais valham, que os exemplos? Estudem-se estes sempre; que as máximas às vezes danam. Em todo o género de literatura, traçou a Razão mui poucas regras, a que depois deu ensanchas o capricho, e de que o pedantismo forjou grillhões, que o preconceito venera, e que o talento se não afouta a despedaçar. Votai-vos, nas belas Artes, do lado que quiserdes; que é o que vedes? Leis, que médiocres ditaram, e o Ingenho, que se curva e que obedece: comparai-mo a um Monarca que Escravos seus hão posto a ferros. Não deve o Ingenho deixar-se subjugar; nem menos dar-se também toda a soltura. Regra é esta de tanto proveito para os progressos da Literatura, que bom fora que a estendessem, não só às Obras originaes mas até às imitativas como *v.g.* as traduções. Evitarei neste opúsculo esses extremos ambos, e ambos perigos, muito rigor, muita indulgência. Examinarei, de primeiro, as Leis da tradução, quanto à índole das línguas, quanto à índole dos Autores; e por último os dictames que nesse género abraçar releva.

Vulgarmente dão pela mais fácil de todas a Arte de traduzir, a serem moldadas as línguas umas pelas outras: e eu digo que esse fora o caso de nos dar mais tradutores médiocres, é menos ainda que passassem por excelentes. Servis e literais aqueles, por curtos de vista: e estes, que lhe requerem de mais a harmonia e a facilidade de estilo, duas condições nunca descuidadas pelos bons Escretores, e que são o carácter genuíno de alguns deles. Que agudeza não fora necessária ao Tradutor para distinguir em que caso há-de ceder (sem muito a desfalecer) às graças da elocução a perfeição cabal da similhaça? Uma das grandes difficuldades na Arte de escrever é mormente nas traduções, e a de saber a que ponto se pode sacrificar à nobreza da palavra a energia dela, à facilidade do estilo a correcção dele, e à mecânica disposição do estilo a rigorosa exactão dos termos. Temam-

se as sentenças da Razão (severo juiz) e carreemo-nos o Ouvido (juiz soberbo). Não tomemos pois por máxima o traduzir sempre literais, ainda mesmo passagens em que parece que a índole de ambas as línguas lho não empece: evitem que fique seca, e dura, e sem harmonia a tradução.

Como não permita quasi nunca a diferente índole das línguas que seja literal a tradução, salva assim o tradutor o cachopo que acabamos de apontar, sc. a necessidade em que se veria talvez de sacrificar a graça do estilo ao exacto, ou este a aquella. Perigosa liberdade é a que lhe vem da impossibilidade de passar toque por toque o Original que verte! Não podendo dar à cópia toda a perfeição da similhaça tem de receiar que falhe, em lhe não dar toda a que pode. Outrossim, quando tanto estudo requerem as finuras da própria língua para bem conhecidas serem, quanto o requerem mais ainda as da língua estranha que se traduz? E quejando Tradutor a quem falte o dobre conhecimento duma e doutra dessas línguas?

Artigo este, em que alguns se não constangem: tais são os Tradutores dos antigos. Que, se no Original lhe passam por alto as finuras da elocução, também lhe passam por alto aos seus Contrastos. E quem tal crera, que sejam esses Tradutores (por fado mau, fortuna escura) tratados com mais rigor que os outros? A superstição que em nós lavra, acerca dos Antigos, faz que suponhamos mui feliz sempre o teor com que eles se exprimiram; e cai em proveito do Original, e em detrimento da cópia, essa ignorância; e avaliamos não mais inferior ideia que o Original de si nos dá, mas sim à ideia que nós dele temos. E ora, (porque nada falte a essa contradição) admiramos essa caterva de Latinistas modernos, sensaborões, pela mor parte, quando escrevem na sua própria língua, e que nos deslumbram em língua estranha. Tanto anda aí corrente que, em matéria de língua como em matéria de Autores, vale muito haver morrido, para obter nossos obséquios.

Daremos pois, como cousa assentada, que tem cada língua sua índole diferente? Já modernos Literatos, com espírito Filosófico, de que às vezes deram prova, sustentaram a opinião contrária; absurdo esse, que foi moda então imputá-lo, injustamente, à Filosofia, que bem longe estava de o ditar. Nas mãos dum Homem de talento não há hi

língua que se não molde a todos os estilos: ora patética, ou já sublime, ora leviana, ou já singela, e lhana. Que não têm as línguas carácter que as distinga: todavia, sendo todas aptas para qualquer obra que as queiram, não o são todas para exprimir igualmente uma mesma ideia; e nisso é que consiste a diversidade da índole delas.

Dessa diversidade vêm as ventagens que umas a outras reciprocamente levam, ventagens tanto maiores, quanto mais variedade possuam no fraseado, mais brevidade na construção, e mais opulência, e liberdade. Não a opulência de exprimir uma ideia, por uma estéril abundância de sinónimos; mas a opulência de exprimir cada matiz dessa ideia, por termos diferentes.

De quantas línguas cultivam os eruditos, a mais flexível, a mais apta a quantas formas lhe queiram dar, é a Italiana: <sup>(1)</sup> e de lá lhe rompe o maior cabedal em boas traduções. O que a enriquece de traduções tão belas, como da sua música vocal, que logra preeminências de tradução: quanto a linguagem Francesa, de severa que ela é nas suas leis, e de mais uniforme na sua construção, com mais peias é constringida a andar. E então que espanto há que ela seja o barranco dos Tradutores, como o é dos Poetas? E de tais dificuldades que há-de provir? O dar maior valia aos bons Autores, visto que nos não desinça dos mediócrees.

Se há índole para as línguas, também há para os Autores índoles. Motivo para que transluz a cópia a índole do Original. Regra esta que mais se recomenda, e que menos se pratica; e a respeito da qual são mais indulgentes os Leitores. Quantas traduções (parecidas com certas formosuras sem alma, e sem fisionomia) representam, por teor igual, obras, entre si dissimilhanes! Lá é que jaz (se me é dado assim dizê-lo) o sentido avesso, que mais dana às traduções: os outros transitórios são, e emenda têm; quando esse é contínuo, não há hi acertar-lhe c'ó remédio. Quasi que não merecem nome de desares, desares que são fáceis de delir; quanto mais que quem dá morte a esses escritos, é a falta de calor, e não os desares: e sua maior culpa vem-lhe antes do que neles, falta que do Autor neles pôs.

Tanto mais difícil é retratar o Original, quanto mais fácil é enganar-se nos rasgos dele, e de o ter olhado como de perfil. Escritor há hi de índole dúplice no estilo seu, sc. de viveza, e concisão (nem demos essas duas qualidades como necessariamente unidas; que dar-

se pode brevidade, porém seca): e eis que o Tradutor, por se assemelhar com o Autor desse lote, se contentará com ser conciso, e faltará em lhe dar viveza: ei-lo baldo no mais precioso, que é a parecnça.

E o entranhar em si o carácter alheio, quando para ele nos não dispôs a Natureza? Autores de alto Ingenho só cabe que os traduzam, Ingenhos de talhe igual, que podendo ser émulos deles, se lançam a imitá-los. Digam que pode um Pintor, medíocre nos painéis de sua lavra, ser excelente nas cópias que dos alheios faz; quando para esses basta a imitação servil, e para o Tradutor que tire a cópia com cores que dele sejam.

No conceito, ou já no estilo, ou em ambos juntos consiste a índole de cada Autor: se no conceito, menos perde na versão. Corneille é mais fácil de ser traduzido que Racine; e Tácito (parecerá paradoxo) mais que Salústio. Este diz tudo em pouco: quanto porém não custa o traduzi-lo bem? Tácito subentende muito, e dá que meditar ao leitor; com o que pouco deita a perder na versão.

Autor, que à finura das ideias coaduna a finura do estilo, dá mais grandes azos ao Tradutor, do que o Autor que no estilo pôs todo o agrado. No primeiro caso, lisonjear-se pode que à cópia transmitirá o carácter do conceito, e por conseguinte, metade do espírito do Autor; e no segundo, se não transmite a dicção do Original, nada transmite.

Nessa última classe de Autores, de mais ingrato lavor para traduzir que os outros, são menos rebeldes aqueles, cuja qualidade principal é a de manusearem elegantemente a língua; e ora os mais intratáveis são os que escrevem por um teor que lhes é peculiar. Bem têm os Ingleses traduzido algumas Tragédias de Racine; mas não os dou por tão bem sucedidos da versão que façam de La Fontaine, Obra a mais original que a língua francesa há produzido. A pastoril Amintas

de Torcato Tasso, que abunda em lances de galã cortesia, e nesses donosos nadas, que tão idónea verte a Italiana língua, deixemos-lha: como igualmente (e por acabarmos) as Cartas de Madama de Sevigné, tão frívolas quanto ao assunto, e tão atractivas pelo seu desleixo de estilo. Estrangeiros, que as não puderam traduzir as desprezaram: e nada há que tanto encurte as dificuldades, como o desprezo.

Levantou-se questão: Podem Poetas traduzir-se em verso, mormente na língua Francesa, que nada permite ao tradutor, nem ao Poeta? E que se não ajeita, como a Inglesa, e a Italiana, ao verso solto? Muitos Autores, afeiçoados a vencer dificuldades, ou inclinados à Poesia, pertenderam que não competia à prosa traduzir Poetas: que a prosa os desfigurava, que os despojava de seu principal encanto, sc. o metro e a harmonia. Mas pergunto: «E vós; em verso, não é antes imitá-los, que traduzi-los?» Dificuldade insuperável é ela já para a versão a única diversidade na harmonia duma e doutra língua. Quem há hi que imagine, que a Poesia Francesa, c'os seus consoantes, c'os seus hemistíquios sempre semelhantes, co'a sua uniforme andadura, e (se me arrojô a dizê-lo) co'a sua monotonia, possa afigurar a cadência tão variada da Poesia Grega, e da Latina? E ainda, esse da harmonia, é o menor obstáculo. Perguntem a esses grandes Poetas franceses que alguns formosos trechos de Homero, ou de Virgílio transplantaram, bem sucedidos, em francês, quantas vezes se viram no discripe de substituir às ideias que não podiam copiar, ideias de lavra própria (dado que de feliz acerto) suprir ideias imaginosas <sup>(1)</sup> com ideias de afeito; energia de expressão, com viveza de fraseado; pompa de harmonia, com excogitado metro? Citarei um único exemplo. Quem não conhece os belos versos de Virgílio acerca desses desgraçados, que a si mesmos se dão morte?